UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

FERNANDO BORSATO DOS SANTOS

# As assinaturas de Machado de Assis: estudo sobre as figurações da autoria

São Paulo
2021

FERNANDO BORSATO DOS SANTOS

# As assinaturas de Machado de Assis: estudo sobre as figurações da autoria

VERSÃO CORRIGIDA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Hélio de Seixas Guimarães

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S237a

Santos, Fernando Borsato dos
As assinaturas de Machado de Assis: estudo sobre as figurações da autoria / Fernando Borsato dos Santos ; orientador Hélio de Seixas Guimarães. - São Paulo, 2021.
209 f.

Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Literatura Brasileira.

1. Machado de Assis. 2. Assinatura. 3. Autoria. 4. Figurações de autoria. I. Guimarães, Hélio de Seixas, orient. II. Título.

# Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

**Nome do (a) aluno (a): Fernando Borsato dos Santos**

**Data da defesa: 09/02/2021**

**Nome do Prof. (a) orientador (a): Hélio de Seixas Guimarães**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 01/04/2021

(*Assinatura do (a) orientador (a*)

Nome: SANTOS, Fernando Borsato dos

Título: As assinaturas de Machado de Assis: estudo sobre as figurações da autoria

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: 09/02/2021

Banca Examinadora

Prof. Dr. João Adolfo Hansen

Universidade de São Paulo (USP)

Profa. Dra. Lúcia Granja

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Prof. Dr. Wilton José Marques

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

*Vejam as vantagens de escrever. O escrito traz a assinatura dos amores, dos ciúmes, das esperanças e das lágrimas.*

“Flor anônima”, Machado de Assis

# Agradecimentos

Ao Hélio, querido orientador, pelos ensinamentos preciosos, indicações precisas e constante solicitude. O entusiasmo que me despertou desde sua primeira aula sobre Machado de Assis, ainda na graduação, e que ajudou a manter vivo na iniciação científica, está presente em tudo neste trabalho. Muito obrigado.

Aos meus pais, Maria Inês e Ronaldo, e à minha irmã, Thais, pelo apoio quando da escolha desse rumo, mesmo que incerto, e pelo suporte ao longo do mestrado.

Ao Dionatan Tissot, que viveu comigo muito desse processo, pela paciência, interesse, incentivo e interlocução, que me ensinaram e ajudaram a atravessar aflições, não só acadêmicas.

Aos professores membros do exame de qualificação e da defesa, João Adolfo Hansen (USP), Lúcia Granja (Unicamp), Raquel Machado Gonçalves Campos (UFG) e Wilton José Marques (UFSCar), pelas leituras atenciosas e importantes indicações.

Aos professores Gilberto Pinheiro Passos (USP), Giselle Martins Venancio (UFF), Andréa Sirihal Werkema (UERJ), João Cezar de Castro Rocha (UERJ) e Adriana da Costa Teles, pelas interlocuções, incentivos e indicações em seminários e simpósios em que pude expor e debater a pesquisa então em curso.

Ao Marcelo Diego (UFRJ) e à Andrea Daher (UFRJ) que, além dos diálogos valiosos, me ajudaram a conhecer e viver o Rio de Janeiro.

Aos amigos e colegas orientados, coorientados ou supervisionados pelo Hélio, Luciana Antonini Schoeps, Rodrigo Trindade, Ana Carolina de Sá Teles, Flávia Catita, Sílvia Sasaki, Rebeca Santana e Ingrid Brioso Rieumont, pela amizade, colaboração, incentivo e encontros que ajudaram a enriquecer essa experiência. Também ao Walter Couto, doutorando na ECA/USP, por compartilhar o entusiasmo em torno do assunto da autoria e direito autoral.

Aos funcionários da Fundação Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras, Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin e Biblioteca Florestan Fernandes, que sempre me receberam com atenção e cordialidade, fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela concessão de bolsa, sob o processo 2018/26382-0, que resultou nesta dissertação.

*As pessoas nascem José, Artur, Sizenando ou Cristóvão. De repente, passam a assinar-se Etelvino, Licurgo, Micromegas. Pura fantasia? Falta de senso? Talvez um pouco de cada coisa, mas façamos justiça ao bicho-homem e ao bicho-escritor: quase sempre há um outro motivo nessa mudança.*

Antônio Crispim (pseudônimo de Carlos Drummond de Andrade).

**Resumo**

Esta dissertação propõe o estudo sistemático das assinaturas empregadas por Machado de Assis, ou a ele atribuídas, ao longo de sua obra, considerando-se "obra" a totalidade dos textos incluídos e reconhecidos sob esse nome. Na pesquisa, foram identificadas 87 assinaturas, que englobam variações do nome civil do escritor, iniciais, pseudônimos e criptônimos, utilizados nos diversos gêneros que praticou.

Verifica-se, aqui, que ao compor seus livros em torno da assinatura "Machado de Assis", estampada na capa de todos os volumes que publicou em vida, o escritor trabalha incessantemente na unificação, afirmação, e institucionalização de *seu nome de autor* e de sua imagem autoral. Por outro lado, também trabalha incessantemente na desestabilização e refração desse nome e dessa imagem por meio da variedade de formas com as quais assinou seus textos em periódicos e manuscritos, bem como pela proliferação de instâncias narrativas e autorais que produziu em seus textos ficcionais.

Observa-se também que as fronteiras entre "dentro" e "fora", "vida" e "obra", "autor" e "narrador" são borradas pela concorrência de assinaturas e pelo uso de outros paratextos, ferramentas que possibilitam o paradoxo da junção dessa dupla condição de dispersão e unidade. Esse talvez seja um dos principais temas machadianos, que vêm à tona na problematização da dispersão e unidade das coletâneas de contos, como se dá nas advertências de *Papéis avulsos* e *Várias histórias*, ou na afirmação de um "pensamento interior e único" a organizar um romance tão fragmentário como *Esaú e Jacó*, ou ainda na multiplicação de instâncias narrativas e autorais identificadas a personagens como Brás Cubas, Bento Santiago e Aires.

O duplo sucesso da realização desses movimentos contrários se verifica, por um lado, nas diversas interpretações e apropriações de sua obra, de seus paratextos, autores e narradores; e, por outro, no poder simbólico e institucional de seu *nome de autor*, capaz de engajar gerações de leitores e críticos interessados nas obras associadas ao nome "Machado de Assis" e na associação de suas próprias assinaturas à do escritor.

Palavras-chave: Machado de Assis. Assinatura. Autoria. Figuração de autoria.

**Abstract**

This dissertation proposes a systematic study of the signatures used by Machado de Assis (or attributed to him) throughout his work, considering "work" as all the texts included and acknowledged under his name. The present study identified 87 signatures included under the name of the author, which include variations of his civil name, initials, pseudonyms, and cryptonyms, used in the most diverse genres that he practiced.

Here, it turns out that when composing his books around the signature "Machado de Assis", printed on the cover of all the volumes he published in life, the writer works incessantly in the unification, affirmation, and institutionalization of his author name and his authorial image. On the other hand, he also works incessantly in destabilizing and refracting this name and image through the proliferation of narrative and authorial instances, and through the variety of forms with which he signed. The boundaries between "inside" and "outside", "life" and "work", "author" and "narrator" are blurred by the competition of signatures and the use of other paratexts, tools that allow the paradox of the junction of this double condition of dispersion and unity. This is perhaps one of the main Machado de Assis' themes, which come to the fore in problematizing the dispersion and unity of the collections of stories, as is the case with prefaces from *Papéis avulsos* and *Várias histórias*, or in the affirmation of an "inner and unique thought" to organize such a fragmentary romance as *Esaú e Jacó*.

The double success of carrying out these opposing movements is verified: on the one hand, in the different interpretations and appropriations of his work, of his paratexts, authors, and narrators – sometimes contradicting each other; and, on the other hand, in the symbolic and institutional power of his author name, that engaged generations of literary critics interested in in the name Machado de Assis and the association of them own signatures with the writer's signature.

Keywords: Machado de Assis. Signature. Authorsip. Figuration of authorship.

## Lista de figuras

Figura 1: Recorte de “O grito do Ypiranga”.....13
Figura 2: Frontispícios de *Desencantos*, *Teatro* e *Os deuses de casaca* .....20
Figura 3: Cartão de visitas de Machado de Assis datado de 1 de janeiro de 1907.....21
Figura 4: Divulgação da publicação de *Queda que as mulheres têm para os tolos*, com nome de Machado de Assis. .....26
Figura 5: Folha de rosto de *Queda que as mulheres têm para os tolos*, com nome de Machado de Assis.....26
Figura 6: Dedicatórias de Machado de Assis [1].....29
Figura 7: Dedicatórias de Machado de Assis [2].....30
Figura 8: Textos sobre Machado de Assis e Camões n*A Estação*.....35
Figura 9: Anúncio da participação de Machado de Assis em A Marmota, 21 de fevereiro de 1860 .....38
Figura 10: “Confissões de uma viúva moça” .....41
Figura 11: Foto de Machado de Assis e folha de rosto da primeira edição de *Poesias completas* .....51
Figura 12: Duas das sete folhas de rosto que constam no conjunto de manuscritos de Esaú e Jacó .....53
Figura 13: Artigos e assinaturas que aparecem no n. 3 de 1859 em *O Espelho*.....69
Figura 14: Capa da *Bibliografia de Machado de Assis* (1955).....75
Figura 15: Quadro demonstrativo da “Obra” de Machado de Assis elaborado por Galante de Sousa.....76
Figura 16: Recorte do primeiro capítulo do romance Madalena, assinado "M. de A.".....79
Figura 17: Coluna “Arquivos implacáveis” com pseudônimos de Machado de Assis .....81
Figura 18: Recorte de “A lanterna de Diógenes” .....93
Figura 19: Recorte da crônica “Ao Acaso” de 11 de setembro de 1864 .....96
Figura 20: N. 540, de 16 de abril de 1871, da *Semana Illustrada*, em que se vê o personagem Dr. Semana tanto no cabeçalho do periódico como na ilustração da primeira página, que é seguida pela carta por ele escrita .....98
Figura 21: Cabeçalho das “Badaladas”, com o personagem Dr. Semana .....99
Figura 22: Detalhe da advertência “Ao leitor” da primeira edição de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, com a assinatura do defunto autor .....112
Figura 23: Dedicatória no exemplar de *Memorias póstumas de Brás Cubas* .....113
Figura 24: Reprodução prólogo da terceira edição de *Memórias póstumas de Brás Cubas*..114
Figura 25: Recorte do índice de colaboradores do n. 2 da Revista Luso-Brasileira, de 1860 115
Figura 26: Reprodução de cartas de Machado em que figuram a contra-assinatura .....119
Figura 27: Advertências de *Ressurreição*.....120
Figura 28: Reproduções de “Versos” de Machado em *A Estação* .....123

## Lista de quadros

Quadro 1: Sequência de paratextos de *Tu só, tu, puro amor*... 32
Quadro 2: Homenagens a Camões... 37
Quadro 3: Assinaturas dos contos reunidos em livro [1]... 44
Quadro 4: Assinaturas dos contos reunidos em livro [2]... 46
Quadro 5: Assinaturas dos contos reunidos em livro [3]... 48
Quadro 6: Frontispícios das primeiras edições de *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*... 54
Quadro 7: Assinaturas dos contratos de venda [1]... 59
Quadro 8: Detalhes do contrato de venda de *Crisálidas* a B. L. Garnier, com assinatura de Machado de Assis... 59
Quadro 9: Assinaturas dos contratos de venda [2]... 60

# Sumário

**Introdução: 13**

**Capítulo 1: unidade e construção autoral 18**

*1.1 Assinatura, promoção e autoconsagração 18*

*1.2 Cenografia e direito autoral 54*

**Capítulo 2: as assinaturas sob o nome Machado de Assis 63**

*2.1 O pseudonimato e as práticas de assinatura no século XIX 63*

*2.2 Autorreferência: assinaturas indicadas e reivindicadas pelo autor 70*

*2.3 As assinaturas sob o nome "Machado de Assis": uma compilação 73*

**Capítulo 3: dispersão e refração autoral 90**

*3.1. Tensão e ficcionalização autoral, assinaturas em perspectiva 90*

*3.2 Edição, reedição, contra-edição: a errata pensante e o autor refratado 105*

**Considerações finais 129**

**Referências Bibliográficas 130**

**ANEXO 1 – Tabela de poemas (autorais ou traduções) de Machado de Assis ou a ele atribuídos publicados em periódicos por ordem cronológica e com suas respectivas assinaturas 140**

**ANEXO 2 – Tabela de contos (autorais e traduzidos) de Machado de Assis ou a ele atribuídos publicados em periódicos por ordem cronológica e com suas respectivas assinaturas 150**

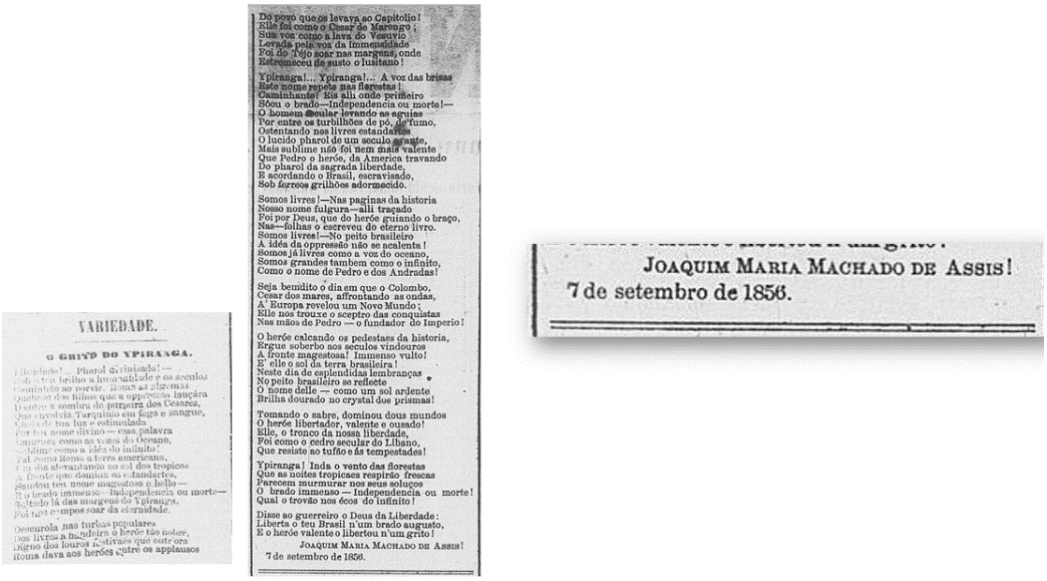
**ANEXO 3 – Tabela de crônicas de Machado de Assis ou a ele atribuídas publicadas em periódicos por ordem cronológica e com suas respectivas assinaturas 172**

# Introdução:

Ao longo de mais de 50 anos de vida literária, Machado de Assis lançou mão de muitas e variadas assinaturas nos diversos gêneros de escrita que praticou: poemas, peças teatrais, romances, contos, crônicas, ensaios, cartas, prefácios e advertências – para seus textos e para textos de outros autores –, dedicatórias, e também contratos e outros escritos de ordem burocrática.

Encontrado por Wilton Marques em 2015, após quase 160 anos de sua publicação no *Correio Mercantil*, o poema "O Grito do Ipiranga", datado de 7 de setembro de 1856 e impresso na seção *Variedade* dois dias depois, é um dos primeiros textos de Machado de Assis publicados em jornal.[1] A assinatura confiante que encerra o poema do adolescente, que contava então com dezessete anos e era conhecido pelo grupo de amigos que atuava em torno de Paula Brito, recebeu um ponto de exclamação ao final do nome civil completo[2] do escritor ("Joaquim Maria Machado de Assis!"), forma que não viria a se repetir.

Figura 1: Recorte de "O grito do Ypiranga"



VARIEDADE.

O GRITO DO YPIRANGA.

Do povo que os levava ao Capitolio!
Elle foi como o Cesar de Marengo;
Sua voz como a lava do Vesuvio
Levada pela voz da immensidade
Foi do Tejo soar nas margens, onde
Estremeceu de susto o lusitano!

Ypiranga!... Ypiranga!... A voz das brisas
Este nome repete nas florestas!
Caminhante! Eis alli onde primeiro
Sôou o brado—Independencia ou morte!—
O homem secular levando as aguias
Por entre os turbilhões de pó, e fumo,
Ostentando nos livres estandartes
O lucido pharol de um seculo grande,
Mais sublime não foi nem mais valente
Que Pedro o herôe, da America travando
Do pharol da sagrada liberdade,
E acordando o Brasil, escravisado,
Sob ferreos grilhões adormecido.

Somos livres!—Nas paginas da historia
Nosso nome fulgura—alli traçado
Foi por Deus, que do herôe guiando o braço,
Nas—folhas o escreveu do eterno livro.
Somos livres!—No peito brasileiro
A idéa da oppressão não se acalenta!
Somos já livres como a voz do oceano,
Somos grandes tambem como o infinito,
Como o nome de Pedro e dos Andradas!

Seja bemdito o dia em que o Colombo,
Cesar dos mares, affrontando as ondas,
A' Europa revelou um Novo Mundo;
Elle nos trouxe o sceptro das conquistas
Nas mãos de Pedro — o fundador do Imperio!

O herôe calcando os pedestaes da historia,
Ergue soberbo aos seculos vindouros
A fronte magestosa! Immenso vulto!
E' elle o sol da terra brasileira!
Neste dia de esplendidas lembranças
No peito brasileiro se reflecte
O nome delle — como um sol ardente
Brilha dourado no crystal dos prismas!

Tomando o sabre, dominou dous mundos
O herôe libertador, valente e ousado!
Elle, o tronco da nossa liberdade,
Foi como o cedro secular do Libano,
Que resiste ao tufão e ás tempestades!

Ypiranga! Inda o vento das florestas
Que as noites tropicaes respirão frescas
Parecem murmurar nos seus soluços
O brado immenso — Independencia ou morte!
Qual o trovão nos écos do infinito!

Disse ao guerreiro o Deus da Liberdade:
Liberta o teu Brasil n'um brado augusto,
E o herôe valente o libertou n'um grito!

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS!
7 de setembro de 1856.

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS!
7 de setembro de 1856.

Fonte: *Correio Mercantil*, 08 de setembro de 1856 (Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional)

[1] O jornal pode ser visualizado no site da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, por meio do link: http://memoria.bn.br/pdf/217280/per217280_1856_00248.pdf Acesso em 11 de dezembro de 2019.

[2] Conforme Magalhães Júnior, 2008. Vol.1 p.16. Fac-símile e transcrição do assento de batismo de Machado de Assis podem ser encontrados em *Exposição Machado de Assis: centenário do nascimento de Machado de Assis 1839-1939*, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1939. p. 21-5.

Naquela época, o escritor entrava no mundo da prosa com outra segurança, assinando suas *Ideias Vagas* como "de um jovem que estreia nas letras", sob um dos primeiros pseudônimos de que se tem conhecimento do autor, "As.",[3] mesma forma com a qual assinou a polêmica "Os cegos", motivada por uma questão proposta por Paula Brito.[4] Pouco tempo depois, assinava o conto "Três Tesouros perdidos", publicado em *A Marmota*, em 1858, com a forma "Machado d'Assis",[5] um texto crítico sobre o papel do folhetinista ("A lanterna de Diógenes") no *Correio da Tarde*, com um simples ponto de interrogação ("?"),[6] e sua tradução de Lamartine, "A literatura durante a restauração" (1857) recebia a assinatura "M. de Assis". Um pouco mais tarde, sua carta "ao redator de Ecos Marítimos", de 1862, seria encerrada com "o sincero amigo M. A.".[7]

São esses alguns exemplos de assinaturas utilizadas no início da vida literária do escritor, que demonstram que, para além de uma grande quantidade de pseudônimos como "Lelio", "Eleazar", "Manassés", "Gil", "Sileno"... – e já nisto o escritor não parece ter tido par brasileiro – que em nada lembram seu nome civil, as diversas elaborações feitas a partir dele, usadas como assinatura, também figuram e concorrem em sua obra muito antes e além da assinatura de Brás Cubas na célebre advertência "Ao leitor" e das iniciais "M. de A." que subscrevem as advertências de alguns de seus livros, como a de *Memorial de Aires*.

O desejo e a necessidade de estudo dessas e de outras assinaturas de Machado de Assis surgem a partir do contato com a polêmica existente em torno da delimitação de um narrador em *Esaú e Jacó*. As divergências entre críticos, como Abel Barros Baptista e John Gledson, por exemplo, aparecem já na interpretação da "Advertência" do romance, que não possui assinatura. O desacordo aprofunda-se quando ela é confrontada com a "Advertência", assinada com a forma "M. de A.", que abre o romance posterior, *Memorial de Aires*, na medida em que esta retoma aquela, como que sugerindo uma continuidade entre as duas.

O estudo do debate crítico e das reivindicações de autores, narradores e editores ficcionais nas diversas interpretações estudadas, demonstrou a necessidade de um estudo sistemático das práticas de assinatura do escritor, não apenas nas advertências dos livros de contos e romances, mas também em outros registros como, por exemplo, as cartas. Considera-se, assim, também as palavras de Silviano Santiago no ensaio "Retórica da verossimilhança", em que o crítico defende

---

[3] Já em si distinto do outro ("A."), comum dentre os colaboradores da *Marmota*, conforme MASSA, 2009, p.150-1.
[4] Para um estudo detido desta polêmica ver "Capítulo 1 – Os primeiros textos em prosa" in NETO, 2015, p. 23-35.
[5] SOUSA, 1955. p. 313-15.
[6] Trata-se de "A lanterna de Diógenes – (Folhetins noturnos: um livro por publicar), publicado em 22 de outubro de 1858. Cf. BORSATO, 2019.
[7] Carta aberta publicada na seção "correspondências" do *Diário do Rio de Janeiro*, em 8 de fevereiro de 1862. Também em *Correspondência de Machado de Assis*, Tomo I, item 2, p.3-8.

já ser tempo de "se começar a compreender a obra de Machado de Assis como um todo coerentemente organizado".[8]

Adotando a palavra *assinatura*, procuramos tornar o escopo de análise mais abrangente, pretendendo compreender, com o termo, cada uma das *formas* que preenchem os *espaços* próprios de subscrição, designação, ocultação, fragmentação, reivindicação ou atribuição de autoria de textos. Desse modo, adiantamos que, ao tratarmos muitas vezes de elementos em zonas de fronteira paratextual que figuram e figuraram em torno dos textos de Machado de Assis, como é o caso das assinaturas, procuramos não nos distanciar de questões propostas por esses mesmos textos, e sobretudo pelo conjunto formado pelos textos publicados em volume. Focalizando as dificuldades de interpretação criadas *nas* e *pelas* assinaturas em concorrência em torno da imputação de autoria, responsabilidade e mesmo de metáforas como a da paternidade dos textos a um ou mais referentes de "autoridade" ou significação, corrobora-se, também, a proposição de Hélio de Seixas Guimarães, que após analisar gerações de conflitos e divergências na recepção do escritor, reconhece já ser mesmo o momento de encarar o caráter conflituoso *da* literatura machadiana, *na* literatura machadiana.[9]

São muitas as propriedades, efeitos e usos que podem ter as assinaturas. Assim, permeiam todos os capítulos deste estudo perguntas como: *do que falamos quando falamos de assinaturas? Como e quem faz uma assinatura? O que uma assinatura faz*? Assim sendo, o estudo das assinaturas integra-se ao debate crítico em torno das reivindicações de paternidade empírica de textos, da formação da identidade pelo *nome* e das formas de autoria.

Por meio do estudo sistemático das assinaturas do escritor, e considerando, assim, produtos de diferentes esferas de sua vida, incluindo-se aqueles que se projetam para fora do recorte usualmente feito para o que se designa "obra de Machado de Assis" (como contratos, recibos e pareceres), construímos um banco de dados que gerou mais de 2500 entradas. Esse banco de dados tem como pedra angular a *Bibliografia de Machado de Assis* organizada por Galante de Sousa em 1955, está em processo de revisão e pretende futuramente atualizar a bibliografia machadiana. Assim, ao final do processo – que a rigor não tem fim –, computamos 87 assinaturas diferentes por ele utilizadas ou a ele atribuídas. Além do *nome de autor* "Machado de Assis", o conjunto engloba pseudônimos, criptônimos e variações de seu nome civil que parecem servir aos mais diversos propósitos e efeitos, literários e extraliterários.

---

[8] SANTIAGO, 2000, p. 27.
[9] GUIMARÃES, 2017, p. 278.

A partir desse banco de dados, foram geradas tabelas a respeito do comportamento das assinaturas em alguns gêneros, como o conto, a poesia e a crônica, incluídos como Anexos desta dissertação.

Uma variedade tão grande de assinaturas (recolhidas em muitos locais e por muitas mãos, conforme se verá), assim analisada, acaba por alargar ainda mais o já vasto universo dos estudos machadianos, se considerarmos as múltiplas possibilidades da assinatura, como, por exemplo, a nomeação e instanciação de personagens, autores, editores ficcionais e até mesmo – a despeito do anacronismo em relação ao sentido mais recente do termo – heterônimos.

Este estudo está dividido em três capítulos.

No **Capítulo 1: unidade e construção autoral**, realizamos um estudo em torno do ato de assinar, retomando o debate sobre o procedimento e suas relações com as noções de autor, o que contribui para a compreensão de certas dinâmicas envolvidas ou criadas por meio das declarações e ocultações de autoria que figuram no conjunto de escritos de Machado de Assis. Tratamos, ali, da escolha e da figuração da assinatura "Machado de Assis" como *nome literário* (o que seria o equivalente a um nome artístico destinado ao reconhecimento) e *de autor*. Ao atentarmos para o escritor mostrando-se assim tão ativo e consciente no jogo com as assinaturas, o vemos empenhado também na construção e consolidação de seu *nome literário* e de *autor* e, ao mesmo tempo, na fragmentação desse mesmo *nome* por meio da escolha de diferentes formas de subscrição.

O estudo conduzido ao longo do capítulo revela que, embora o escritor tenha assinado de muitas e variadas formas, fragmentando ou ocultando seu nome, soube construir sua imagem autoral, que atinge sua culminância com a criação e presidência da Academia Brasileira de Letras, representação máxima de seu valor simbólico. Procuramos demonstrar, ainda, a sua atuação em relação ao debate crescente naquele século em torno dos direitos autorais entre editores, políticos e escritores brasileiros e europeus, por meio dos modos como figuram, se apresentam ou se inserem algumas de suas assinaturas em meio a esse debate.

Pretende-se, assim, demonstrar que as assinaturas podem assumir diferentes funções e sugerir diferentes motivações, de modo a acarretar uma gama de possibilidades de leitura e efeitos. Para tal, tratamos, a partir de exemplos, do modo como pseudônimos participavam das obras no século XIX em diferentes suportes.

Se, por um lado, o escritor assinou seus escritos muitas vezes de forma oculta, esquiva e até cifrada, não parece, por outro, haver dúvidas de que soube constituir o valor simbólico de um *nome de autor*, capaz de engajar gerações de leitores e críticos interessados na recuperação, recolha e agrupamento de seus textos dispersos e na associação de seus próprios nomes ao do escritor. Contudo, menos do que propor uma revisão das inclusões feitas ao nome Machado de Assis em

direção ao *estabelecimento* e à *estabilização* de *uma* "obra completa" do escritor, o interesse do **Capítulo 2: as assinaturas sob o nome Machado de Assis**, situa-se em torno das seguintes perguntas: *por que, ao percorrer as bibliografias, dicionários e "obras completas" de Machado de Assis, nos deparamos com tantas e diferentes assinaturas? Conhecemos todas as assinaturas?*

Em torno da pergunta "*de quais assinaturas de Machado de Assis temos notícia?"*, o capítulo traz um recenseamento das assinaturas utilizadas por Machado de Assis ou a ele atribuídas. A somatória dessas diversas assinaturas, juntamente com as circunstâncias e argumentos utilizados para sua inclusão, constituem o conjunto considerado nas análises deste trabalho.

Assim, o capítulo é composto por outras duas seções: uma propõe o reconhecimento dos modos como o escritor, por meio da *autorreferência*, declarou, reivindicou, possibilitou e mesmo incitou a procura, recolha e identificação de sua autoria em alguns de seus textos e assinaturas dispersos em diferentes suportes e épocas; a outra discute a inclusão de novos textos e assinaturas no conjunto apresentado pelas bibliografias e dicionários relativos ao escritor, compilados por esta pesquisa.

O **Capítulo 3: dispersão e refração autoral**, volta-se para a variedade de assinaturas no interior e ao longo da obra, e identifica, por meio da análise desse conjunto, os efeitos opostos aos vistos no primeiro capítulo: de fragmentação e dispersão de seu *nome de autor* e da própria imagem autoral, promovendo uma proliferação de instâncias autorais e narrativas.

Assim, o capítulo é orientado por perguntas como: *quais implicações todas essas escolhas de variação, disfarce, ocultação e encriptação de seu nome de autor poderiam ter criado na disponibilização e na destinação do nome e da imagem de Machado de Assis, que fora tão preocupado com estas questões?*

O nome "Machado de Assis", desdobrado em muitos outros ou ocultado, e em concorrência com as diversas assinaturas do escritor e figuras autorais que se apresentam nas advertências, cartas, crônicas e personagens de seus contos e romances, foi capaz de gerar instabilidade e ser ponto de tensão entre várias interpretações, algumas delas contraditórias entre si. Assim, as seguintes perguntas atravessam o capítulo: *por que e de que forma os textos machadianos nos levam a percorrer e procurar suas assinaturas? Que redes de relações são criadas entre textos assinados pelos mesmos pseudônimos e iniciais? Será possível identificar um método, ou pelo menos padrões, nas assinaturas de Machado de Assis?* Em seguida, trata-se da atuação de Machado de Assis na edição de si mesmo, assumindo diferentes imagens de autor e de editor, que remetem a uma crise na representação da autoria como subjetividade, identificada pelo percurso de análise.

# Capítulo 1: unidade e construção autoral

*Como vai o homem*
*junto de outro homem,*
*sem perder o nome?*

"Especulações em torno da palavra homem", Carlos Drummond de Andrade

## 1.1 Assinatura, promoção e autoconsagração

Do latim *signatura*, sinal, marca, a *assinatura* é o produto do ato de *assinar* (no latim, *assignare*),[10] isto é, apor um sinal, uma marca. Tal acepção, fundamental, já há muito deixou de ser suficiente para explicar e descrever aquilo que se realiza quando se produz uma assinatura. O ato de assinar, ou "subscrever", como também foi consignado pela tradição,[11] admite diferentes formas a depender dos gêneros e circunstâncias em que são praticadas ou se apresentam, podendo possuir, também, diferentes propriedades, funções e efeitos. Em termos modernos e corriqueiros, temos a *assinatura digital* e *eletrônica* e utilizamos o termo também como sinônimo de contratação de serviços – para recebimento de periódicos, por exemplo – ou ainda como sinônimo de marca pessoal e *estilo*.

A assinatura, se entendida como um lugar de enunciação[12] que não pode ser demarcado antecipadamente dentro de um paradigma (isto é, o espaço que ocupa e a forma que apresenta não podem ser prescritos nem previstos num modelo, mas variam de autor para autor, de peça para peça etc.), faz referência ao autor no interior de sua própria obra ou em seus suportes, por meio de procedimentos sígnicos. Nesse sentido, ao assinar, um *autor* de um *objeto* (por exemplo, "quadro"), declara sua *autoria* perante um *fruidor* virtual, o que pode acarretar, como consequência, certa noção de *responsabilidade*, *comprometimento* e garantia de *qualidade* de seu *produtor*, muitas vezes parecida com o que encontramos hoje nas relações entre *marcas* e *produtos*.

---

[10] Cf. NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da língua portuguesa*, Segunda tiragem do I Tomo, Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica; Livraria São José; Livraria Francisco Alves; Livros de Portugal, 1955, p.49. Cf. também os verbetes "assinar" e "assinatura" em *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

[11] Cf. FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro:* da escrita ao livro eletrônico, São Paulo: EDUSP, 2008. p.76 (para o verbete "assinatura") e p.681 (para o verbete "subscrever").

[12] O conceito de lugar de enunciação é de Benveniste e foi utilizado para análise de assinaturas no universo da pintura por JUNQUEIRA, 1995, 161-172.

A assinatura, quando manuscrita, é normalmente um ato entre o desenhar e o escrever; utilizando-se geralmente um nome próprio como base linguística, o alfabeto e as formas das letras, transformam-se esses elementos em um material gráfico personalizado, que pode conter um pouco de escrita e um pouco de imagem.[13] Por conseguinte, devem-se tomar todos os cuidados para que a assinatura possua uma certa singularidade. Isso porque, quando se assina, não simplesmente se escreve um nome, mas um nome de um determinado modo que garanta, ao mesmo tempo, ser autógrafo e singular – não poderia ser feito em outro momento nem ninguém o poderia fazer do mesmo modo e em seu lugar – e comum a um certo padrão para que se reconheça que, embora única, seja igual às outras do mesmo autor e, portanto, "autêntica".[14]

Em relação aos textos impressos, generalizou-se a prática de apor uma folha dita "frontispício" (ou "folha de rosto"), em que se declaram, além do título da obra, o nome do autor, a indicação de editor e, por vezes, dados suplementares (como subtítulos, epígrafes, número de tiragem) ou elementos decorativos (brasão, vinheta, alegoria).[15] Forma-se, assim, nessa fachada do livro, uma espécie de página nobre onde sua apresentação se faz, como explica Nóbrega:[16]

> Somente em 1746, com o *Calendarium* de Ragiomontanus, editado em Veneza por Erhard Ratdolf, o frontispício assumiu sua função atual. Até então, depois do abandono do *explicit*, reminiscente do rolo de papiro ou pergaminho, ao fim do texto costumavam os tipógrafos pôr um colofão, em que se mencionavam o nome do autor, da obra, do impressor, bem como o lugar e a data da estampa. Modernamente, essas informações reduzem-se à declaração do nome da oficina, cidade e data, no que os bibliófilos denominam "fecho", "subscrição" ou "termo de impressão".[17]

Seria, na verdade, por volta do final do século XVI que os laços do patronato e a afirmação de autoria passariam a definir o regime de citação de textos. Os elementos presentes na folha de rosto fariam com que cada obra fosse referida por três nomes próprios: o do autor, o de para quem é dedicada e o do livreiro ou editor-impressor. Para exemplificar, Chartier retoma a folha de rosto da edição *princeps* de *Dom Quixote*, de 1605, que levou o título do romance, o nome de Cervantes, a dedicatória ao Duque de Bejar e a marca do impressor enquadrada por dois elementos da data ("Año" e "1605"). Sobre isso, comenta:

> O terço superior da página de rosto é, assim, consagrado à relação fundamental que domina toda a atividade literária até a metade do século XVIII: aquela que liga um autor já constituído como tal, ao protetor do qual ele espera apoio e gratificações. [...].

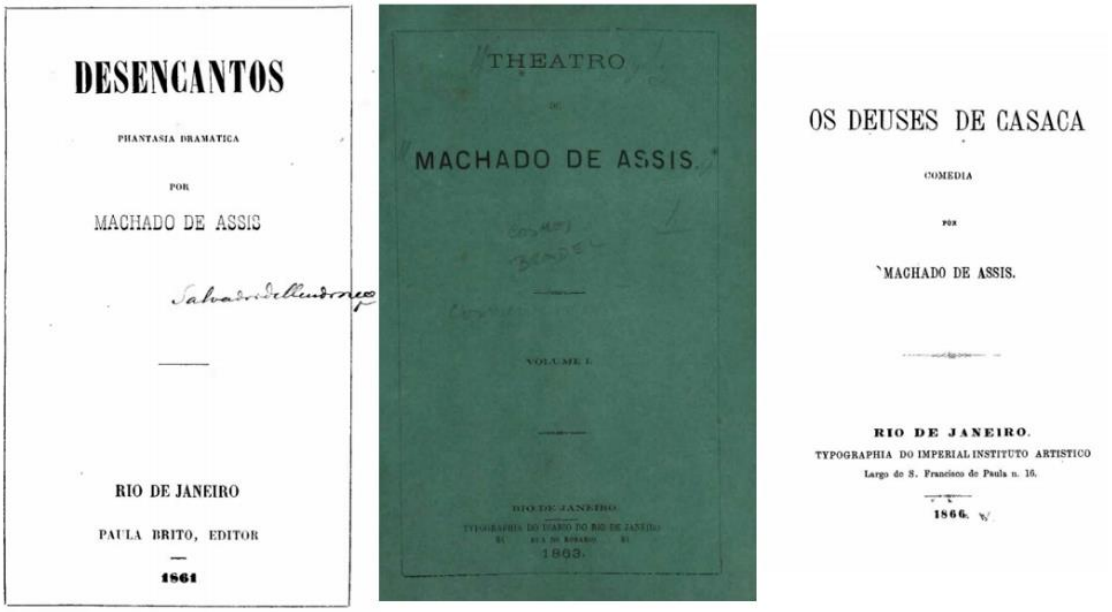
---

[13] FRAENKEL, 1992, p.7. apud. ALVES-COSTA; LACHOVSKI, 2018, p. 147-163.
[14] KAMUF, 2018.
[15] NÓBREGA, 1981, p.21.
[16] HOUAISS, Antônio. *Elementos de Bibliologia*. Rio de Janeiro, I. N. L., v.2, p.54.
[17] NÓBREGA, op. cit., p.21.

> Na própria construção do espaço visual da página, estão assim articuladas várias realidades menos contraditórias e mais precoces do que às vezes pensamos. A primeira delas é a afirmação da paternidade literária do autor.[18]

Seja como for, a prática do frontispício já estava consolidada no século XIX e foi através dela que Joaquim Maria Machado de Assis, que assinou de muitas formas ao longo de sua vida (por vezes fragmentárias e esquivas, conforme se verá), escolheu e definiu um *nome literário*, uma assinatura autoral, ou um nome artístico, que passaria também a funcionar como *nome de autor*. "Machado de Assis" é uma assinatura, entre outras, presente já desde o início das publicações dos primeiros textos, mas que foi definida e se manteve estável para as publicações em livro. Como podemos ver, já desde as publicações de *Desencantos* (1861), *Teatro* (1863) e *Os deuses de Casaca* (1866), no início dos anos 60, o nome que aparece no frontispício é "Machado de Assis", que passou a ser utilizado até mesmo nos cartões de visitas do escritor até o final de sua vida.

Figura 2: Frontispícios de *Desencantos*, *Teatro* e *Os deuses de casaca*


DESENCANTOS
PHANTASIA DRAMATICA
POR
MACHADO DE ASSIS
RIO DE JANEIRO
PAULA BRITO, EDITOR
1861

THEATRO
DE
MACHADO DE ASSIS
VOLUME I
RIO DE JANEIRO
1863.

OS DEUSES DE CASACA
COMEDIA
POR
MACHADO DE ASSIS.
RIO DE JANEIRO.
TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO
Largo de S. Francisco de Paula n. 16.
1866.

Fonte: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin

[18] CHARTIER, Roger. "Figuras do autor" in *A ordem dos livros*: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priore, 2ª ed., Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p. 46-8.

Figura 3: Cartão de visitas de Machado de Assis datado de 1 de janeiro de 1907

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional, Coleção Adir Guimarães

A razão dessa escolha é difícil de determinar. Podemos supor que o escritor teria adotado o uso literário de então, ou, ainda, que não gostasse de nomes longos. É o que se lê, sob o pseudônimo "Manassés", que subscrevia as crônicas "História de quinze dias" na *Illustração Brasileira*, quando o cronista comenta, em 15 de julho de 1876, a inauguração de um monumento à memória dos fundadores da ordem terceira de São Francisco da Penitência, Luís de Figueiredo e D. Anna Carneiro:

> Ocorre ponderar uma cousa.
>
> Naquele tempo, e antes, e ainda algum tempo depois, os nomes das pessoas eram assaz curtos, – dois apenas. Luís de Figueiredo e D. Anna Carneiro; não se usava mais. Luiz de Camões, Antônio Vieira, Damião de Góes, João de Castro, João de Barros, Diogo do Couto. Com dois nomezinhos de nada fazia-se um poeta, um historiador, um político, um pregador sagrado. Nem eu nem o leitor poderíamos imaginar um Luiz José de Camões Siqueira, ou um João Maria Barros de Vasconcelos.
>
> Viemos andando e mudamos tudo. Hoje, cá e lá, são uns nomes de légua e meia, que parecem conter toda a família do nomeado. O uso é tal que quando ouvimos falar no Dr. João Sertorio, que foi presidente de S. Paulo, esperamos ainda pelo resto. João Sertorio! Um homem com dous nomes apenas? O atual cônsul brasileiro nos Estados Unidos tinha quatro nomes, creio eu; o uso literário fê-lo reduzir a dois, e já o decreto que o nomeou não contém mais do que isso, pelo que lhe dou os parabéns; o Estado sancionou o seu bom gosto.
>
> Entretanto, releva observar que a língua portuguesa é das menos faladas do mundo civilizado. A única razão que justificaria tantos nomes seria a necessidade de não confundir os homens; mas eles são poucos. Os ingleses, que são em muito maior número, reduziram isso, e os franceses também. Recebem muitos nomes (os franceses, pelo menos) mas usam apenas dois e não se confundem uns com os outros. Não me refiro aos célebres, que esses são conhecidos apenas por um; Thiers, Chateaubriand, Gladstone, Pitt; refiro-me à massa geral dos naturais. Com os italianos dá-se o mesmo; o mesmo com os alemães. Os espanhóis não procedem de modo diferente, apesar de se darem ao culto da hipérbole.
>
> Explique quem puder esta diferença da língua portuguesa, este uso aborrecido, chocho, deselegante. No futuro, se alguém ler as linhas que aí deixo,

> e tiver força por emendar o uso, emende-o, certo de que não exijo monumento por isso.[19]

Descontadas as aspirações de grandeza, que retomaremos oportunamente, demonstradas por aquele pseudônimo de nome único ("Manassés") como os célebres que o cronista menciona, poderíamos ver ali figurado entre os exemplos por ele dados ("Luiz José de Camões Siqueira"; "João Maria Barros de Vasconcelos"), o próprio nome civil do escritor que se chamou Joaquim Maria Machado de Assis, e que também com apenas "dois nomezinhos de nada" compõe seu nome literário.

O *nome literário*, conforme formula Nóbrega, está na extremidade oposta ao completo anonimato. É um nome escolhido por um autor para figurar em seus textos, que não causa nenhuma dificuldade nem efeito de ocultação, ligando-se facilmente à pessoa. Assim, percebemos que nos primeiros anos de atuação do escritor, embora ele tenha usado diferentes pseudônimos e mesmo o anonimato nos textos em prosa, na poesia (provavelmente por ser, naquele tempo, gênero de maior prestígio) o escritor oscilou sobre a decisão de seu nome literário variando formas em torno do seu nome civil.[20] Registram-se variações com ou sem suas iniciais, como em "J. M. M. A.",[21] "J. M. M. d'Assis",[22] "J. M. Machado de Assis",[23] "J. M. M. Assis",[24] "Machado d'Assis",[25] "M. A.",[26] "M. D'A",[27] "Machado", ou simplesmente "Assis".[28] É o que se pode verificar detalhadamente no Anexo 1, em que relacionamos os poemas conhecidos ou atribuídos ao autor, excetuando-se aqueles publicados exclusivamente em livro.

Sobre as assinaturas dadas por Machado de Assis aos seus poemas, Rutzkaya Queiroz dos Reis nos conta, em *A Poesia Completa*, que o autor os publicou primeiramente nos mais diversos periódicos e com diversas assinaturas:

> assinou Assis, J. M. M. de Assis ou J. M. M. d'Assis (1855), Joaquim Maria Machado de Assis (1856) J. M. M. A. (1857), Machado d'Assis (1857, 1858, 1859), Joaquim Maria Machado d'Assis (1858), M. de Assis (1859), M. D'A (1859), M. A. (1861, 1869). Machado de Assis, assinatura tal como conhecemos,

---

[19] ASSIS, 2009c, p. 70-1.
[20] "Joaquim Maria Machado de Assis!", como por exemplo no poema de 1856, "O grito do Ipiranga", que mencionamos.
[21] Como, por exemplo, em "Não?", poema publicado em *A Marmota*, em 15 de setembro de 1857.
[22] Como, por exemplo, em "Dormir no campo", poema publicado na *Marmota Fluminense* em 21 de fevereiro de 1855.
[23] Como, por exemplo, em "Júlia", poema publicado na *Marmota Fluminense* em 18 de maio de 1855.
[24] Como assinou no primeiro poema de que se tem conhecimento do autor, "À Ilma. Sra. D. P. J. A.", publicado no *Periódico dos pobres* em 3 de outubro de 1854.
[25] Como, por exemplo, em "Amanhã", poema publicado em *A Marmota*, em 23 de outubro de 1857.
[26] Como, por exemplo, em "No Álbum da Artista Ludovina Moutinho", publicado em *A Primavera*, em 17 de março de 1861.
[27] Como, por exemplo, em "Gabriela da Cunha", publicado no *Correio Mercantil* em 24 de dezembro de 1859.
[28] Como, por exemplo, em "Ela", publicado na *Marmota Fluminense* em 12 de janeiro de 1855.

> surge em sua produção poética na Semana Santa de 1858, para se repetir em 1859, 1862, 1863, 1865, 1877, 1880, 1886, 1894 e 1905. Houve espaço ainda para a assinatura de O. de S. (1885) ou simplesmente Machado (1887).[29]

Prevendo o afogamento do leitor em tantas letras e datas, Reis faz saber que em *Crisálidas*, de 1864, 28 dos 29 poemas que compõem o livro foram assinados por Machado de Assis, e um por Faustino Xavier de Novaes. Em *Falenas*, também com 29 poemas, publicado em 1870, e em *Americanas*, publicado em 1875 com treze, todos são assinados com o *nome literário* do autor e publicados pela Livraria de B. L. Garnier. Entretanto, além dessas assinaturas indicadas por Reis, consta no *Dicionário de Machado de Assis*, de Ubiratan Machado, que o autor também assinou, em diversos gêneros, com as formas: J. M. M. Assis; J. M. Machado d'Assis e J. M. Machado de Assis,[30] o que demonstra uma ampla variação de formas, mas ao mesmo tempo uma certa busca pela fixação de um nome a partir de seu nome próprio.

Michel Foucault, questionando o "que importa quem fala?", em conferência intitulada *O que é um autor?*, reconhece que o conceito de escrita passou a ser entendido como liberto do tema da expressão, bastando-se a si mesma, e que o gesto de escrever abriu-se para um "espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer", o que também pode ser visto pelo tema do parentesco da escrita ou da narrativa com a morte.[31]

Diante dessa temática, que Foucault localiza tanto nas obras quanto na crítica, e que é a de uma espécie de regra de que o autor deve ser apagado em proveito das formas próprias ao discurso, o filósofo francês se propõe a pensar o que a regra de apagamento do autor e do escritor permite descobrir e começa pela identificação dos problemas suscitados pelo uso do *nome de autor*. Este estaria situado entre dois polos, o da descrição e o da designação. Haveria, então, diferenças entre a relação que existe entre um indivíduo e seu *nome próprio* quando comparada à relação do *nome de autor* com aquele que é nomeado. Isso porque modificações na descrição de uma pessoa não modificam a relação de designação dela com seu nome próprio, ao passo que as modificações na atribuição de autoria de determinada obra, em relação com aquele que o nome de autor nomeia, pode modificar seu funcionamento. Escreve Foucault:

> um nome de autor não é simplesmente um elemento em um discurso (que pode ser sujeito ou complemento, que pode ser substituído por um pronome etc.); ele exerce um certo papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatória; tal

[29] REIS, 2009, p. 20.
[30] MACHADO, 2008, p.174.
[31] FOUCAULT, 2006, p. 268-94; FOUCAULT, 1994

> nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, deles excluir alguns, opô-los a outros. Por outro lado, ele relaciona os textos entre si.[32]

O *nome de autor*, então, não está localizado nem no estado civil dos homens nem na ficção, mas na ruptura que instaura um certo grupo de discursos. Assim, Foucault propõe o reconhecimento e a delimitação de uma *função-autor*, da qual alguns textos seriam dotados, enquanto outros, como cartas, contratos e textos anônimos encontrados pela rua, não possuiriam autores, mas signatários, fiadores e redatores, respectivamente. Essa *função* de que fala Foucault é efetuada na cisão, na divisão e na distância entre o escritor real e o locutor fictício de sua obra, sem que, contudo, Foucault deixe de indicar que a palavra *obra*, a unidade que essa palavra designa, é provavelmente tão problemática quanto a individualidade do autor. A noção de *obra*, de tal modo problemática, poderia ser sintetizada na pergunta forjada por Foucault: se se pretendesse publicar as obras escritas encontradas de Nietzsche e se fosse encontrado no interior de uma de suas cadernetas, repleta de aforismos, "uma referência, a indicação de um encontro ou de um endereço, uma nota de lavanderia: obra, ou não? Mas, por que não?".[33]

O *nome de autor* teria uma *função* classificatória, organizando, agrupando e excluindo textos a partir do estabelecimento de relações de homogeneidade ou de filiação, de autenticidade de uns pelos outros, ou de explicação recíproca, ou de utilização concomitante. Por fim, o *nome de autor* funciona para caracterizar um certo modo de ser do discurso. Não sendo uma palavra cotidiana, o *nome de autor* permite que uma palavra seja recebida com certo *status* e de uma certa maneira numa certa cultura. Dessa forma o *nome de autor*, como proposto por Foucault, não passa do interior do texto para o indivíduo real, mas percorre os limites dos textos incluídos sob esse *nome*.[34] A *função-autor*, entretanto, não se forma espontaneamente com a atribuição de um discurso a um indivíduo, mas é um resultado complexo que "constrói um certo ser de razão que se chama autor".[35]

Contudo, como demonstrou Antoine Lilti ao estudar a "política do nome próprio" em Jean-Jacques Rousseau, o nome próprio não deixa de desempenhar um papel essencial: "é tanto um nome de autor, a autoridade à qual se deve remeter a sua obra publicada, quanto uma identidade social e o nome de uma personagem cujos feitos e gestos são narrados pelas gazetilhas europeias

---

[32] FOUCAULT, 2006, p.272-3; *"Un nom d'auteur n'est pas simplement un élément dans un discours (qui peut être sujet ou complément, qui peut être remplacé par un pronom, etc.); il exerce par rapport aux discours un certain rôle: il assure une fonction classificatoire; un tel nom permet de regrouper un certain nombre de textes, de les délimiter, d'en exclure quelques-uns, de les opposer à d'autres. En outre, il effectue une mise en rapport de textes entre eux"* (FOUCAULT, 1994, p.798).

[33] FOUCAULT,1994, p.794-803; ou FOUCAULT, 2006, p.270-279.

[34] Idem. p. 273.

[35] FOUCAULT, 2006, Idem., p.276.

e sobre o qual circulam os boatos". Assim o nome, como vetor essencial do reconhecimento social, também desempenha o papel de reconhecimento e celebridade, próprios, segundo Lilti, da nova forma de renome que nasceu com a crise das sociedades aristocráticas.[36]

Desses dois modos opera a assinatura "Machado de Assis": enquanto *nome literário*, como em Nóbrega e Lilti (poderíamos dizer, *nome artístico*, destinado ao reconhecimento) e como *nome de autor*, destinado à institucionalização, responsabilização e agrupamento, como em Foucault. Como se verá no capítulo seguinte, o *nome de autor* "Machado de Assis" não deixa nunca de ser construído, reformulado e constantemente ampliado, através das penas e mãos de muitos críticos, pesquisadores e personalidades ao longo do tempo. Entretanto, aqui podemos dizer que, se o *nome de autor* é uma função cuja operação até escapa às intenções desse mesmo autor, verifica-se que, por outro lado, Joaquim Maria Machado de Assis, o homem civil que também foi escritor, contribuiu incessantemente para a construção, fixação e institucionalização desse mesmo *nome*, "Machado de Assis". Por meio das figurações, repetições e variações das assinaturas presentes nos textos publicados em jornais, cartas, contratos, dedicatórias, frontispícios e capas de livros, prefácios para textos de outros autores e mesmo, como vimos, em seu cartão de visitas, Machado de Assis selecionou e formou uma obra e uma assinatura.

A melhor maneira de avançar na compreensão dessa *função* e do *nome de autor* é, como expõe Chartier,

> introduzir, no quadro de uma reflexão propriamente filosófica, intelectual ou estética sobre a autoria, a dimensão da própria materialidade dos textos, esta dimensão que se encontra no coração disso que um autor fundamental, infelizmente recentemente morto, Donald McKenzie, qualificou como sociologia dos textos, entendendo com isso o estudo do texto tal como ele é inscrito em suas materialidades. [...] [A] construção do autor é uma função não apenas do discurso, mas também de uma materialidade, materialidade e discurso que na minha perspectiva de análise são indissociáveis.[37]

Desse modo, a materialidade na qual figura, se imprime, se publica ou publicou o texto machadiano é para nós relevante, não só porque o seja para a construção de sentido de qualquer texto, conforme afirma Chartier, mas também porque ela é parte da temática e da ficção de Machado de Assis. Essa materialidade é referida, inclusive, em locais que tradicionalmente reconhecemos como "dentro" da ficção.

Mesmo os espaços em branco que separam os capítulos de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro* e *Esaú e Jacó* têm papel importante na produção de sentido

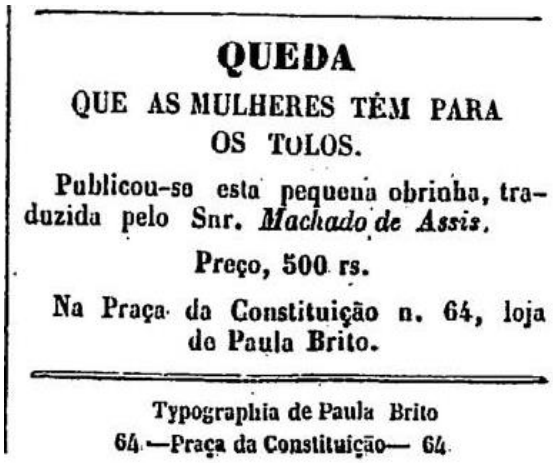
---

[36] LILTI, 2014.
[37] Idem., p.62-3.

de “capítulo curto” – e no entendimento de Abel Barros Baptista o “capítulo curto” pode ser mesmo o personagem principal dos romances citados –, e que fica prejudicado em edições como a da editora Aguilar que não respeitam a quebra de página.[38]

A partir dessa perspectiva, consideramos significativo o caso da publicação de *Queda que as mulheres têm para os tolos* (1861), inicialmente anônima, mas publicada com a insistente indicação do nome do tradutor, Machado de Assis, mas sem referência a obra e língua de partida, o que, como é sabido, não era comum naquela época, quando o uso era ocultar o nome do tradutor e não o do autor do texto de partida.[39] Era justamente ali e naquele ano que, junto com a publicação de *Desencantos*, o nome de autor “Machado de Assis” ganhava sua forma definitiva.

Figura 4: Divulgação da publicação de *Queda que as mulheres têm para os tolos*, com nome de Machado de Assis.


QUEDA
QUE AS MULHERES TÊM PARA OS TOLOS.
Publicou-se esta pequena obrinha, traduzida pelo Snr. *Machado de Assis*.
Preço, 500 rs.
Na Praça da Constituição n. 64, loja de Paula Brito.
Typographia de Paula Brito
64 —Praça da Constituição— 64

Fonte: *A Marmota*, Rio de Janeiro, n. 1270, 4 de junho de 1861. (Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional).

Figura 5: Folha de rosto de *Queda que as mulheres têm para os tolos*, com nome de Machado de Assis.

QUEDA
QUE
AS MULHERES
TÊM PARA OS TOLOS
TRADUCÇÃO DO SNR.
Machado de Assis.
RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA DE F. DE PAULA BRITO
64—PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO—64
1861.

Fonte: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin.

Nos discursos autorais uma assinatura pode ter funções importantes e interdependentes, tais como a de *individualização do signatário* (marca de sua presença e singularidade), de sua *autorização* (reconhecimento do seu nome de autor e de sua autoridade) e de *validação*

[38] BAPTISTA, 2003a, p. 127-8.
[39] A tradução é de *De l’Amour des Femmes pour les Sots*, de Victor Hénaux, publicado em 1859 em Paris.

(legitimação de si e de sua obra), além de também fazer referência à singularidade do autor, da sua *persona*, que assinou com sua *marca*.

Assim, diferentemente do que ocorre nas esferas jurídicas, comerciais e/ou políticas, nas *dédicaces* não se pode dar um autógrafo por procuração, tratando-se de referenciar a *persona* do "Autor" (entendido como *função*, a partir de Foucault), porta-voz de um *nome de autor*. Assim, a *persona* que autografa o faz em nome dessa mesma instituição e não *em seu* nome (ainda que escreva *seu* nome): "Numa sessão de autógrafos, o autor utiliza o seu pseudônimo ou nome de Autor, e não o seu nome civil (Walt Disney, e não Walter Elias Disney, por exemplo)." Do mesmo modo, a assinatura aponta para a obra enquanto "Obra", e o ato de autografar, por meio do instrumento da assinatura, consiste num ritual de dupla legitimação, pois "o autógrafo não existe apenas *porque* a obra existe, mas ele existe *para que* a obra reafirme sua existência".

> Cada situação de uso da assinatura confere-lhe um estatuto próprio, que transita entre a identidade e a autoridade. O uso da assinatura está intimamente ligado à prática em questão, às suas condições de produção e de eficácia. A assinatura de um contrato de edição, por exemplo, tem um valor diferente daquela empregada em uma sessão de autógrafos – a primeira situação pode exigir que a *persona* assine com o seu nome próprio de registro civil, já a segunda exige o nome de Autor, comumente na forma de pseudônimo. [40]

Assim, as dedicatórias, endereçadas pelos autores aos críticos, também eram feitas com o objetivo de "inspirar" recensões e comentários. Também participariam dessas mudanças a prática das correspondências, uma vez que autores anteriores ao século XIX não incluem muitas informações a respeito da sua atividade literária e é a partir da era romântica que se verifica uma clara mudança de atitude em relação à discrição e às confidências a respeito dessa atividade, pois a partir desse período haveria uma maior consciência dos autores sobre a possibilidade de uso das cartas na criação da imagem autoral.[41]

Desse modo podemos entender as dedicatórias manuscritas (de exemplar) em posse da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, endereçadas a outros escritores, críticos e personalidades como Salvador de Mendonça e José Veríssimo, assinadas pela *persona* Joaquim Maria Machado de Assis, com e em nome de seu nome de autor. Nas obras do escritor, entretanto, o jogo com a assinatura que o autor realiza nem sempre deixa clara essa divisão. Se, por um lado, podemos supor que a assinatura "Machado de Assis", que figura na maioria das dedicatórias conhecidas do escritor e em pareceres ao Conservatório Dramático (que todos foram assinados

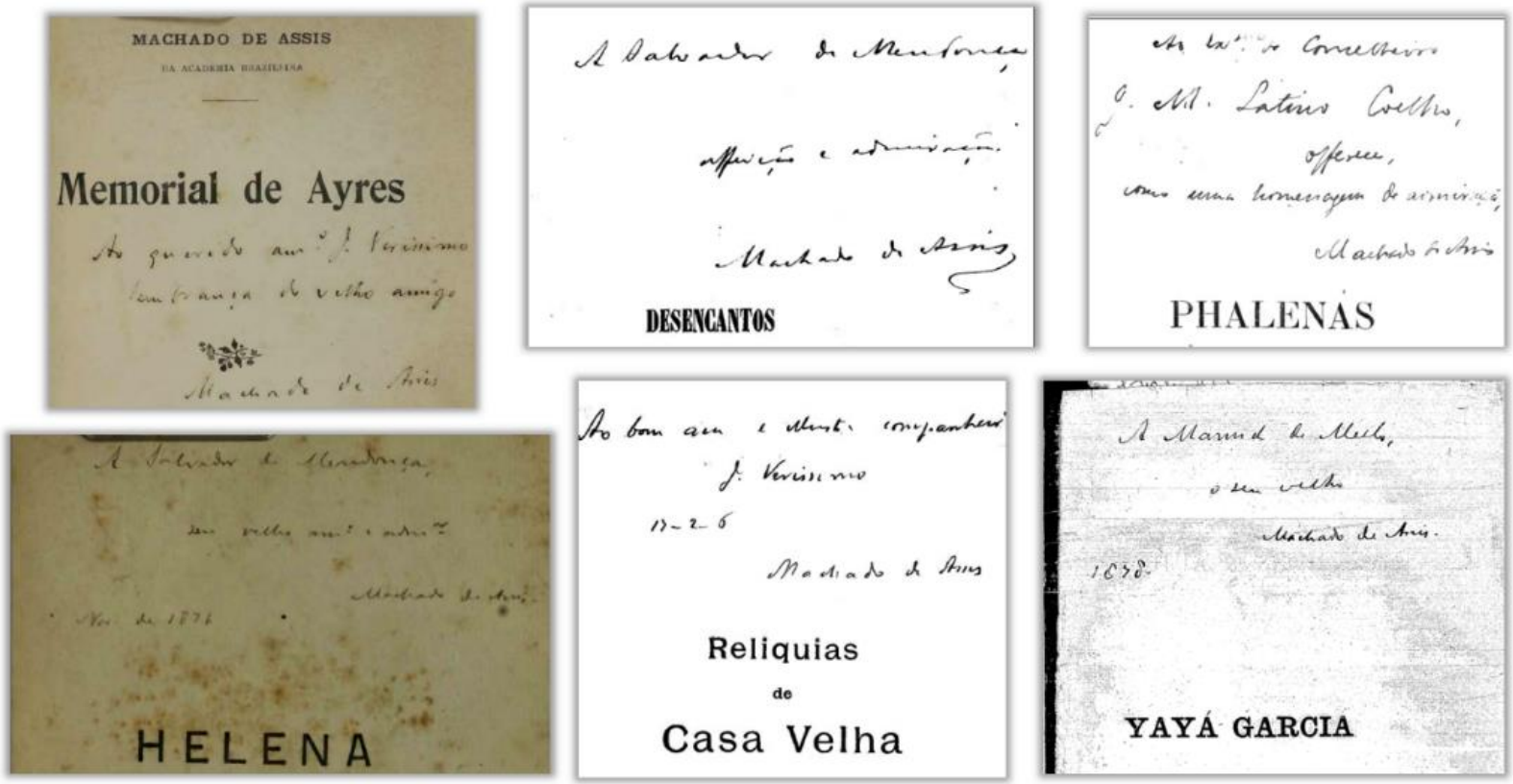
---

[40] ALVES-COSTA; LACHOVSKI, 2018, p.157.
[41] GENETTE, 2009, p.335*;* ou GENETTE, 1987, p.349.

desse modo),[42] carrega consigo o valor simbólico e o peso de seu *nome de autor*, por outro lado se verifica que esse não é o padrão para todas as suas dedicatórias, conforme se vê nos exemplares de *Histórias sem data* e *Tu só, tu, puro amor...*, em posse da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, ou como "O autor" em um exemplar de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em posse da Fundação Biblioteca Nacional, do qual trataremos no capítulo 3.

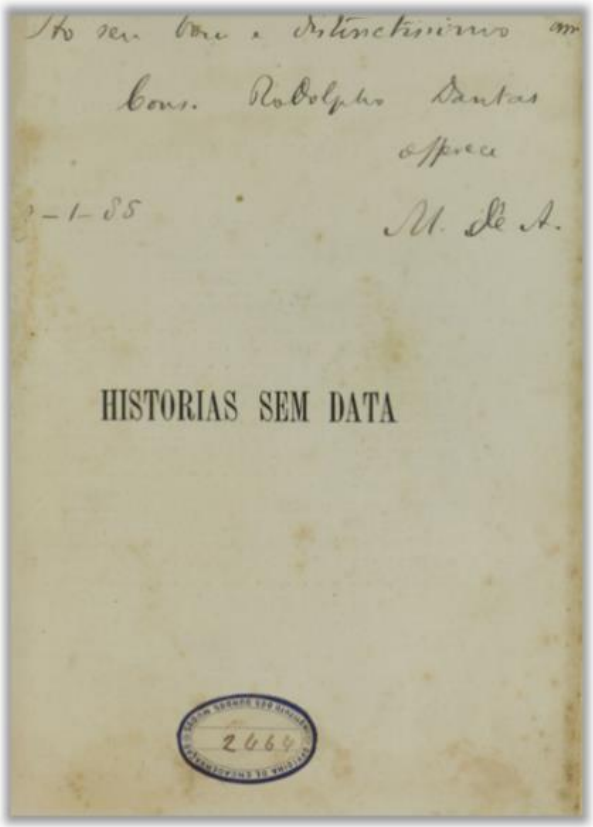
[42] Os pareceres de Machado e Assis para o Conservatório Dramático estão de posse da Fundação Biblioteca Nacional. Um deles pode ser conferido em versão digitalizada em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss_49_7_017.pdf. Acesso em 5 de janeiro de 2020.

Figura 6: Dedicatórias de Machado de Assis [1]




Fonte: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin

Figura 7: Dedicatórias de Machado de Assis [2]



Fonte: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin

A preocupação de Machado de Assis com as formas de subscrição ou declaração de autoria no interior de sua obra não se restringiu apenas à sua própria assinatura. Ela variou com o passar dos anos, no tocante às assinaturas dos autores das epígrafes de seus poemas, conforme observa Audrey Ludmilla Miasso: o uso das epígrafes configura “o diálogo com a composição do poeta que, no início de sua carreira, fazia das palavras de outrem mote, trampolim, apoio, inspiração para a sua própria escrita.”. Miasso mostra, ainda, que o escritor não adota um modelo para referenciar a fonte de suas epígrafes, ora assinadas apenas pelo título da obra em que se encontravam, ora somente pelo nome do autor, ora por ambos. Menciona, também, o caso da parte IV dos “Versos a Corina” cuja epígrafe possui, como assinatura, as iniciais “M. A.”, que talvez fossem óbvias para o público contemporâneo, mas que hoje, depois de século e meio, causam alguma dificuldade de reconhecimento. De qualquer modo, os nomes que assinam as epígrafes são diversos e é comum que sirvam de referência tanto para a prosa quanto para a poesia. O escritor teria construído sua

poética a partir do que lera e por meio dessas epígrafes e da associação de sua assinatura com as de outros escritores escolheria seus pares e designaria seu lugar no Panteão.[43]

Desse modo, um outro caso emblemático do uso da associação de nomes de autor, sejam aqueles que figuram nas epígrafes, sejam aqueles que dão nomes a personagens, são os da encenação, publicação e distribuição de *Tu só, tu, puro amor...*, peça escrita por Machado de Assis por ocasião do tricentenário da morte de Camões. A peça foi apresentada no dia 10 de junho de 1880, no Teatro D. Pedro II. Decorado com estilo de época e com recitações de *Os lusíadas* nos camarotes, o espetáculo contou com a presença de d. Pedro II, d. Teresa Cristina, senadores, deputados, homens de imprensa e magistrados. Em maio do ano seguinte, saía a peça em livro, numa tiragem de cem exemplares numerados e assinados por Machado de Assis.[44] No exemplar da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, verifica-se a insistente repetição do nome Machado de Assis, que, intercalado com o nome de Camões, chega a aparecer nada menos que cinco vezes antes do início do texto da peça,[45] constando de duas folhas de rosto com o nome Machado de Assis acompanhado do emblema da editora Lombaerts & Cia., um anterrosto com dedicatória de exemplar manuscrita a Joaquim Nabuco ("Homenagem ao seu talento/ M de A"), uma folha com a numeração do exemplar e assinatura manuscrita "Machado de Assis", uma epígrafe com a assinatura de Camões, e uma "Advertência" com ornamento de cabeça e letra capitular estilizada, assinada "Machado de Assis" e seguida de um fundo-de-lâmpada (*cul de lampe*). O próximo nome a aparecer é novamente o de Camões, na lista de personagens.

---

[43] MIASSO, 2017, p. 26-34.
[44] MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*, p. 343.
[45] Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5274. Acesso em 2 de janeiro de 2020.

Quadro 1: Sequência de paratextos de *Tu só, tu, puro amor*...

MACHADO DE ASSIS

TU SÓ, TU, PURO AMOR...

COMEDIA

Rio de Janeiro

M DCCC LXXXI

A J. Nabuco,

Homenagem ao seu talento,

M. de A

30-5-81

TU SÓ, TU, PURO AMOR...

COMEDIA

*Representada no Imperial Theatro de D. Pedro II, no dia 10 de Junho de 1880*

MACHADO DE ASSIS

TU SÓ, TU, PURO AMOR...

COMEDIA

Rio de Janeiro

M DCCC LXXXI

EDIÇÃO DE CEM EXEMPLARES

NUMERADOS

N. 22

Machado de Assis

Tu só, tu, puro amor, com força crúa,
Que os corações humanos tanto obriga...

CAMÕES, *Lus.* III, 119.

## ADVERTENCIA

*A composição que ora se reimprime foi escripta para as festas organisadas, nesta capital, pelo Gabinete Portuguez de Leitura, no tricentenario de Camões, e representada no theatro de D. Pedro II. O desfecho dos amores palacianos de Camões e de D. Catharina de Athayde é o objecto da comedia, desfecho que deu logar á subsequente aventura de Africa, e mais tarde á partida para a India, d'onde o poeta devia regressar um dia com a immortalidade nas mãos. Não pretendi fazer um quadro da côrte de D. João III, nem sei se o permittiam as proporções minimas do escripto e a urgencia da occasião. Busquei, sim, haver-me de maneira que o poeta fosse contemporaneo de seus amores, não lhe dando feições epicas, e, por assim dizer, posthumas.*



*Braga e eu. Com effeito, o ducado de Aveiro só foi creado formalmente em 1557, mas o agraciado usava o titulo desde muito antes, por mercê de D. João III; é o que confirma a propria carta régia de 30 de Agosto d'aquelle anno, textualmente inserta na* HIST. GENEAL. *de* D. Antonio Caetano de Souza, *que cita em abono da assersão o testemunho de* Andrade, *na* CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO III. *N'aquella mesma obra se lê (liv. IV, cap. V) que em 1551, na trasladação dos ossos d'el-rei D. Manoel estivera prezente o duque de Aveiro. Não é pois impossivel que a anecdota occorresse antes da primeira ausencia de Camões.*

MACHADO DE ASSIS.

## PERSONAGENS.

| | |
|---|---|
| CAMÕES | SR. FURTADO COELHO |
| D. ANTONIO DE LIMA | " SIMÕES |
| CAMINHA | " FERREIRA |
| D. MANOEL DE PORTUGAL | " TORRES |
| D. CATHARINA DE ATHAYDE | D. LUCINDA F. COELHO |
| D. FRANCISCA DE ARAGÃO | D. FAUSTINA |

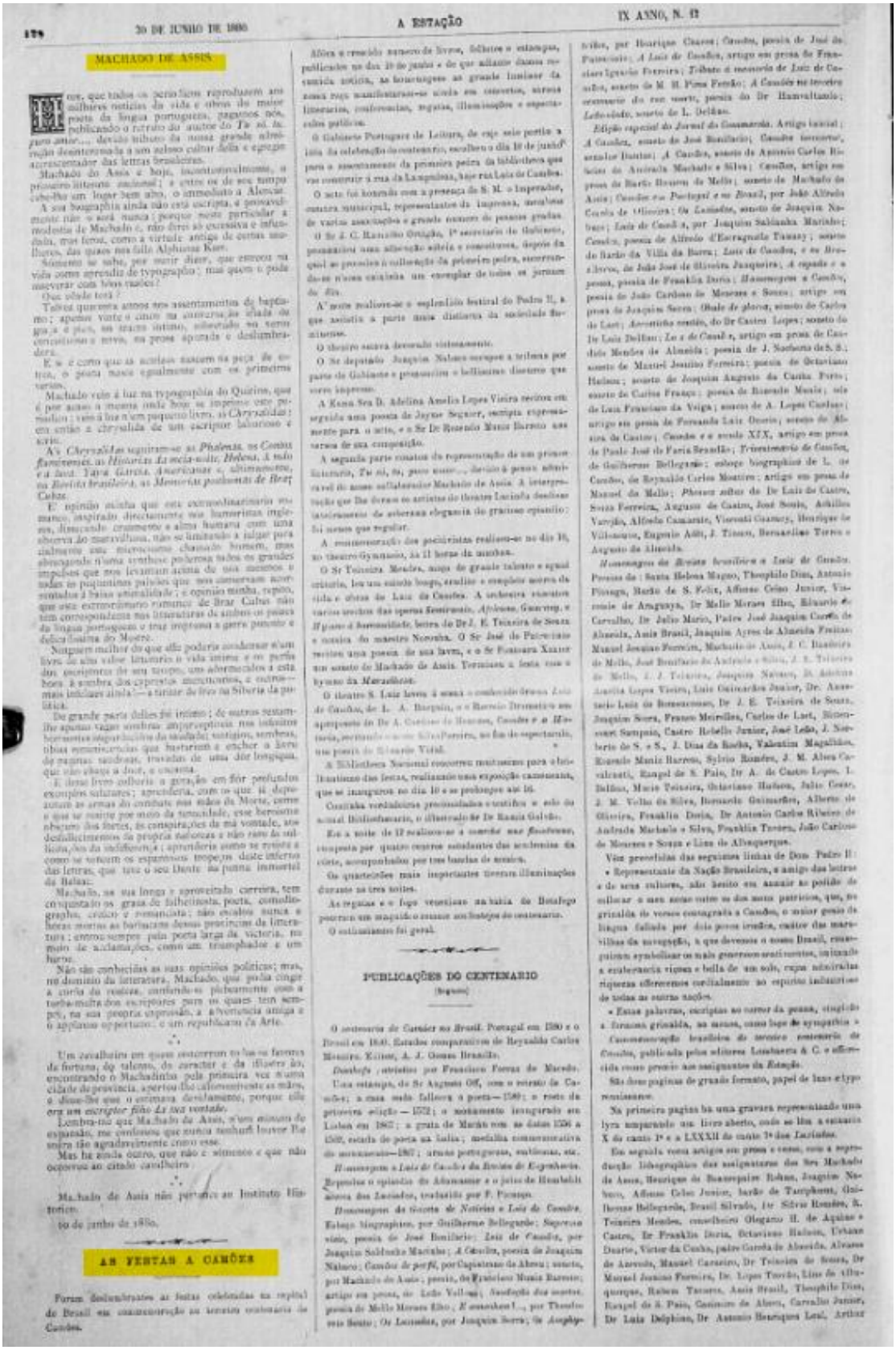
*Lisboa.* — MDXLV

Reprodução da digitalização do livro, disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5274. Acesso em 2 de janeiro de 2020. (Fonte: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin)

A assinatura e dedicatória a Joaquim Nabuco, ocorrida quase um ano depois das celebrações das festas na capital, parecem contribuir para o reconhecimento de uma busca pelo investimento e associação do nome *Machado de Assis* ao nome do poeta português, seja pelo próprio autor, seja pelo editor, que não se restringiu à representação da peça em 10 de junho de 1880 e ao volume, mas apareceu também em *A Estação* vinte dias depois com a publicação de um texto extremamente elogioso intitulado "Machado de Assis" (datado de 10 de junho).[46] Tal coluna, em que Machado de Assis, "autor de *Tu só, tu, puro amor*...", é referido como "mestre" e "primeiro literato nacional", numa clara associação ao "maior poeta da língua portuguesa", não foi assinada. O texto encerra-se com o relato do primeiro encontro de um "cavalheiro em quem concorrem todos os favores da fortuna, do talento, do caráter e da ilustração" com "Machadinho", no qual este apertou-lhe a mão e lhe disse que o escritor era "*um escritor filho da sua vontade*". O autor do texto anônimo diz que "Machado de Assis, n'um minuto de expansão, me confessou que nunca nenhum louvor lhe soara tão agradavelmente como esse", mas que há "ainda outro, que não é somenos e que não ocorreu ao citado cavalheiro: Machado de Assis não pertence ao Instituto Histórico."

[46] Disponível em http://memoria.bn.br/pdf/709816/per709816_1880_00012.pdf. Acesso em 2 de janeiro de 2020.

Figura 8: Textos sobre Machado de Assis e Camões n*A Estação*



178 30 DE JUNHO DE 1880 A ESTAÇÃO IX ANNO, N. 12

MACHADO DE ASSIS

Muitos, que todos os periodicos reproduzem amiudadas noticias da vida e obras do maior poeta da lingua portugueza, pagamos nós, publicando o retrato do autor do *Ta-ni, ta, pum amor...*, devido tributo da nossa grande admiração desinteressada a um zeloso cultor della e egregio aformoseador das letras brasileiras.

Machado de Assis é hoje, incontestavelmente, o primeiro litterato nacional; e entre os de seu tempo cabe-lhe um logar bem alto, o immediato a Alencar.

A sua biographia ainda não está escripta, e provavelmente não o será nunca; porque nesta particular a modestia de Machado é, não direi só excessiva e infundada, mas teme, como a virtude antiga de certos mortaes, dos quaes nos falla Alphonse Karr.

Somente se sabe, por mais dizer, que entrou na vida como aprendiz de typographo; mas quem o pode asseverar com bôas razões?

Que idade terá?

Talvez quarenta annos nos assentamentos do baptismo; apenas vinte e cinco na consciencia da *chaste de gloire* e *pleu*, no trecho intimo, adoptado em seus concelhinhos e novos, na prosa apurada e deslumbradora.

E se é como que as aziões nascem na pena de outros, o poeta nasce egualmente com os primeiros versos.

Machado viu a luz na typographia do Quirino, que é por acaso a mesma onde hoje se imprime este periodico; viu a luz n'um pequeno livro, as *Chrysalidas*: em então a *chrysalida* de um escriptor laborioso e serio.

A's *Chrysalidas* seguiram-se as *Phalenas*, as *Contos fluminenses*, as *Historias da meia-noite*, *Helena*, *A mão e a luva*, *Yaiá Garcia*, *Americanas* e, ultimamente, na *Revista brasileira*, as *Memorias posthumas de Braz Cubas*.

E' opinião minha que este extraordinario romance, inspirado directamente nos humoristas inglezes, illuminando crumentos a alma humana com uma observa do maravilhosa, não se limitando a julgar para sadamente seu microscopio chamado homem, mas abrangendo n'uma synthese poderosa todos os grandes impulsos que nos levantam acima da nos mesmos e nos lançam pulsos que nos conservam acorrentados á baixa animalidade; e opinião minha, repito, que este extraordinario romance de Braz Cubas não tem correspondencia nas litteraturas de outros os paizes da lingua portugueza e traz impressa a gerra pensamento delicadissima do Mestre.

Nenhum melhor do que elle poderia conhecer n'um livro de um valor litterario a vida intima e os perfis dos escriptores de seu tempo, um alternadas a esta hora a sombra dos escriptores americanos, e outros — mas indicar ainda? — a tarefa de livro na Siberia da politica.

De grande parte delles foi intimo; de outros estabelece apenas vagas sombras impropriamente nos infinitos horizontes impalpaveis da saudade; outrigas, sombras, tibias reminiscencias que hasteiam e enchem o livro de suaves saudades, travadas de uma dôr longinqua, que não chega a dor, e cansa.

E, dessa livro colhera a geração em flor profundos exemplos salutares; aprenderia, com os que já depozeram as armas do combate sob os ardes da Morte, como e que se vence por meio da serenidade, esse heroismo obscuro dos fortes, as conspirações de má vontade, aos desfallecimentos da propria valentia e não raro do soldado, do soldado, e aprenderia como se resiste a como se vencem os espantosos tropeços deste inferno das letras, que teve o seu Dante na pena immortal de Balzac.

Machado, na sua longa e aproveitada carreira, tem conquistado os graus de folhetinista, poeta, comediographo, contista e romancista; não existe nunca e hoje morre as fortunas dessas provincias da litteratura: entra sempre pela porta larga da victoria, no meio de acclamações, como um triumphador e um heroe.

Não são conhecidas as suas opiniões politicas; mas, no dominio da literatura, Machado, que pode cingir a corôa de rosas, confundo-se pacificamente com a turba-multa dos escriptores para os quaes tem sempre, na sua propria expressão, a benevolencia amiga e o applauso opportuno: o um republicano da Arte.

∴

Um cavalheiro em quem concorrem todas as formas da fortuna, do talento, do caracter e da illustração, encontrando o Machadinho pela primeira vez n'uma cidade de provincia, apertou-lhe calorosamente as mãos, e disse-lhe que o estimava deslumbrado, porque elle era um escriptor filho *Ta ma vontade*.

Lembra-me que Machado de Assis, n'um momento de expansão, me confessou que nunca tenhaes louvor Ha-ninha tão agradavelmente como esse.

Mas ha ainda outro, que não é simples e que não occorreu ao citado cavalheiro.

∴

Machado de Assis não pertence ao Instituto Historico.

10 de junho de 1880.

AS VERTAS A CAMÕES

Foram deslumbrantes as festas celebradas na capital do Brazil em commemoração ao terceiro centenario de Camões.

Alem e crescido numero de livros, folhetos e estampas, publicados no dia 10 de junho e de que adiante damos noticia notícia, as homenagens ao grande lusiaer da nossa raça manifestaram-se ainda em concertos, sessões literarias, conferencias, regatas, illuminações e espectaculos publicos.

O Gabinete Portuguez de Leitura, de cujo seio partiu a idéia da celebração do centenario, escolheu o dia 10 de junho para o assentamento da primeira pedra da bibliotheca que vae construir á rua da Lapa, hoje rua Luiz de Camões.

O acto foi honrado com a presença de S. M. o Imperador, camara municipal, representantes da imprensa, muitissimas de varias associações e grande numero de pessoas gradas.

O Sr J. C. Ramalho Ortigão, 1º secretario do Gabinete, pronunciou uma allocução solemne e concisissima, depois da qual se procedeu á collocação da primeira pedra, encerrando-se n'uma cavidade um exemplar de todos os jornaes do dia.

A' noite realisou-se o esplendido festival de Pedro II, a que assistia a parte mais distincta da sociedade fluminense.

O theatro esteve decorado extraordinario.

O Sr deputado Joaquim Nabuco occupou a tribuna por parte do Gabinete e pronunciou o brilhantissimo discurso que vem impresso.

A Exma Sra D. Adelina Amelia Lopes Vieira recitou em seguida uma poesia de Jayme Seguier, escripta expressamente para o acto, e o Sr Dr Rosendo Muniz Barreto uma carta de sua composição.

A segunda parte constou da representação de um proximo historico, *Ta ni, ta, pum amor...*, devido á pena admiravel do nosso collaborador Machado de Assis. A interpretação que lhe deram os artistas do theatro Lucinda decorreu admiravelmente de esbarrar elegancia do gracioso epistolio: foi nesses que regalar.

A commemoração dos poetistas realisou-se no dia 10, no theatro Gymnasio, ás 11 horas da manhã.

O Sr Teixeira Mendes, moço de grande talento e egual criterio, leu um estudo longo, erudito e completo sobre a vida e obras de Luiz de Camões. A orchestra executou varios trechos das operas *Sonnambula*, *Aphrodite*, *Guarany*, e *Il guano à Sonnambula*, letra do Dr J. E. Teixeira de Souza e musica do maestro Nocolini. O Sr José de Patrocinio recitou uma poesia de sua lavra, e o Sr Francisco Xavier um soneto de Machado de Assis. Terminou a festa com o hymno da *Marselheza*.

O theatro S. Luiz levou á scena a comedia-drama *Luiz de Camões*, de L. A. Burgain, e o Recreio Dramatico um apropósito do Dr A. Coelho de Menezes, *Camões e a Historia*, acompanhado de uma Silva Pereira, ao fim do espectaculo, uma poesia de Eduardo Vidal.

A Bibliotheca Nacional concorreu outrosim para a brilhantismo das festas, realisando uma exposição camoneana, que se inaugurou no dia 10 e se prolongou até 16.

Contém verdadeiras preciosidades e curiosos o solo do actual Bibliothecario, o illustrado Dr Ramiz Galvão.

Em a noite de 12 realisou-se a comedia *nas Bandeiras*, cooperada por quatro centenas estudantes das academias da côrte, acompanhados por tres bandas de musica.

Os quarteirões mais importantes tiveram illuminações durante as tres noites.

As regatas e o fogo venetiano na bahia de Botafogo decorreu em magnifico e causou um belo fim do centenario.

O enthusiasmo foi geral.

PUBLICAÇÕES DO CENTENARIO

(Segundo)

O centenario de Camões no Brazil. Portugal em 1580 e o Brazil em 1880. Estudos comparativos de Reynaldo Carlos Monteiro. Editor, A. J. Gomes Brandão.

*Dashofe*, artistico por Francisco Freire de Macedo. Uma estampa, de Sr Augusto Off, com o retrato de Camões; a casa onde falleceu o poeta — 1580; a roseta da primeira edição — 1572; o monumento inaugurado em Lisboa em 1867; a grata de Macão com as datas 1556 e 1560, estada do poeta na India; medalha commemorativa do centenario — 1880; armas portuguezas, emblemas, etc.

*Homenagem a Luiz de Camões da Revista de Engenharia*. Reproduz o opinião do Allemanar e o juizo de Humboldt acerca dos Lusiadas, traduzido por F. Picanço.

*Homenagem da Gazeta de Noticias a Luiz de Camões*. Estudo biographico, por Guilherme Bellegarde; Supremo vinte, poesia de José Bonifacio; *Luiz de Camões*, por Joaquim Saldanha Marinho; *A Camões*, poesia de Joaquim Nabuco; *Camões de perfil*, por Capistrano de Abreu; soneto, por Machado de Assis; poesia, de Francisco Muniz Barreto; artigo em prosa, de Lelio Valladão; *Apotheose dos poetas*, poesia de Mello Moraes Filho; *E amanhecer!...*, por Theophilo Dias; *Os Lusiadas*, por Joaquim Serra; *Os Amphybios*, por Henrique Chaves; *Camões*, poesia de José do Patrocinio; *A Luiz de Camões*, artigo em prosa de Francisco Ignacio Ferreira; *Tributo á memoria de Luiz de Camões*, soneto de M. H. Pires Ferrão; *A Camões no terceiro centenario da sua morte*, poesia do Dr Hannaltando; *Lebendiado*, soneto de L. Delfino.

*Edição especial do Jornal do Commercio*. Artigo inicial; *A Camões*, soneto de José Bonifacio; *Camões imortal*, soneto Dantas; *A Camões*, soneto de Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva; *Camões*, artigo em prosa de Rui Barbosa de Mello; soneto de Machado de Assis; *Camões em Portugal e no Brazil*, por João Alfredo Corrêa de Oliveira; *Os Lusiadas*, soneto de Joaquim Nabuco; *Luiz de Camões*, por Joaquim Saldanha Marinho; *Camões*, poesia de Alfredo d'Escragnolle Taunay; soneto do Barão da Villa da Barra; *Luiz de Camões, e os Brazileiros*, de João José de Oliveira Junqueira; *A espada e a pena*, poesia de Franklin Doria; *Homenagem a Camões*, poesia de João Cardoso de Menezes e Souza; artigo em prosa de Joaquim Serra; *Onde de gloria*, soneto de Carlos de Laet; *Accentuação ensino*, do Dr Castro Lopes; soneto do Dr Luiz Delfino; *Luiz de Camões*, artigo em prosa de Candido Mendes de Almeida; poesia de J. Norberto de S. S.; soneto de Manuel Joaquim Ferreira; poesia de Octaviano Hudson; soneto de Joaquim Augusto da Costa Pereira; soneto de Carlos Franco; poesia de Rosendo Muniz; sole de Luiz Francisco da Veiga; soneto de A. Lopes Cardoso; artigo em prosa de Fernando Luiz Osorio; soneto de Alfeu de Castro; *Camões e o seculo XIX*, artigo em prosa de Paulo José de Faria Scandão; *Primeiramente de Camões*, de Guilherme Bellegarde; esboço biographico de L. de Camões, de Reynaldo Carlos Montoiro; artigo em prosa de Manoel da Mello; *Phoenix* soltos de Dr Luiz de Castro, Souza Ferreira, Augusto de Castro, José Sousa, Achilles Varejão, Alfredo Camarate, Visconti Coaracy, Henrique de Villanueva, Eugenio Adet, J. Tinoco, Bernardino Torres e Augusto da Almeida.

*Homenagem da Revista brasileira a Luiz de Camões*. Poesias de: Santa Helena Magno, Theophilo Dias, Antonio Pinaga, Barão de S. Felix, Affonso Celso Junior, Visconde de Araguaya, Dr Mello Moraes filho, Ribeiro de Carvalho, Dr Julio Mario, Padre José Joaquim Corrêa de Almeida, Anna Brasil, Joaquim Ayres de Almeida Freitas, Manoel Joaquim Ferreira, Machado de Assis, J. C. Ramalho de Mello, José Bonifacio de Andrada e Silva, J. E. Teixeira de Mello, J. J. Teixeira, Joaquim Nabuco, D. Adelina Amelia Lopes Vieira, Luiz Guimarães Junior, Dr. Anacleto Luiz de Bonacorsoso, Dr J. E. Teixeira de Souza, Joaquim Sousa, Franco Meirelles, Carlos de Laet, Silveira Sampaio, Castro Rebello Junior, José Leão, J. Norberto de S. e S., J. Dias da Rocha, Valentim Magalhães, Rosendo Muniz Barreto, Sylvio Romero, J. M. Alves Cavalcanti, Raupel de S. Paio, Dr A. de Castro Lopes, L. Delfino, Maria Teixeira, Octaviano Hudson, Julio Cesar, J. M. Velho da Silva, Bernardo Guimarães, Alberto de Oliveira, Franklin Doria, Dr Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, Franklin Tavora, João Carlos de Menezes e Souza e Lima de Albuquerque.

Vêm precedidas das seguintes linhas de Dom Pedro II:

« Representante da Nação Brazileira, e amigo das letras e de seus cultores, não hesito em associar ao pedido de colhear o meu nome entre os dos meus patricios, que, na grinalda de versos consagrada a Camões, o maior genio da lingua falada por dois povos irmãos, cantor das maravilhas da navegação, a que devemos o nome Brazil, conseguiram symbolisar os mais generosos sentimentos, inspirado a exuberancia viçosa e bella de um solo, cujas admiraveis riquezas oferecemos cordialmente ao espirito industrioso de todas as outras nações.

« Estas palavras, escriptas ao correr da pena, simplesmente a firmeza gracioso, as mesmas, como logo de sympathia »

Commemoração brazileira do terceiro centenario de Camões, publicada pelos editores Lombaerts & C. e offerecida como premio aos assignantes da *Estação*.

Sete dous paginas de grande formato, papel de luxo e typo nonissimo.

Na primeira pagina ha uma gravura representando uma lyra sobre um livro aberto, onde se lêm a estancia X do canto 1º e a LXXXII do canto 3º dos *Lusiadas*.

Em seguida vem artigos em prosa e versos, com a reproducção lithographica das assignaturas dos Srs Machado de Assis, Henriques de Beaurepaire Rohan, Joaquim Nabuco, Affonso Celso Junior, barão de Tarquhent, Guilherme Bellegarde, Brazil Silvado, Dr Silva Rondão, R. Teixeira Mendes, conselheiro Olegario H. de Aquino e Castro, Dr Franklin Doria, Octaviano Hudson, Ortaiz Duarte, Victor da Cunha, padre Corrêa de Almeida, Alvares de Azevedo, Manoel Carneiro, Dr Teixeira de Souza, Dr Manoel Joaquim Ferreira, Dr. Lopes Trovão, Lima de Albuquerque, Ruben Tavares, Anna Brasil, Theophilo Dias, Raupel de S. Paio, Caminho de Abreu, Carvalho Junior, Dr Luiz Delphino, Dr Antonio Henriques Leal, Arthur

Fonte: *A Estação*, Rio de Janeiro, Ano IX, n. 12, 30 de junho de 1880, p. 128. (Fundação Biblioteca Nacional). Grifos nossos. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/709816/351. Acesso em 1 de dezembro de 2020.

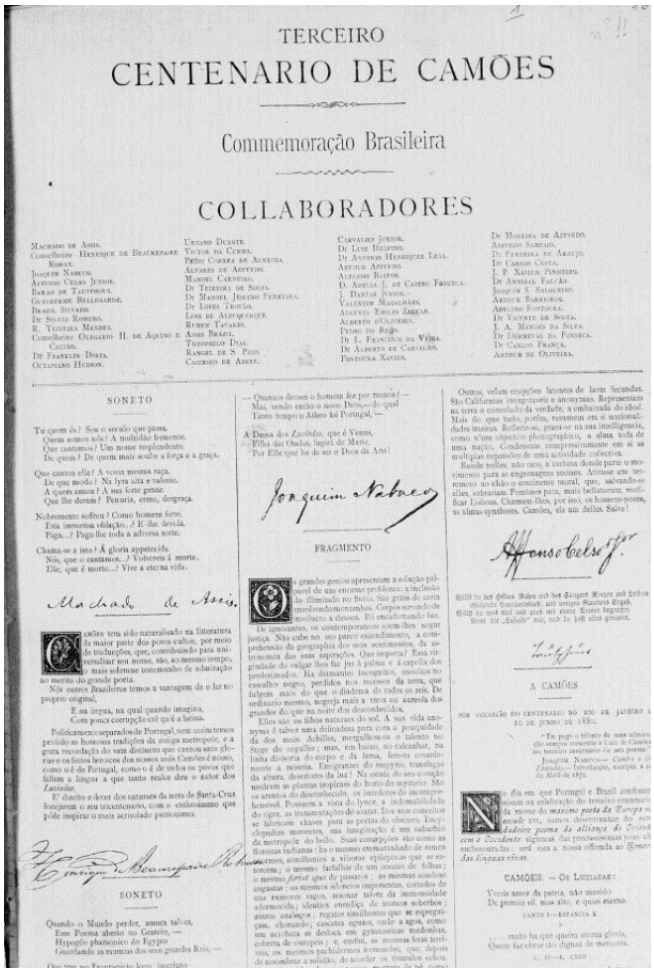
Como se verifica, o texto intitulado "Machado de Assis", que inicia com uma letra capitular estilizada, é seguido diretamente por outro, "As festas a Camões", o que não só aproxima novamente os dois escritores, mas, do ponto de vista da espacialidade do jornal, coloca Machado de Assis no topo da página, acima do escritor português, que figura ao pé da página sem estilização, muito abaixo do nome do escritor. Na página seguinte do mesmo número de *A Estação*, o nome de autor volta a aparecer na seção "Bibliografia", em que é referido novamente como "mimoso autor" de *Tu só, tu, puro amor* e possuidor de "eminentes propriedades literárias", a propósito de uma ilustração sua que havia saído na *Penna e lápis*.

Ivan Teixeira, aos estudar a colaboração de Machado de Assis em *A Estação*, toma contato com o texto acima e afirma que, ao referenciar o autor como "primeiro literato nacional", nota-se "uma estratégia de promoção do autor não só como reconhecimento de seus méritos, mas também como forma de assegurar a qualidade do jornal". No número anterior, de 15 de junho de 1880, *A Estação* publicou uma seção de comemoração ao terceiro centenário de Camões com 54 textos escritos por pessoas influentes na vida pública, juntamente com a relação de colaboradores no topo do caderno. Teixeira diz: "Machado de Assis era o primeiro da lista, publicando, abaixo, na mesma página, o soneto 'Quem és tu? O século passa'. Evidentemente, a posição do autor na lista indica o desejo de conceder-lhe a primazia entre os letrados da Corte".[47]

Ao consultarmos o número, percebemos que não apenas o nome de Machado de Assis é o primeiro da lista, mas também uma versão facsimilar da assinatura manuscrita de seu *nome de autor*, que encerra o soneto citado.

[47] TEIXEIRA, 2010, p.117

Quadro 2: Homenagens a Camões




Fonte: *A Estação*, Rio de Janeiro, Ano IX, n. 11, 15 de junho de 1880, p. 119 e 120. Disponível em http://memoria.bn.br/pdf/709816/per709816_1880_00011.pdf. Acesso em 2 de janeiro de 2020. (Fonte: Fundação Biblioteca Nacional).

Teixeira defende que o vínculo de Machado de Assis com *A Estação* tenha sido uma via de mão dupla: "ele auxiliava o negócio da publicação, mas era também favorecido pelo negócio". Com base nessa percepção, assume que tal atividade tenha colaborado na fixação de um "conceito Machado de Assis", como uma espécie de selo de qualidade.[48] Haveria uma tal integração profissional do escritor com o periódico, que o crítico chega a argumentar que o escritor não teria sido apenas seu principal colaborador, mas editor da "Parte Literária" de *A Estação*.[49] Em *A Estação*, Machado de Assis teria excedido os limites de simples colaborador como ficcionista e poeta, sendo também matéria promocional de uma campanha que recebeu apoio da folha.[50]

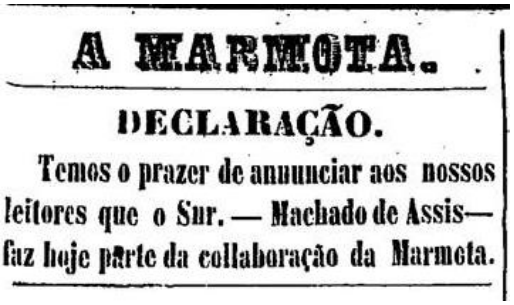
[48] Idem. p. 119.
[49] Idem. p. 104-5.
[50] Idem. p. 114-9.

Ao analisar a resenha literária publicada na seção “Bibliografia” do suplemento literário de *A Estação* (ano XI, n. 21, p. 242) em que aparece uma resenha elogiosa de *Papéis avulsos*, descrita como obra de “renovação”, “moderna” e “original” e “superação” de uma primeira “maneira” de Machado de Assis, Teixeira supõe:

> Esse texto segue o padrão dos demais publicados em *A Estação* sobre Machado de Assis. No conjunto, tais manifestações instituem uma espécie de gênero particular sobre o autor, tomado como matéria exclusiva da casa. Assim, além de conter boa caracterização do livro, a resenha funciona como elogio irrestrito ao escritor. Como se viu atrás, além de reconhecer os méritos de Machado, esse tipo de crítica integra o projeto de valorizar a dimensão artística do suplemento literário de *A Estação*. Como ocorreu com outros textos anônimos do periódico, não é absolutamente improvável que essa crítica tenha sido escrita pelo próprio Machado de Assis. Não vem ao caso apurar a hipótese, mas ela se repete em relação à carta de uma leitora do periódico [...].[51]

Tal procedimento, que visa exaltar o artista visando também os interesses do periódico, não era novo nem se restringiu ao periódico *A Estação*. Já em *A Marmota*, em 21 de fevereiro de 1860, o periódico de Paula Brito anunciava, na primeira página, logo abaixo do cabeçalho, com total destaque, a entrada de Machado de Assis no quadro de colaboradores.

Figura 9: Anúncio da participação de Machado de Assis em A Marmota, 21 de fevereiro de 1860


A MARMOTA.

DECLARAÇÃO.

Temos o prazer de annunciar aos nossos leitores que o Snr. — Machado de Assis— faz hoje parte da collaboração da Marmota.

Fonte: *A Marmota*, Rio de Janeiro, n. 1136, 21 de fevereiro de 1860, p. 1. Acesso em 2 de janeiro de 2020. (Fonte: Fundação Biblioteca Nacional).

Mas voltando à carta de uma “presumível leitora” que assina “Alzira C.”, publicada em *A Estação* sob o título “Histórias sem data”, de que fala Teixeira, vê-se que nela se encena uma aproximação entre a leitora e o livro. Para Teixeira, a autora da carta parece “gozar do privilégio de conviver com o autor dos contos” e, ao escrever que ambos são “cariocas da ponta dos pés à

[51] Idem. p. 122.

raiz dos cabelos", tanto a leitora quanto a figura de autor de Machado de Assis assumem uma condição ficcional.

> Parece evidente também que a publicação dessa carta participa do propósito editorial de insinuar que a leitura dos contos e do jornal incrementa a capacidade de análise, de entendimento e de participação das assinantes da folha de Henrique Lombaerts.
> [...]
> Por outro lado, é provável ainda que essa mesma carta tenha sido escrita pelo próprio Machado de Assis, entendido como editor literário do jornal. Ao me deparar com ela pela primeira vez nos originais de pesquisa, tive essa súbita impressão. Depois, ao ler o ensaio de Marlyse Meyer sobre *A Estação*, pude constatar que a escritora tivera o mesmo impulso intelectual (MEYER, 2001, p.73-107). [...] esse não terá sido o primeiro caso de ironia promocional nas Letras do Brasil e da Europa. Contudo, a determinação da autoria não importa tanto quanto o pensamento de que a publicação da carta participe, também, do processo de estabelecimento da imagem de Machado de Assis como escritor. Não só, mas partilha também da criação do perfil público de mulher do Segundo Reinado.[52]

Jaison Luís Crestani corrobora a interpretação de Teixeira e inclui, dentro da mesma hipótese e seguindo a mesma linha, outros textos que apareceram naquele periódico, como certas recomendações sobre a aquisição e o aperfeiçoamento dos dotes da escrita literária, assinadas por "Um Desconhecido", as quais, segundo o crítico, "apresentam, inclusive, uma expressiva familiaridade com a concepção do fazer literário de seu colaborador principal". Assim, esse e outros textos são arrolados por conterem "preceitos que sugerem a possibilidade de uma autoria machadiana".[53]

> Como possível editor do suplemento literário de *A Estação*, Machado de Assis figuraria com espírito orientador de um projeto estético comprometido com a "reforma do gosto antirromântico" e com a afirmação e consolidação de um repertório afinado ao presumível equilíbrio da estética realista e de suas variantes modernas, como o Parnasianismo, ao qual se filiavam também os demais colaboradores da revista, especialmente Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira.[54]

Não teria sido, de fato, a primeira vez que alguém levantaria uma hipótese de que o escritor teria trabalhado junto a editores (ou como editor) em prol de campanhas promocionais e autopromocionais. Outro caso curioso, sugestivo e conhecido é o que se deu com a polêmica "que mal dissimulava os propósitos publicitários que a inspiravam",[55] gerada em torno do conto "Confissões de uma viúva moça", que Machado de Assis então publicava no *Jornal das Famílias*.

---

[52] Idem. p. 129. Teixeira se refere a MEYER, Marlyse, *Caminhos do Imaginário no Brasil*, São Paulo: Edusp, 2001.
[53] CRESTANI, 2014, p. 61.
[54] Idem. p. 63.
[55] MAGALHÃES JÚNIOR., 2008, v. 1, p. 376.

A polêmica começou por conta de um ataque publicado na seção "A Pedidos" do *Correio Mercantil*, assinado "O Caturra", que censurava o *Jornal* por ter se afastado do seu programa. A resposta veio no dia seguinte, na mesma seção daquele jornal, com a assinatura "J.", pseudônimo utilizado por Machado de Assis, o mesmo que subscrevia o conto que ia sendo publicado no *Jornal das Famílias*, em que dizia ser facilmente reconhecível a figura do "Sr. Caturra", como um suposto inimigo pessoal do senhor Garnier. Um mês depois o Caturra retornou ao "A Pedidos" do *Correio* para, mais uma vez, e de maneira ainda mais agressiva, acusar o *Jornal das Famílias* de estar publicando um conto imoral. No dia seguinte, Machado de Assis se identifica como autor do conto, pedindo que o leitor aguardasse o resto do escrito para julgar sua moralidade.

A polêmica envolveu, ainda, alguns outros participantes que assinaram como "Um velho" (11 de abril de 1865), com o fraseônimo "Uma mãe de família" (9 de maio de 1865) e ainda com o pseudônimo "Sigma" (3 de junho de 1865).[56] O primeiro concordava com o Caturra e a segunda discordava. Uma hipótese interessantíssima levantada por Magalhães Júnior é a de que essa polêmica teria sido criada pelo próprio escritor, juntamente com o editor Garnier, para aumentar as vendas do *Jornal das Famílias*, que tivera queda e sofria com a perda do interesse do público por uma revista de modas num momento em que a atenção do país estava voltada para o teatro da guerra da Tríplice Aliança (Brasil, Uruguai e Argentina) contra o Paraguai. Tal teria sido o motivo para uma das matérias da revista ser acoimada de imoral ou escandalosa "nas colunas pagas em que a roupa suja da cidade era lavada em público, sob a forma de mexericos, verrinas e denúncias de toda espécie." Outro argumento seria o do próprio nome que assinou a primeira reclamação, *Caturra*, que não se poderia levar a sério. Também as datas da publicação da polêmica, reaberta sempre no momento de lançamento de novo número do periódico, que evidentemente aumentou o interesse do público pela revista, "lida, analisada e julgada, de acordo com os argumentos apresentados por um e outro lado".[57] John Gledson corrobora essa hipótese e afirma que o título do conto era "por si só uma tentação óbvia para atrair leitores cujos motivos poderiam ser menos puros".[58]

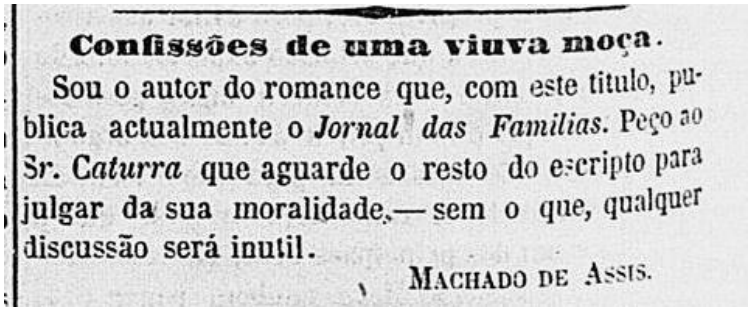
---

[56] Magalhães Júnior atribui a Machado todas essas assinaturas. O argumento mais curioso foi o utilizado para a assinatura Sigma " – a letra 's' em grego – três vezes presente no nome Assis. É visivelmente escrito por Machado de Assis, embora comece por dizer no segundo período 'estar aguardando a magistral defesa do dito romance, que nos consta elabora seu espirituoso autor". Idem p. 379. Essa não terá sido a única atribuição, digamos, heterodoxa, de Magalhães Júnior à pena de Machado, conforme discutiremos.

[57] Idem. p. 376-8.

[58] GLEDSON, John. "Os contos de Machado de Assis: 'O Machete' e o violoncelo" in ASSIS, 1998, v.1, p.22.

Figura 10: “Confissões de uma viúva moça”



**Confissões de uma viuva moça.**

Sou o autor do romance que, com este titulo, publica actualmente o *Jornal das Familias*. Peço ao Sr. *Caturra* que aguarde o resto do escripto para julgar da sua moralidade,— sem o que, qualquer discussão será inutil.

MACHADO DE ASSIS.

Fonte: *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 02 de maio de 1865. (Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional).

Crestani sugere que a polêmica criada por um leitor seria uma espécie de extensão ficcional, ou que extrapolaria os limites do conto “Confissões de uma viúva moça”, cujo tema seria justamente os maus leitores.[59]

Poderíamos acrescentar, ainda, a observação da data em que foi iniciada a polêmica, 1º de abril, que não era ignorada por Machado de Assis, uma vez que a missivista do conto “Ponto de vista” ironicamente lamenta ter de contar novidades naquela data “terrível”,[60] – conto que, aliás, foi também publicado originalmente no *Jornal das Famílias* e depois recolhido em *Histórias da meia-noite*.

Haja ou não confirmação de que a polêmica tinha propósitos comerciais, o caso configura exemplo da força e da estabilidade da assinatura autoral de Machado de Assis, não apenas revelando ser ele quem estava por trás da assinatura “J.”, mas estabelecendo um referente de autoridade e responsabilidade sobre o escrito, do autor que se revela com sua *assinatura autoral*.

Aquela não teria sido a única estratégia de publicidade da casa Garnier no *Jornal das Famílias*. Em várias narrativas de ficção publicadas em periódicos editados por Garnier, o editor aparece como personagem secundária, como no final do conto “A vida eterna”, assinado “Camillo da Anunciação”, publicado no *Jornal das Famílias* em janeiro de 1870, sobre o qual Bignotto comenta:

> – Por que não escreves o teu sonho ao *Jornal das Famílias*?
> – Homem, talvez.
> – Pois escreve, que eu o mando ao Garnier.
>
> Estratagema parecido é usado em “O Caminho de Damasco”, assinado por “Job”, em que a Livraria Garnier é parte do cenário. A casa editora ou o editor Garnier são mencionados em vários contos e romances publicados em seus periódicos. É

[59] CRESTANI, 2009, p. 80-9.
[60] ASSIS, Machado de. *Histórias da Meia Noite*, 1977, p. 222, nota 1273. A versão e as datas foram alteradas quando da publicação em livro.

> possível que essa tenha sido uma das ações que integravam a "filosofia de vendas mais agressiva, muito comum ao comércio livreiro parisiense", que, segundo Ubiratan Machado, o editor teria introduzido no país, a partir de 1858.[61]

Em todo o caso, a polêmica gerada em torno de "Confissões de uma viúva moça", bem como a atuação e a figuração do nome do autor em *A Estação* passam a fazer parte da dinâmica dos textos de Machado de Assis, demonstrando o poder de disponibilização desse nome, mas também certa diluição das fronteiras entre as categorias "vida" e "obra" e das abordagens que se queiram analítico-estéticas ou sociais, uma vez que o conjunto dos textos mistura temas ficcionais (os maus leitores e as leitoras, por exemplo) com polêmicas publicadas em colunas até mesmo de outros periódicos, que não aquele em que foi publicado o conto. Seja por meio do tema ("os maus leitores"), seja por meio da menção de seu nome e de sua obra, através da carta de uma leitora que assina como "Alzira C.", ou das figurações de seu nome como escritor e editor, a assinatura e a imagem de Machado de Assis são refratadas e ficcionalizadas, promovendo de maneira inevitável um caminho de "mão dupla" entre o contexto/materialidade de sua publicação e o interior da ficção de seus romances e contos, que não saem impunes dessas estratégias de promoção.

A organização das diferentes assinaturas que utilizou em torno daquele *nome de autor* fica evidente quando analisamos a *seleção* de textos para composição de volumes/coletâneas. Ao analisarmos os volumes de contos, gênero em que o escritor variou as assinaturas mais do que em qualquer outro (registramos 30 assinaturas) verificamos que, a partir de certo momento, os textos recolhidos em livro foram publicados nos periódicos, que geralmente recebiam do autor dos contos diversas assinaturas e pseudônimos, já com a assinatura "Machado de Assis". Isso sugere que, com o passar do tempo, Machado de Assis, com seu *nome literário* bem estabelecido, já assinava com ele os contos que pretendia recolher posteriormente em livro. De modo que, e para exemplificar, se em *Contos Fluminenses* (1870) o autor reuniu contos publicados sob diversas assinaturas, em *Páginas Recolhidas* (1899) coligiu textos já publicados nos jornais sob a assinatura "Machado de Assis", conforme se verifica nas tabelas abaixo.

Ainda assim, muitos contos que levaram a assinatura "Machado de Assis" ficaram nas páginas dos periódicos e não foram recolhidos em livro. De modo geral, percebe-se que durante os anos de colaboração com *A Marmota*, *O Futuro*, *Jornal das Famílias*, *Semana Illustrada*, *Diário do Rio de Janeiro*, *A Época*, *O Globo* e *O Cruzeiro* (1858-1878), embora uma quantidade considerável de contos tenha levado seu *nome literário* (de cerca de 110 contos, 25 levaram a assinatura "Machado de Assis" e 1 "Machado d'Assis"), apenas dois ("O segredo de Augusta", de *Contos fluminenses* e "Ponto de vista", de *Histórias da Meia-Noite* ) foram recolhidos em livro.

[61] BIGNOTTO, Op. Cit. p. 182

Nesse período, o escritor utilizava tal assinatura, ou variações de seu nome civil, como “M. A.”, “M. de A.”, “M. de Assis”, “J. M. Machado de Assis”, “J. M. M de Assis”, “M.” ou “M. D’A”, predominantemente em outros gêneros: poesia, alguns textos críticos, teatro, pareceres para o Conservatório Dramático, prefácios e posfácio para livro de outros autores e na “novela” *A mão e a luva* (que saiu no periódico *O Globo* com a assinatura “Machado de Assis”). Enquanto isso, os contos, até o final de 1875, recebiam os mais diversos pseudônimos: “J. J.”; “Otto”, “Lara”, “Job”, “O. O.”, “Max”, “Victor de Paula”, “J. B.”, “Maximo”, “Milliès”, “A.”, “X.”, “Marco-Aurélio”, “F...”. Percebe-se que foi mesmo a partir do final do ano de 1875, quando sua produção poética já vai escasseando, que o escritor, mesmo no *Jornal das Famílias*, onde sustentava a maior variedade de assinaturas, passa a assinar os contos também com subscrições mais próximas de seu *nome literário*. Embora ainda sustente alguns pseudônimos, a partir dessa época passam a aparecer com muito mais frequência contos em *A Estação* e no *Jornal das Famílias* assinados “M.”, “M. A.”, “M. de Assis” e “Machado de Assis” e algumas vezes entre as décadas de 80 e início da de 90, “M. de A.”.[62]

[62] A relação dos dados aqui mencionados pode ser conferida mais detalhadamente no Anexo 2.

Quadro 3: Assinaturas dos contos reunidos em livro [1]

| ***Contos fluminenses* (1870)** | ***Histórias da meia-noite* (1873)** | ***Papeis avulsos (*1882) - Lombaerts & Cia.** |
|---|---|---|
| **B. L. Garnier** | **B. L. Garnier** | |
| Miss Dollar: Publicado pela primeira vez nesse volume | A parasita azul: **Job** (*Jornal das Famílias*, junho-setembro de 1872) | O Alienista: **Machado de Assis** (*A Estação*, outubro de 1881 a março de 1882) |
| Luís Soares: **J.J.** (*Jornal das Famílias*, janeiro de 1869) | As bodas de Luís Duarte: **Lara** (*Jornal das Famílias*, junho-julho de 1873) | Teoria do medalhão: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 18 de dezembro de 1881) |
| A mulher de preto: **J.J.** (*Jornal das Famílias*, abril-maio de 1868) | Ernesto de Tal: **J.J.** e **Job** (*Jornal das Famílias*, março-abril de 1873); A primeira parte (março) saiu assinada com **J.J.** e a segunda (abril) com Job. | A chinela turca: **Manassés** (*A Epocha*, 14 de novembro de 1875) |
| O segredo de Augusta: **Machado de Assis** (*Jornal das Famílias*, julho-agosto de 1868) | Aurora sem dia: **Victor de Paula** (*Jornal das Famílias*, novembro-dezembro de 1870) | Na arca: **Eleazar** (*O Cruzeiro*, 14 de maio de 1878) |
| Confissões de uma viúva moça: **J.** (*Jornal das Famílias*, abril-junho de 1865) | O relógio de Ouro: **Job** (*Jornal das Famílias*, abril-maio de 1873) | D. Benedita: **Machado de Assis** (*A Estação*, abril-junho de 1882) |
| Linha reta e linha curva: **Job** (*Jornal das Famílias*, outubro-dezembro de 1865 e janeiro de 1866) | Ponto de vista (quem desdenha): **Machado de Assis** (*Jornal das Famílias*, outubro-novembro de 1873. | O segredo do bonzo: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 30 de abril de 1882) |
| No manuscrito da peça "*******". | | O anel de Polícrates: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 02 de julho de 1882) |
| | | O empréstimo: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 30 de julho de 1882) |

| | | |
|---|---|---|
| Frei Simão: **M. A.** (*Jornal das Famílias*, junho de 1864) | | A sereníssima república:**Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 20 de agosto de 1882)<br><br>O espelho: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 8 de setembro de 1882)<br><br>Uma visita de Alcibíades: **Victor de Paula** (*Jornal das Famílias*, outubro de 1876)<br><br>Verba testamentária: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 08 de outubro de 1882) |

Quadro 4: Assinaturas dos contos reunidos em livro [2]

| ***Histórias sem data* (1884)**<br><br>**B. L. Garnier** | ***Várias histórias* (1896)**<br><br>**Laemmert** |
|---|---|
| A igreja do diabo: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 12 de fevereiro de 1883)<br><br>O lapso: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 17 de abril de 1883)<br><br>Último capítulo: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 20 de junho de 1883)<br><br>Cantiga de esponsais: **Machado de Assis** (*A Estação*, 15 de maio de 1883)<br><br>Singular ocorrência: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 30 de maio de 1883)<br><br>Galeria póstuma: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 2 de agosto de 1883)<br><br>Capítulo dos Chapéus: **Machado de Assis** (*A Estação*, agosto-setembro de 1883)<br><br>Contos alexandrinos: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 13 de maio de 1883)<br><br>Prima de Sapucaia! **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 24 de outubro de 1883)<br><br>Uma Senhora: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 27 de outubro de 1883)<br><br>Anedota pecuniária: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 6 de outubro de 1883)<br><br>Fulano: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 4 de janeiro de 1884)<br><br>A segunda vida: **Machado de Assis** (Gazeta Literária, 15 de janeiro de 1884)<br><br>Noite de Almirante: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 10 de fevereiro de 1884) | A cartomante: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 28 de novembro de 1884)<br><br>Entre santos: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 1º de janeiro de 1886)<br><br>Uns braços: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 5 de novembro de 1885)<br><br>Um homem célebre: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 29 de junho de 1888)<br><br>A desejada das gentes: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 15 de julho de 1886)<br><br>A causa secreta: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 1º de agosto de 1885)<br><br>Trio em lá menor: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 20 de janeiro de 1886)<br><br>Adão e Eva: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 1º de março de 1885)<br><br>O enfermeiro: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 13 de julho de 1884);<br><br>Com o título “Coisas íntimas”<br><br>O diplomático: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 29 de outubro de 1884).<br><br>Galante registrou “M. de Assis” para esta publicação. (item 715, p.559), mas. no jornal, o conto está assinado como Machado de Assis.<br><br>Mariana: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 18 de outubro de 1891)<br><br>Conto de escola: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 8 de setembro de 1884)<br><br>Um apólogo: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 1º de março de 1885) |

| | |
|---|---|
| Manuscrito de um sacristão: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 17 de fevereiro de 1884)<br><br>Ex cathedra: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 8 de abril de 1884)<br><br>A senhora do Galvão: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 14 de maio de 1884)<br><br>As academias de Sião: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 6 de junho de 1884) | Com o título "A agulha e a linha"<br><br>D. Paula: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 12 de outubro de outubro de 1884)<br><br>Viver!: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 28 de fevereiro de 1886)<br><br>O cônego ou metafísica do estilo: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 22 de novembro de 1885) |

Quadro 5: Assinaturas dos contos reunidos em livro [3]

| ***Páginas recolhidas* (1899)**<br><br>**H. Garnier** | ***Relíquias de casa velha* (1906)**<br><br>**H. Garnier** |
|---|---|
| O caso da vara: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 1º de fevereiro de 1891). | A Carolina: [assinado com asterônimos ***]<br><br>Pai contra mãe: Publicado pela primeira vez nesse volume. |
| O dicionário: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 1º de março de 1885). Com o título "Os dicionários". | Maria Cora: **Machado de Assis** (*A Estação*, janeiro-março de 1898).<br><br>Com o título "Relógio parado"<br><br>Marcha fúnebre: Publicado pela primeira vez nesse volume. |
| Um erradio: **Machado de Assis** (*A Estação*, setembro-novembro de 1894). | Um capitão de voluntários: Publicado pela primeira vez nesse volume. |
| Eterno!: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 9 de setembro de 1884). | Suje-se gordo: Publicado pela primeira vez nesse volume.<br><br>Umas férias: Publicado pela primeira vez nesse volume. |
| Missa do Galo: **Machado de Assis** (*A Semana*, 12 de maio de 1894). | Evolução: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 24 de junho de 1884) |
| Ideias de Canário: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 15 de novembro de 1895). | Pílades e Orestes: **Machado de Assis** (Almanaque Brasileiro Garnier, janeiro de 1903)<br><br>Anedota do Cabriolé: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 02 de junho de 1901) |
| Lágrimas de Xérxes: Publicado pela primeira vez nesse volume. | Lição de botânica: Publicado pela primeira vez nesse volume. |
| Papéis velhos: **Machado de Assis** (*Gazeta de Notícias*, 14 de março de 1883) | |

Conforme se vê, a partir de *Papéis avulsos*, e durante a colaboração com os periódicos *A Estação* e *Gazeta de Notícias*, isto é, entre 1879 e início dos 1900, embora ainda muitos contos com a assinatura "Machado de Assis" tenham ficado de fora, nenhum conto assinado com pseudônimo, ou mesmo iniciais como "M. de A." e "M. A" foi recolhido em livro.

Sobre *Papeis avulsos*, Raquel Campos afirma que "é difícil acreditar que Machado de Assis tenha selecionado ao acaso os contos que sairiam em livro sob seu nome próprio – o que não acontecia necessariamente no periódico, em que aqueles assinados por ele eram minoria frente aos publicados sob pseudônimos".[63] De fato, sabemos que, ao menos em relação aos contos que compõem *Papeis avulsos*, o escritor, apesar de o título e a advertência do livro sugerirem o contrário, publicou-os nos periódicos já com a intenção de reuni-los em livro, conforme conta o escritor em carta a Joaquim Nabuco, datada de 14 de abril de 1883:

> Vê V*ocê* que, se se lembra dos amigos, o correio não o deixa mal, e é pontual transmissor das suas memórias. Oxalá faça o mesmo com o livro que ora lhe envio, *Papéis Avulsos*, em que há, nas notas, alguma coisa concernente a um episódio do nosso passado: a *Época*. Não é propriamente uma reunião de escritos esparsos, porque tudo o que ali está (exceto justamente a *Chinela Turca*) foi escrito com o fim especial de fazer parte de um livro. V*ocê* me dirá o que ele vale. [64]

Assim, também Jacyntho Lins Brandão[65] chama a atenção para o "desenho arquitetônico" de *Papéis avulsos*, programa para o qual, segundo ele, a "Advertência" chama a atenção, provendo uma "estrutura forte" "alinhando os critérios de gênero e temas" e criando uma arquitetura de quiasma, cujo padrão para organização parecem ser "o tema e o processo de reescrita". Assim, Brandão expõe que o livro de contos cria paralelos, nessa estrutura de quiasma, entre aqueles que são "verdadeiramente contos e aquele que são não-contos". Para Brandão, parecem contos "O alienista", "A chinela turca", "D. Benedita", "O empréstimo", "O espelho", que possuem um narrador externo, e não parecem as teorias e diálogos "Teoria do medalhão", "Na arca", "O segredo do bonzo", "O anel de Polícrates", "A Sereníssima República" e "Uma visita de Alcibíades". Essa estrutura não seria possível se três contos aparecessem, em divergência aos demais, fora da ordem cronológica de publicação, "A chinela turca", "Na arca" e "Uma visita de Alcibíades". São esses justamente os únicos três contos

---

[63] CAMPOS, Raquel. Op. Cit., p.137.
[64] ASSIS, *Correspondência*, Tomo II, 14 de abril de 1883, p. 250.
[65] As citações de Jacyntho Lins Brandão derivam, todas, de minhas anotações de sua fala de abertura "A besta do apocalipse e a produção de sentidos em *Papéis avulsos*" no I Encontro Recepção Contemporânea de Machado de Assis: 180 anos, que ocorreu entre 4 de 7 de novembro de 2019, no Instituto de Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

daquela coletânea que na primeira versão apareceram sob pseudônimo, respectivamente Manassés, Eleazar e Victor de Paula.

O estudo das assinaturas e da *seleção* que resulta na recolha em livro, portanto, acaba por contribuir para a revelação de diferentes mecanismos envolvidos na gênese dos escritos machadianos em relação também ao uso dos suportes em que foram publicados. Os processos de seleção e reelaboração de seus próprios textos sugerem um investimento enorme do escritor na sua autoconstrução autoral e a preocupação constante com o modo como será lido e recebido. Sugere, também, o empenho e a atuação de Machado de Assis como editor e crítico de si mesmo.

Desse modo, também parecem corroborar a nossa hipótese, as palavras de José Veríssimo, crítico e amigo de Machado de Assis, em sua *História da literatura brasileira* (1954), naquilo que disse do autor, no capítulo a ele dedicado:

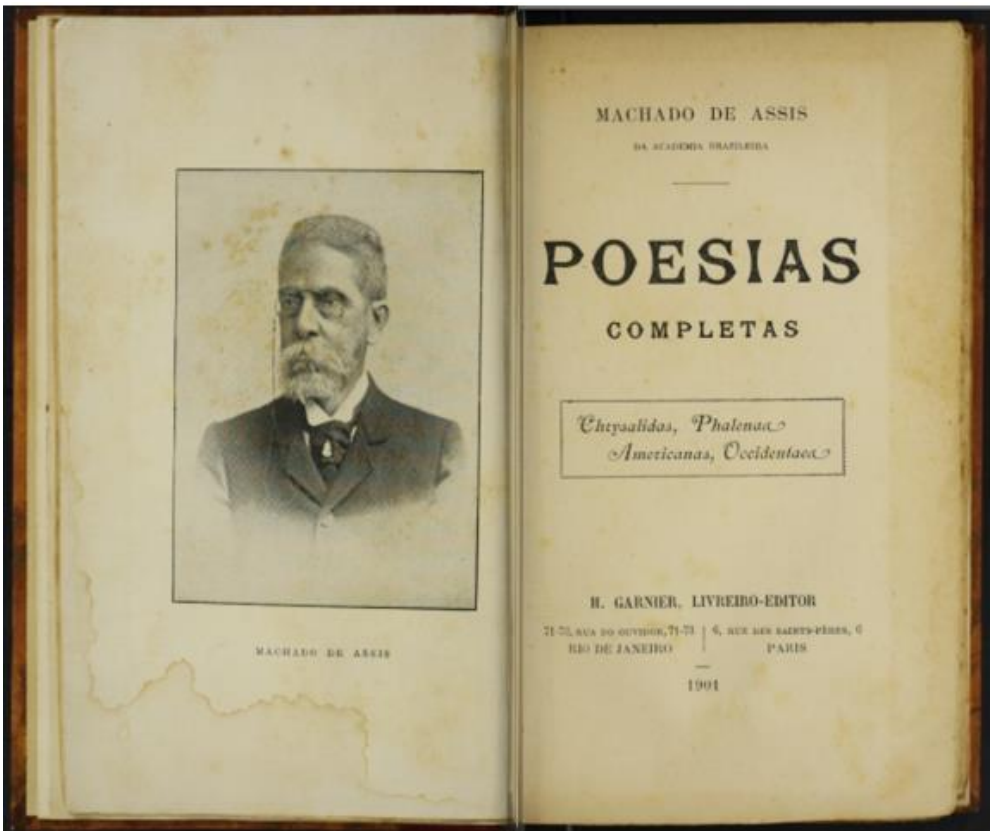
> Ninguém na literatura brasileira foi mais, ou sequer tanto como ele, estranho a toda a espécie de cabotinagem, de vaidade, de exibicionismo. De raiz odiava toda a publicidade, toda a vulgarização que não fosse puramente a dos seus livros publicados. Do seu trabalho literário, como de tudo o que lhe dizia respeito, tinha um exagerado recato. Refugia absolutamente às confidências tanto pessoais como literárias. Por cousa alguma quisera que as humildes condições em que nascera servissem para exalçar-lhe a situação que alcançara. Ao seu recatadíssimo orgulho repugnava, como um expediente vulgar, fazer entrar no lustre que conquistara esse elemento de estima. A *sua biografia eram os seus livros*, a sua arte a sua prosápia. (p. 343. Grifo nosso)

Como vimos, desde as primeiras publicações houve uma tendência para o uso de assinaturas próximas do nome civil do escritor, ou que não oferecessem nenhum tipo de dificuldade de ligação com sua *persona* e mesmo com seu *nome de autor*, quando da publicação de poemas. Essa característica se manteve quando da reunião e publicação de suas *Poesias completas*. Ao lado da folha de rosto do livro, as duas primeiras edições (1901/1902) foram as únicas entre todas as edições publicadas em vida a trazerem uma foto de Machado de Assis (o nome do autor, inclusive, aparece abaixo da foto), esfumaçada de modo abaulado na parte inferior, produzindo uma espécie de busto do autor. A foto figura ao lado da folha de rosto, que exibe a ligação com a Academia Brasileira e as indicações do editor. Na página seguinte, uma "Advertência", assinada novamente "Machado de Assis", em que o autor além de mencionar "sem mentir" que lhe "pediram" a reunião dos versos (como se desse testemunho de uma espécie de aclamação pública), afirma também ser "verdade anterior" de sua "intenção"[66]

[66] "Podia dizer, sem mentir, que me pediram a reunião de versos que andavam esparsos; mas a verdade anterior é que era minha intenção dá-los um dia. Ao cuidar disto agora achei que seria melhor ligar o novo livro aos três

publicar tal volume. A junção de todos esses elementos (a foto do autor como uma espécie de vulto ou de busto, a reiteração do *nome de autor*, a menção da ABL, e a "Advertência" assinada "Machado de Assis", em que Machado de Assis fala não apenas dos pedidos do público, mas da sua própria "intenção anterior" na publicação do livro) constituem uma espécie de culminação do investimento na sua figura e na *autoridade* de sua imagem e assinatura autorais, que fora iniciado com sua produção nesse gênero e no teatro.

Figura 11: Foto de Machado de Assis e folha de rosto da primeira edição de *Poesias completas*




Fonte: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin

Entretanto, Machado de Assis não deixou, depois disso, de se preocupar com a associação do seu nome à Academia Brasileira. É o que parecem indicar as diversas folhas de rosto que o autor idealizou para o romance *Esaú e Jacó*,[67] nas quais faz questão de que seu nome seja seguido do título de pertença "da Academia Brasileira". Luciana Antonini Schoeps,

publicados, *Crisálidas*, *Falenas*, *Americanas*. Chamo ao último *Ocidentais*." in ASSIS, *Poesias Completas*, 1901, disponível em https://digital.bbm.usp.br/view/?45000018584&bbm/5229#page/22/mode/2up. Acesso em 28 de dezembro de 2020.

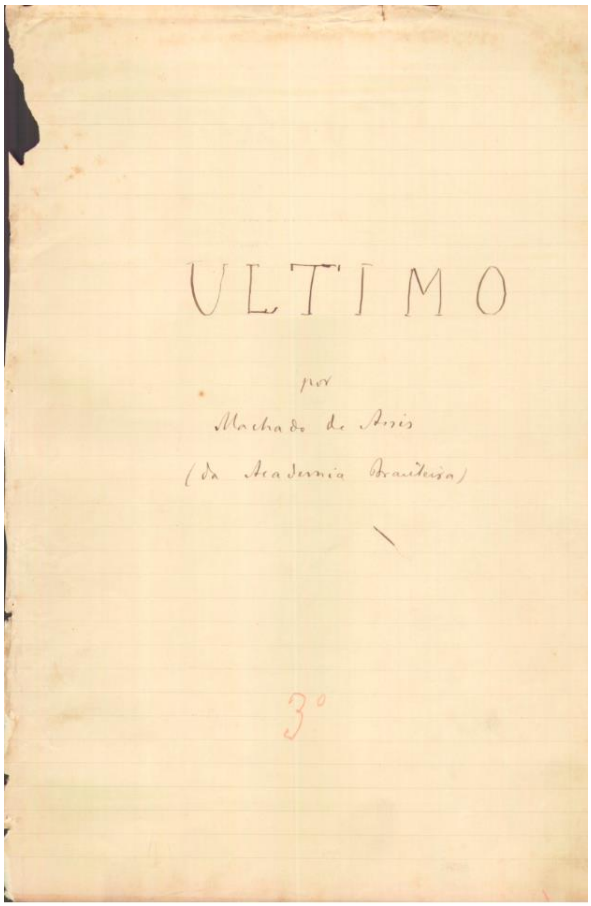
[67] O manuscrito do romance foi digitalizado e disponibilizado pela ABL em seu arquivo digital e pode ser acessado através do site: http://servbib.academia.org.br/arquivo/index.html. Acesso em 03 de julho de 2018.

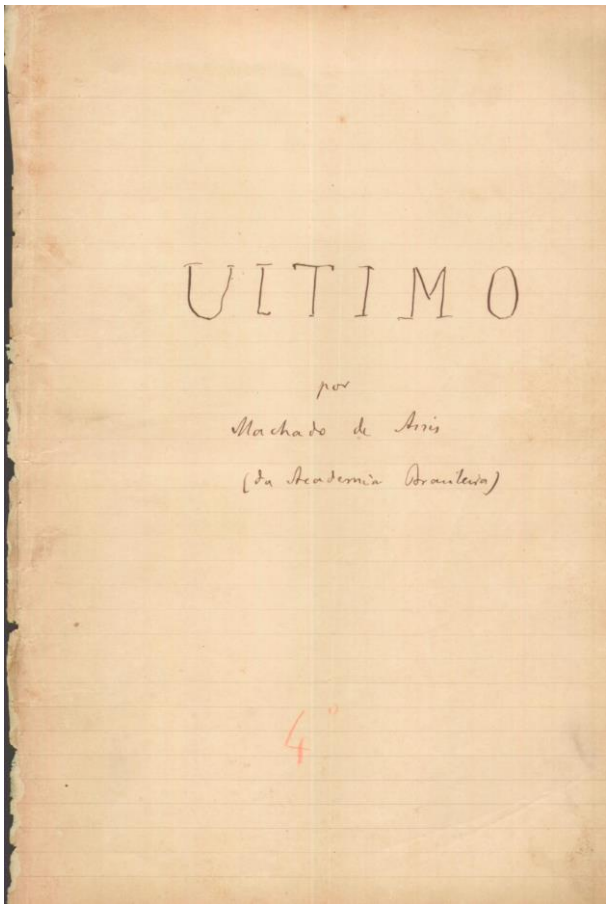
analisando o manuscrito do romance, notou que o escritor se mostra claramente preocupado com o aspecto que teria o livro, pois, além de efetivar mudanças significativas no estado do manuscrito, esboça considerações que revelam o controle que mantinha em relação à materialidade da edição (sua forma física, dimensão do tomo, quantidade de páginas, tipo de papel e elementos tipográficos), e à sua recepção e legibilidade. É nesse sentido que Schoeps, quando deparou com a série de folhas de rosto repetidamente desenhadas com a letra de Machado de Assis, constantes entre as outras folhas do manuscrito e com o antigo título do romance, *Último*, diz que parecia haver no escritor o desejo de visualizar os efeitos de espacialização dos caracteres na capa do livro, preocupado com o modo como sua obra, em sua materialidade, seria recebida pelo público. Uma carta de Garnier enviada ao escritor em 8 de outubro de 1899 mostra, também, a participação ativa do autor no tocante aos paratextos, uma vez que o editor lhe garante que estará "atento para que as menções da *Academia Brasileira* e *Nova edição* não estejam ausentes", como ocorrera por ocasião da tiragem precedente. Por toda a atuação na configuração dos elementos paratextuais, bem como por sua insistência de que a indicação de sua filiação à ABL aparecesse na capa, Schoeps interpreta a atitude de Machado de Assis:

> como se ele apontasse para a necessidade de circunscrever a legibilidade de sua obra literária dentro de determinado campo literário-intelectual institucionalmente referendado. Mostra-se com isso que ele participava ativamente da construção da imagem de sua assinatura autoral ou, poder-se-ia dizer, de sua imagem autoral.[68]

[68] SCHOEPS, 2016, p.73-5.

Figura 12: Duas das sete folhas de rosto que constam no conjunto de manuscritos de Esaú e Jacó




Fonte: Academia Brasileira de Letras

O processo de estabelecimento, consagração e autoconsagração de seu *nome de autor*, iniciado com a publicação dos primeiros livros e pela reprodução desse nome em traduções, dedicatórias, pareceres, e mesmo em seu cartão de visita, atinge seu apogeu com a criação da Academia Brasileira de Letras, a partir da qual o nome da instituição passa a figurar como uma espécie de segundo sobrenome do autor, selo ou espécie de epíteto.

Quadro 6: Frontispícios das primeiras edições de *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*.

Fonte: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin.

Como se sabe, o escritor empenhou-se na fixação desse qualificativo, incentivando os colegas acadêmicos a também fazerem essa indicação. Ele chegou a lembrar Hippolyte Garnier de incluí-la em seus livros, conforme se verifica em cartas ao editor francês. O título passa a andar associado à sua assinatura de autor, conferindo a ela o valor simbólico da instituição e, ao mesmo tempo, conferindo à instituição o peso simbólico da assinatura “Machado de Assis”.

## 1.2 Cenografia e direito autoral

As assinaturas utilizadas por Machado de Assis em contratos e outros documentos jurídicos, ou mesmo em pareceres, bem como outros paratextos que apareceram em seus livros, também reforçam a ideia de um movimento em direção a um efeito de estabilização e institucionalização de sua imagem autoral, tomando lugar no debate presente na cena literária do século XIX em torno dos direitos autorais.

Sendo um recurso facultativo e nem sempre explícito, a assinatura não é, ou não é sempre, um mecanismo de reenvio automático à enunciação da obra, mas faz evocar um sujeito

empírico, como um pintor em particular, por exemplo, desencadeando uma relação metonímica entre aquele que assina e os sistemas de propriedade intelectual.[69]

Como se sabe, é recente a regulamentação e a noção de *propriedade literária*, como era então chamado e reivindicado, sobretudo por escritores, aquilo que agora se chama direito autoral. No Brasil, sua configuração mais remota é encontrada no Código Criminal, Lei de 16 de dezembro de 1830. Antes, porém, o primeiro diploma a conter alguma referência ao assunto, embora ainda de forma indireta, é a Lei que cria duas faculdades de Direito, em São Paulo e em Olinda, de 11 de agosto de 1827,[70] cujo artigo 7º garantia aos Lentes (autores) dos materiais didáticos (compêndios) por eles elaborados para o ensino nas recém criadas instituições "privilégio exclusivo da obra por dez anos".[71] De qualquer modo, como vimos, foi o Código Criminal de 1830 que, unindo a autoria ao conceito de propriedade, comum às propriedades materiais, seria a referência para a punição de contrafações de obras.

Se na Constituição do Império, de 25 de março de 1824, a Lei assegurava aos "inventores" o "privilégio exclusivo temporário" sobre suas "descobertas" ou "produções",[72] e, portanto, não garantia amparo aos "autores" brasileiros,[73] o Código Criminal de 1830, no artigo 261, instituiu o direito pioneiramente na América Latina,[74] dando ao autor a exclusividade de "imprimir, gravar, litografar ou introduzir quaisquer escritos ou estampas, que tiverem sido feitos, compostos ou traduzidos por cidadão brasileiros em quanto estes viverem, e dez anos depois da sua morte, se deixarem herdeiros."[75] É possível que o artigo, que punia o delito de furto, além de procurar proteger os autores de materiais didáticos, conforme mencionamos, tenha sido incluído em razão do crescimento da pirataria de livros.

Em discurso proferido em um dos congressos realizados em Lisboa em 1880 pela Association Littéraire et Artistique Internationale, fundada por Victor Hugo,[76] que levou à criação da Convenção da União de Berna (1886), M. Louis Ulbac menciona o Brasil como

---

[69] JUNQUEIRA, 1995, p.167.
[70] Cf. CHAVES, Antônio. *Direito do autor*: I princípios fundamentais. Rio de Janeiro: Forense, 1987. p.28.
[71] Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM.-11-08-1827.htm. Acesso em 08 de dezembro de 2019.
[72] Artigo 179, item XXVI. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em 8 de dezembro de 2019.
[73] Cf. BIGNOTTO. op. cit. p.94.
[74] Cf. CHAVES, Antônio. *Direito do autor*: I princípios fundamentais. Rio de Janeiro: Forense, 1987. p.28.
[75] Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM-16-12-1830.htm#art60. Acesso em 8 de dezembro de 2019.
[76]Victor Hugo foi importante influenciador no debate sobre direito autoral. O congresso fez parte do processo que levou à criação da Convenção da União de Berna (1886), convenção voltada aos direitos autorais, à qual o Brasil aderiu apenas em 1932, cf. https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-22120-22-novembro-1932-560131-publicacaooriginal-82737-pe.html. Acesso em 9 de dezembro de 2019.

"paraíso por excelência da pirataria literária" e diz que "espera que os saqueadores se cansem de sua pilhagem e que o Império liberal do Brasil tome a iniciativa da probidade literária."[77]

Analisando o projeto de lei apresentado por José de Alencar (um dos três projetos de lei apresentados ao parlamento imperial antecedendo a Lei Medeiros e Albuquerque, destinados a proteger a propriedade literária no Brasil),[78] Rodrigo Camargo de Godoi identifica no modo como o autor revela-se preocupado com a "representação pública" de seus textos uma raiz na experiência histórica do escritor:

> Em 1858, sob a acusação de imoralidade, sua peça *As asas de um anjo* foi retirada de cartaz pela polícia após a terceira representação. Na ocasião, Alencar indispôs-se publicamente, e com boa dose de razão, com o Conservatório Dramático Brasileiro que a princípio havia considerado a peça apta para os palcos. No entanto, é interessante observar que, ao imprimir a peça, ele fez questão de estampar no volume a seguinte advertência: "Esta comédia, embora impressa, não pode ser representada sem licença do autor" (Alencar, 1860: VI). O volume contendo *O demônio familiar* (1858), peça de Alencar publicada dois anos antes, não trazia advertência semelhante. Isso sugere que, depois do episódio envolvendo *As asas de um anjo*, Alencar passou a zelar pela encenação de suas peças publicadas.[79]

Desse modo, também o drama *Mãe* (1862) recebera a ressalva de que não poderia ser "representado sem licença do autor",[80] mas a advertência não tinha amparo em nenhuma lei específica.[81] Seja como for, vale dizer que a representação de peças sem autorização dos autores era comum, mas mesmo quando realizadas sob sua autorização, os lucros provenientes ficavam geralmente nas mãos dos editores e empresários, deixando os autores, muitas vezes, "a ver navios".[82]

É proveitoso notar que a ressalva sem amparo em nenhuma lei específica que passou a aparecer nas obras do autor de *As asas de um anjo* também passou a constar nas obras de Machado de Assis. Se em *Desencantos – fantasia dramática* (1861)[83] e *Queda que as mulheres*

---

[77] "Le Brésil est le repaire par excellence do la piraterie littéraire."; "souhaitons que les pillards se lassent de leurs rapines et que l'Empire libéral du Brésil prenne l'initiative de la probité littéraire." in RASTIBONNE, M. Louis; LERMINA, M. Jule; Pouillet, M. Eugène. *Exposition Universelle de Paris -1889. Association littéraire et artistique internationale – son histoire – ses travaux – 1879-1889*. Paris: Bibliothèque Chaconarc, 1889. p. 79. Disponível em https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5577520s?rk=42918;4. Acesso em 9 de dezembro de 2019.

[78] Os outros dois projetos são de autoria de Aprígio Justiniano da Silva Guimarães (em 1856) e Bernardo Avelino Gavião Peixoto (em 1857). Os três projetos, com ênfase no projeto de Alencar, foram analisados em GODOI, Rodrigo Camargo de. José de Alencar e os embates em torno da Propriedade Literária no Rio de Janeiro (1856-1875). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 30, no 62, p. 573-596, setembro-dezembro 2017. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/eh/v30n62/0103-2186-eh-30-62-0573.pdf. Acesso em 1 de dezembro de 2019.

[79] GODOI. op. cit. p.585.

[80] A edição foi digitalizada pela Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin. Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4635. Acesso em 9 de dezembro de 2019.

[81] Como também notou Bignotto. op. cit. p.179

[82] GODOI. op. cit. p.577.

[83] Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4663. Acesso em 6 de dezembro de 2019.

*têm para os tolos* (1861),[84] a ressalva não apareceu, em *Teatro* (1863) lê-se ao lado da carta do escritor a Quintino Bocaiuva, que abre o volume: "Estas comédias, embora impressas, não podem ser representadas sem licença do autor".[85] A presença do autor fica ainda reiterada não apenas com a referida carta, em que o escritor declara que vai publicar o livro e pede a opinião do amigo, mas também na "Carta ao autor", resposta dada por Bocaiúva que segue no volume.

Assim, também a comédia *Os deuses de casaca* (1866) leva ao lado da folha de rosto, em que se estampa o nome Machado de Assis, a advertência "Esta comédia não pode ser representada sem licença do autor", à qual se segue uma dedicatória do livro a José Feliciano de Castilho, assinada em caixa alta "O AUTOR".[86] No caso de *Os deuses de casaca*, há ainda, em seguida, uma terceira menção ao autor, pois o personagem "Prólogo", que abre a peça, após falar de si, fala da peça e do "poeta", demonstrando como Machado de Assis, já em 1866, começava a diluir as fronteiras paratextuais e a fazer da autoria também matéria de sua ficção:

> E a peça? A peça é nova.
> O poeta, um tanto audaz, quis pôr o engenho à prova.
> Em vez de caminhar pela estrada real,
> Quis tomar um atalho. Creio que não há mal
> Em caminhar no atalho e por nova maneira
> Muita gente na estrada ergue muita poeira,
> E morrer sufocado é morte de mau gosto.
> Foi de ânimo tranquilo e de tranquilo rosto
> À nova inspiração buscar caminho azado,
> E trazer para a cena um assunto acabado.[87]

O poeta "audaz", que para "pôr o engenho à prova", toma um atalho, afirma que o fará diferente de "muita gente" que, "em caminhar no atalho e por nova maneira", "ergue muita poeira" e termina por morrer sufocada numa morte de "mau gosto". Para isso, o Prólogo afirma que o poeta, indo de "ânimo tranquilo e de tranquilo rosto", resolveu "passear à noite à rua do Ouvidor".

Tais paratextos, assim dispostos, seja de modo inteiramente intencional e sob o controle de Machado de Assis ou não, contribuem para a criação de uma imagem ou cenografia (para falar com Diaz, 2007) que reforça a noção de *autoridade* do *autor* sobre a obra e seu reconhecimento perante seus pares, no caso da "Carta ao autor", de Bocaiúva. Também encena

---

[84] Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5262. Acesso em 7 de dezembro de 2019.
[85] Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5285. Acesso em 7 de dezembro de 2019.
[86] Disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4685. Acesso em 9 de dezembro de 2019.
[87] op. cit. p.4

uma certa disputa e distância demarcada dos demais autores ("muita gente") que dão início a *Os deuses de casaca*.

O teatro parece ter sido mesmo o gênero que despertou mais discussões em torno da propriedade literária entre os escritores do Rio de Janeiro de então, a exemplo do que se viu em Alencar. Em Machado de Assis, especialmente, a produção nesse gênero, como vimos, participou da definição do nome de autor, a partir das publicações dos livros *Desencantos*, *Teatro*, *Os deuses de casaca* e *Tu só, tu, puro amor*...

Que a ressalva ("Estas comédias, embora impressas, não podem ser representadas sem licença do autor") associada com as reiterações da figura do autor tenha aparecido justamente em *Teatro* é significativo, pois, se na poesia o escritor oscilou entre variações de seu nome civil e sua assinatura autoral, no teatro (justamente sua primeira publicação em livro, com *Desencantos*) seu nome de autor é reiterado e é quase um padrão para os documentos deixados pelo escritor relativos a textos desse gênero.

Já mencionamos que todos os 15 pareceres dados ao conservatório dramático, entre março de 1862 e março de 1864, levaram a assinatura "Machado de Assis". Nas peças que chegaram até nós, vemos também reiterado o nome de autor, como, por exemplo, *Hoje avental, amanhã luva*, publicado em *A Marmota* entre 20 e 27 de março de 1860. Também no volume de *Quase ministro*, publicado em 1864. Assim também as "Ideias sobre teatro", publicadas em *O Espelho* e em *A Marmota*, entre 1859 e 1860. Exceções são *As forcas caudinas*, que em manuscrito aparece assinada com "XXX", mas que foi convertida no conto "Linha reta e linha curva", recolhido em *Contos fluminenses*; *Odisseia dos vinte anos* – fantasia num ato, que foi publicada sem assinatura em 30 de março em *A Marmota*, mas que tem sua autoria declarada no índice do periódico daquele mesmo mês; e "Revista de teatros", série que saiu em *O Espelho* entre setembro de 1859 e janeiro de 1860 com a assinatura "M-as.".[88]

De qualquer modo, a noção de propriedade literária não se restringiu a esse gênero. Assim como observou Godoi em relação ao contrato de venda de *Helena do vale* – como então se chamava o romance que ao fim saiu com o título apenas de *Helena* – firmado entre Machado de Assis e Baptiste L. Garnier em 1876, a transferência de propriedade literária era prática cartorial comum e similar ao que se encontra, por exemplo, nas escrituras de compra e venda de escravos a partir de 1860. Mas diferentemente dos cativos

> a natureza da propriedade literária, que na ocasião Machado transferia a Garnier, baseava-se em determinada noção de trabalho muito cara a juristas e intelectuais no século XIX. Porém, com exceção do artigo 261 do Código Criminal de 1830 e até a promulgação da Lei 496 de 1º de agosto de 1898, não

[88] Cf. SOUSA, 1955.

> havia dispositivo legal no país que garantisse a propriedade literária em sua plenitude. [89]

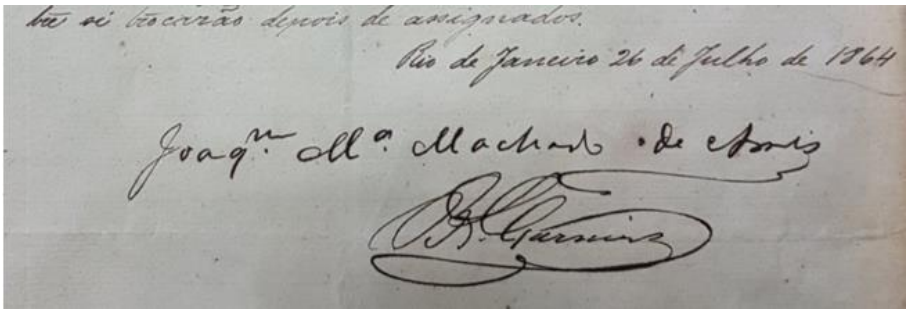
Dentre os intelectuais para quem tal noção de trabalho era muito cara, além de José de Alencar, está o próprio Machado de Assis. Desse modo, encontra-se, também, em outros contratos daquele período entre Machado de Assis, sempre referido como "autor", e B. L. Garnier, referido como "editor", um certo padrão tanto entre os termos da venda da "propriedade plena e inteira" das obras, como das assinaturas utilizadas pelo escritor, conforme se vê no quadro abaixo:

Quadro 7: Assinaturas dos contratos de venda [1]

| Contrato de venda de | Assinatura | Data da assinatura |
|---|---|---|
| *Crisálidas* | Joaq$^{m}$ Mª Machado de Assis | 26 de julho de 1864 |
| *Contos fluminenses* e *Falenas* | Joaq$^{m}$ Mª Machado de Assis | 11 de maio de 1869 |
| *Histórias da meia-noite* e *Ressurreição* | Joaq$^{m}$ Maria Machado de Assis | 30 de setembro de 1869 |
| *Helena do Vale* | Joaq$^{m}$ Maria Machado de Assis | 24 de abril de 1876 |
| *Quincas Borba* (1º ed.) | Joaq$^{m}$ M. Machado de Assis | 17 de outubro de 1891 |
| *Várias histórias* | J$^{m}$ M. Machado de Assis | 18 de setembro de 1894 |
| *Quincas Borba* (2º ed.) | J$^{m}$ M. Machado de Assis | 17 de junho de 1896 |
| *Memórias póstumas de Brás Cubas* ("3º ed.") | J$^{m}$ M. Machado de Assis | 17 de junho de 1896 |
| *Iaiá Garcia* | J$^{m}$ M. Machado de Assis | 18 de dezembro de 1897 |

Fonte: Academia Brasileira de Letras

Quadro 8: Detalhes do contrato de venda de *Crisálidas* a B. L. Garnier, com assinatura de Machado de Assis


Rio de Janeiro 26 de Julho de 1864

Joaq.m Mll.a Machado de Assis

B. L. Garnier

[89] GODOI, Rodrigo Camargo de. José de Alencar e os embates em torno da Propriedade Literária no Rio de Janeiro (1856-1875). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 30, no 62, p. 577, setembro-dezembro 2017. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/eh/v30n62/0103-2186-eh-30-62-0573.pdf. Acesso em 9 de dezembro de 2019.

Fonte: Academia Brasileira de Letras

Quando a Lei Medeiros e Albuquerque passa a vigorar, em 1898, vemos que os termos das vendas mudam de "plena e inteira" para "de hoje e para sempre da propriedade plena e perfeita das ditas obras", como ocorreu no contrato com H. Garnier, em que as "ditas obras acima mencionadas" foram "Poesias recolhidas [sic], Dom Casmurro, Brás Cubaz [sic], Quincas Borba, Yayá Garcia, Helena, Ressurreição, a Mão e a luva, Papeis avulsos, Histórias da meia noite, Contos fluminenses, Americanas, Phalenas e Chrisalidas" (16 de janeiro de 1899). Assim, também, os contratos de venda do "direito e propriedade inteira e perpétua" de *Poesias completas* ("J$^{m}$ M. Machado de Assis", de 7 de agosto de 1900); a "propriedade inteira e perpétua" de "Último", como então era o título do livro que viria a sair como *Esaú e Jacó* ("J$^{m}$ M. Machado de Assis", 18 de julho de 1903); e com estes mesmos termos também:[90]

Quadro 9: Assinaturas dos contratos de venda [2]

| Contrato de venda de | Assinatura | Data da assinatura |
|---|---|---|
| *Relíquias de casa velha* | J$^{m}$ M. Machado de Assis | 9 de março de 1905 |
| *A mão e a luva* | J$^{m}$ M. Machado de Assis | 11 de novembro de 1906 |
| *Várias histórias* | Machado de Assis | 27 de maio de 1902 |
| *Memorial de Aires* | J$^{m}$ M. Machado de Assis | 5 de julho de 1907 |

Fonte: Academia Brasileira de Letras

Ao percorrer, portanto, mais de 40 anos de contratos de venda, vemos que após a Lei Medeiros e Albuquerque houve uma preocupação por parte do editor Garnier em realizar a compra de direitos perpétuos das obras de Machado de Assis. De modo geral, percebemos que, excetuando-se o caso do contrato de *Várias histórias*, de 1902, em que consta a assinatura dada com o *nome de autor* "Machado de Assis", em todos os outros contratos consta o nome civil do autor. Abreviando-se sempre a primeira parte de seu prenome (Joaquim) e quase sempre a segunda (Maria), tal assinatura figura e fica reservada como padrão para uso jurídico, destinada a documentos mais formais e oficiais, como são os contratos. Conforme se vê, a assinatura "J$^{m}$ M. Machado de Assis" parece ser mesmo a mais comum e aquela que o escritor utilizou em diversos momentos e por toda a sua vida; ela se encontra também no recibo entregue a Stephani

[90] Os contratos se encontram em posse da Academia Brasileira de Letras. A transcrição da maioria dos contratos citados pode ser encontrada em *Exposição Machado de Assis: centenário do nascimento de Machado de Assis 1839-1939*, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1939. 169-215.

Marie Vienne L., representante do editor Garnier, em 1896.[91] Essa forma de assinatura figurou em quase todos os contratos que Machado de Assis celebrou, havendo poucas variações para a forma "Joaq$^{M}$. Mª Machado de Assis" – todas anteriores a 1891 –; "J M Machado de Assis", com a qual o escritor encerrara uma carta ao Visconde do Rio Branco em 1876,[92] ou "J$^{m}$ Mª Machado de Assis", que figurou em seu segundo testamento, assinado em 31 de maio de 1906.[93]

Como dizíamos, até a promulgação da Lei Medeiros e Albuquerque, em 1898, não havia lei que protegesse plenamente os direitos de autor. Por muito tempo, o Código Criminal de 1830 era a base legal para punir a contrafação. Após a Proclamação da República, entretanto, a reforma do Código Penal, de 11 de outubro de 1891,[94] ampliava as penas relativas ao crime, numa tentativa de regulamentar a propriedade literária.[95] No ano seguinte, a Constituição Republicana, no parágrafo 26 do artigo 72 dispõe:

> § 26 - Aos autores de obras literárias e artísticas é garantido o direito exclusivo de reproduzi-las, pela imprensa ou por qualquer outro processo mecânico. Os herdeiros dos autores gozarão desse direito pelo tempo que a lei determinar.

Mas foi mesmo só em 1898, quando o escritor e então deputado José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque apresentou o projeto que virou a Lei n. 496, em 1º de agosto do mesmo ano, que "define e garante os direitos autorais", que a regulamentação do direito atingiu sua plenitude. Analisando a organização, divisão e agrupamento dos agentes do campo editorial e literário em formação, Bignotto nota que o escritor Medeiros e Albuquerque fazia parte de um grupo de intelectuais republicanos que, desde meados de 1870, vinha trabalhando pela "profissionalização do homem de letras e do campo literário". Fariam parte desse grupo autores como Artur Azevedo, Coelho Neto, Olavo Bilac e Paula Ney.[96] Assim, também se aproximaria desse grupo, no jogo de tensões do campo literário em formação, Salvador de Mendonça, Francisco Otaviano de Almeida Rosa, José de Alencar e Machado de Assis, grupo de amigos que conciliavam profissão liberal ou cargo público às atividades literárias, em oposição àqueles que encarnavam bem a figura do "artista maldito", boêmio,

---

[91] Sobre a importância paga pela 3a edição da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* e na 2a de *Quincas Borba*. Idem: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss_I_07_09_005/mss_I_07_09_005.pdf. Acesso em 1 de julho de 2018.
[92] Referindo-se à passagem da data comemorativa da promulgação da "Lei do Ventre Livre". Idem: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss_I32_36_025.pdf. Acesso em 09 de dezembro de 2019.
[93] Fac-símile reproduzido em *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*, n. 3, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1959, p.14-17.
[94] Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm. Acesso em 10 de dezembro de 2019.
[95] BIGNOTTO. op. cit., p.201.
[96] BIGNOTTO. op. cit., p.204.

submisso à miséria e com ódio ao usurário e ao burguês, como Fagundes Varela e Ferreira de Menezes, por exemplo.[97] O próprio Machado de Assis era conhecido de Medeiros e Albuquerque, de quem emprestara o *Manifesto do partido conservador de São Paulo*, como se vê em carta de 3 de junho de 1882 na qual lhe agradece como "amigo e admirador".[98] Além disso, o escritor fez parte da *Sociedade dos Homens de Letras do Brasil*, criada no início dos anos 1890 por Pardal Mallet, que iniciou uma série de artigos apontando a necessidade de legislação adequada sobre direitos autorais, assim como a organização de uma sociedade de escritores, que defendesse os interesses da classe. Machado de Assis também fez parte da *Sociedade Arcádia Brasileira*, *Sociedade Ensaios Literários*, *Grêmio Literário Português*, da independente "Sociedade Petalógica", de Paula Brito, entusiasmou-se com a *Sociedade Internacional de Poetas*, criada por Victor Hugo na década de 1870, e para qual chegou mesmo a escrever uma carta convidando-a a criar a Sociedade também no Brasil,[99] e, por fim, participou da criação da Academia Brasileira de Letras. Todos esses, poderíamos dizer, indicativos de seu envolvimento nos debates do campo literário em construção em torno dessa profissionalização e institucionalização da literatura e seus autores.

Desse modo, não seria demais dizer, diante dos debates e tensões em torno da definição e regulamentação dos direitos autorais no país, protagonizados por editores, escritores, empresários e políticos, que, de modo discreto, Machado de Assis tenha tomado posição junto aos colegas em favor dos direitos do autor e mesmo de uma profissionalização do escritor.

O efeito sugerido pelos elementos até aqui apresentados é o da reivindicação da autoridade do autor sobre sua obra, mas também de certa refração de sua imagem, ficcionalizada no "poeta" e que passa a fazer parte de seus atributos estéticos, como no caso visto de *Os deuses de casaca*, que é emblemático de um ponto de articulação das assinaturas de Machado de Assis entre diferentes imagens do "AUTOR".

---

[97] Idem. p.194.

[98] ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*, Tomo II, 1870-1889. coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. – Rio de Janeiro: ABL, 2009. (Coleção Afrânio Peixoto; v. 92), p. 225.

[99] Cf. respectivos verbetes em MACHADO, Ubiratan, 2008; MASSA, 2009.

# Capítulo 2: as assinaturas sob o nome Machado de Assis

*Meu nome agora é nenhum,*
*diverso dos muitos nomes*
*que se incrustaram no meu,*
*Délia, Adel, Élia e Lia*
*e para desgraça minha*
*ainda Leda, Lea, Dália,*
*Eda, Ieda e ainda Aia.*

"As palavras e os nomes", Adélia Prado

Embora tenhamos visto, até agora, que nas capas dos livros que publicou Machado de Assis estampou seu nome de autor de modo sistemático e estável, vimos também que o escritor assinou de muitas formas ao longo de sua vida literária: valeu-se de pseudônimos, iniciais, variações do nome civil e símbolos de diferentes tipos que foram e vêm sendo reunidos, recuperados e atribuídos ao autor.

É certo que a pseudonímia, apenas uma das formas de assinatura, era prática corrente nos periódicos da época, de modo que muitos escritores conhecidos e mesmo com seus nomes literários bem estabelecidos operavam, muitas vezes, sob pseudônimo. O que se verifica, contudo, ao percorrer os textos sob o nome Machado de Assis, é uma proliferação de formas usadas como assinatura e uma preocupação, previsão e mesmo incentivo, do escritor, de que elas fossem procuradas, recuperadas e reunidas – assunto de que trataremos neste capítulo. Antes, porém, é necessário situar tais práticas.

## 2.1 O pseudonimato e as práticas de assinatura no século XIX

A verdadeira autoria nem sempre é declarada no frontispício ou ao final de uma obra e pode ser disfarçada ou omitida de modo que dificulte a localização do signatário. Os motivos também nem sempre são apuráveis: "timidez, prudência, mistificação"?[100] Quais seriam, então, as possibilidades de designação de autoria disponíveis a um autor quando da assinatura de uma obra?

Gérard Genette, em *Paratextos editoriais*, menciona três condições principais com as quais um autor pode se revestir: *onimato*, quando assina com o nome do registro civil;

[100] NÓBREGA, Op. Cit., p. 21-2.

*pseudonimato*, quando usa nome falso, emprestado ou inventado; e *anonimato*, quando não assina de forma alguma. Genette chama de *pseudônimo* o conjunto de práticas que consistem em não inscrever na frente de um livro o "nome legal" de seu autor. A instalação de um *autor suposto* é uma variação dessa prática, na qual o escritor atribui uma obra a um autor imaginário, o que diferencia a autoria suposta do pseudonimato simples, através do qual o "autor real" não agrega à obra nada além de um nome imaginário. Esse processo tem como consequência o *efeito-pseudônimo*, que ocorre após o primeiro público – que desconhece o fato pseudonímico e que, portanto, recebe os efeitos do pseudônimo como um nome qualquer – passar a conhecê-lo através da revelação do patronímico por meio de paratexto mais distante (como, por exemplo, uma notícia de jornal, o que Genette chama de epitexto, que vincule um pseudônimo a um nome de autor).[101]

Embora haja uma tendência a entender o *anonimato* como sinônimo de falta ou negação de autoria,[102] o termo "anônimo" é geralmente entendido como texto de quem o autor não foi identificado e, sendo o pseudonimato um subgrupo do anonimato, em ambos os casos o nome legal do autor não está em evidência. Robert J. Griffin explica:

> A conclusão é inevitável: a designação de autoria e as proteções de direitos autorais operam em níveis diferentes do discurso e envolvem conjuntos diferentes de decisões por parte do escritor (se de fato o escritor é mesmo consultado). Quando historiadores de direitos autorais discutem o autor como proprietário, esse autor é uma identidade legal abstrata que não precisa ter um nome específico para funcionar no discurso legal. Nenhuma lei de direitos autorais jamais exigiu que o nome do autor fosse impresso na página de título de um livro ou panfleto.[103]

Sendo um subgrupo do anonimato, a pseudonímia pode assumir diversos nomes, tais como apelidos, nomes de personagens fictícios, nomes próprios capazes de sugerir um papel diferente de gênero, nacionalidade ou profissão do autor real. Por outro lado, Gillian Paku pondera que "uma taxonomia de tais práticas de anonimato é difícil de estabelecer, porque um mesmo indicador pode ou não convidar a outras investigações a respeito de sua ressonância literária", e "algumas vezes, um espaço em branco ou um pseudônimo são simplesmente formas

---

[101] GENETTE, 2009, p. 40-50; ou GENETTE, 1987. p.41-50.
[102] GRIFFIN, 2003, p. 145.
[103] Tradução nossa para o trecho: "The conclusion is inescapable: naming and copyright protections operate on separate levels of discourse and involve separate sets of decisions on the part of the writer. When copyright historians discuss the author as owner, that author is an abstract legal identity that does not need to have a specific name for it to function in legal discourse. No copyright law ever required the name of the author to be printed on the title page of a book or pamphlet." (Idem. p. 1-2.).

de esconder o nome próprio verídico, mas, em outras, a aparente ausência está carregada de significância".[104]

Ciente da dificuldade e da falta de estudos a respeito de assunto importante como o das motivações e processos de ocultação e disfarce de autoria, normalmente considerados como simples curiosidades de história literária, e ciente dos desacordos da terminologia bibliográfica a respeito das práticas de nomeação ou de ocultação e disfarce de um nome de autor, Mello Nóbrega, em *Ocultação e disfarce de autoria*,[105] procurou analisar esses processos em suas múltiplas modalidades, do anonimato completo e voluntário à fixação do *nome literário*. Assim, Nóbrega define cada uma dessas modalidades nas quais algumas das práticas encontradas na obra de Machado de Assis poderiam ser incluídas. É o caso do *inicialismo*, modalidade de assinatura feita com letras tomadas do nome próprio do escritor, precária de elementos identificadores, próxima do anonimato e capaz de produzir e induzir a confusões de autoria, como ocorre com a assinatura "M. A.", usada por Machado de Assis e também por seu contemporâneo Magalhães de Azeredo,[106] além de também ter sido usada por Mário de Alencar.

Segundo Nóbrega, durante a evolução da ciência do livro, a pesquisa de autoria foi sempre o mais direto dos objetivos, pois a *ortonímia* (vinculação da obra escrita a seu autor) constitui o principal fundamento de sua autoridade.[107] Tal atividade é instigante e costuma causar polêmicas quando ocorrem divergências entre especialistas quanto à atribuição de certa obra a certo autor, como por exemplo a questão da fixação ortônima das obras que correm mundo sob o nome de William Shakespeare que, "embora pacificada, não falta quem ainda pretenda reabri-la, como o fez, em 1912, Clément Demblon, em espesso volume de mais de quinhentas páginas, procurando provar que o verdadeiro autor das obras dramáticas imputadas a Shakespeare é Lord Ruthland.".[108]

O motivo é facilmente reconhecível pelas características do funcionamento do nome de autor, no geral, a partir do que formulou Foucault, mas também do que se verifica no conjunto de obras incluídas sob o nome Machado de Assis, em específico, ainda que com particularidades.

---

[104] Tradução nossa para o trecho: "A taxonomy of such anonyms is difficult to establish because the same marker may or may not invite further investigation of its literary resonance. Sometimes a blank space or a pseudonym is simply a way to hide the veridical proper name, but, at other times, the apparent absence is charged with significance." (PAKU, 2015).
[105] NÓBREGA, 1981.
[106] Idem. p.108
[107] NÓBREGA, Mello. Op. Cit., p.14.
[108] Idem. p. 22.

Ainda segundo Nóbrega, as modalidades de pseudonímia são variadas e atendem a diversas intenções e efeitos. São, além da autoria puramente declarada, a *anonímia*, a *apocrifía* (na qual ocorrem confusões autorais, muitas vezes armadas intencionalmente com intuitos meramente prestigiantes),[109] o já citado *inicialismo*, a *estigmonímia*, *asteronímia*, a *criptonímia* (na qual Nóbrega inclui uma assinatura como "A.s.", usada por Machado de Assis, na categoria de alteração/descaracterização onomástica por abreviação),[110] a *alonímia*, a *heteronímia*, a *pseudonímia* (da qual participa o abreviamento do nome civil – normalmente os prenomes –, sendo a assinatura completa reservada para os atos e cerimônias sujeitas ao formalismo jurídico). Incluem-se, também, os *criptônimos*, a *metonomásia* e *aristonímia*, o *nome religioso*, a *axionímia*, a *prosonímia* (categoria em que se incluem os nomes *legais*, *históricos* e *consuetudinários*, os *nomes de guerra* – mais comuns no ambiente do teatro –, as *alcunhas*, *apelidos* e *hipocorísticos*) e, por fim, o *nome literário*,[111] que, como já sabemos, é de longe o mais conhecido e menos rocambolesco, por ser aquele que identifica o autor sem que haja qualquer efeito de ocultamento, ainda que ele seja diferente de seu nome civil.

Machado de Assis serviu-se de muitas dessas modalidades ao longo de sua obra. A assinatura "M-as.", por exemplo, que apareceu nas páginas de *O Espelho*, poderia ser classificada, numa análise inicial que levasse em consideração apenas o par *nome civil-assinatura*, do mesmo modo que a assinatura "A.s.", isto é, como *criptônimo*, sob o artifício da descaracterização onomástica por abreviação. Poderia ser também classificada como *pseudônimo*. Casos como esse são o motivo de mantermos ainda aqui, de modo geral, o uso do termo "assinatura", reservando-se a nomenclatura e a categorização das formas de assinar para quando forem proveitosas para as análises deste estudo.

Além disso, no século XIX não era incomum que autores usassem os termos "pseudônimo" e "assinatura" indistintamente. Em uma crônica publicada na *Gazeta de Notícias*, em 25 de julho de 1897, Olavo Bilac, sob a assinatura "s. a.", revela que os pseudônimos não significavam necessariamente ocultação do nome, mas que muitos deles eram pensados para demarcar diferentes estilos de um autor. A pertinência do assunto tratado na crônica de Bilac justifica a longa transcrição:

> Trataremos, porém, do projeto de lei sobre o anonimato da imprensa.[...].
> Pelo projeto, não fica proibido o anonimato: fica proibido o pseudônimo.
> Por quê? Há pseudônimos que são mais conhecidos do que os nomes dos escritores que os usam... Não seria mais prático exigir apenas que em cada redação

[109] Idem. p. 84.
[110] Idem. p.114-5. Até o momento não encontramos tal assinatura. É possível que Nóbrega estivesse se referindo à assinatura "As.", que assinou a polêmica "Os cegos", mencionada anteriormente.
[111] Os termos são definidos ao longo de todo o livro de Mello Nóbrega, o qual reserva um capítulo para cada termo.

> ficassem registrados, ao lado dos pseudônimos, os nomes verdadeiros dos colaboradores?
>
> [...] O art. 31 do substitutivo diz terminantemente:
>
> "Os artigos de colaboração trarão a *assinatura dos autores respectivos*".
>
> Poderá a ilustre comissão objetar que quando diz *assinatura*, quer dizer *assinatura de nome, ou de pseudônimo conhecido*. Mas isso não está claro, e é preciso que fique claro, para evitar complicações futuras. Tanto mais quanto o art. 61, referindo-as às publicações de livraria, frisa bem a proibição formal do anonimato ou do pseudonimato...
>
> Ora, vejamos: haverá por aí quem não saiba quem são Lulu Sênior, Fortúnio Calibã, Gavroche, Alselmo [sic] Ribas, Pierrô, Puck, Puff, Bob, Pojucã, Proudhomme, Alter Ego, Gil Paz, Lulu Júnior e as *cinco penas amigas do Cavalo Branco d'O Filhote*?
>
> O uso do pseudônimo não quer dizer que o escritor não queira assumir a responsabilidade do que escreve: todo mundo sabe, por exemplo, que Patrocínio é Proudhomme e que Proudhomme é Patrocínio. Mas, na produção intelectual de um jornalista, como na de um artista, há sempre a parte séria a que o escritor dá seu verdadeiro nome, e a parte leve, humorística, que bem pode correr por conta de um pseudônimo transparente.
>
> Para cada estilo, cada assinatura. Ferreira de Araújo, quando escreve o rodapé das *Quintas* nesta folha ou o dos *Sábados* n'*O Filhote*, com a assinatura Lulu Sênior não tem a mesma [*****] com que na sua qualidade de redator chefe da *Gazeta* escreve as *Cousas Políticas*.
>
> Mas se todo mundo sabe que Lulu Sênior é ele, que importa o pseudônimo?
>
> Ai de nós, cronistas! tudo quanto escrevemos, cai sob a alçada daquele art. 31 do substitutivo, segundo o qual fica proibido o pseudônimo em tudo quanto for "sátira ou crítica de costumes"...
>
> É preciso que a lei seja clara: a lei proibirá ou não proibirá o uso de pseudônimos nos artigos de colaboração da imprensa?
>
> Veja bem a ilustre comissão da câmara: se as leis, quando são claras, dão lugar a tanta chicana e tanta perfídia, que não será, quando elas derem para ser obscuras?
>
> Quem pergunta, quer saber, e querer saber não é crime: nós queremos saber se aquele art. 31 do substitutivo admite, como assinatura legal, a assinatura do pseudônimo conhecido. E aqui fica a *Crônica* à espera de uma resposta.[112]

Contextualizamos: tão logo nasceu a República, houve um retrocesso em relação às leis de liberdade de imprensa. Já em 23 de dezembro de 1889, foi promulgado o que ficou conhecido como "Decreto-Rolha", determinando que fossem julgados pelo ministro da Guerra aqueles que conspirassem com palavras, escritos ou atos contra a República. O Código Penal, em vigor desde 11 de outubro de 1890, proibia a publicação de textos sem assinatura na imprensa – fossem "crônicas, notícias, apedidos, anúncios ou mesmo anedotas".[113]

A pena ácida de Bilac não deixou de comentar e mesmo duvidar das medidas de censura que foram sendo incorporadas naquela virada de século. Bilac já havia criticado o governador Barbosa Lima pelo mesmo motivo, isto é, ter enviado ao Congresso o projeto de lei à qual o

---

[112] DIMAS, 2006. p.239-40.
[113] SCHERER, p. 153-162.

escritor se refere na crônica citada, e que trata de uma das questões mais discutidas àquela época pelos homens de imprensa, até então considerada uma prática comum, a pseudonímia:

> O uso de pseudônimos era prática mais do que comum na virada do século, como relatou e explicou Brito Broca (1957) no artigo *O anônimo e o pseudônimo na literatura brasileira*, para quem a não publicação dos verdadeiros nomes dos autores era uma questão de dignidade pública. Usavam-se assim apelidos para divulgar crônicas, novelas, contos, artigo, poemas e mesmo notícias cujos textos haviam sido redigidos por eminentes figuras da sociedade. Outro fator preponderante para o uso prolífico dos pseudônimos estava relacionado com as condições de trabalho. Ao ter que exercer o ofício em diversos veículos de comunicação ao mesmo tempo, condição essencial para poder viver da profissão, os homens de letras utilizavam diversos nomes fictícios para assim esconder suas imperfeições e incoerências, além de criar máscaras para autores fictícios com todos os estilos possíveis.
> [...]
> Entretanto, a proibição do uso do pseudônimo foi incorporada na primeira Lei de Imprensa brasileira, promulgada, em 31 de outubro de 1923, e se manteve nos textos posteriores, inclusive no que está em vigência atualmente.[114]

A adoção de diferentes assinaturas pode significar, como disse Bilac, uma segmentação de *estilos* realizados por um autor, mas pode ter ainda outros valores, razões de ser e implicações, sejam de ordem social-histórica, sejam de ordem estético-literária. Em uma crônica intitulada "Teoria e Prática do Pseudônimo", assinada por Antônio Crispim (pseudônimo de Carlos Drummond de Andrade),[115] publicada no *Correio da Manhã*, o cronista discute a prática: "O primeiro motivo do pseudônimo é pois uma razão de ordem estética, mas de estética aplicada ao êxito social. O nome deixa de conter uma possibilidade cômica, para sugerir algo de simpático, atraente, emotivo". Crispim nos conta que "houve um tempo, por exemplo, em que era elegante passar para o grego o patronímico recebido no berço" e que tal brincadeira poderia ser entendida como vaidade. Haveria outros motivos, diz Crispim, psicológicos ou práticos, mas o caso dos mais curiosos "é o do travesti, escritores de um sexo que adotam nomes correspondentes ao do outro" e que no domínio literário poderia ser interpretado como "expressão de um temperamento inclinado à brincadeira".[116] Muitas podem ser, portanto, as razões e efeitos da assinatura de um texto.

---

[114] Idem, p.159-60.

[115] Drummond era um entusiasta do assunto e chegou ele mesmo a atribuir pseudônimos a Machado de Assis. Ao longo de sua vida foi recolhendo e datilografando pseudônimos que encontrava nos jornais, material que tinha a intenção de publicar na forma de um *Dicionário de pseudônimos brasileiros*. O *Dicionário* nunca foi publicado, mas uma versão datiloscrita pelo autor, com anotações de Galante de Sousa (que se beneficiou e colaborou com as informações reunidas por Drummond) pode ser consultado na seção de manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional.

[116] ANDRADE, 1953.

As variações nas assinaturas dos textos de Machado de Assis não apenas sucedem umas às outras, mas coexistem. Em *O Espelho*, por exemplo, é possível encontrar diversos textos com assinaturas diferentes, ora atribuídos ora tomados à pena de Machado de Assis, publicados simultaneamente num mesmo número. É o caso do número 16, com dois textos de crítica assinados com "Gil" e "M-as." e um poema com a assinatura "M. de Assis".

Também é o caso do n. 3, de 18 de setembro de 1859, onde é possível encontrar dois textos de crítica ("Aquarelas" e "Revista de teatros"), assinados como "M-as.", um comentário a uma lenda alemã ("Os imortaes – (LENDAS)"), assinado com as iniciais "M. A.", um texto em prosa ("O prisioneiro"), assinado com a inicial "M.", e um poema ("A um proscrito"), assinado com o que viria a ser o *nome de autor*, "Machado de Assis".

Em um periódico pequeno, como esse, que procurava repetir a fórmula da *Marmota* de Paula Brito, e que, somadas poesia e prosa, levava em torno de dez textos a cada número, a diversidade de assinaturas parece apontar, à primeira vista, para uma estratégia comercial, que poderia querer dar a impressão de que o periódico contava com mais colaboradores, uma vez que a colaboração era remunerada, no máximo, simbolicamente, e, portanto, não devia atrair muitos escritores.[117] Pontua-se, ainda assim, que a atribuição a Machado de Assis das iniciais "M. A.", "M." e "Gil" é geralmente incerta e causa divergência entre especialistas.

Figura 13: Artigos e assinaturas que aparecem no n. 3 de 1859 em *O Espelho*

N. 3. ) DOMINGO 18 DE SETEMBRO ( 1859.

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

Aquarellas.

II.

M—as.

Revista de theatros.

esta revista que mais longe chegamos do que esperavamos.

M—as.

Os immortaes.

(LENDAS.)

I.

O CAÇADOR DE HARZ.

As lendas são a poesia do povo; ellas correm de tribu em tribu, de lar em lar, como

borioso das verdades eternas?

E' o que não sabemos.

M. A.

O prisioneiro.

I.

A natureza inteira parece dormir.

— São dous irmãos nas armas; são dous mãos no coração!

M.

A um proscripto.

Agosto de 1859.

E' um canto de irmão. Crispam meus labios

Quando essa aurora em novo ceo fulgir;

A idéa pousará nos santuarios;

E os povos se erguerão sobre os calvarios

Aos cantos do porvir!

MACHADO DE ASSIS.

[117] MASSA, 2009, p.209.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional

Não há, como se sabe, nenhuma pedra de roseta que contenha a chave definitiva do universo de pseudônimos dos periódicos do século XIX. Muito embora seja possível vez ou outra identificar este ou aquele pseudônimo, muitas vezes por meio dos dicionários disponíveis,[118] folhear qualquer uma daquelas páginas que a princípio se pretendiam efêmeras é deparar, muitas vezes, com verdadeiras constelações de letras e fragmentos de nomes e símbolos utilizados como assinatura. Houve, contudo, ao que parece, uma preocupação de Machado de Assis em permitir ou mesmo *incitar* a *recuperação* e a *procura* de alguns de seus textos aparecidos em jornal sob diversas assinaturas, fazendo referência a esses textos no interior de obras que levaram seu *nome literário*, o que chamamos aqui de *autorreferência*.

## 2.2 Autorreferência: assinaturas indicadas e reivindicadas pelo autor

Semelhante ao que encontramos em *Papéis avulsos*, quando, em nota (F), o autor diz, a respeito do conto "Uma visita de Alcibíades": "Este escrito teve um primeiro texto, que reformei totalmente mais tarde, não aproveitando mais do que a ideia. O primeiro foi dado com um pseudônimo e passou despercebido.",[119] como em outros casos posteriores, ocorre muitas vezes em obras do escritor este duplo movimento: o de chamar a atenção para um texto anterior e, ao mesmo tempo, dificultar a localização desse texto, omitindo outras informações que seriam necessárias para realizar tal tarefa.

Ora, se o autor não considerou importante citar quais foram o texto e o pseudônimo utilizados, que já haviam passado despercebidos, por que os mencionar? E se, por outro lado, considerou que o "primeiro texto" teria alguma importância, por que omitir o pseudônimo e outros dados para sua localização? Se sabemos que aquele "primeiro texto" fora publicado quase dez anos antes de *Papéis avulsos*, no *Jornal das Famílias* de outubro de 1876, sob a assinatura "Victor de Paula", não é somente graças à indicação feita em nota naquele livro de

---

[118] Por exemplo: *Dicicionário Bibliográphico portuguez*, de Innocencio Francisco da Silva, Lisboa: Imprensa Nacional, 1908; De Martinho Augusto da Fonseca, o *Dicionário de Pseudonymos, iniciaes e obras anonymas de escriptores portuguezes – com poucas palavras servindo de prologo pelo acadêmico Dr. Theophilo Braga*, Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1896; e o "Dicionário de Pseudônimos" in MENEZES, Raimundo de, *Dicionário literário Brasileiro*, 2ª ed. revista, aumentada e atualizada, Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

[119] ASSIS, Op. cit., 1882, p.300

contos. Naquele mesmo *Papéis avulsos*, entretanto, a nota B, referente ao conto "A chinela turca", nos entrega todos os dados necessários: "Este conto foi publicado, pela primeira vez, na *Epocha*, n. 1, de 14 de novembro de 1875. Trazia o pseudônimo de *Manassés*, com que assinei outros artigos daquela folha efêmera.".[120]

Foi partindo de uma menção como essas que Wilton Marques, a partir da nota referente ao poema "Maria Duplessis", recolhido em *Crisálidas*, descobriu ter sido aquele poema uma, provavelmente, primeira tradução de Machado de Assis, realizada em 1856 (e não em 1858, conforme consta na nota) e a partir de um texto em prosa, publicado sob outra assinatura, L.a. – provavelmente de Leonel de Alencar.[121]

O procedimento que aqui se apresenta, e que seria usado ainda muitas vezes por Machado de Assis, é o que podemos chamar, adaptando os conceitos usados por Harold Love, em *Attributing Authorship*,[122] de *autorreferência*; isto é, no interior de um trabalho reconhecidamente seu, o escritor faz referência, completa ou parcialmente, a outro texto de sua autoria empírica, ainda que, eventualmente, seja atribuído ficcionalmente a outrem.

Esse tipo de *autorreferência* na obra de Machado de Assis ocorre em diversos espaços e modos: no interior do texto propriamente dito ou, digamos melhor, principal, como no já citado texto "O folhetinista", ou como de certo modo em *Quincas Borba*, onde, no quarto capítulo, se lê: "Este Quincas Borba, se acaso me fizeste o favor de ler as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, é aquele mesmo náufrago da existência"[123]. Ele ocorre também nos paratextos, como as notas de *Crisálidas* e *Papéis avulsos* que também mencionamos; e em zonas já complexas que misturam mais explicitamente ficção e realidade, como nas Advertências de *Memorial de Aires* ("Quem me leu *Esaú e Jacó* [...]")[124] e de *Esaú e Jacó*, que aludem aos diários do conselheiro Aires, personagem ficcional.

Foi esse procedimento de *autorreferência* que permitiu a Galante de Sousa, em obra que retomaremos logo adiante, identificar a autoria de Machado de Assis na carta, assinada com o asterônimo "***", para o Bispo do Rio de Janeiro, publicada no *Jornal do Povo* (Rio de Janeiro, ano I, n.º 3), a partir da *autorreferência* que aparece em *O Futuro* (Rio de Janeiro, 1º de Março de 1863) sob a assinatura "Machado de Assis", que diz: "Assinavam essa carta umas três

---

[120] Idem., p. 294.
[121] MARQUES, 2018.
[122] Refiro-me aos termos *self-reference* e *self allusion*, usados como sinônimos por Harold Love, para casos em que, no interior de um texto, o autor faz alusão ou descrição de suas próprias experiências, dando, assim, indícios de sua autoria. (LOVE, 2002, p.288-9).
[123] ASSIS, Op. cit. 1891, p. 1.
[124] ASSIS, Op. cit., 1908, p.1

estrelas, ocultando o verdadeiro nome do autor, que era eu.”.[125] Permitiu, também a Sousa, acrescentar à lista de pseudônimos de Machado de Assis a letra “Y” e a versão anterior de “Potira”, que em *Americanas* leva a seguinte nota do seu autor: “destinava-o à publicação anônima, o que se verificou nas colunas do *Jornal do Commercio* em junho e agosto de 1870, tendo por assinatura um simples Y”.[126] Outro exemplo é o item 117 da *Bibliografia de Machado de Assis* que apresenta outra *autorreferência*, conforme nos conta Galante de Sousa: “O autor inicia a peça citando um trecho seu, sem dizer, entretanto, de onde. Encontra-se o texto, que constitui tal citação, em REVISTA DE THEATROS (*O Espelho*, Rio, n. 5, 2-10-1859)”.[127]

Foi esse procedimento que permitiu, também, que incluíssemos, recentemente, um texto até então desconhecido, uma “Fisiologia do folhetinista”, o primeiro capítulo de “um livro por publicar” chamado “A lanterna de Diógenes”, que fora assinado com um ponto de interrogação (“?”).[128]

Tem sido, assim, a *autorreferência* geralmente o primeiro e mais bem aceito modo de se atribuir textos a Machado de Assis, principalmente porque foram indicados ou mesmo reivindicados a partir do autor que assina “Machado de Assis”.

O procedimento parece mesmo sugerir que o escritor previa ou esperava por uma compilação futura, o que parece se confirmar quando lemos o que escreveu, embora na condição de cronista, sob o pseudônimo “Lelio”, na crônica que encerra a série “Balas de estalo” da *Gazeta de Notícias*, em 22 de março de 1886:

> Diz-me alguma coisa, que os livros e folhetos desta espécie hão de ser lidos com grande avidez, lá pelos anos de 1980, e ainda mais tarde, se Deus lhes der vida e saúde. A história estuda-se em documentos assim, não preparados, mas ingênuos e sinceros; é deles que se pode sacar a vida e a fisionomia de um tempo.[129]

E ainda mais quando lemos o trecho abaixo, da série “A Semana”, de 19 de agosto de 1894:

> Compilador do século vinte, quando folheares a coleção da *Gazeta de Notícias*, do ano da graça de 1894, e deres com estas linhas, não vás adiante sem saber qual foi a minha observação. Não é que lhe atribua nenhuma mina de ouro, nem grande mérito; mas há de ser agradável aos meus manes saber que um homem

---

[125] ASSIS, 2009, Tomo I, p.13. A atribuição de Galante de Sousa se dá em SOUSA, 1957, p.354, item 145.
[126] ASSIS, Op. cit., 1875, p. 200.
[127] SOUSA, 1957, p. 344.
[128] BORSATO, Fernando. “Ponto de interrogação: pseudônimo desconhecido e texto inédito de Machado de Assis” in *Machado de Assis em linha*, São Paulo, v. 12, n. 28, p. 55-72, dezembro de 2019. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/mael/v12n28/1983-6821-mael-12-28-55.pdf?fbclid=IwAR0tlOp5LC2TAJN4JxWWOD5VF2hS_85Mb45SbdH2ZERKwbahdDW3CsUhlSY. Acesso em 5 de janeiro de 2020.
[129] ASSIS, 1998, p. 337.

> de 1944 dá alguma atenção a uma velha crônica de meio século. E se levares a piedade a ponto de escrever em algum livro ou revista: "Um escritor do século XIX achou um caso de cor local que não nos parece destituído de interesse...", se fizeres isto, podes acrescentar como o soldado da canção francesa:
>
> Du haut du ciel, – ta demeure dernière, –
> Mon colonel, tu dois être content.
>
> Sim, meu jovem capitão, ficarei contente, desde já te abençoo, compilador do século vinte[.][130]

## 2.3 As assinaturas sob o nome "Machado de Assis": uma compilação

A compilação das obras de Machado de Assis começou tão logo expirou o escritor, não terminou até hoje e não parece ser possível entrever o seu fim. Expirado o homem, nasce, definitivamente, o Autor Machado de Assis. Poucos dias após sua morte em 1908, já começaram a aparecer nos jornais textos elogiosos dos pares do escritor, prevendo sua glória ao longo das gerações, que ali mesmo já começava a ser construída.[131] A atividade de organização de seu espólio começou a ser feita por Mário de Alencar, que chegou a receber a autorização e instruções do próprio escritor sobre o destino de seus papéis e objetos mais valiosos. Atendendo a um depoimento oral dado em seu leito de morte, suas cartas e outros manuscritos foram doados por sua sobrinha-neta Laura (a quem Joaquim Maria tornou herdeira universal de seus bens em testamento) para a ABL. Como demonstrou Flávia Barretto Corrêa Catita, o escritor preocupou-se com seu arquivamento e consagração, designando responsáveis por seus papéis e obras.[132]

No intervalo dos 50 anos (de fato são 56) previstos na citada crônica de 19 de agosto 1894 para o aparecimento do "compilador do futuro" a quem o cronista abençoa, a obra de Machado de Assis ganhou sua *Bibliografia*. Ao longo da década de 30, com o patrocínio do Estado Novo, que tinha a intenção de transformar Machado de Assis em um mito nacional, ao estilo *self-made man*, como demonstra Guimarães, produziu-se a *Exposição Machado de Assis*, por ocasião de seu centenário:

---

[130] Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/103730_03/10335 Acesso em novembro de 2020.

[131] Como por exemplo o discurso de Rui Barbosa em 29 de setembro de 1908. O acompanhamento de textos escritos logo após a morte do autor por seus pares e ao longo do tempo pode ser acompanhado por meio da seleção e organização de Hélio de Seixas Guimarães e Ieda Lebensztayn em dois volumes: GUIMARÃES; LEBENSZTEYN, 2019.

[132] A atividade de Mário de Alencar como "organizador dedicado" das obras de Machado de Assis pode ser encontrada em CATITA, 2019, p. 30-48.

> À frente do Instituto Nacional do Livro, Augusto Meyer contribuiu para pôr em circulação uma massa documental vasta, em grande parte de cunho biográfico, que oferecia subsídios para os estudos baseados na vida do autor. A *Exposição Machado de Assis*, organizada pelo Instituto Nacional do livro, teve colaboração do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e da Fundação Biblioteca Nacional, com a cooperação da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Casa de Rui Barbosa e do Real Gabinete Português de Leitura. Para o evento levantou-se vasta documentação junto aos arquivos e bibliotecas, o que resultou na maior revisão das informações biográficas de Machado de Assis empreendidas até então.[133]

Fruto dos projetos iniciados nessa época, a *Bibliografia de Machado de Assis*, de 1955, organizada por José Galante de Sousa e publicada pelo Instituto Nacional do Livro, teve grande participação na monumentalização dos escritos de Machado de Assis e na delimitação de sua "Obra".

Debruçando-se sobre uma "enorme massa documental" e sobre os arquivos de periódicos da Biblioteca Nacional e outros acervos, Sousa compõe a *Bibliografia*, onde arrola, legitima, certifica textos e assinaturas conhecidas e inéditas e quantifica, pela primeira vez, a "Obra de Machado de Assis".

[133] GUIMARÃES, 2017, p.109-10.

Figura 14: Capa da *Bibliografia de Machado de Assis* (1955)

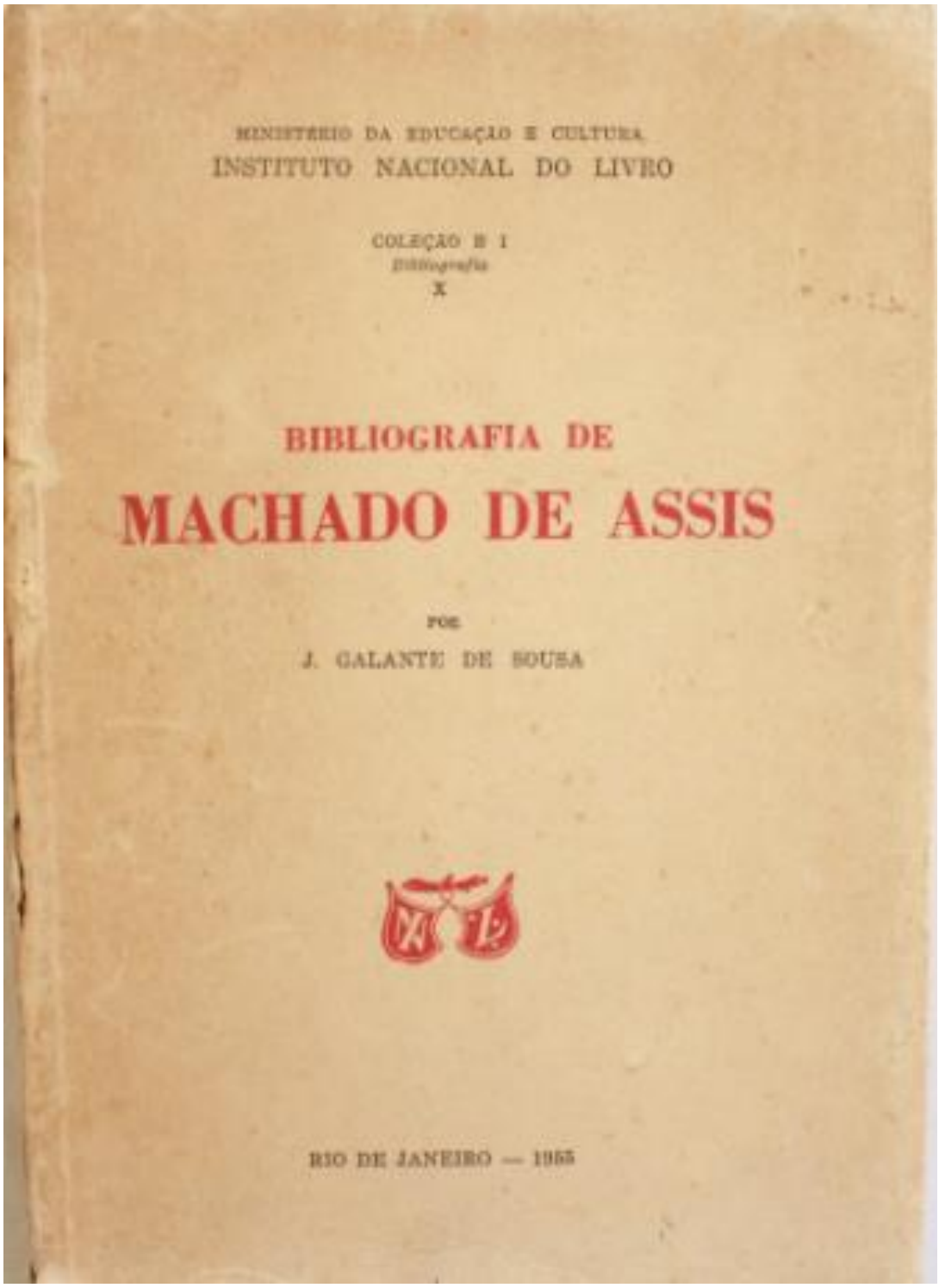


Figura 15: Quadro demonstrativo da “Obra” de Machado de Assis elaborado por Galante de Sousa

| ESPÉCIE LITERÁRIA | INÉDITAS | | | PUBLICADAS | | | PERDIDAS | | | ATRIBUÍDAS | | | APROVEITADAS | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | N. de Peças | N. de versos | N. de Págs. | N. de Peças | N. de Versos | N. de Págs. | N. de Peças | N. de Versos | N. de Págs. | N. de Peças | N. de Versos | N. de Págs. | N. de Peças | N. de Versos | N. de Págs. |
| **ORIGINAIS** | | | | | | | | | | | | | | | |
| Crônica | | | | 566 | | 3.200 | | | | | | | 6 | | 54 |
| Crônica rimada | | | | 50 | 4.466 | | | | | | | | | | |
| Conto | | | | 178 | | 3.750 | | | | | | | 68 | | 3.500 |
| Apólogo | | | | 3 | | 20 | | | | | | | 3 | | 20 |
| Fantasia | | | | 7 | | 70 | | | | | | | 1 | | 12 |
| Alegoria | | | | 1 | | 15 | | | | | | | 1 | | 15 |
| Diálogo: a) em prosa | | | | 4 | | 43 | | | | | | | 3 | | 34 |
| b) em verso | | | | 1 | 162 | | | | | | | | | | |
| Poesia: a) em vernáculo | 1 | 14 | | 166 | 11 441 | | 11 | 29 | | 1 | 14 | | 66 | 5.510 | - |
| b) em francês | | | | 4 | 50 | | | | | | | | 1 | 16 | |
| c) bilingüe | | | | 1 | 4 | | | | | | | | | | |
| Versos em portug. inclusos em crôn. | | | | | 90 | | | | | | | | | | |
| Versos em francês inclusos em crôn. | | | | | 48 | | | | | | | | | | |
| Teatro: a) em prosa | 1 | | 65 | 8 | 360 | | 6 | | ? | | | | 3 | | 140 |
| b) em verso | | | | 2 | 1.048 | | | | | | | | 1 | 423 | |
| Romance e Novela | | | | 11 | | 3.020 | | | | | | | 9 | | 2.540 |
| Crítica | 16 | | 25 | 92 | | 700 | | | | 1 | | 1 | 2 | | 22 |
| Polêmica | | | | 7 | | 15 | | | | | | | | | |
| Discurso | | | | 6 | | 15 | 1 | | ? | | | | 2 | | 2 |
| Prefácio | | | | 9 | | 44 | | | | | | | | - | |
| Vária | 2 | | 1 | 71 | | 310 | | | | 1 | | 1 | 4 | | 50 |
| Gênero literário desconhecido | | | | | | | 3 | | ? | | | | | | |
| De colaboração | | | | 2 | | ? | | | | 2 | | ? | | | |
| **TRADUÇÕES** | | | | | | | | | | | | | | | |
| Poesia | | | | 25 | 1.473 | | | | | | | | 13 | 605 | |
| Teatro: a) em prosa | 2 | | 500 | 1 | | 60 | 5 | | ? | 2 | | ? | | | |
| b) em verso | | | | | | | 3 | ? | — | | | | | | |
| Conto | | | | 1 | | 14 | | | | | | | | | |
| Romance | | | | 2 | | 370 | | | | | | | | | |
| Vária | | | | 3 | | 97 | | | | | | | | | |
| **IMITAÇÕES** | | | | | | | | | | | | | | | |
| Poesia | | | | 3 | 120 | | | | | | | | | | |
| Teatro | | | | 1 | | 40 | 1 | — | — | | | | | | |
| **PARÁFRASES** | | | | | | | | | | | | | | | |
| Poesia | | | | 2 | 147 | | | | | | | | | | |
| TOTAL | 22 | 14 | 591 | 1.227 | 19.409 | 11.783 | 30 | 29 | — | 7 | 14 | 2 | 183 | 6.554 | 6.389 |

Fonte: SOUSA, 1955

Galante de Sousa lista 22 pseudônimos e iniciais que chama de “comprovados”: “As.”; “M.-as.”; “M. A.”; “M. de A.”; “Dr. Semana”; “Gil”; “M.”; “Sileno”; “J.”; “Job”; “J.J.”; “Victor de Paula”; “Platão”; “Y.”; “Lara”; “Manassés”; “Eleazar”; “Lelio”; “João das Regras”; “Malvolio”; “Boas Noites” e “Max”; além de duas obras anônimas publicadas sob os títulos de *Semana Literária* e *A Semana*.[134] Na parte inicial da *Bibliografia* procurou fornecer “provas” ou ao menos alguma argumentação que justificasse a inclusão de assinaturas que nada têm a ver com o nome civil ou de autor de Machado de Assis e explica:

> A bibliografia é, em todos os campos do saber, um instrumento indispensável de trabalho. Quando se tem em vista o agrupamento de produções literárias de determinado autor, foge à alçada do bibliógrafo qualquer tentativa de seleção. O sentido crítico com que tal trabalho se deva realizar consiste em organizar a lista das peças, o mais completa possível, em ordem cronológica de composição (ou, pelo menos, de publicação) dissociar o que não pertence à pena do autor, identificar pseudônimos e trabalhos anônimos, indicar as

[134] SOUSA, 1955, p.21-35.

> transcrições feitas pelo autor (e, o quanto possível, as que foram à sua revelia), reconhecer variantes, etc.[135]

Assim, Galante de Sousa criou uma base sólida, de fato um mapa a partir do qual leitores, editores, livreiros e estudiosos de Machado de Assis puderam adentrar os meandros da "Obra" daquele "Autor", ali referenciada e descrita. Ao fazer isso, o bibliógrafo modificava decisivamente essa mesma percepção de "Obra" (no sentido de conjunto de escritos) de Machado de Assis. Muitos textos esquecidos e ignorados enquanto parte da "Obra" (ou seja, de relevância literária ou parte de um projeto artístico) daquele "Autor" (isto é, daquele nome, "Machado de Assis"), que jaziam nos periódicos do século XIX, passaram a ser buscados e mesmo saqueados do acervo da Biblioteca Nacional:

> A divulgação da obra de Galante de Sousa, útil sob muitos aspectos, teve o inconveniente de suscitar em pessoa ou pessoas de espírito perverso e de baixa formação moral o saque daquelas coleções. Um caderno inteiro foi criminosamente arrancado da coleção, já incompleta, do "Jornal das Famílias", e não conseguimos encontrar esse número, quer na Biblioteca Municipal, quer na biblioteca do Gabinete Português de Leitura [...].
> A mesma coisa aconteceu com outro trabalho indicado na mesma obra, o conto "Flor anônima", publicado no "Almanaque da Gazeta de Notícias" para o ano de 1897. Também daí foram arrancadas as páginas em que saíra a colaboração de Machado de Assis, – e isso se deu depois do lançamento do livro de Galante de Sousa. Esse almanaque é publicação raríssima. Teria sido maior, decerto, o desfalque sofrido pela Biblioteca Nacional se, desde logo, não tivéssemos advertido o então diretor, Sr. Eugênio Gomes, sobre a ação dos depredadores de coleções. Acreditamos, assim, que o trabalho que nos demos, de recolher os escritos de Machado de Assis, uns relacionados naquele magnífico trabalho bibliográfico, outros descobertos por Maciel Pinheiro, Carlos Drummond de Andrade e por nós mesmos, tem ao menos um valor que ninguém lhe recusará: o de preservá-los, garantindo-lhes a divulgação, a salvo de novos atentados daquela espécie, em verdade lamentáveis pela inconsciência do que os praticam, devastando sem nenhum escrúpulo um patrimônio comum, colocado pelo Estado a serviço da cultura e da coletividade. [136]

O impacto da *Bibliografia* chegou mesmo a criar, na crítica *machadiana*, uma espécie de subcampo de atribuição, que passou a usá-la como referência, porque, ao contrário do que se tinha até então, a "Obra" de Machado de Assis deixava de estar restrita e contida dentro dos livros organizados pelo escritor ou nos documentos que intencionalmente doou para a ABL ou que foram publicados por aqueles que ele próprio designou.

A "Obra" de Machado de Assis, a partir dali, passou a ser reconstituída (ou mesmo reconstruída ou reaberta) e ampliada, mas não completamente à revelia do escritor, mas, a

---

[135] SOUSA, 1955, p. 8
[136] MAGALHÃES JÚNIOR. "Prefácio" in *Contos Esparsos*. (ASSIS, 1956, p. 1-2).

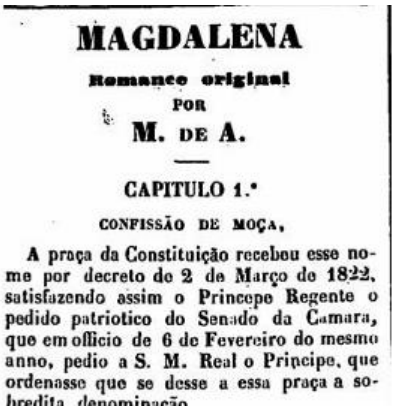
princípio, a partir do incentivo e das indicações que ele próprio deixou, como demonstramos, em documentos assinados com seu nome de autor – como se ele mesmo previsse ou então destinasse uma sua "Obra" à "reabertura". É o caso que citamos acima, de Magalhães Júnior, que justifica, após informar os saques das coleções da Fundação Biblioteca Nacional, a publicação de *Contos esparsos* em que, além de contos indicados por Galante de Sousa, inclui alguns outros.

O verdadeiro pente-fino que Galante de Sousa passou pelas páginas das "velhas crônicas" arrolaram e revelaram textos esquecidos e mesmo ocultados (quase 600 páginas) que até então não eram consideradas como sendo de Machado de Assis. O trabalho do bibliógrafo até hoje é pouco contestado (foi mesmo, como dissemos, utilizado como referência para novas atribuições), mas não ficou sem ressalvas, pois os nomes adotados pelo escritor e as formas com as quais assinou ou ocultou seu nome nem sempre deixaram clara (com efeito obscurecem, muitas vezes) a sua autoria nas obras, já que não houve uma forma unificada, mesmo quando da subscrição de seu nome civil em contratos, cartas e pareceres.

Foi o que aconteceu com o "romance" (hoje seria considerado conto) *Madalena*, publicado em *A Marmota* durante os últimos meses de 1859, assinado "M. de A." e incluído como sendo obra (isto é, parte da "Obra") de Machado de Assis por Galante de Sousa e por Jean-Michel Massa em seu *Dispersos de Machado de Assis*, mas cuja atribuição de autoria fica incerta e causa polêmica por ser a assinatura a mesma utilizada por Moreira de Azevedo naquele jornal, o que levou Ubiratan Machado, em *Dicionário de Machado de Assis*, a dizer que "o trabalho tem sido atribuído a Machado por alguns estudiosos, mas sem fundamento" e Jean-Michel Massa, em *Juventude de Machado de Assis*, a fazer ressalvas quanto à própria atribuição.[137]

[137] MASSA, 2019, p.210. A atribuição também foi contestada também por FREITAS, 2017, que desenvolveu estudo baseado em análise estatística textual e linguística de corpus, com auxílio de software.

Figura 16: Recorte do primeiro capítulo do romance Madalena, assinado "M. de A."



MAGDALENA

Romance original

POR

M. DE A.

CAPITULO 1.°

CONFISSÃO DE MOÇA,

A praça da Constituição recebeu esse nome por decreto de 2 de Março de 1822, satisfazendo assim o Principe Regente o pedido patriotico do Senado da Camara, que em officio de 6 de Fevereiro do mesmo anno, pedio a S. M. Real o Principe, que ordenasse que se desse a essa praça a so-

Fonte: *A Marmota*, 4 de outubro de 1859 (Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional)

Outro caso, desta vez atribuição de Magalhães Júnior, é a presença de uma carta assinada com a letra "S.", transcrita ao final da crônica de 1º de maio de 1863, assinada "Machado de Assis", em que o cronista diz ter conseguido resolver o problema da falta de assunto, decidindo transcrever aquela carta, que recebera. Tal carta foi transcrita na *Correspondência de Machado de Assis*, onde se resume, em nota, a polêmica gerada em torno de sua autoria:

> A questão da identidade deste misterioso S. está estritamente ligada à questão da autoria do conto – "Um Parêntesis na Vida" – que Machado menciona na crônica de 15/05/1863, no *Futuro*, e cujo começo é publicado no mesmo número do jornal. Ocorre que esse conto é aparentemente uma versão de outro, "Felicidade pelo Casamento", publicado em *Jornal das Famílias*, de junho-julho de 1866. Não há dúvida de que os dois saíram da mesma pena. Se Magalhães Jr. estiver certo ao atribuir a Machado de Assis a paternidade do conto de 1866, seria também o autor do conto de 1863, e nesse caso, S. seria Machado de Assis, que criou um *alter-ego* fictício e atribuiu a um "amigo salvador" a autoria do conto "Um Parêntesis na Vida", que na realidade era o próprio Machado.[138]

Em março de 1957, a seção "Arquivos Implacáveis", assinada por João Condé na revista *O Cruzeiro*, publicou, como era usual, curiosidades de personalidades (quase sempre literárias) da época, ao lado de arquivos recuperados. A que saiu em 9 de março levou a foto de Magalhães Júnior emoldurada por duas listas ("Gosta" e "Detesta"). Abaixo, dividindo a página ao meio, uma seção intitulada "Pseudônimos de Machado de Assis" leva uma foto do escritor alinhada à de Magalhães. A composição da página, aliás, lembra aquela de *A Estação*, em que o nome

[138] *Correspondência de Machado de Assis*. TOMO I, Item II, p.29.

“Machado de Assis”, por ocasião das comemorações camonianas, aparece no topo da página, acima do nome do próprio Camões.

Embora a seção seja de João Condé, a organização dos pseudônimos e o texto que ali se apresenta sobre Machado de Assis poderiam muito bem ser atribuídos ao próprio Magalhães Júnior. Pela divisão dos pseudônimos em categorias, como ele o fazia e naquelas que criava, é interessante a distribuição de Magalhães, consonante com os argumentos que apresenta nos prefácios dos livros de contos que organizou e atribuiu a Machado de Assis (e muito mais alinhados com a pena de um estudioso do escritor, o que não era o caso de Condé), dividindo-os em “Bíblicos”, “Reminiscentes de leituras”, “Por extensão do nome e de iniciais”, “Mitológicos”, “Francamente despistatórios” e “Histórico filosóficos”. Como se vê, dois anos após a publicação da *Bibliografia* de Galante de Sousa há já indicações de alguns pseudônimos que não haviam sido apontados pelo bibliógrafo.

Entre 1956 e 1958, Raimundo Magalhães Júnior voltou aos periódicos dos arquivos da Biblioteca Nacional (futuramente Fundação Biblioteca Nacional), sobretudo às coleções do *Jornal das Famílias*, com a intenção de publicar em livro (e assim divulgar e preservar a obra de Machado de Assis) alguns contos publicados sob pseudônimos e esquecidos até a publicação da *Bibliografia*. No processo, acabou ele mesmo incluindo na “Obra” de Machado de Assis uma série de outros pseudônimos e contos, que publicou com o nome de Machado de Assis na capa, pela editora Civilização Brasileira: *Contos recolhidos* (1956); *Contos sem data* (1956), *Contos esquecidos* (1956); *Contos avulsos* (1956), *Contos esparsos* (1956) e *Contos e crônicas* (1958). Além disso, ao publicar uma biografia de Machado de Assis, *Machado de Assis*: vida e obra, em 1981, em 4 volumes, também reuniu e indicou uma série de peças que reputou à pena do escritor.

Figura 17: Coluna “Arquivos implacáveis” com pseudônimos de Machado de Assis

R. MAGALHÃES JÚNIOR
(Da Academia Brasileira de Letras)

# ARQUIVOS IMPLACÁVEIS

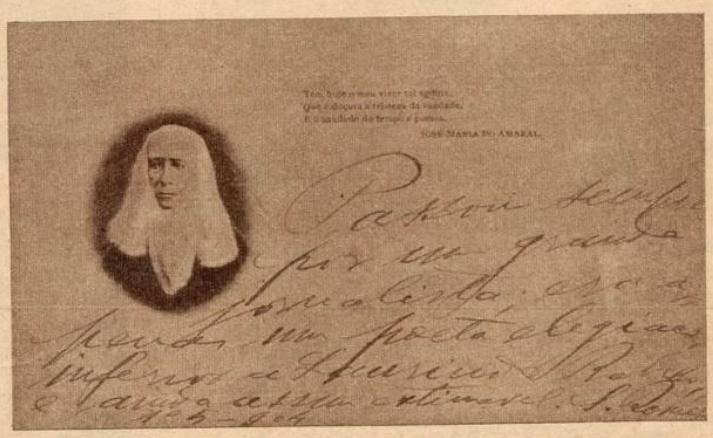
JOÃO CONDÉ

**GOSTA**

1 — Filmes antigos
2 — Piadas de Millôr
3 — Machado de Assis
4 — Portinari e Pancetti
5 — Teatro
6 — Frio
7 — Palhaços
8 — Mímicos (Barrault, Marceau)
9 — Água de côco
10 — Crianças

**“Se um dia eu rasgasse os meus versos, por desencanto ou nojo da poesia, não estaria certo da sua extinção: restariam os ARQUIVOS IMPLACÁVEIS de João Condé.”**
*— Carlos Drummond de Andrade.*

## Opinião de Sílvio Romero sôbre José Maria do Amaral



**PASSOU sempre por um grande jornalista; era apenas um poeta elegíaco, inferior a Laurindo Rabelo, e ainda assim estimável. (Sílvio Romero, —1-5-904.)**

**DETESTA**

1 — Velha enfeitada
2 — Piadas de Cantinflas
3 — Lotação
4 — Dívidas
5 — Loterias
6 — Futebol
7 — Pintura acadêmica
8 — Botão de colarinho
9 — Jazz
10 — Relógios, principalmente de pulso

## PSEUDÔNIMOS DE MACHADO DE ASSIS

Vamos apresentar nesta seção, como uma nota curiosa, de grande interêsse para todos os leitores, a relação dos pseudônimos de um dos nossos maiores escritores e que foi, nesta particularidade, verdadeiro campeão. Quase não houve escritor brasileiro que deixasse de usar pseudônimo. Na época de MACHADO DE ASSIS, o hábito era generalizado. JOSE' DE ALENCAR foi **Erasmo,** nas cartas políticas, e Sênio, nos romances. FRANKLIN TAVORA escreveu com o nome de **Semprônio.** O VISCONDE DE TAUNAY com os de **Sílvio Dinarte** e **Heitor Malheiros.** INGLÊS DE SOUZA com o de **Luís Dolzani.** Ninguém, porém, tanto usou e abusou de pseudônimos como Machado de Assis. As pesquisas de R. Magalhães Júnior, Carlos Drummond de Andrade, Maciel Pinheiro e J. Galante de Souza alongaram ainda mais a lista, antes conhecida. Eis alguns dos pseudônimos de Machado de Assis:

**BÍBLICOS**

**Job, Manassés, Elezar.**

**REMINISCENTES DE LEITURAS**

**Gil** (de Lesage, com o Brás aproveitado como um dos nomes de Brás Cubas)
**Lélio** (personagem de Molière)
**Lara** (personagem de Byron)
**Nalvólio** (personagem de Shakespeare)
**Próspero** (também de Shakespeare)

**POR EXTENSÃO DO NOME E DE INICIAIS**

**J** (de Joaquim)
**J.J.**
**M-as** (inicial de Machado de Assis e primeira sílaba de Assis)
**Max** (transformação gráfica de M-as)
**Máximo** (extensão de Max)

**MITOLÓGICO**

**Sileno**

**FRANCAMENTE DESPISTATÓRIOS**

**Victor de Paula**
**Boas-Noites**
**João das Regras**
**Camilo da Anunciação**
**Otto**
**Glaucus**
**Y**
**X.Y.Z.**

**HISTÓRICO FILOSÓFICOS**

**Platão**
**Marco-Aurélio.**

Fonte: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 9 de março de 1957, Ano XXIX, n. 21, p.73 (Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional)

Em 1965, Jean-Michel Massa publicou pelo Instituto Nacional do Livro o *Dispersos de Machado de Assis*, que reunia textos de diversos gêneros e assinaturas indicados por Galante de Sousa, mas também novos, como é o caso dos textos sob o pseudônimo "Glaucus", utilizado por Machado de Assis na *Imprensa Acadêmica*. Massa foi também autor de *A juventude de Machado de Assis 1839-1870*: ensaio de biografia intelectual, publicado em 1970 (com segunda edição em 2009, pela editora UNESP), onde também abriu espaço para a discussão sobre a atribuição de textos a Machado de Assis.

A discussão encontra-se também presente em artigo de Augusto Fragoso, que acrescenta o pseudônimo Milliès como sendo da lavra de Machado de Assis, atribuindo a essa assinatura um diálogo entre duas botas, publicado no jornal *Semana Illustrada* em 1866.[139]

Também Maciel Pinheiro, em artigo intitulado "Machado de Assis em três temas", publicado no *Diário Carioca* em 28 de agosto de 1955 e seguindo os trabalhos de Magalhães Júnior e de Tancredo de Barros Paiva, arrola alguns pseudônimos a partir de "curiosas anotações", de autor ignorado (mas que, segundo ele, muito provavelmente pertenciam ao ex-diretor daquela instituição), encontrados nos exemplares do *Jornal das Famílias* da Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro. Dentre eles – afora aqueles que foram reconhecidos por outros pesquisadores – Pinheiro indica um pseudônimo que percebemos ter ficado esquecido no *Diário Carioca*, pois não aparece na *Bibliografia* de Sousa nem entrou para o *Dicionário* de Ubiratan Machado: as iniciais "J.X.".[140]

A esses pesquisadores seguiram-se muitos outros que a partir de outros lugares de legitimação, como publicações feitas por instituições do Estado ou acadêmicas, em livros e periódicos, foram ampliando a constelação de assinaturas e "obras" reveladas e incluídas sob o nome "Machado de Assis". Até mesmo Carlos Drummond de Andrade chegou a atribuir os pseudônimos "Camilo da Anunciação", que assinou o conto "A vida eterna", publicado em janeiro de 1870 no *Jornal das Famílias*, e "Marco-Aurélio", que assinou "Possível e Impossível" de janeiro de 1870 no mesmo periódico, ao "Bruxo do Cosme Velho" (espécie de epiteto, também criado por Drummond, que se uniu ao nome de Machado de Assis).

Já mais de cem anos após a morte de Joaquim Maria, verifica-se que a obra de Machado de Assis, longe de estar "completa", amplia-se cada vez mais, revelando a complexidade e aprofundando o efeito caleidoscópico produzido pelos escritos daquele Autor. Em 2008, no centenário de sua morte, a *Correspondência de Machado de Assis* começou a ser reunida e publicada pela Academia Brasileira de Letras; o projeto foi concluído em 2015 com a

---

[139] FRAGOSO, 1961.
[140] PINHEIRO, 1955.

publicação de cinco tomos sob coordenação de Sergio Paulo Rouanet, trazendo muitos textos inéditos. Também em 2008, Mauro Rosso publicou *Contos de Machado de Assis:* relicários e raisonnés, pela editora PUC Rio, volume no qual propõe recensear a totalidade dos contos Machadianos e suas diferentes publicações.

Já citamos o poema "O grito do Ipiranga" e a "possível primeira tradução de Machado de Assis", de "Maria Duplessis", identificados por Wilton Marques, e também a nossa própria atribuição de texto assinado com um ponto de interrogação, que se somam a muitas outras notícias e atribuições que surgiram nos 65 anos transcorridos da publicação da *Bibliografia* organizada por Galante de Sousa.

Em 2008, ao lançar a *Obra completa de Machado de Assis* em 4 volumes, a editora Nova Aguilar substituía a edição de 1997, que continha três. Em 2015, ao lançar uma nova edição dessa mesma *Obra completa*, os editores nos contam na "Nota editorial" que desde 1959 (despois da publicação da *Bibliografia*), quando a casa lançou a primeira edição das *completas*, a "Obra" cresceu bastante: acrescentaram-se "75 novos poemas"; 9 peças teatrais; 67 contos; e 400 (!) crônicas. O resultado é que, enquanto o conjunto de 1959 continha 3.600 páginas, esse contém 5.648.[141]

Recentemente a notícia de um esboço biográfico que saiu anônimo em *O Espelho* e foi atribuído a Machado de Assis por Cristiane Garcia Teixeira, em artigo que derivou de sua dissertação de mestrado, ganhou grande repercussão nas redes sociais e chegou mesmo a ter cobertura por parte da grande imprensa, revelando o interesse e curiosidade geral.[142]

Também recentemente, Sílvia Maria Azevedo organizou as crônicas intituladas "Badaladas", que saíram na *Semana Illustrada*, publicadas sob pseudônimo coletivo, atribuindo grande parte delas, mais de 300, a Machado de Assis. Galante de Sousa havia incluído na *Bibliografia* aquela assinatura e a menção àquela série de crônicas; entretanto, o fez com ressalvas, pois era sabido que aquele pseudônimo era utilizado também por outros escritores. Jean-Michel Massa manteve as ressalvas quando da publicação das suas duas obras mencionadas, enquanto Magalhães Júnior, quando da publicação de *Machado de Assis: vida e obra*, arriscou-se a atribuir algumas ao escritor. Azevedo realizou um processo de atribuição

---

[141] ASSIS, 2015, vol 1, p. X.

[142] O artigo saiu anônimo e foi atribuído a Machado de Assis por Cristiane Garcia Teixeira em sua dissertação de mestrado. Também em artigo recente, dela derivada, que pode ser acessado em http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/56972 .
Garcia Teixeira, C. (2020). "M'achado biógrafo: da investigação de uma revista a um texto inédito". Artcultura, 22(40), 213-232. https://doi.org/10.14393/artc-v22-n40-2020-56972 . Um dos vários artigos que saíram na imprensa pode ser conferido aqui: https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/29/possivel-texto-inedito-de-machado-aquece-discussao-sobre-obras-apocrifas.htm

que considerou “marcas de autoria externas e internas”, que seriam, respectivamente, dados de vida intelectual e traços estilísticos do escritor em comparação com outros textos de autoria reconhecida e com outros trechos das próprias “Badaladas”.[143] Os dois volumes, que saíram também com o nome e foto de Machado de Assis na capa, foram publicados em 2019 pela editora Nankin e contou com revisão de Valentim Faccioli, crítico e editor de obras de e sobre Machado de Assis, acrescentando cerca de 1.600 páginas à “Obra” do “Autor”.

Com a disponibilização do acervo digitalizado da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, que facilitou e possibilitou o acesso às infinitas “prateleiras” dos jornais do século XIX, que são uma verdadeira biblioteca borgeana, vamos vendo cada vez mais repetidos os termos “inédito”, “desconhecido”, “esquecido” associados ao nome Machado de Assis, como notou Rissato quando atribuiu, ele mesmo, alguns textos anônimos ao escritor.[144]

Ubiratan Machado, em seu *Dicionário de Machado de Assis*, faz a indicação de mais algumas assinaturas que entraram para o nome Machado de Assis depois da publicação da *Bibliografia*. São 13: “Assis”; “A.”; “B.B.”; “Bob”; “J.B.”; “Máximo”; “O. de S.”; “O.O.”; “Otto”; “S.”; “X.”; “XXX” e “Z.Z.Z”; além dos criptônimos “**” e “***”.[145] Indica, também, e incluindo aqueles arrolados por Magalhães Júnior, os pseudônimos e iniciais que aguardam confirmação, mas que seriam “perfeitamente aceitáveis”: “Próspero”; “Glaucus”; “Camilo da Anunciação”; “Marco-Aurélio”; “Victor de Parma”; “D. Juan”; “Brás de Cubas”, “Cham.”, “F.” e “Sousa Barradas”. Destacam-se esses dois últimos por configurarem casos particulares: a inicial “F.”, presente na primeira parte do conto “Felicidade pelo Casamento!”, publicado em 1866, foi, provavelmente, um erro, pois no índice do *Jornal das Famílias* a autoria é atribuída a “S.”.[146] Quanto ao pseudônimo “Sousa Barradas”, sua particularidade está em ser mencionado por outro pseudônimo, “Lelio”, em crônica de 1885, da série *Balas de Estalo*, como sendo seu sobrinho,[147] aproximando o uso desses pseudônimos ao campo ficcional ou do *heterônimo*. O pseudônimo “Lelio” ganharia mais um aspecto ao apresentar uma variação, a forma “Lel∴”, à maneira maçônica, que subscreveu a crônica de 9 de dezembro de 1883, da mesma série. Curiosa também a explicação de Magalhães Júnior para a assinatura “Cham”, que seria uma espécie de anagrama das quatro primeiras letras de Machado.

---

[143] ASSIS, 2019, p. 8-9.
[144] RISSATO, 2016, p. 119-32.
[145] Consultar as entradas específicas para cada assinatura e, também, as entradas “pseudônimos”, “assinaturas” e “criptônimos” in MACHADO, 2008.
[146] Idem., p. 127.
[147] Idem., p. 325.

Como vimos, a refração de seu nome civil em tantas outras variações utilizadas pelo escritor como assinatura em cartas, contratos e pareceres, é capaz de atordoar tanto quanto a variedade de classificações possíveis que se pode dar a um nome que assina uma "obra": "J. M. M. de Assis"; "J. M. M. d'Assis"; "J. M. M. Assis"; "Joaquim Maria Machado de Assis"; "Joaquim Maria Machado de Assis!"; "J. M. M. A."; "Joaquim Maria"; "Machado d'Assis"; "Machado D'assis"; "M. de Assis"; "Machado de Assis"; "J. M. Machado d'Assis"; "J. M. Machado de Assis"; "J. M."; "M. D'A"; "Machadinho"; "Machado"; "J$^{m}$ M. Machado de Assis"; "J$^{m}$ M. M. de Assis"; "J$^{m}$ M$^{a}$ Machado de Assis"; "J$^{m}$ M$^{a}$ M. Assis".

Não excluímos, ainda, a possibilidade da interferência dos editores e tipógrafos, haja visto que temos notícia de um manuscrito do poema "A um proscrito", em posse da Fundação Biblioteca Nacional, que está assinado com a forma "Machado D'assis" e com registro diferente de data em relação àquela que saiu em periódico; ou, de outro modo, da existência de um mesmo texto que apresenta assinaturas diferentes, como é o caso de *Linha reta e linha curva* / *As forcas caudinas*, incluído em *Contos fluminenses* sob o nome Machado de Assis, mas assinado em sua versão teatral e manuscrita com "XXX" no frontispício.[148]

A compilação das referências a diversos textos que foram entrando sob a égide do *nome de autor* "Machado de Assis", que tem como pedra angular o trabalho de José Galante de Sousa, leva em conta textos e assinaturas atribuídos a Machado de Assis depois da publicação da *Bibliografia* de Sousa, dispersos em mais de 70 periódicos. Com isso, foi possível atualizar o número de textos e periódicos em colaboração, revelando um impressionante número de assinaturas associadas a Machado de Assis, que, embora estejam mencionadas ao longo deste trabalho, estão reunidas abaixo, para melhor visualização.

**Assinaturas sob o nome Machado de Assis**

1. **
2. ***
3. ?
4. A.
5. Alzira C.
6. As.
7. Assis
8. Austríaco
9. B. B.
10. Boas Noites
11. Bras Cubas
12. Bras de Cubas
13. Camilo da Anunciação
14. Cham

[148] Fac-símile e transcrição crítica e genética do manuscrito pode ser visto em SILVA, 2003.

15. D. Juan
16. d'Assis
17. Dr. Semana
18. Eleazar
19. F.
20. Gatinho preto
21. Gil
22. Glaucus
23. Humoristas
24. J.
25. J. B.
26. J. J.
27. J. M. M. A.
28. J. M. M. Assis
29. J. M. M. d'Assis
30. J. M. M. d'Assiz
31. J. M. M. de Assis
32. J. M. Machado d'Assis
33. J. M. Machado de Assis
34. J. X.
35. J.m M. Machado de Assis
36. João das Regras
37. Joaqm M. Machado de Assis
38. Joaqm Mª Machado de Assis
39. Joaqm Maria Machado de Assis
40. Joaquim Maria Machado d'Assis
41. Joaquim Maria Machado de Assis
42. Joaquim Maria Machado de Assis!
43. Job
44. Lara
45. Lel∴
46. Lelio
47. M.
48. M. A.
49. M. Assis
50. M. D'A.
51. M. d'Assis
52. M. de A.
53. M. de Assis
54. Machadinho
55. Machado
56. Machado d'Assis
57. Machado D'assis
58. Machado de Assis
59. Machado de Assiz
60. Malvolio
61. Manassés
62. Marco-Aurélio
63. M-as.
64. Max
65. Maximo
66. Milliès
67. O Autor
68. O Caturra
69. O. de S.
70. O. O.
71. Otto
72. Platão
73. Próspero
74. S.
75. Sigma
76. Sileno
77. Sousa Barradas
78. Um desconhecido
79. Uma mãe de família
80. Victor de Parma
81. Victor de Paula
82. X.

83. XXX
84. Y.
85. Z.Z.Z.
86. [Dom Casmurro]
87. [Aires]

Como se vê, incluímos aqui também "Brás Cubas", forma com a qual o defunto autor assinou a Advertência de suas *Memórias póstumas*. Incluímos, ainda, "Dom Casmurro" que, conforme argumenta Abel Barros Baptista, é a assinatura que compete com a assinatura de Machado de Assis na capa do livro[149] – e também "Aires", pelo mesmo motivo.

O *nome de autor* enquanto *função autor*, desenvolvido por Foucault, é útil quando da análise da profusão de textos e assinaturas incluídas sob o *nome* "Machado de Assis". Embora as práticas do escritor, como vimos, revelem que ele próprio previa uma compilação e até mesmo teria favorecido ou incentivado a busca e inclusão de assinaturas sob seu nome, alguns textos e assinaturas certamente escapam do que se poderia chamar de *intenção* do homem que se chamou Joaquim Maria, operando, aquele *nome*, em certa medida como descrição e princípio de organização e agrupamento de discursos em uma "Obra",[150] derivada dos processos de seleção e exclusão, ora feitas pelo escritor (enquanto autor), ora por terceiros, e na construção de uma certa ideia de "Machado de Assis", que se altera ao longo do tempo.

Conforme notou Chartier ao revisitar, a pedido da Societé Française de Philosophie, a conferência e o tema do *autor* abordados por Foucault cerca de trinta anos antes na mesma Societé, a função do *nome de autor* é a "de classificação dos discursos que permite as exclusões ou as inclusões em um *corpus*, atribuível a uma identidade única", e é, nesse sentido, "fundadora" da própria noção de "Obra" e caracteriza "certo modo de existência comum de alguns discursos que são atribuídos a um único lugar de expressão e, por isso, ela própria é a responsável pela noção de escrita":[151]

> Podemos dizer que a "função autor" não é somente uma função, mas também uma ficção, e uma ficção semelhante a essas ficções que dominam o direito quando ele constrói sujeitos que estão distantes das existências individuais dos sujeitos empíricos. Disso decorre a ideia de uma função que conduz, de uma pluralidade de posições de autores, de uma diversidade de vozes nos discursos, a uma individualidade autoral única ou, ao contrário, de uma função que é princípio de identificação do discurso e que pode ser possivelmente atribuída a diferentes indivíduos, concorrentes ou colaboradores.[152]

---

[149] BAPTISTA, 2003a.
[150] Foucault voltou ao assunto em *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio, São Paulo: Edições Loyola, 5ª ed., 1999, p. 26.
[151] CHARTIER, 2012, p. 29.
[152] Idem. p. 29-30.

Havendo divergências, incoerências, contradições entre os textos incluídos sob um *nome de autor*, será esse *nome* o princípio organizador que permitirá explicar certos acontecimentos ao longo dos escritos ou da "Obra" por eles formada, sob títulos de "evolução", "transformação", "maturação"... Seja por sua biografia, sua posição social ou de classe, ou por aquilo que se deduz ser sua perspectiva individual, o autor é, ou se espera que seja, o princípio (ou a função) de uma certa unidade.

> O autor é ainda o que permite superar as contradições que podem se desencadear em uma série de textos: ali deve haver – em um certo nível do seu pensamento ou do seu desejo, de sua consciência ou do seu inconsciente – um ponto a partir do qual as contradições se resolvem, os elementos incompatíveis se encadeando finalmente uns nos outros ou se organizando em torno de uma contradição fundamental ou originária. O autor, enfim, é um certo foco de expressão que, sob formas mais ou menos acabadas manifesta-se da mesma maneira, e com o mesmo valor, em obras, rascunhos, cartas, fragmentos etc.[153]

É só assim, a partir de pressuposições como essa ("ali deve haver"), que se torna possível à crítica, ao debruçar-se sobre os heterônimos de Fernando Pessoa, por exemplo, debater sobre a relevância dos diferentes nomes – e Teresa Rita Lopes contou 72 nomes diferentes –[154] e estilos adotados pelo poeta português, seja entendendo-os como criação poética e concluindo "uma absoluta unanimidade entre Fernando Pessoa 'ele-mesmo', Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis",[155] seja na busca por um denominador comum estilístico,[156] de um "proto-Pessoa",[157] um fundo filosófico comum,[158] ou então, de outro modo, a partir do entendimento da heteronímia como fato social, como reflexo das contradições sociais ligadas à "absurda agonia do capitalismo"[159] ou, ainda, como crítica ao subjetivismo romântico, devido à "escassez quer dos elementos intelectuais [...] quer pela subordinação deles aos elementos emotivos".[160] Possibilidades interpretativas, poderíamos dizer, que a princípio vão surgindo também a partir do vasto conjunto de assinaturas sob o nome Machado de Assis, observadas as diferenças entre os escritores.

---

[153] FOUCAULT, 2006, p. 278.
[154] LOPES, 1990, p. 167-9.
[155] MONTEIRO, 1958, p. 90.
[156] COELHO, 1980 [1949], p. 122.
[157] LOURENÇO, 1983, p. 189-213.
[158] COELHO, 1971, p. 65.
[159] SACRAMENTO, 1970.
[160] COELHO, 1966, p. 145-50.

Assim, o *nome de autor* (ou seja, o "Autor") é definido pelo conjunto de obras sob ele incluídas e consideradas, formando uma "Obra", que por sua vez é responsável por definir uma *certa ideia* que se faz desse mesmo "Autor". Contudo, ao mesmo tempo, o conjunto de obras consideradas, ou incluídas em uma "Obra" de um "Autor" é definida por uma *certa ideia* que se faz desse mesmo "Autor" (ou que se quer criar, manter, recuperar, corrigir...), servindo, essas noções ("Obra" e "Autor"), para justificação e explicação mútua. O problema tem ainda outra camada, já apontada por Foucault, que é a definição da noção de "obra", isto é, quais escritos ou produtos da vida de um escritor seriam candidatos a "obra", quais teriam valor ou interesse "artístico" (para ficar no caso literário), ou quais fariam parte de uma certa *intenção* criativa ou *projeto*, e não apenas do interesse fetichista, ou indiscreto, ou da curiosidade histórica.

A impressão que se tem ao atravessar esse caminho vertiginoso de nomes sob o nome do autor é que a assinatura "Machado de Assis", como um organismo, parece com efeito ter passado a fagocitar as assinaturas que a ladeiam nos livros e jornais, e mesmo em outras folhas, de modo que vai sendo cada vez mais fácil reconhecer em escritos os mais diversos o estilo movediço de um Machado de Assis ubíquo, que parece seguir publicando livros ou, nas palavras de Carlos Drummond de Andrade, quando comentou a descoberta de um poema de Machado de Assis até então inédito por Plínio Doyle, de "existência infindável", ou então, em outro texto, como "vivo e atuante".[161] Esse vulto do "Bruxo", por outro lado, ou pelo mesmo motivo, parece também diluir-se seja nos periódicos entre os textos que escreveu e figuram ao lado dos seus, seja nos livros que publicou, em que entre a capa e seus autores supostos, editores e narradores figuram advertências ambíguas.

O reconhecimento de tal dificuldade (o que se apresenta é mesmo a impossibilidade de conhecermos a totalidade das assinaturas) coloca diante de nós questionamentos que procuram explicar o que faz o *nome de autor* "Machado de Assis" para que sustente e receba sob sua responsabilidade tantas e tão variadas assinaturas. Como os escritos e a assinatura autoral de Machado de Assis se abrem de modo a permitir que tantas assinaturas convirjam para elas? Em suma, o que o conjunto de assinaturas nos diz sobre uma tal "Obra" que se apresenta diante de nós? É o que pretendemos discutir no capítulo seguinte.

[161] "Machado de Assis vivo" e "Bruxo" in DRUMMOND, 2019.

# Capítulo 3: dispersão e refração autoral

*Manuel Bandeira*
*(Sousa Bandeira.*
*O nome inteiro*
*Tinha Carneiro.)*

*Eu me interrogo:*
*– Manuel Bandeira*
*Quanta besteira!*
*Olha uma cousa:*
*Por que não ousa*
*Assinar logo*
*Manuel de Sousa?*

"Manuel Bandeira", Manuel Bandeira

## 3.1. Tensão e ficcionalização autoral, assinaturas em perspectiva

Machado de Assis, que, numa simpática brincadeira, agradeceu à D. Alba, filha de seus vizinhos, que lhe oferecera um gato de estimação logo após a morte de Carolina, sua esposa, com a assinatura do "Gatinho preto"[162] ao invés de usar a sua própria, dando, assim, mostras de sua disposição para inventar e assumir o ponto de vista alheio, fez, também, de suas assinaturas lugares de tensão e refração da imagem autoral.

Explícita nos últimos romances, e especialmente nos dois últimos, supostamente baseados nos cadernos manuscritos deixados pelo conselheiro Aires, a ficcionalização da autoria já está de alguma maneira presente no primeiro romance, *Ressurreição*, em cuja advertência da primeira edição "M. A." chama a atenção para a retórica dos prólogos, para as inseguranças do autor estreante e para as suscetibilidades características do autor literário. Se no interior do romance a autoria é menos tematizada do que nos contos – podemos mencionar como em *Ressurreição* a preocupação de Félix no capítulo XXII ("Mas, como deduzir daqui a autoria da carta?", ASSIS, 1977, p. 174 ); e também no capítulo XXIV ("Meneses disse-lhe um dia ter a prova cabal de que Luís Batista fora o autor da carta", p. 180) –, ela é já posta em primeiro plano, como se observa neste trecho do capítulo XII:

> Aqui podia acabar o romance muito natural e sacramentalmente casando-se estes dous pares de corações e indo desfructar a sua lua de mel em algum canto ignorado dos homens. Mas para isso, leitor impaciente, era necessário que a filha do coronel e o Doutor Meneses se amassem, e eles não se amavam, nem

[162] A carta pode ser consultada em *Correspondência de Machado de Assis*, Tomo V, p.439-440.

> se dispunham a isso. Uma das razões que desviavam da gentil menina os olhos de Meneses era que este os trazia namorados da viúva. De admiração ou de amor? Foi de admiração primeiro, e depois foi de amor; cousa de que nem ele, nem o autor do livro temos culpa. (p. 126)

Também em *A mão e a luva*, romance da primeira fase, lê-se no capítulo IX:

> Não será preciso dizer a um leitor arguto e de boa vontade... Oh! sobretudo de boa vontade, porque é mister havê-la, e muita, para vir até aqui, e seguir até o fim, numa história, como esta, em que o autor mais se ocupa de desenhar um ou dous caracteres, e de expor alguns sentimentos humanos, que de outra qualquer cousa, porque outra coisa não se animaria a fazer (p. 100)

Nos contos a autoria também é importante matéria de discussão e fazer artístico, embora aconteça de modo diverso do que se observa nos romances, como expõe Guimarães. Enquanto nos contos o processo artístico emerge como "assunto", por meio de personagens-artistas que têm papel fundamental na narrativa, nos romances

> pode-se dizer que a reflexão sobre a arte e a condição do artista se faz menos em terceira pessoa, como tema ou assunto, do que pelo embate dos narradores com os leitores. Aí, por meio de um constante tuteio, que em alguns momentos atinge níveis de agressividade, Machado dramatiza – ou tematiza, dramatizando – a condição moderna do artista e da arte, que tem a ver com a crise da representação, a incomunicabilidade, a precariedade do estabelecimento de acordos e códigos comuns com o leitor, a relativização da verdade e dos valores etc.[163]

Assim, o tema da autoria e da figuração autoral é encontrado em contos que saíram em livros e periódicos, como "O machete", "Cantigas de esponsais", "Habilidoso", "Um homem célebre, "Um erradio" e "Aurora sem dia". Além disso, outro tema afim, que apresenta a relação problemática entre um autor e sua obra, seria em torno do status de detenção de uma *origem* ou *autoridade* sobre uma obra ou ideia, seja em torno da disputa dos "direitos autorais"[164] e da "paternidade" na criação dos homens por Deus e o Diabo (" [Diabo] – Vem cá, serpe, fel rasteiro, peçonha das peçonhas, queres tu ser a embaixatriz de teu pai, para reaver as obras de teu pai?"), como no conto "Adão e Eva"; ou por Deus e Prometeu, como no conto "Viver!" ("AHASVERUS – Moisés mentiu-me. Tu Prometeu, criador dos primeiros homens?"), ambos publicados em *Várias histórias* (1896);[165] ou, ainda, em "Evolução", publicado em *Relíquias*

---

[163] GUIMARÃES, 2006, p. 142-6.
[164] VILAR, 2008.
[165] http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/variashistorias.htm.

*de casa velha* (1906), onde somos apresentados a um "abismo" da psicologia: o processo de assimilação e apropriação por Benedito de ideias alheias como se fossem suas, apagando-se sua pressuposta origem:

> Não pude ouvir mais nada e fiquei pensativo. Mais que pensativo, fiquei assombrado, desvairado diante do abismo que a psicologia rasgava aos meus pés. Este homem é sincero, pensei comigo, está persuadido do que escreveu. E fui por aí abaixo até ver se achava a explicação dos trâmites por que passou aquela recordação da diligência de Vassouras. Achei (perdoem-me se há nisto enfatuação), achei ali mais um efeito da lei da evolução, tal como a definiu Spencer, – Spencer ou Benedito, um deles.[166]

Diante disso, se observa nos contos, e na análise do recorte da "Obra" tradicionalmente entendido como ficcional, no geral, a insistência e indicação, por meio da *tematização* da autoria, da falta de reconhecimento ou de uma dissolução do papel autoral enquanto causa psicológica ou origem. Por meio dessa reiteração, se revela um projeto de fragmentação que parece endereçado à crítica da própria noção de autoria identificada a um estilo ou a ideias imputadas como expressão de uma subjetividade singular, além da divisão e separação virtual de uma matéria ficcional que se oporia a uma noção de "real" ou de "verdade".

Quando da análise da figura do duplo em "O espelho", Sandra Vasconcelos, em estudo comparativo entre Poe e Machado de Assis, encontra no Bruxo uma "problematização da noção de real" por meio da operação de um diálogo entre os modos fantástico e realista no interior de um mesmo texto: "Essa desintegração da unidade pessoal transforma o sujeito em um ser excêntrico, alguém que cessou de coincidir consigo mesmo e que se percebe como identidade dupla ou até mesmo múltipla." Assim como aconteceu com o personagem Joãozinho, para quem o olhar alheio transforma-se numa espécie de espelho (a mudança de status muda até o modo como o personagem é nomeado, de Joãozinho para "senhor alferes"), o leitor se vê também espelhado no público ouvinte da teoria das almas de que fala o personagem Jacobina no interior do conto, enquanto o mesmo acontece também entre a figura do autor e a do narrador.[167]

Do mesmo modo, a diversidade de assinaturas e figuras narrativas e autorais, que figuram em lugares paratextuais de fronteiras nem sempre bem delimitadas nos últimos romances, é posta em perspectiva quando comparada às práticas das publicações em periódicos. Os periódicos são um universo perfeitamente capaz de alterar a compreensão dos textos de Machado de Assis reunidos em livro, e, conforme demonstrou Lúcia Granja, sobretudo por sua

---

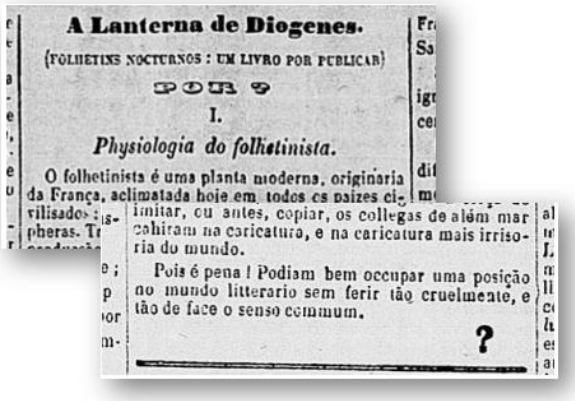
[166] http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/reliquiasdecasavelha.htm.
[167] VASCONCELOS, 1990, p. 23-39.

dinamicidade, efemeridade, plasticidade e lugares comuns que serviam como “hiperlinks”, suas práticas foram importadas para o gênero do romance na forma de uma “autorreferenciação exagerada”.[168]

Se na poesia e no teatro, conforme vimos no Capítulo 1, encontram-se um enorme investimento na figura do “Autor”, de sua assinatura e do *nome literário*, é justamente na publicação variada e experimental das crônicas que se percebe uma crescente participação das assinaturas na construção de sentido e na instabilidade e tensão da figura autoral.

É difícil delimitar o gênero, que começava a ser introduzido no Brasil,[169] e misturava-se com textos de crítica e folhetins. Se considerarmos o texto “A lanterna de Diógenes”, publicada no *Correio da Tarde* em 22 de outubro de 1858, como pertencente a esse gênero, poderíamos dizer que foi na crônica que apareceu o primeiro pseudônimo “verdadeiro” de Machado de Assis, o ponto de interrogação “?”. As assinaturas utilizadas até então, como demonstramos, eram variações de seu nome civil, sob o artifício da descaracterização onomástica, ao passo que esse, até recentemente desconhecido,[170] representa a primeira ruptura significativa com essa variação. A escolha do pseudônimo não poderia ser mais sugestiva. Em um texto em que se discutem o nascimento, a imitação e a (má) adaptação da figura do folhetinista às terras brasileiras, o cronista assinava com o um pseudônimo enigmático.

Figura 18: Recorte de “A lanterna de Diógenes”



A Lanterna de Diogenes.

(FOLHETINS NOCTURNOS : UM LIVRO POR PUBLICAR)

POR ?

I.

*Physiologia do folhetinista.*

O folhetinista é uma planta moderna, originaria da França, aclimatada hoje em todos os paizes civilisados : ...pheras. Tr...

imitar, ou antes, copiar, os collegas de além mar cahiram na caricatura, e na caricatura mais irrisoria do mundo.

Pois é pena ! Podiam bem occupar uma posição no mundo litterario sem ferir tão cruelmente, e tão de face o senso commum.

?

Fonte: *Correio da Tarde*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 237, 22 de outubro de 1858 (Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional)

[168] GRANJA, 2019.
[169] Idem.
[170] BORSATO, 2019.

Esse texto foi reformulado e publicado novamente sob outro pseudônimo ("M-as.") em *O Espelho*, em 30 de outubro de 1859 na série "Aquarelas", classificadas por João Roberto Faria como crônicas.[171] Ali, enquanto Machado de Assis assinava suas "Ideias sobre teatro"[172] com o *nome de autor* (classificadas como "artigos"), Machado de Assis, sob o pseudônimo "M-as.", ia compondo sua figura de jovem intelectual, para se firmar entre os escritores e jornalistas.[173] Nas crônicas da série "Aquarelas", assumiu o ponto de vista de observador da vida social e por meio da caricatura e do gosto particular pela citação ia delineando os tipos sociais dos "fanqueiros literários",[174] do "parasita",[175] do "empregado público"[176] e do "folhetinista"[177]. Com o mesmo pseudônimo assinou também naquele periódico as crônicas "Revista de teatros",[178] em que exercia o papel de crítico dos espetáculos que assistia.

Em 1861, quando assumiu a função de cronista de variedades no *Diário do Rio de Janeiro*, Machado de Assis começava assinando com o pseudônimo "Gil". Tal pseudônimo, que não se sabe ao certo se já havia sido utilizado,[179] assinou as 9 primeiras, das 20 crônicas que compõem a série.[180] A partir da décima crônica, de 16 de dezembro de 1861, a assinatura foi substituída pelas iniciais "M. A.", sem que haja qualquer indício de mudança de autor.[181] Não se sabe o motivo dessa troca. A série não foi interrompida ou modificada, e a troca de assinaturas não indica que houvesse qualquer pretensão de alterar também o caráter da série e, como notaram Lúcia Granja e Jefferson Cano, também "não mudaram, de fato, seu conteúdo, seu espaço ou função dentro do jornal".[182]

Se entendermos a mudança do pseudônimo, que nada tem a ver com o nome do escritor,[183] para iniciais próximas ao *nome de autor*, como uma atitude autoral de "assunção mais clara da paternidade das ideias e do estilo" e um passo na conquista de sua posição de escritor e intelectual, conforme propõem Granja e Cano, poderíamos corroborar com a hipótese acrescentando que o *nome de autor* "Machado de Assis" começava a ser definido naquele

---

[171] FARIA, 2009.
[172] Em parte, publicadas em *O Espelho* (25 de setembro, 02 de outubro e 25 de dezembro de 1859) e em parte em *A Marmota* (13 e 16 de março de 1860).
[173] Idem. p. 13.
[174] *O Espelho*, 11 de setembro de 1859.
[175] *O Espelho*, 18 de setembro e 9 de outubro de 1859.
[176] *O Espelho*, 16 de outubro de 1859.
[177] *O Espelho*, 30 de outubro de 1859.
[178] Em *O Espelho*, entre setembro de 1859 e janeiro de 1860.
[179] Há a dúvida sobre dois textos que assim foram assinados em *O Espelho*, "Folhas velhas – O Mosteiro de S. Bento (4 de dezembro de 1859), e "As gralhas sociais" (18 de dezembro de 1859). (cf. FARIA, 2009).
[180] As crônicas foram publicadas entre 12 de outubro de 1861 e 5 de maio de 1862 e foram reunidas em ASSIS, 2008a.
[181] SOUSA, 1955.
[182] GRANJA; CANO, 2008, p. 14.
[183] Referência, talvez, a São Frei Gil.

mesmo ano com a publicação de *Desencantos*, alguns meses antes, conforme vimos. Granja e Cano comentam: "Nessa posição de destaque, é natural que as ideias ali expostas se revestissem de importância e autoridade e, nesse caso, podemos avaliar a dimensão da nova responsabilidade colocada em mãos de nosso escritor jornalista".[184]

De qualquer maneira, é difícil delimitar as razões para a mudança de rumo na forma de assinar as crônicas, o que se deu abruptamente a partir da crônica de 16 de dezembro 1861. De fato, no cronista que vinha assinando sob pseudônimos, nota-se o movimento em direção ao uso de seu nome de autor, que se completa alguns meses depois do fim dos "Comentários da semana", quando a nova série, publicada em *O Futuro* a partir de 15 de setembro de 1862, passa a ser assinada com todas as letras de sua assinatura autoral, "Machado de Assis", até o fim de sua publicação, em 1º de julho de 1863.

O período é mesmo o da consolidação do nome do autor. Paralelamente às crônicas de *O Futuro*, foram escritos e assinados os pareceres ao Conservatório Dramático com aquela assinatura e publicados *Teatro* (1863), *Quase ministro* (1863, no *Almanaque Ilustrado da Semana Illustrada*, e 1864 em volume), *O caminho da porta* (1863) e *Crisálidas* (1864). Nesse momento, textos de diversos gêneros passaram a ser assinados por "Machado de Assis", em diversos periódicos, como no caso do poema "Fascinação",[185] a imitação em verso "O casamento do diabo",[186] o texto crítico "Parte literária – As revelações",[187] a tradução em verso "Alpujarra"[188] e muitos poemas publicados no mesmo *O Futuro*.

As crônicas publicadas naquele periódico luso-brasileiro, que também tinha circulação em Portugal, figuravam ao lado de nomes destacados de lá e cá, como Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão, Joaquim Pinto de Campos, Antônio Feliciano de Castilho, entre outros. Ali, como notou Rodrigo Camargo de Godoi, embora se auto definindo como um simples leitor,

> o cronista encarava o ofício do crítico com seriedade. Seriedade que contribuía sobremaneira para a construção e a consolidação da imagem pública de Machado de Assis como autoridade no campo literário e teatral. O cronista fazia crítica, não recuando sequer diante de José de Alencar, já considerado um dos principais romancistas brasileiros.
> [...]
> No que se refere aos palcos, observamos que Machado de Assis se mantinha engajado em prol do teatro nacional brasileiro.[189]

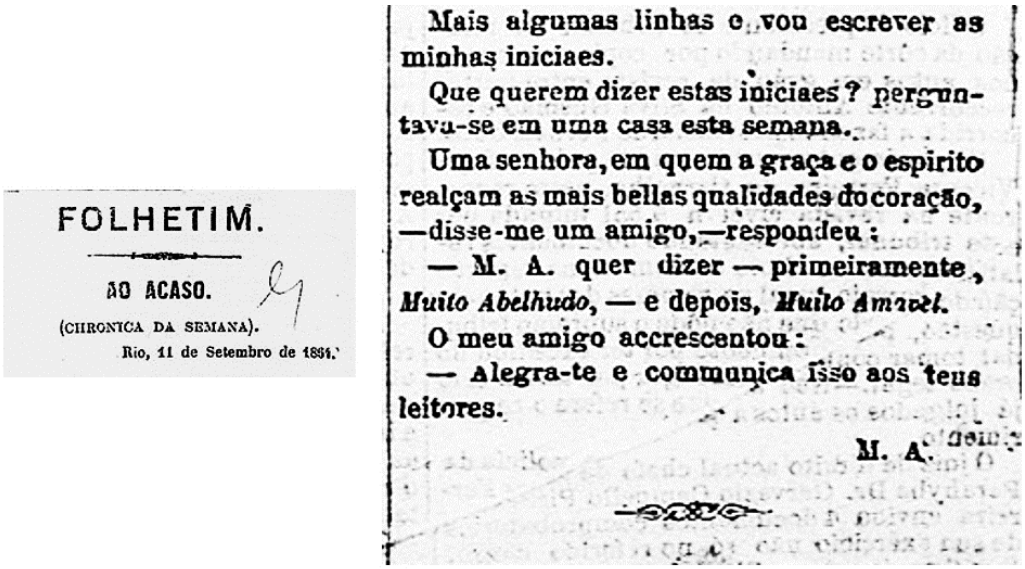
---

[184] Idem. p. 15.
[185] *O Futuro*, 1º de janeiro de 1863.
[186] *Semana Illustrada*, 29 de março de 1863.
[187] Sobre *As revelações*, Poesias de A. E. Zaluar - 1 vol. Garnier, Editor - Paris, 1863, publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, em 30 de março de 1863.
[188] *Jornal das Famílias*, julho de 1863.
[189] GODOI, 2014, p. 25-6.

O escritor chegou até a comentar as encenações de sua própria peça, *O Protocolo*, que vinha sendo ignorada pelos jornais,[190] na crônica de 15 de dezembro de 1862.

Além disso, com poucas exceções[191] a poesia publicada em periódicos continuaria a reiterar a assinatura de "Machado de Assis", investimento autoral nesse gênero que fica ainda mais explícito no volume das *Poesias completas*, que leva inclusive uma foto do autor. O mesmo acontece com o teatro, o que também se observa em torno da publicação de *Tu só, tu, puro amor*, em 1881, conforme comentamos. Nas crônicas, no entanto, uma nova inflexão acontece no modo de assinar, entre 1864 e 1865. Quando retorna ao papel de cronista no *Diário do Rio de janeiro* para escrever a série "Ao acaso", Machado de Assis volta a assinar suas crônicas com as iniciais "M. A." e demonstra ter consciência das possibilidades de efeitos das assinaturas, fazendo delas também assunto de brincadeiras, como na crônica de 11 de setembro de 1864, na qual o cronista comenta e assina:

Figura 19: Recorte da crônica "Ao Acaso" de 11 de setembro de 1864



FOLHETIM.

AO ACASO.

(CHRONICA DA SEMANA).

Rio, 11 de Setembro de 1864.

Mais algumas linhas e vou escrever as minhas iniciaes.

Que querem dizer estas iniciaes? perguntava-se em uma casa esta semana.

Uma senhora, em quem a graça e o espirito realçam as mais bellas qualidades do coração, —disse-me um amigo,—respondeu:

— M. A. quer dizer — primeiramente, *Muito Abelhudo*, — e depois, *Muito Amavel*.

O meu amigo accrescentou:

— Alegra-te e communica isso aos teus leitores.

M. A.

Fonte: *Diário do Rio de Janeiro*, de 11 de setembro de 1864 (Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional)

Depois daquele breve período, as assinaturas nas crônicas voltaram a variar. Enquanto "Ao acaso" era publicada no *Diário do Rio de Janeiro* com a assinatura "M. A.", Machado de Assis publicava suas cartas-crônicas na *Imprensa acadêmica* sob o pseudônimo "Sileno", entre abril e setembro de 1864. A assinatura nas crônicas variou também dentro da série "Ao acaso".

[190] Idem. Ibid.
[191] Verificáveis na tabela de poemas no Anexo 1.

Uma, de 25 de julho de 1864, saiu com a assinatura "M. de A.", e outra, depois de dois meses de intervalo da crônica precedente, saiu com a assinatura "Machado de Assis", em 3 de janeiro de 1865. É nessa crônica, justamente assinada com seu nome autoral, que Machado de Assis relembra com saudades a "Sociedade petalógica", da qual participara anos antes, causando algum contraste de tom e tema com a assinatura "M. A.", até ali utilizada, e anteriormente comentada pelo próprio cronista.

Assim foram aparecendo, de maneira esparsa, alguns pseudônimos, como "Sousa Barradas", que assinou a crônica "O chapéu", na *Illustração Brasileira*, em 17 de dezembro de 1865; "D. Juan", que assinou as crônicas "Conversa com as Mulheres", publicadas na *Semana Illustrada*, entre 14 de maio e 18 junho de 1865; "Job", que apareceu nas "Cartas fluminenses" no *Diário do Rio de Janeiro*, em 4 e 12 de fevereiro de 1867; "Platão", que assinou textos sobre as representações de Adelaide Ristori na *Gazeta de Notícias*, "Glaucus", que assinou a "Correspondência acadêmica" na *Imprensa Acadêmica*, em 14 e 20 de agosto de 1868; e "Platão", que assinou textos sobre as representações de Adelaide Ristori ao longo de julho de 1869 no *Diário do Rio de Janeiro*.[192]

Percebe-se assim, que o escritor, nas crônicas, voltava a se desdobrar em várias assinaturas. Foi nesse período que, enquanto publicava "Ao acaso", Machado de Assis participava da polêmica "que mal dissimulava seus propósitos comerciais" em torno de "Confissões de uma viúva moça", que se dava no *Correio Mercantil*, com a presença de muitas assinaturas que, ao que tudo indica, também eram suas.

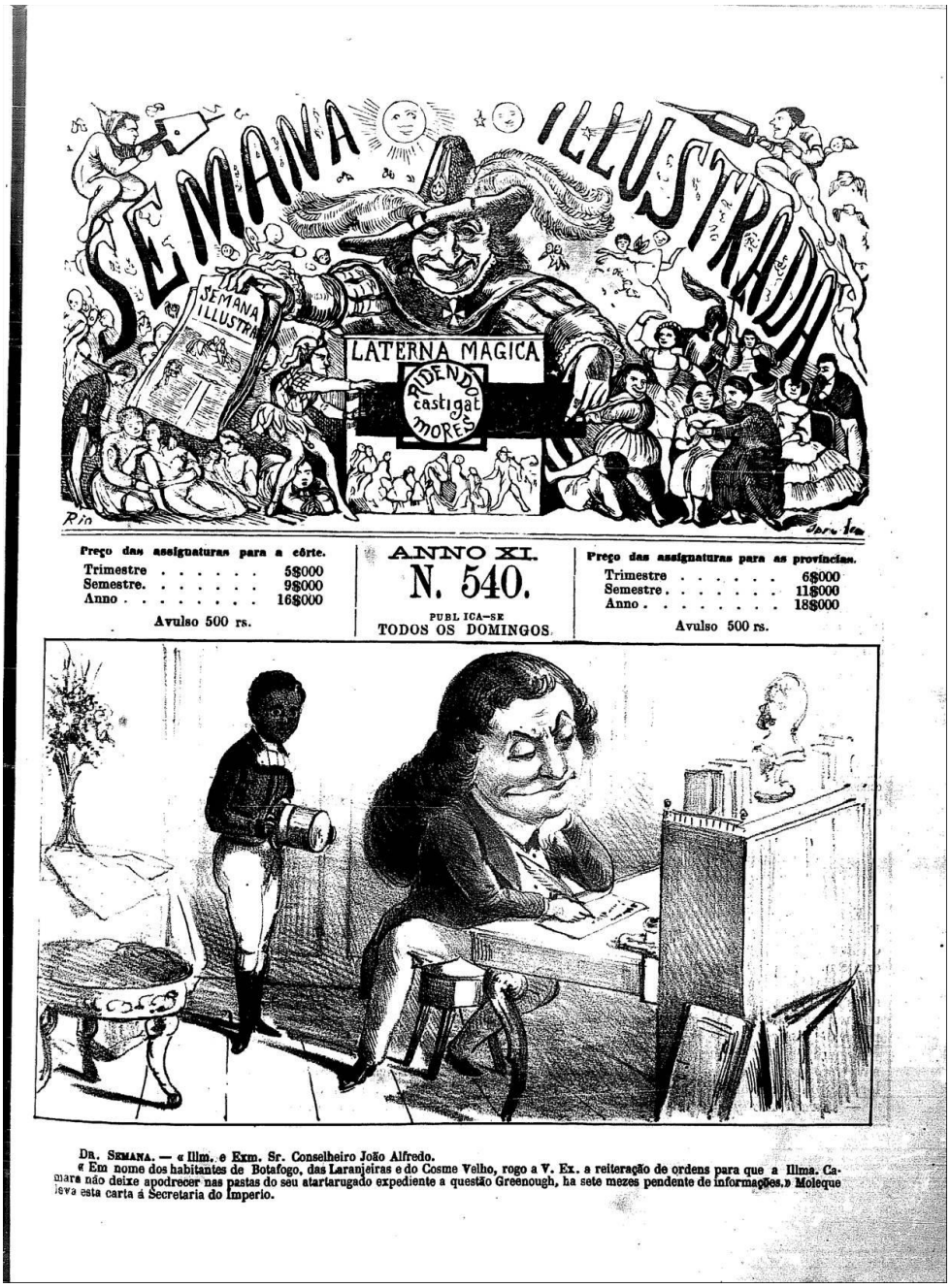
Entre 1869 e 1876 Machado de Assis dividiu a assinatura "Dr. Semana" com outros escritores, que também a utilizavam para subscrever as "Badaladas" publicadas na *Semana Illustrada*. Sob tal pseudônimo operavam, além de Machado de Assis, as penas de Pedro Luís, Aquiles Varejão, Antônio Félix Martins, Quintino Bocaiúva e outros, que subscreviam anedotas, comentários e as seções "Novidades da Semana" (que mudou depois para "Pontos e Vírgulas") e por fim as "Badaladas".[193] Se, por um lado, Sílvia Maria Azevedo atribui a maior parte daquelas crônicas a Machado de Assis, e chega mesmo a dizer que "não resta dúvida de que foi Machado de Assis o criador das Badaladas",[194] é preciso notar que a experiência e o efeito da assinatura compartilhada eram totalmente novos para o escritor. Uma vez que a

---

[192] No Anexo 3, dispomos em formato de tabela as crônicas esparsas e séries de crônicas sob o nome Machado de Assis, consideradas ao longo da pesquisa.
[193] Cf. MACHADO, 2008.
[194] A "prova" encontrada por Azevedo, seria uma citação em uma crônica das "Badaladas" de dois versos do poema "As duas rosas", de Almeida Garrett, que aparece 23 anos depois, em uma crônica da série "A Semana". Cf. AZEVEDO, 2019, p.13-4.

assinatura “Dr. Semana” abrigava vários autores, a responsabilidade e autoridade de cada cronista ficavam diluídas, sobretudo para o público leitor, que recebia a assinatura como um elaborado personagem, cuja fisionomia e personalidade eram retratadas inclusive com desenhos que abriam as primeiras páginas e eram publicados a cada número.

Figura 20: N. 540, de 16 de abril de 1871, da *Semana Illustrada*, em que se vê o personagem Dr. Semana tanto no cabeçalho do periódico como na ilustração da primeira página, que é seguida pela carta por ele escrita




Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional

Figura 21: Cabeçalho das “Badaladas”, com o personagem Dr. Semana

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional

É nesse sentido que Leonardo Affonso de Miranda Pereira, diz que

> A impossibilidade de identificação objetiva de sua autoria torna difícil caracterizar tais crônicas como parte da produção de Machado de Assis. Mesmo assim, essa experiência parece iluminar importantes dimensões da trajetória do cronista. Por se constituírem a partir do ponto de vista de um personagem ficcional – o Dr. Semana –, esses escritos se diferenciavam radicalmente do modo pelo qual, até então, ele se relacionara com a crônica. Por mais que abrigassem ainda a opinião e a subjetividade, as crônicas ali escritas agregavam à referencialidade característica do gênero os artifícios da ficção.[195]

Foi depois de tal experiência que o pseudônimo “Manassés” começou a assinar a série de crônicas “História de quinze dias”, publicadas na *Illustração Brasileira* (sucessora da *Semana Illustrada*) entre 1º de julho de 1876 e abril de 1878. O pseudônimo era “transparente”. De fato, a autoria de Machado de Assis por trás da assinatura do cronista era conhecida, assim como a participação de outros escritores que naquelas páginas também escreviam, como Joaquim Manuel de Macedo e Emílio Zaluar.[196] Apesar da expectativa criada pelo título aparentemente casual, “História dos quinze dias”, de que aqueles textos seguiriam a noção clássica de crônica (o que teria até mesmo uma ressonância com o pseudônimo de origem Bíblica, retirado de um tempo mítico),[197] a série de crônicas fora marcada pela subjetividade, característica da crônica moderna, como eram aquelas com as quais dialogava.[198]

Assim, a assinatura “Manassés” começava a delinear a possibilidade de uma suposta autoria, subjetividade singular ou ponto de vista, marcando uma mudança substancial nos modos de assinatura empregados por Machado de Assis nas crônicas que publicara até então.

---

[195] PEREIRA, 2009, p. 19.
[196] Idem. Ibid.
[197] Também foi sugerido por Raimundo Magalhães Júnior, que o pseudônimo seria uma composição feita quase que inteiramente a partir de letras do nome de Machado de Assis.
[198] Idem., p.13-14.

O cronista, que assina "Manassés", oscilava, assim, como ele próprio comenta, entre as figuras de historiador e contador de histórias.

> Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à Rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de histórias.
> E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de um historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que passou é só fantasiar.[199]

Pereira destaca ainda uma outra possibilidade de entendimento da assinatura "Manassés", uma vez que o nome significa "aquele que faz esquecer" ou "fazendo esquecer", que é explicitado no próprio texto bíblico. O pseudônimo que assinava as "Histórias de quinze dias" evidenciava a subjetividade dos mecanismos de memória, causando uma contradição irônica com o título e o propósito da crônica clássica.[200]

Assim, do ponto de vista das assinaturas das crônicas, o caminho percorrido até a aparição de "Manassés" representa uma espécie de intervalo de definição e delimitação do gênero crônica dentro do conjunto dos escritos de Machado de Assis. A partir dali o lugar de assinaturas nas sucessivas séries de crônicas e mesmo nos romances seria cada vez mais gerador de ambiguidades, o que alcançaria seu maior grau na derradeira "A Semana", marcada justamente pela *ausência* de assinatura.

Quando começa a assinar a série subsequente em *O Cruzeiro*, "Notas semanais", com o pseudônimo "Eleazar", entre junho e setembro de 1878, já não restam dúvidas da participação das crônicas no processo que culminou na aparição das *Memórias póstumas de Brás Cubas*.[201] Até ali, Machado de Assis, com seu nome de autor, havia publicado, naquele periódico, no formato de folhetim, o romance *Iaiá Garcia*, o que se deu entre janeiro e março daquele ano. Os outros textos que saíram naquele periódico, não apenas as crônicas, mas também contos[202] e textos críticos como o célebre "Literatura realista – *O Primo Basílio*", foram também

---

[199] 15 de março de 1877 (ASSIS, 2009d, p.175).
[200] Idem., p. 20.
[201] GLEDSON; GRANJA, 2008, p. 63-4.
[202] "A sonâmbula – ópera-cômica em sete colunas" (26 de março de 1878); "O bote de rapé" (26 de março de 1878); "Um cão de lata ao rabo" (2 de abril de 1878); "O califa de platina – (conto árabe)" (9 de abril de 1878); "Filosofia de um par de botas" (23 de abril de 1878); "Antes da missa – conversa com duas damas" (7 de maio de 1878); "Na arca – três capítulos (inéditos) do Gênesis" (14 de maio de 1878);"O caso Ferrari" (21 de maio de 1878); e "Elogio da vaidade" (28 de maio de 1878).

assinados com o pseudônimo. A identidade de Eleazar, assim como a de Manassés, também não era segredo, e o conjunto formado pelos textos que ali receberam exclusivamente aquele pseudônimo, embora diversos, parece indicar a existência de uma certa unidade por eles formada.[203]

John Gledson e Lúcia Granja afirmam que, após publicação recente dos romances *A mão e a luva*, *Helena* e *Iaiá Garcia*, a experimentação que produziu a inflexão que se verifica em *Memórias póstumas* e *Papéis Avulsos*, teria acontecido em várias frentes e sobretudo nos textos publicados em *O Cruzeiro*, sob a assinatura "Eleazar".[204] Além dos procedimentos paródicos encontrados em contos como "Na arca", a série de crônicas "Notas semanais" é vista pelos críticos como uma "unidade síncrona", pois, embora as crônicas reflitam os acontecimentos políticos, elas não são ditadas por eles.[205]

Assim, as "Notas semanais" trouxeram um traço "original" para as crônicas, que são certas instâncias em que o cronista passa a escrever ficção e nas quais vão aparecendo alguns procedimentos e atitudes que remetem à escrita de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Anotam os críticos:

> ao ler essas crônicas e anotá-las, pareceu-nos que a ficção passou a ser uma *atitude* da prosa machadiana, por meio da criação de um autor defunto, ou valorizando o leitor ficcional dentro da técnica literária, pela combinação entre a alegoria e o fantástico, ou por meio da incorporação da paródia, da sátira e da ironia, principalmente, ao procedimento discursivo (entre outras novidades escritas e reescritas ao longo da década de 1870), tudo isso como uma forma possível de reinventar a verossimilhança em relação ao real e à própria ficção.
> [...]
> De certa forma, então, essas crônicas (e essas "fantasias" que as precedem) podem ser vistas como uma linha de investigação e experimentação artística que resulta diretamente do beco sem saída ficcional que *Iaiá Garcia* representou.[206]

A próxima série de crônicas de Machado de Assis é a que foi publicada na seção coletiva "Balas de estalo" na *Gazeta de Notícias* entre 1883 e 1886, sob o pseudônimo "Lelio". Ana Flávia Cernic Ramos mostra que a assinatura não foi escolhida para ocultação do nome, mas sim para dar voz a um narrador dotado de características próprias.[207]

---

[203] GLEDSON; GRANJA, 2008, p. 14-5.
[204] As crônicas – em especial as publicadas em O Cruzeiro – são uma parte crucial dessa história, e, é claro, o fato de a crônica ser, por muitos aspectos, um gênero tão livre e indefinido é a principal razão para isso. (GLEDSON; GRANJA, 2008, p. 21).
[205] Idem, p. 32.
[206] Idem, p. 78-9
[207] RAMOS, 2010, p. 61-81.

A seção coletiva que nasceu dos planos de Ferreira de Araújo chegou a contar com 16 assinaturas e tinha como regra manter, de modo geral, características específicas para cada narrador. Mesmo quando um mesmo escritor praticava assinaturas diferentes, como era o caso de Henrique de Chaves (que assinou "Zig-Zag", "João Tesourinha" e "João Bigode") e Demerval da Fonseca (que assinou "Décio", "Publicola" e "Confúcio"), cada narrador/assinatura era concebido com um ponto de vista próprio e distinto dos demais assinantes daquela seção. Cada cronista lidou com a questão das assinaturas de modo muito específico, inclusive em relação às motivações das escolhas de cada nome.

"Lelio" foi inspirado no personagem homônimo, belo, rico e enamorado da *Commedia dell'Arte* de Molière, e mobilizava referências clássicas da literatura e acontecimentos políticos contemporâneos. Sendo a política o principal tema da série, sempre representada como farsa ou como espetáculo teatral burlesco, a criação do "narrador" remetia não apenas ao humor, mas à própria criação do teatro moderno.[208] Ramos escreve:

> Assim, se o pseudônimo não surge na série como um personagem típico de outros gêneros literários, previamente elaborado e definido como nos romances, é, porém, o personagem-narrador inventado a partir dele que possibilitará esse olhar multifacetado da série sobre as questões debatidas em grupo. Criado a partir das especificidades da crônica, é o narrador quem instaura outras instâncias interpretativas dentro do texto, sua fala é sempre definida a partir dos referenciais, das funções e das características gerais que cada um deles assume dentro da coletividade.[209]

Há ainda a particularidade de, na crônica de 17 de janeiro 1885, Lélio referir-se a outro pseudônimo, utilizado anos antes por Machado de Assis para subscrever a crônica "O chapéu", na *Semana Illustrada* de 17 de dezembro de1865, "Sousa Barradas", como sendo seu sobrinho, numa evidente lembrança do pseudônimo da mocidade,[210] aproximando o uso desses pseudônimos ao campo ficcional ou do *heterônimo*. Reproduzimos abaixo:

> Em nome da Santíssima e Indivisível Trindade.
>
> Eu, Lelio dos Anzóis Carapuça, estando em meu perfeito juízo, determinei escrever este testamento, para o fim de deixar expressas as minhas últimas vontades, que espero sejam cumpridas, como se eu presente fosse.
>
> Não possuindo cousa nenhuma, não lego nada a ninguém, a não ser a minha bênção ao meu sobrinho Sousa Barradas, e a saudade eterna que há de ficar no coração de muitas pessoas.[211]

---

[208] Idem, p.70-1.
[209] Idem, p. 64.
[210] Cf. "Sousa Barradas" in MACHADO, 2008.
[211] Op. Cit.

A crônica “O Chapéu”, por sua vez, era já uma carta de Sousa Barradas ao “Meu caro Dr. Semana”, como vimos um pseudônimo coletivo daquele periódico também utilizado por Machado de Assis. “Lelio” ganharia ainda mais um aspecto ao apresentar uma variação, a forma “Lel∴”, à maneira maçônica, que subscreveu a crônica de 9 de dezembro de 1883, da mesma série.

Como se vê, as assinaturas presentes nas crônicas foram se complexificando e, a esta altura, passavam até mesmo a criar relações de *familiaridade* entre si. A experimentação do cronista continuou na *Gazeta de notícias* quando publicou a série “A+B”, crônicas dialogadas publicadas entre setembro e outubro de 1886, sob o pseudônimo “João das Regras”, e depois na série “Gazeta de Holanda”, entre novembro de 1886 e fevereiro de 1888, sob o pseudônimo “Malvolio”, em que a crônica, agora, era publicada em verso.

Também foi ali, naquele mesmo periódico, que foram publicadas as duas últimas séries de crônicas de Machado de Assis, “Bons dias!” e “A Semana”. A primeira, foi publicada entre 5 de abril de 1888 e 29 de agosto de 1889. Todas as crônicas dessa série começam com a saudação do título e terminam com outra saudação, que funciona também como assinatura: “Boas noites”. Publicada paralelamente à publicação de *Quincas Borba*, que saia aos pedaços em *A Estação*,[212] é possível ver nela reaparecidas a perda de controle e loucura alegorizada em Rubião, sobretudo quando a série se aproxima do seu fim, como nos conta John Gledson.[213]

A figura do cronista que ali assina identifica-se às vezes como “Policarpo”, um pacato relojoeiro. Para Gledson, considerá-lo um “narrador” como o dos contos e romances, conforme propôs Sidney Chalhoub,[214] é “exagero, no máximo uma distorção da verdade e uma complicação inútil”:

> Algumas crônicas até tinham narradores individuais – o dono de Pancrácio, por exemplo, na famosa crônica que logo veremos, e que certamente não é o pacato e efêmero relojoeiro, e o sujeito que quer imitar Tchitchikov, de *Almas mortas*, da crônica de 26 de junho de 1888 –, mas eles duram só uma crônica inteira – aventurar-se mais seria esperar mais do leitor do jornal do que o próprio gênero pode admitir, e impor limites inaceitáveis. Muito mais importe que a *persona* contraditória, zombeteira, fogo-fátuo, do cronista, é o título e a fórmula das crônicas – “Bons dias!” – “Boas noites” –, com tudo que implicam de polidez e agressão, de intimidade e distância.[215]

Gledson se refere à relação irônica que a série estabelece com os leitores. Emoldurada pela polidez e familiaridade dos títulos e assinatura (as saudações), o leitor, às vezes referido

---

[212] O romance foi publicado entre 1886 e 1891 naquele periódico.
[213] GLEDSON, 2006, p.138.
[214] CHALHOUB, 1990.
[215] Idem, p. 150-1.

como “caro leitor”, se vê sempre diante da possibilidade de receber agressões e insultos. Tal contraste, estabelecido desde o primeiro parágrafo da primeira crônica da série, definiria o tom presente em toda ela.[216] A interpretação do crítico é para nós importante, pois evidencia a sofisticada forma de assinar empregada pelo escritor naquela série, em que a circularidade formada entre título e assinatura se constitui potente fonte de significação. Note-se que, aqui, embora haja um Policarpo, há outros narradores falando dentro das crônicas, de modo que a assinatura já não configura propriamente um pseudônimo, como nos casos vistos de “Lelio”, “Manassés”, “Eleazar”... Ela antes define a tensão comum em toda a série, ainda que o cronista se veja fragmentado.

Publicadas sem assinatura entre 1892 e 1897 (incluindo duas crônicas avulsas, publicadas em 1900), a série “A Semana” é considerada por Gledson como “sem dúvida, a sua série mais famosa” e aquela que, dentre as crônicas do escritor, "quase que só elas foram consideradas válidas para a republicação”.[217] Essa importância se deveria à qualidade das crônicas, nas quais se nota uma “consciência de que se tratava de obra com pretensões literárias um pouco acima da norma deste gênero”.[218]

A autoria ali não era nenhum segredo – “as pessoas sabiam que era Machado o autor das crônicas”, mas o escritor, ao publicá-las anonimamente, estaria se posicionando e se defendendo.[219] Se concordarmos com Gledson, poderemos afirmar que o caso parece se integrar bem à prática que Genette classifica como *anonimato de conveniência*, na descrição que dele faz:

> Esse tipo de anonimato nada tinha, em geral, de um incógnito ferozmente protegido: na maioria das vezes, o público conhecia, boca a boca, a identidade do autor, e não se espantava ao não encontrar sua menção na página de rosto. Outros eram um pouco mais defendidos, ao menos como ficções oficiais, seja porque constituíam uma medida de precaução diante das perseguições oficiais, seja porque constituíam uma medida de precaução diante das perseguições do poder ou da Igreja (como Voltaire, Diderot e outros), seja porque correspondiam a um capricho obstinado do autor.[220]

De qualquer modo, se a autoria empírica de “A Semana” não é nenhum segredo, difícil entender um anonimato “transparente” apenas como um modo de se defender das reações às

---

[216] Idem.
[217] GLEDSON, 1996, p.7.
[218] Idem, p.1.
[219] Idem, p. 13-5.
[220] GENETTE, 2009, p. 44; ou GENETTE, 1987, p. 43.

opiniões eventualmente ali expressadas. O que se verifica é que justamente a ausência de assinatura da série permite que nela se encontre ora a voz "verdadeira" e a real "intenção" de Machado de Assis, ora uma "proliferação de vozes",[221] um "narrador",[222] uma "heteronímia", derivada da prática de um "outramento",[223] e até mesmo, extrapolando os limites dos suportes e dos gêneros, o personagem "Aires", como fez Lúcia Miguel Pereira.[224]

Com esse percurso, fica clara uma evolução nos modos de assinar praticados por Machado de Assis nas crônicas. Lugar de experimentação, o gênero possibilitou ao escritor diversas experiências com as assinaturas que seriam importadas para a ficção e principalmente para os romances, onde ganhariam elevados graus de ambiguidade, conforme veremos adiante.

## 3.2 Edição, reedição, contra-edição: a errata pensante e o autor refratado

Por ser uma declaração de autoria, numa apreensão imediata, seria possível dizer que a assinatura está ligada àquela noção de autor que é auto evidente, como diz João Adolfo Hansen, comum à opinião, isto é, um "referente de individualidade empírica responsável, como causa criadora, por objetos com a rubrica de um nome próprio, índice de sua autenticidade e propriedade". Ou, então, à noção de autor enquanto *auctor*, que, em português, deriva do latim arcaico e do latim clássico, na significação genérica de "o que faz crescer", "o que faz surgir", "o que produz".[225] Assim, o termo *auctoritas* está relacionado ao ato de produção, à qualidade revestida pelo alto magistrado, à validade de um testemunho, ao poder de iniciativa etc., que com *autoridade* produz uma mudança no mundo, que faz surgir alguma coisa, que traz à vida. Já no período itálico, a *auctoritas* como "autoridade" e "autoria" parece pertencer à língua religiosa e do direito. Desse modo, em direito, *auctor* designa o *fiador*, acrescentando-se também os sentidos de "proprietário" presente na definição jurídica moderna de direito autoral, e de "propriedade do bem cultural".[226]

Hansen conta-nos que, entretanto, "desde o século XIX romântico, que generalizou a autoria como presença do indivíduo nas obras, a pertinência semântica da noção idealista de 'criação' vem sendo questionada em críticas à unificação substancializadora da sua

---

[221] CRUZ Jr., 2002
[222] "Um narrador em A Semana?" in Sousa, 2015.
[223] CAMPOS, 2013.
[224] "Em 1892, quem escreve os folhetins da 'Semana', sob o pseudônimo de Machado de Assis, é o velho Aires" PEREIRA, 1988, p. 244-5.
[225] HANSEN, 1992.
[226] BENVENISTE, 1995, p. 151-2.

particularidade histórica de produção de produto".[227] O *autor-presença* surge no século XVIII, "e a generalização atual da autoria, como identidade ideal e/ou causalidade psicologista, é invariavelmente a de esquemas projetivos muito próximos aos da exegese cristã, que alegava a santidade do Autor quando pretendia provar o valor de um texto".[228] Assim, o "Autor" começou a ser produzido na crítica literária como um efeito infinito da interpretação, que passou a executar a intenção oculta das obras.[229]

Uma tal noção de autoria, como princípio de criação e origem, portanto, nem sempre existiu, mas, ao contrário, variou desde a antiguidade e continua, talvez mais do que nunca, sendo palco de debates em torno da delimitação de um conceito e da escolha dos elementos pertinentes e relevantes para sua constituição e estudo (ou da sua "Obra") ou mesmo de seu total apagamento.[230]

O texto de Roland Barthes, "A morte do autor", tornou-se emblemático da crítica estruturalista e defende a ideia de que a escritura começa quando o "autor entra na sua própria morte". Contra o "império do autor", isto é, da *personagem moderna do autor*, como gênio, e contra a crítica "tiranicamente centrada no autor, sua pessoa, seus gostos, suas paixões", Barthes propõe, como o título (polêmico) de seu texto anuncia, que apenas a linguagem "age", performa, não o "eu" do autor.[231] Sendo assim, Barthes defende como incontornável a percepção desenvolvida pela linguística e pela "filosofia oxfordiana", naquilo que elas chamam de "performativo",[232] e também no entendimento de que o texto não é feito de palavras destinadas a produzir um sentido único e mesmo teológico (associado à mensagem de um Autor-Deus), mas "um espaço de dimensões múltiplas" onde "o texto é um tecido de citações oriundas dos mil focos da cultura". Sucedendo ao Autor, a introdução do "escriptor" de Barthes, destituído de paixões, humores, sentimentos, enfim de seus aspectos biográficos e individualizantes, faria com que se deixasse de perseguir, em um texto, algo para ser "decifrado" e se passasse a "deslindá-lo". Tal operação, finalmente, só é possível vinda de um "lugar" que não é o do autor, mas o leitor, que, por sua vez, também "é um homem sem história, sem biografia, sem

---

[227] HANSEN, Idem, p. 11-7.
[228] HANSEN, Op. cit., 1992, p.11-4.
[229] Idem. p. 18.
[230] Cf. FINKELSTEIN; McCLEERY, 2012, p.66-71.
[231] BARTHES, 2012, p. 58-9.
[232] Barthes (op. cit., p. 61) provavelmente se refere a John Langshaw Austin, que desenvolveu o conceito dos atos de fala, dos quais fariam parte os atos performativos, que o autor francês mencionara anteriormente. Austin é mencionado, agora nominalmente, para propor o apagamento do autor/escritor, também por Derrida, e inclusive nas assinaturas, conforme se verá.

psicologia; ele é apenas esse *alguém* que mantém reunidos em um mesmo campo todos os traços de que é constituído o escrito". Substitui-se, em suma, o "Autor" pelo "leitor".[233]

Embora Barthes não chegue a nomear a assinatura como tal, Kamuf chama a atenção para o que ele descreve como uma linha de divisão entre um escritor e um livro, um antes e um depois, um dentro e um fora. Esta "single line devided"[234] nomeia sem nomear a assinatura:

> Embora o ensaio de Barthes nunca nomeie a assinatura como tal, ele designa uma certa linha de divisão entre autor e livro onde se pode ler uma assinatura: "O Autor, quando se crê nele, é sempre concebido como o passado do seu livro: o livro e o autor se posicionam *numa única linha, dividida* em um antes e um depois.
> A "única linha dividida" nomeia sem nomear a assinatura.[235]

A assinatura, portanto, não é um autor e nem mesmo um nome próprio de um autor, mas a articulação da fronteira entre "vida" e "obra", corpo e linguagem: "uma articulação que ao mesmo tempo une e separa; que une e separa identidade com/da diferença. Uma diferença de si mesma, dentro de si mesma, articula a assinatura no texto que assina".[236]

Sendo parte do que se poderia chamar de escola francesa do estruturalismo não genético, à qual poder-se-iam integrar nomes como Lévi-Strauss, Althusser e o próprio Barthes, Derrida, em *Margens da filosofia*, também segue a ideia central da negação do sujeito, comum a essa corrente filosófica.[237] Partindo do entendimento de que a *escrita*, como uma forma de comunicação, possui sua *diferença*, aquilo que lhe é próprio e constituinte, justamente na produção de uma marca, isenta da necessidade de conhecimento e reconhecimento da existência de um produtor para funcionar e se dar a ler e a reescrever, Derrida sustenta que:

> Para que um escrito seja um escrito, é necessário que continue a "agir" e a ser legível mesmo se o que se chama o autor do escrito não responde já pelo que escreveu, pelo que parece ter assinado, quer esteja provisoriamente ausente,

---

[233] Idem. p.62-4.

[234] Na tradução brasileira que utilizamos: "numa mesma linha, distribuída como um *antes* e um *depois*." (BARTHES, 2012, p.61.). Para Peggy Kamuf, a tradução de Stephen Heath para o inglês, algo como "uma única linha dividida", acentua uma ambiguidade proveitosa: "But already, one might say, before this "event" in Barthes's implied narrative, there is the curiously ambivalent image of "une même ligne, distribuée," an ambivalence that Stephen Heath accentuates by translating with the phrase "a single line divided." (KAMUF, Op. Cit.)

[235] "Although Barthes's essay never names the signature as such, it designates a certain line of division between author and book where one might expect to read a signature: 'The Author, when believed in, is always conceived of as the past of his own book: book and author stand automatically on a *single line divided* [italics added] into a before and an after [une même ligne, distribuée comme un avant et un après]'.[...] The "single line divided" names without naming the signature. There where a concept divides the line between writer and text, before and after, outside and inside, at the point of division that Barthes's essay supposes but elides in something like a syncope, a piece (but a piece of what?) falls through." (KAMUF, Op. Cit. Tradução nossa).

[236] "An articulation both joins and divides; it joins and divides identity with/from difference. A difference from itself, within itself, articulates the signature on the text it signs". KAMUF, Op. Cit. Tradução nossa.

[237] DERRIDA, 1991, p. 349-73.

> quer esteja morto ou que em geral não tenha mantido a sua intenção ou atenção absolutamente atual e presente, a plenitude do seu querer-dizer, mesmo daquilo que parece ser escrito "em seu nome". [...]. A situação do escritor e do subescritor é, quanto à escrita, fundamentalmente a mesma que a do leitor. [...] isenta de qualquer responsabilidade absoluta, da *consciência* como autoridade em última instância, órfã e separada a partir do seu nascimento da assistência do seu pai [...].[238]

Assim, também, Derrida diz que o signo escrito comporta uma força de ruptura com o seu contexto e com o conjunto das presenças que organizam o momento de sua produção, sendo legível mesmo quando não se é possível mais saber seu momento de inscrição, a intenção e o querer-dizer que estão irremediavelmente perdidos. O intervalo, a negação do sujeito, não é apenas uma negatividade de lacuna, mas o próprio surgir da marca, a condição de possibilidade da escrita.[239] O apagamento do sujeito, para Derrida, como condição da escrita, aproxima-se, portanto, da forma proposta por Barthes para quem a escrita começa somente a partir da "morte do autor".

A partir da análise dos trabalhos de John Langshaw Austin, em especial no que diz respeito aos performativos e naquilo que o linguista chama de *fonte* da enunciação – como é entendida a assinatura –, Derrida afirma que uma assinatura escrita implica a não-presença atual ou empírica do signatário, mas também retém o seu ter-estado presente numa forma geral de permanência. Contudo, sendo escrita, para funcionar, "para ser legível, uma assinatura deve ter uma forma repetível, iterável, imitável, deve poder separar-se da intenção presente e singular da sua produção."[240]

Kamuf considera que as ideias desenvolvidas por Derrida sobre a pergunta "O que resta de uma assinatura?" podem ser entendidas em duas posições distintas: na primeira – posição do formalismo –, a assinatura pertence ao "interior" (da pintura, escultura, discurso, e assim por diante) daquilo que se presume que está assinado. Em um texto, então, a assinatura faria parte de seu efeito e desempenharia um papel "dentro" daquilo que reivindica a apropriação para si ou levaria de volta à sua origem; no segundo caso – uma posição historicista –, a assinatura se manteria "fora" do texto, como geralmente se acredita, emancipando o "produto", que poderia seguir sem a assinatura, da qual não necessariamente precisa para funcionar.

Aqui encontra-se, por exemplo, a diferença de posicionamento, dados os pressupostos epistemológicos, entre as leituras de Abel Barros Baptista e Roberto Schwarz e John Gledson

---

[238] Idem. p. 357.
[239] Idem., p. 358.
[240] Idem., p. 371.

da “Obra” de Machado de Assis, uma vez que a chave de leitura do primeiro considera a assinatura como “dentro” do discurso, e os dois últimos a consideram “fora”, a partir de uma posição historicizante de emancipação do texto, que poderia seguir ignorando-se suas assinaturas. Os conceitos de assinatura e de escrita aproveitados por Abel Barros Batista para suas análises dos textos machadianos e das assinaturas presentes em algumas advertências de seus livros é diversa. O crítico português considera a escrita enquanto comunicação que não constitui um meio de transporte de um sentido original, nem troca de intenções e querer-dizer, ou o discurso e a “comunicação das consciências”, enfim de uma escrita que se lê e não que dá lugar a uma decodificação hermenêutica, para a decifração de um sentido, de uma intenção ou de uma verdade.[241] Tais análises divergem e polemizam com leituras como a de John Gledson, que se dedica a recuperar as referências históricas, contemporâneas aos textos e ao escritor, e as possíveis intenções de Machado de Assis através dos textos que levam sua assinatura,[242] e as de Antonio Candido e Roberto Schwarz, que, numa abordagem que aproxima literatura e sociedade, procuram características histórico-sociais nas obras do autor, que possam ajudar a compreender a sociedade brasileira de então e de agora.[243]

Os dois casos de que fala Kamuf representam dois modos de negar o que “resta de uma assinatura”, diferenciando-se apenas por uma questão de metonímia espacial, isto é, se entendida como dentro ou fora do objeto. Mas a marca da assinatura, explica Kamuf, continua a trair um sistema que se queira geral, pois, se de um lado, no discurso literário, há o processo de “monumentalização” de um nome próprio em “coisas” ou em “nomes de coisas”, de outro, no discurso científico ou filosófico, o nome, a assinatura “Hegel”, por exemplo, é ao mesmo tempo “guia indispensável e o resto semi-apagado de uma descendência patrilinear”.

Conforme foi dito, o desejo e a necessidade de estudo das assinaturas de Machado de Assis surgiram a partir do contato com a polêmica existente em torno da delimitação de um narrador em *Esaú e Jacó*. As divergências entre os críticos aparecem já na interpretação da “Advertência” do romance, que não possui assinatura. O desacordo agrava-se quando ela é confrontada com a “Advertência”, assinada com a forma “M. de A.”, que abre o romance posterior, *Memorial de Aires*, na medida em que esta retoma aquela, como que sugerindo uma continuidade entre as duas advertências.

---

[241] Refiro-me às análises realizadas em BAPTISTA, 2003a.
[242] Em BAPTISTA, 1994, p. 145-77. Cf. também NETO, 2015, p. 306-8.
[243] Como em “O propósito cosmopolita” in BAPTISTA, 2014. Para uma melhor caracterização das principais (e divergentes) leituras realizadas sobre a obra de Machado de Assis, Cf. GUIMARÃES, 2017.

Em relação a *Esaú e Jacó*, John Gledson reconhece a atribuição da autoria ficcional do romance ao personagem Aires, que seria feita diretamente pelo autor empírico a partir das advertências.[244] Abel Barros Baptista, divergindo de Gledson, propõe o reconhecimento de um editor ficcional presente na "Advertência" de *Esaú e Jacó*,[245] afirmando que Machado de Assis, ao assumir, na "Advertência" de *Memorial de Aires*, a "paternidade" da "Advertência" de *Esaú e Jacó*, estaria acionando um dispositivo estilístico de contra-assinatura, que teria o efeito de tornar a assinatura anterior imprópria e a atual própria.[246] O traço estilístico do escritor seria então o ato de contra-assinar, e o paradigma desse processo estaria na "Advertência à quarta edição" de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, na qual o autor, enquanto romancista, assumiria a "paternidade" de Brás ao referir-se a ele como "meu autor", separando-se dele definitivamente. A assinatura de Machado de Assis, assim, teria essa propriedade de se dividir em duas, de modo indecidível entre a sua própria assinatura e a de Brás Cubas, ou Dom Casmurro.[247] Na esteira desse raciocínio, Baptista interpreta a relação entre as "assinaturas siamesas" (assim chama as advertências dos dois últimos romances de Machado de Assis) e, portanto, atribui a elas um mesmo referente de autoria como paradigma constituinte de um novo processo realizado por Machado de Assis, o da sua própria ficcionalização – momento no qual assumiria o papel de editor ficcional.[248]

Interpretando de outro modo a tensão que se instaura na "Advertência" de *Esaú e Jacó*, Alexandre Eulálio distingue o narrador presente no romance do autor ficcional, Aires, suposto na "Advertência", e que aparece como personagem no interior da narrativa do romance.[249] Ainda outra interpretação é feita por Gabriela Kvaceck Betella, que sugere que não só o narrador do romance é um *alter ego* do próprio Aires,[250] como atribui a Aires também a narração da "Advertência" que acompanha o romance, além de afirmar que o comportamento do Conselheiro é uma prova "autêntica" da autoria ficcional comum de Aires aos dois livros.[251] Hélio de Seixas Guimarães, por seu turno, propõe que Aires funcionaria como um "lugar ficcional" onde se encontram as imagens de narrador e leitor, sem que uma se confunda inteiramente com a outra, além de ser também uma entidade intermediária na relação entre o escritor Machado de Assis e o leitor empírico.[252]

---

[244] GLEDSON, 2003. p. 238.
[245] BAPTISTA, 2003a. p. 405-6.
[246] Idem. P.328
[247] Idem. P.335
[248] "As assinaturas siamesas" in BAPTISTA, 2003a, p.253-6.
[249] EULALIO, 2012, p. 120.
[250] BETELLA, 2007, p. 116-7 e p. 141.
[251] Idem., p.107.
[252] GUIMARÃES, 2012, p. 221.

Como dissemos, Abel Barros Baptista, em *Autobibliografias*, afirma que "a feição própria dos livros romanescos machadianos é definida pela relação indecidível entre duas assinaturas" e que a novidade na contra-assinatura machadiana está "no jogo das ficções de autor, e em particular na ficção de autor que cria o conselheiro Aires, [na qual] Machado de Assis surge como mais uma das instâncias ficcionais" (p.338). Entretanto, aqui parece ser possível supor, a partir das variações de suas assinaturas, que o Machado de Assis que surgiria como mais uma "instância ficcional", ou mais um "suposto autor" ou "editor ficcional", se é que poderíamos dizer apenas isso – isto é, como um contrário de um suposto autor "real" – é apenas uma das versões ou figurações do escritor que assinou Machado de Assis: um fragmento, desde a assinatura, que subscreve a advertência, "M. de A.", e que faz parte de uma constelação de assinaturas formada em torno daquele *nome de autor*.

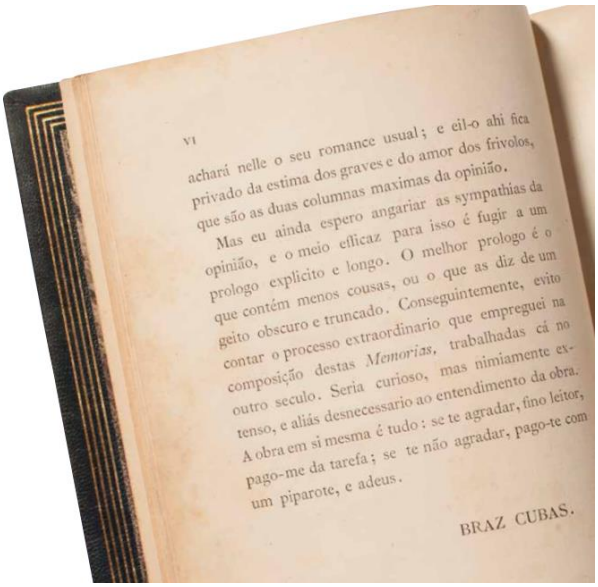
Se tomarmos as advertências dos livros que o escritor publicou, podemos verificar que as formas variam em torno de "O AUTOR", que já vimos, e "Machado de Assis",[253] "M. A."[254] e "M. de A.".[255] As assinaturas importam não apenas por aparecerem em contextos análogos aos das advertências dos romances, cuja interpretação e atribuição de sentido ficcional ou empírico de autoria é polêmica, isto é, se são consideradas como "dentro" ou "fora" do objeto, mas por aquilo que nos fala Genette sobre as instâncias prefaciais, que podem ter como prefaciador uma figura com papel *autoral*, *actoral* ou *alógrafo*. Cada um deles pode aparecer sob qualquer um dos regimes *autêntico*, *apócrifo* ou *fictício*, sendo capazes de alterar o sentido do texto à sua maneira. Além disso, o sentido do prefácio pode ser o de atribuição múltipla ou ambígua, seja porque o autor parece flutuar entre a assunção ou negação, seja pelo anonimato do prefaciador denegativo (quando não existem traços biográficos que permitam assegurá-lo, classificá-lo ou distingui-lo como autor real do texto ou alógrafo fictício).[256]

O prefácio assinado por Brás Cubas, por exemplo, em única menção que Genette faz à obra de Machado de Assis, é classificado pelo crítico francês como alógrafo fictício, ao lado dos prefácios de *Gordon Pym* e de *Tristram Shandy*: "Na maioria das vezes, a personagem, promovida ao papel de prefaciador, é o protagonista-narrador de um relato na primeira pessoa, cuja paternidade reivindica por isso mesmo. É o caso [...] do Brás Cubas de Machado de Assis".[257]

---

[253] Idem. *Papéis avulsos*,1882. Também disponível em https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4774.
[254] Idem. *Histórias da meia-noite*, 1977. p.45
[255] Idem. *Histórias sem data*, 1977, p. 55 e *Várias histórias*, 1977. p.53.
[256] GENETTE, 1987, p. 165-80; ou GENETTE , 2009, p.159-171.
[257] GENETTE, 2009, p.169; o sobrenome do escritor no texto original está escrito com apenas uma letra "s": *"Le plus solvanté, le personnage promu au rôle de préfacier est le héros-narrateur d'un récit à la première personne,*

Figura 22: Detalhe da advertência “Ao leitor” da primeira edição de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, com a assinatura do defunto autor



VI

achará nelle o seu romance usual; e eil-o ahi fica privado da estima dos graves e do amor dos frivolos, que são as duas columnas maximas da opinião.

Mas eu ainda espero angariar as sympathias da opinião, e o meio efficaz para isso é fugir a um prologo explicito e longo. O melhor prologo é o que contém menos cousas, ou o que as diz de um geito obscuro e truncado. Conseguintemente, evito contar o processo extraordinario que empreguei na composição destas *Memorias*, trabalhadas cá no outro seculo. Seria curioso, mas nimiamente extenso, e aliás desnecessario ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo; se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.

BRAZ CUBAS.

Fonte: foto e exemplar pertencentes à Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin

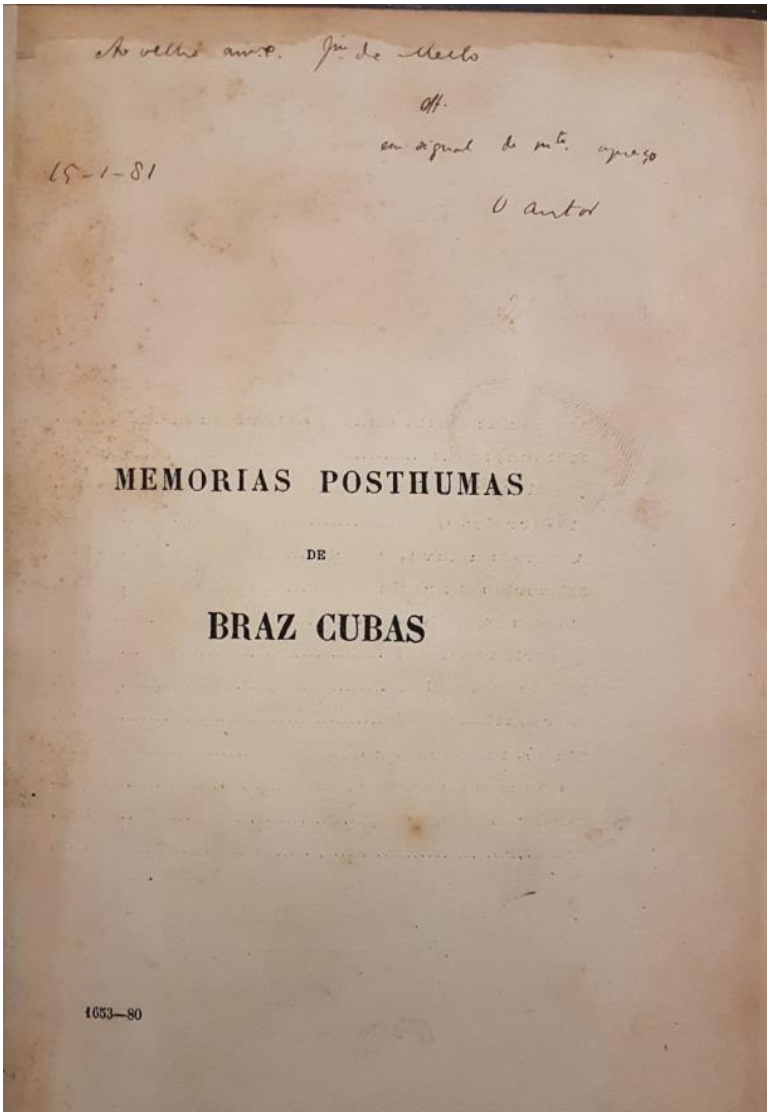
Agora, a partir do levantamento e discriminação das assinaturas, como vimos propondo, a situação parece se tornar mais complexa. Vejamos, por exemplo, os dois exemplares pertencentes à Fundação Biblioteca Nacional da primeira edição das *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Ambos possuem dedicatórias manuscritas no anterrosto (página em que há apenas o título do romance e que precede a folha de rosto). Em um deles lê-se “À Fundação Biblioteca Nacional/ oferece/ Machado de Assis”; em outro “Ao velho amigo Joaquim de Melo/ of./ em sinal de muito apreço/ O autor”.[258] Para além da curiosidade histórica e fetichismo que podem despertar, tais dedicatórias, assim reunidas, tornam-se emblemáticas quando consideradas no conjunto da obra, e à luz de interpretações recentes, de dois movimentos realizados por Machado de Assis ao longo dos livros que publicou – e aqui especialmente no momento de inflexão do romance machadiano, que as *Memórias* inauguram. De um lado, há o movimento protocolar, mas também de investimento e institucionalização do *nome de autor*, “Machado de Assis”; de outro, na figuração da assinatura “O autor”, justamente no romance que instaura já no título a autoria ficcional do autor defunto (“de Brás Cubas”), a ambiguidade permite notar

*dont il revendique par là même la paternité. C’est le cas [...] du Bras Cubas de Machado de Asis”* GENETTE, 1987, p. 176).

[258] Encontram-se os referidos exemplares na seção de obras raras da Fundação Biblioteca Nacional: dedicado à Biblioteca, o exemplar sob registro 80,1,18 ex. 1 e , sob registro 80,1,1A, ex. 2, o exemplar dedicado a Joaquim de Melo. Este deve ser o, de fato, velho amigo do escritor, irmão de Manuel de Melo, seu conhecido pelo menos desde novembro de 1863, quando sua peça *Quase ministro* foi representada em sua casa, na Rua da Quitanda, cf. MACHADO, 2008, p. 217.

como, na obra machadiana, as fronteiras não são delimitadas pela assinatura e título, mas, antes, são dissolvidas nesses paratextos cujo efeito é o da ficcionalização até da própria tinta, ou, para falar com Hélio de Seixas Guimarães, “como se o fluxo da narração procurasse mergulhar o leitor na tinta mesma que compõe o texto” (2012, p. 240). Guimarães refere-se a *Esaú e Jacó*, mas a identificação de tal efeito pode ser facilmente associada também às *Memórias* – basta notar que a pena (da galhofa) e a tinta (da melancolia) são elas mesmas referidas já na “Advertência” de Brás Cubas como composição do texto. A dedicatória manuscrita (de exemplar) assinada “O autor” mistura-se, então, com a dedicatória impressa (de livro) ao verme e com a assinatura “Brás Cubas” presente na advertência que abre o romance; e, ainda, o “velho amigo Joaquim de Melo” ecoa outro que assina “Velho amigo Joaquim Borba” (o Quincas), no interior do livro, em carta endereçada ao autor defunto e na qual anuncia o seu Humanitismo (ASSIS, 1977, p. 235).

Figura 23: Dedicatória no exemplar de *Memorias póstumas de Brás Cubas*

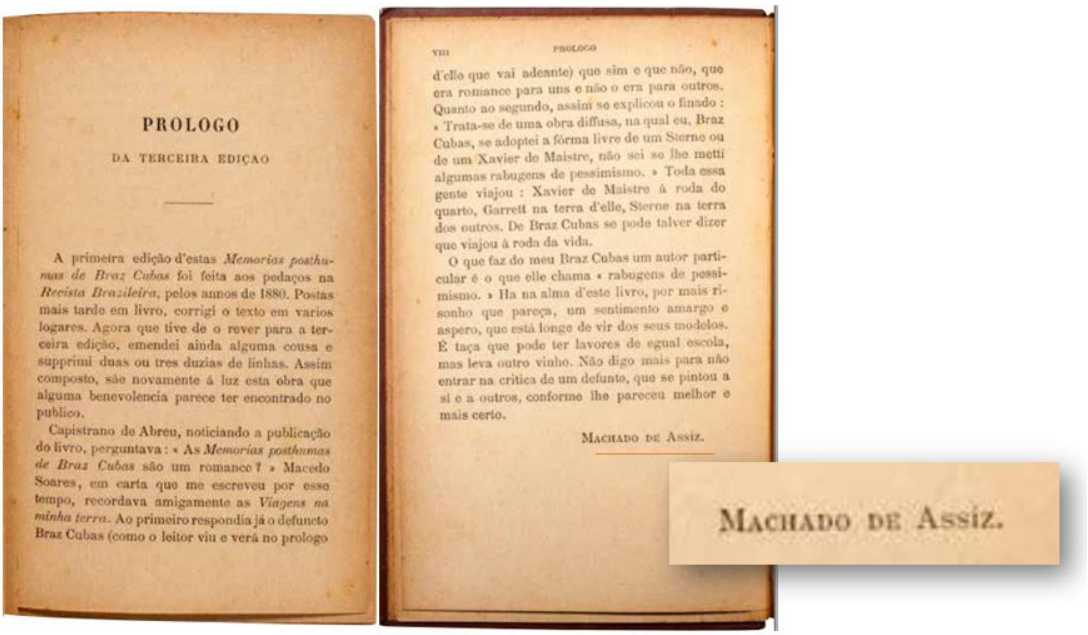


Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

O caso das *Memórias* é emblemático e fica ainda mais denso porque, quando da publicação de sua "Terceira edição" (1896), na verdade a segunda edição em livro,[259] um "Prólogo" foi incluído. Nele o autor ali figurado produz uma encenação da recepção em torno do romance, citando críticos como Capistrano de Abreu e Macedo Soares, e reputando a explicação do romance ao próprio defunto autor, referindo-se a ele como "meu". Aqui, a elaboração crítica de Baptista (2003a) afirma que, ao contra-assinar, Machado de Assis, enquanto autor empírico e romancista, reivindica a paternidade de Brás Cubas e ao mesmo tempo separa-se dele, definitivamente.

Entretanto, corroborando nossa hipótese em torno da refração e multiplicação de figuras autorais de Machado por meio das assinaturas, verificamos que, embora até aqui considerada irrelevante, a assinatura utilizada em tal prólogo contém uma pequena variação ao final do nome do autor: "Machado de Assiz.".

Figura 24: Reprodução prólogo da terceira edição de *Memórias póstumas de Brás Cubas*



PROLOGO

DA TERCEIRA EDIÇÃO

A primeira edição d'estas *Memorias posthumas de Braz Cubas* foi feita aos pedaços na *Revista Brazileira*, pelos annos de 1880. Postas mais tarde em livro, corrigi o texto em varios logares. Agora que tive de o rever para a terceira edição, emendei ainda alguma cousa e supprimi duas ou tres duzias de linhas. Assim composto, sáe novamente á luz esta obra que alguma benevolencia parece ter encontrado no publico.

Capistrano de Abreu, noticiando a publicação do livro, perguntava: « As *Memorias posthumas de Braz Cubas* são um romance? » Macedo Soares, em carta que me escreveu por esse tempo, recordava amigamente as *Viagens na minha terra*. Ao primeiro respondia já o defuncto Braz Cubas (como o leitor viu e verá no prologo

VIII PROLOGO

d'elle que vai adeante) que sim e que não, que era romance para uns e não o era para outros. Quanto ao segundo, assim se explicou o finado: « Trata-se de uma obra diffusa, na qual eu, Braz Cubas, se adoptei a fórma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe metti algumas rabugens de pessimismo. » Toda essa gente viajou: Xavier de Maistre á roda do quarto, Garrett na terra d'elle, Sterne na terra dos outros. De Braz Cubas se pode talver dizer que viajou á roda da vida.

O que faz do meu Braz Cubas um autor particular é o que elle chama « rabugens de pessimismo. » Ha na alma d'este livro, por mais risonho que pareça, um sentimento amargo e aspero, que está longe de vir dos seus modelos. É taça que pode ter lavores de egual escola, mas leva outro vinho. Não digo mais para não entrar na critica de um defunto, que se pintou a si e a outros, conforme lhe pareceu melhor e mais certo.

MACHADO DE ASSIZ.

MACHADO DE ASSIZ.

Fonte: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin

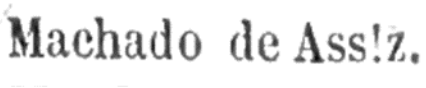
[259] No interior do texto prólogo lê-se a explicação: considerou-se como primeira edição a versão que saiu aos pedaços na *Revista Brasileira*.

Como poderia ser entendida? Um erro tipográfico ou mais uma peça do jogo com as assinaturas operado por Machado? A “Quarta edição”, de 1899 (terceira em livro e última em vida do escritor), reproduziu o prólogo alterando o título, mas não seu conteúdo e manteve o “z”. A assinatura foi mantida pela editora de Hippolyte Garnier nas publicações até 1924 (1914, 1921 e 1924) e só foi mesmo “corrigida” quando passou a ser publicada pela editora W. M. Jackson em 1937. Aqui nos parece que, perseguir e analisar as assinaturas *empregadas* por Machado de Assis *ou produzidas dentro* de sua obra é sempre supor ou ser *incitado* a supor, por ela mesma, a abertura para o entendimento de mais uma face autoral. Assinando “O autor”, “Brás Cubas”, “Dom Casmurro”, “M. de A.”... ou mesmo “Machado de Assiz”, a variação que se apresenta diante de nós, imersa na *tematização* e na *dramatização* da autoria, em crise e dissolução, refrata a imagem de Machado enquanto autor, formalizada nas assinaturas, e cria camadas e mais camadas de mediação de sentido entre o “Autor” e sua “Obra”.

Essa assinatura é diferente das que verificamos nos prefácios e advertências de *Poesias completas* (1901/2), *Páginas recolhidas* (1899-1900) e *Relíquias de casa velha* (1906), assinadas com todas as letras do nome do autor “Machado de Assis”, e por sua vez, diferentes da assinatura que consta na “Advertência” de *Memorial de Aires* (1908), “M. de A.”, todas mais ou menos contemporâneas às edições citadas.

Temos notícia de apenas duas variações parecidas com a assinatura das “terceira” (1896) e “quarta” (1899) edições das *Memórias*: uma em 1855, quando da publicação do “Soneto” dedicado ao imperador D. Pedro II (“J. M. Machado d’Assiz”) na *Marmota fluminense* em 2 de dezembro, e outra que figurou no índice de colaboração do segundo número da *Revista Luso-Brasileira* de 1860, que aparece com um ponto de exclamação (ou admiração, como era chamado naquela época) no lugar da letra “i” de Assis e com uma letra “Z” no lugar do “S” final: “Machado de Ass!z”.[260]

Figura 25: Recorte do índice de colaboradores do n. 2 da Revista Luso-Brasileira, de 1860




Fonte: Reprodução Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional

[260] Não houve publicação assinada por Machado de Assis no interior dos dois números conhecidos da *Revista*, mas a crônica “Lembranças de minha mãe” foi feita por RISSATO, 2016, a partir da análise estilística e de temas.

Não era incomum que tipógrafos substituíssem a letra “i” por um ponto de exclamação invertido, quando lhes faltava aquela vogal. Entretanto, o ponto de exclamação (ou admiração) não está invertido, e houve também a troca da letra “S” pela “Z”. Sendo essas as duas únicas trocas de todo o índice, supomos tratar-se mais de uma escolha do escritor do que de um erro de tipografia. Ademais, não teria sido a única vez que Machado de Assis usou sinais de pontuação em assinatura. Basta lembrar de “O grito do Ipiranga”, poema publicado quatro anos antes, em 7 de setembro de 1856, encontrado por Wilton Marques. O poema recebeu na assinatura um ponto de exclamação ao final do nome civil completo do escritor: “Joaquim Maria Machado de Assis!”. Lembramos, ainda, que, também mencionado neste estudo, Machado de Assis havia assinado “A lanterna de Diógenes” com o pseudônimo “?”. Variações essas que indicam, na nossa intepretação, se tratar essa, “Machado de Ass!z”, mais de uma experimentação do início da atividade literária do escritor do que erros contingentes.

A letra “z” em “Machado de Assiz”, que figurou nas “terceira” e “quarta” edições das *Memórias*, parece em si uma sutil fusão com a assinatura do defunto autor ou mesmo um eco de seu nome (na grafia corrente, “Braz”) manifestada graficamente. De qualquer modo, a assinatura passa a fazer parte da diluição das fronteiras entre “real” e “ficcional”, “autor, “obra” e “suporte”. Ainda mais porque a própria confusão com as advertências das *Memórias póstumas*, assim como as designações de terceira e quarta edições e os erros tipográficos (sua materialidade e contingência) passam a se misturar com a narrativa e com a *vida* do autor *defunto* que nos conta que “Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes” – ideia aliás retomada no capítulo XXXVIII, intitulado *justamente* “A quarta edição”(!),[261] identificando livro, corpo e cadáver, conforme veremos. Assim, a figuração autoral machadiana apresenta-se fragmentária e concorrente de si mesma.

Retomando a discussão sobre a noção de autor iniciada por Barthes e sobre a função de autor desenvolvida por Foucault, José-Luis Diaz também chama atenção para a dificuldade de separar o autor “real” do autor “social”, e para a criação imediata de uma “imagem”, “fantasma”, “encenação”, que a instância autoral supõe.[262] Do mesmo modo é difícil separar as três instâncias,

> difícil de isolar os elementos de encenação que participam à codificação de dado cenário autoral negligenciando as condutas do homem de letras e as escolhas de enunciação do autor.

---

[261] Capítulo XXVII. http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/brascubas.htm

[262] A instância autoral supõe imediatamente imagem, fantasma, encenação. DIAZ, José-Luis. *L’écrivain imaginaire*: scénographies auctoriales à l’époque romantique. Paris: Honoré Champion, 2007, p. 20.

> Impossível portanto isolar uma instância 'real', social ou biográfica, sem a 'construir' mais ou menos inocentemente em função de um imaginário. [...] Impossível igualmente isolar uma instância puramente textual a partir do momento que se constata que tal escolha, exclusivamente formal aparentemente (a meditação poética lamartiniana, por exemplo), está correlacionada com uma escolha socioprofissional (o distanciamento da cena literária parisiense pela entrada na carreira diplomática) e com uma escolha de uma identidade especular (o 'poeta moribundo').[263]

Diaz distingue, então, os três níveis de autor: o autor "real", "textual" e o "escritor imaginário", isto é, o autor tal como ele se representa, se faz ou se deixa representar. Desenvolve, também, a *função autor* de Foucault, propondo o entendimento do autor como ser "caleidoscópico", crendo justa também a aplicação, para defini-lo, de metáforas como "puzzle" e "juego de mecano".[264]

Assim, não se trata aqui de considerar ou de defender que as assinaturas pertencem ao "interior" do discurso (morte do autor; perspectiva formalista; matéria exclusivamente ficcional...) ou ao "exterior" (apenas como reivindicação legal de autoria; marca histórica; papel social), mas considerar as assinaturas, e suas variações, como a articulação desses dois extremos, que ao cabo não se separam, mas se confundem. O que vimos acontecer *ab ovo* no volume de *Os deuses de Casaca* em 1866, com a reiteração da figura do autor por meio da carta de pedido assinada "O AUTOR", da carta-prefácio "ao autor", enviada em resposta por Quintino Bocaiúva, e estendida dentro da obra a partir da apresentação do "poeta" pelo personagem Prólogo, fica ainda mais intricado no espaço de fronteira paratextual dos exemplares de *Memórias póstumas* citados acima.

Seja nos paratextos, locais tradicionais de designação de autoria, seja no "interior" da ficção, a variação de assinaturas colabora para a instabilidade e refração da figura autoral. Advertências como as de *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*, ou mesmo o anonimato em crônicas como as da série "A Semana", causam divergências entre os críticos e dificuldades de reconhecimento e delimitação das fronteiras entre as diferentes instâncias autorais, além de dificuldades na caracterização dessas categorias.[265]

Assim, a ausência de estudo detalhado sobre as práticas de assinatura de Machado de Assis suscitou a necessidade de verificação das assinaturas presentes não apenas nas

---

[263] Idem. p. 44. A tradução é de Paula Caldas Frattini in FRATTINI, Paula Caldas Idem. p. 44. A tradução é de Paula Caldas Frattini in FRATTINI, 2019, p. 33-48, 2019.

[264] [264] DIAZ, 2015, p. 32.

[265] Há polêmica também em torno do reconhecimento de possíveis narradores presentes nas crônicas de Machado de Assis ou então em torno da identificação do autor empírico com os narradores: como propõe, por exemplo, Lúcia Miguel Pereira, que diz ser impossível separar o Machado de Assis que escreve em "A Semana" do personagem e autor suposto Aires: "Em 1892, quem escreve os folhetins da "Semana", sob o pseudônimo de Machado de Assis, é o velho Aires" PEREIRA, 1988, p. 244-5.

advertências dos romances, campo nebuloso em que já sabíamos ser difícil definir os limites que separam ficção e realidade, mas em todo o conjunto de textos incluídos sob esse nome nos diversos gêneros.

Por meio da conferência das assinaturas com as quais Machado de Assis encerrava suas cartas, foi possível verificar que, além de serem diversas ("Machadinho"; "Machado de Assis"; "M. A."; "M. de Assis"; "M. D'Assis"), registram-se muitas ocorrências da forma "M. de A.", a mesma assinatura presente na "Advertência" de *Memorial de Aires* e decisiva na instauração da polêmica mencionada. Verificou-se, ainda, que quase que a totalidade delas, distribuídas ao longo de mais de 30 anos de missivas, aparecem em contexto de contra-assinatura (ou de "errata").[266] Para dizer com maior clareza: aparecem, geralmente, quando já havia ocorrido a aposição de uma assinatura ("Machado de Assis", geralmente), por ocasião da inscrição de um *post scriptum*, ou de *errata*, como que sugerindo que Machado de Assis possuía esse método para sobrescrever sua própria assinatura. A sugestão parece ganhar força quando se verifica que, com exceção de duas cartas contra-assinadas com "M. A." (e não "M. de A.")[267] todas as outras contra-assinaturas presentes na *Correspondência*, são "M. de A.", constituindo, dentro desse corpus, "M. de A." como um *padrão* de contra-assinatura do autor empírico, Joaquim Maria Machado de Assis, mas que não deixa de operar sob a figuração de seu nome de autor e figuração social. Abaixo, exibimos dois exemplos dessas cartas, uma de 1880 e outra de 1889, em que é possível verificar as duas assinaturas empregadas por Machado. "Machado de Assis", para a carta, e "M. de A." para o P.S.

---

[266] As cartas foram consultadas na *Correspondência de Machado de Assis*. 5 tomos. Coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet. Coleção Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Os números do tomo, [item] e página vão entre parênteses após cada citação. As ocorrências são: TOMO I: 30 de julho de 1880 (para Capistrano de Abreu), [179], p. 179; 03 de julho de 1889 (para Francisco Ramos Paz), [276], p. 348. TOMO III: 25 de abril de 1897 (para Magalhães de Azeredo), [390], p. 226-9; 1º de dezembro de 1897 (para José Veríssimo), [409], p. 271-2; 7 de dezembro de 1897 (para Magalhães de Azeredo), [410], p. 273-5; 28 de novembro de 1898 (para José Veríssimo), [433], p. 333-4; 28 de julho de 1899 (para Magalhães de Azeredo), [475], p. 393-6; 22 de novembro de 1899 (para Rodrigo Octavio), [496], p. 437-8; 11 de junho de 1900 (para Magalhães de Azeredo), [525], p. 476; 29 de novembro de 1900 (para Lúcio de Mendonça), 563, p. 525-6. TOMO IV: 21 de abril de 1902 (para Hipolyte Garnier), [649], p. 129. TOMO V: 8 de maio de 1908 (para Joaquim Nabuco), [1053], p. 334-6; 17 de maio de 1908 (para Sara Braga e Costa), [1054], p. 339-40; 1 de agosto de 1908 (para Magalhães de Azeredo), [1095], p. 386-8.

[267] TOMO II, 23 de abril de 1874 (Para Franklin Dória), [130], p.93-4 e TOMO V, 1 de maio, (para Medeiros e Albuquerque), [956A], p. 386-8.

Figura 26: Reprodução de cartas de Machado em que figuram a contra-assinatura

[179]

Para: CAPISTRANO DE ABREU
*Fonte:* Manuscrito Original. Seção de Manuscritos, Fundação Biblioteca Nacional.

Rio de Janeiro, Sexta-feira, 30 julho de 1880.

Meu jovem colega[1].

Esta carta devia ter-lhe sido escrita e enviada há cinco ou seis dias. São tais porém os meus trabalhos e apoquentações, que espero me desculpe a demora. Entretanto, não retardei a resposta a ponto de me não poder aproveitar dela no domingo próximo. Ou no próximo, ou em outro qualquer achar-me-á em casa, porque eu raramente saio nesses dias, exceto de noite, em que vou sempre a alguma visita. Não digo se terei prazer em recebê-lo; sabe muito bem que sim; e, se duvida, ponha-me à prova.

*Je vous serre la main,*
Machado de Assis.

*Post Scriptum.* À visita, falaremos dos sinônimos do seu colega Cabral.

M. de A.

[276]

Para: FRANCISCO RAMOS PAZ
*Fonte:* Manuscrito Original. Seção de Manuscritos, Fundação Biblioteca Nacional. Coleção Francisco Ramos Paz.

[Rio de Janeiro,] 3 de julho de *1*889.

Meu caro Paz,

Não sabia que a urgência era tal. Cuidei que era apenas tipográfica. Durante os dois dias santos tive aqui trabalho da Secretaria, e fui jantar fora, como te disse, no sábado. De noite, não trabalho[1]. Daí o desgosto de devolver as provas sem prefácio. Era meu desejo fazer uma narração de parte da vida do Melo[2], suas ocupações literárias, os domingos que passávamos juntos, lendo [,] achando, trocando ideias[3], a fisionomia moral do nosso amigo e o contraste daquele beneditino com aquele elegante; não pôde ser, paciência. Desculpa-me, e adeus.

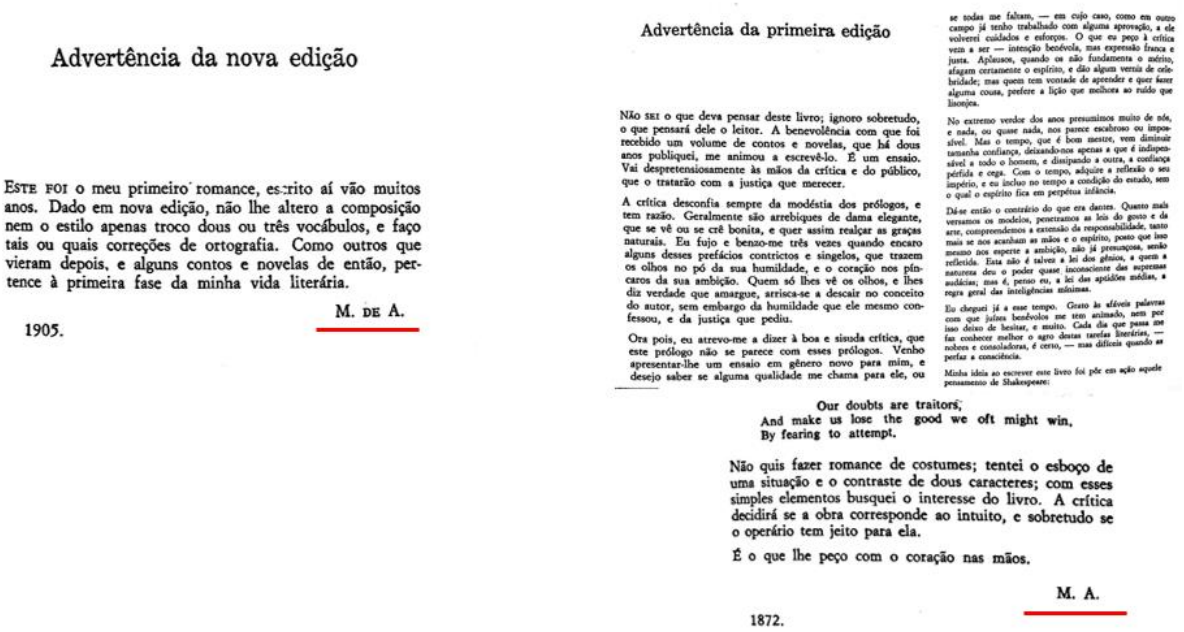
Velho amigo
Machado de Assis

*Post Scriptum*
Li a tua nota; está boa.
M. de A.

Fonte: *Correspondência de Machado de Assis*, coordenação Sérgio Paulo Rouanet, Rio de Janeiro: ABL.

Se tomarmos esse *padrão* como base de comparação para as advertências feitas por Machado de Assis para as edições posteriores e tardias dos romances, e mesmo se retomarmos os prefácios desde a "Advertência da primeira edição" de *Ressurreição*, de 1905, verificaremos que esse *padrão* se confirma: M. de A. vem sendo usada como contra-assinatura, nesse caso para a assinatura M. A. do autor.

Figura 27: Advertências de *Ressurreição*



Advertência da nova edição

ESTE FOI o meu primeiro romance, escrito aí vão muitos anos. Dado em nova edição, não lhe altero a composição nem o estilo apenas troco dous ou três vocábulos, e faço tais ou quais correções de ortografia. Como outros que vieram depois, e alguns contos e novelas de então, pertence à primeira fase da minha vida literária.

M. DE A.

1905.

Advertência da primeira edição

NÃO SEI o que deva pensar deste livro; ignoro sobretudo, o que pensará dele o leitor. A benevolência com que foi recebido um volume de contos e novelas, que há dous anos publiquei, me animou a escrevê-lo. É um ensaio. Vai despretensiosamente às mãos da crítica e do público, que o tratarão com a justiça que merecer.

A crítica desconfia sempre da modéstia dos prólogos, e tem razão. Geralmente são arrebiques de dama elegante, que se vê ou se crê bonita, e quer assim realçar as graças naturais. Eu fujo e benzo-me três vezes quando encaro alguns desses prefácios contrictos e singelos, que trazem os olhos no pó da sua humildade, e o coração nos píncaros da sua ambição. Quem só lhes vê os olhos, e lhes diz verdade que amargue, arrisca-se a descair no conceito do autor, sem embargo da humildade que ele mesmo confessou, e da justiça que pediu.

Ora pois, eu atrevo-me a dizer à boa e sisuda crítica, que este prólogo não se parece com esses prólogos. Venho apresentar-lhe um ensaio em gênero novo para mim, e desejo saber se alguma qualidade me chama para ele, ou se todas me faltam, — em cujo caso, como em outro campo já tenho trabalhado com alguma aprovação, a ele volverei cuidados e esforços. O que eu peço à crítica vem a ser — intenção benévola, mas expressão franca e justa. Aplausos, quando os não fundamenta o mérito, afagam certamente o espírito, e dão algum ventúa de celebridade; mas quem tem vontade de aprender e quer fazer alguma cousa, prefere a lição que melhora ao ruído que lisonjea.

No extremo verdor dos anos presumimos muito de nós, e nada, ou quase nada, nos parece escabroso ou impossível. Mas o tempo, que é bom mestre, vem diminuir tamanha confiança, deixando-nos apenas a que é indispensável a todo o homem, e dissipando a outra, a confiança pérfida e cega. Com o tempo, adquire a reflexão o seu império, e eu incluo no tempo a condição do estudo, sem o qual o espírito fica em perpétua infância.

Dá-se então o contrário do que era dantes. Quanto mais versamos os modelos, penetramos as leis do gosto e da arte, compreendemos a extensão da responsabilidade, tanto mais se nos acanham as mãos e o espírito, posto que isso mesmo nos esperte a ambição, não já presunçosa, senão refletida. Esta não é talvez a lei dos gênios, a quem a natureza deu o poder quase inconsciente das supremas audácias; mas é, penso eu, a lei das aptidões médias, a regra geral das inteligências sofríveis.

Eu cheguei já a esse tempo. Grato às afáveis palavras com que juízes benévolos me tem animado, nem por isso deixo de hesitar, e muito. Cada dia que passa me faz conhecer melhor o agro destas tarefas literárias, — nobres e consoladoras, é certo, — mas difíceis quando se perfaz a consciência.

Minha idéia ao escrever este livro foi pôr em ação aquele pensamento de Shakespeare:

Our doubts are traitors,
And make us lose the good we oft might win,
By fearing to attempt.

Não quis fazer romance de costumes; tentei o esboço de uma situação e o contraste de dous caracteres; com esses simples elementos busquei o interesse do livro. A crítica decidirá se a obra corresponde ao intuito, e sobretudo se o operário tem jeito para ela.

É o que lhe peço com o coração nas mãos.

M. A.

1872.

Fonte: Edições críticas de Obras de Machado de Assis Col., Civilização Brasileira / MEC – 1977)

É necessário, então, esclarecer que a assinatura “M. de A.” não está presente apenas na “Advertência” de *Memorial de Aires*, mas nas cartas e, também, nas advertências das novas edições dos romances. O jogo, aqui, contudo, parece embaralhar o contrato enunciativo com o leitor que deve levar em conta o distanciamento temporal entre uma edição e outra. Diferentemente das cartas, em que um *post-scriptum* era aposto no intervalo entre sua escrita e o envio da carta (que como se sabe ficavam, muitas vezes, esperando alguns dias para serem enviadas) geralmente acrescentando algo de que o missivista havia se esquecido de escrever ou decidira incluir ou alterar, nas advertências, ao contrário, após muitos anos da primeira publicação, o autor figura dizendo que não alterou a forma dos romances, tendo trocado-lhes “apenas dois ou três vocábulos” ou indicando, como o faz na advertência da nova edição (1905) de *Helena* (1876) que cada obra pertence a seu tempo:

> Esta nova edição de Helena sai com várias emendas de linguagem e outras, que não alteram a feição do livro. Ele é o mesmo da data em que o compus e imprimi, diverso do que o tempo me fez depois, correspondendo assim ao capítulo da história do meu espírito, naquele ano de 1876.
> Não me culpeis pelo que lhe achardes romanesco. Dos que então fiz, este me era particularmente prezado. Agora mesmo, que há tanto me fui a outras e diferentes páginas, ouço um eco remoto ao reler estas, eco de mocidade e fé ingênua. É claro que, em nenhum caso, lhes tiraria a feição passada; cada obra pertence ao seu tempo.
>
> M. de A.

É o que acontece, também, com a "Advertência" de *A mão e a luva*, que possui duas advertências. Embora o que figure na consolidação do texto da edição crítica desse romance seja a assinatura "M. de A." para a Advertência de 1874, ficando a assinatura "M. A." apenas como anotação de variante no rodapé, se voltarmos à segunda edição do romance, veremos que "M. de A.", na advertência de 1907, figura novamente como contra-assinatura da assinatura "M. A.", da advertência de 1874. Ali, M. de A. diz:

> Os trinta e tantos anos decorridos do aparecimento desta novela à reimpressão que ora se faz parece que explicam as diferenças de composição e de maneira do autor. Se este não lhe daria agora a mesma feição, é certo que lha deu outrora, e ao cabo, tudo pode servir a definir a mesma pessoa.
> Não existia, há muito no mercado. O autor aceitou o conselho de confiar a reimpressão ao editor dos outros livros seus. Não lhe alterou nada; apenas emendou erros tipográficos, fez correções de ortografia e eliminou cerca de quinze linhas. Vai como saiu em 1874.
>
> M. de A.

Escrita de uma forma furtiva, como se o autor falasse de si mesmo em terceira pessoa, novamente faz referência ao tempo decorrido, à diferença de estilo e, de algum modo, a uma certa demanda do público leitor ("não existia há muito no mercado"), consonante com o que se viu nas *Poesias completas*, e se vê também na advertência à terceira edição de *Quincas Borba*, assinada também com "M. de A.". Nesta última, o autor menciona que a segunda edição do livro "acabou mais depressa que a primeira" e que um "amigo e confrade" tem teimado para que fizesse outro livro, mas dedicado a personagem Sofia, compondo, assim, uma trilogia que M. de A. recusa.

Agora, que esse "ilustre confrade" tenha sido Araripe Júnior[268] importa menos do que perceber o desdobramento da figura de autor em autor-editor que vai se delineando em torno dessa assinatura "M. de A", que aponta para as vendas do "mercado" e se preocupa com a reedição de seus livros. Consonante com o que vemos nas advertências de *Memorial de Aires* e *Esaú e Jacó*, a preocupação com o tamanho do livro, do público em "matar o tempo", publicando a obra desbastada e estreita, garantindo que se imprime só o que liga o mesmo assunto, aparece também na nota que abre *Várias histórias* (1896), em que M. de A. reitera sua atividade de seleção, considerando conveniente limitar o livro às suas trezentas páginas ("se não conviesse limitar o livro às suas trezentas páginas") e também dizendo, para os que

[268] É o que se depreende pelo relato do próprio, em texto publicado após a morte de Machado no *Jornal do Commercio*, em 4 de outubro de 1908. in GUIMARÃES; LEBENSZTAYN, vol. 1, 2019.

“acharem excessivos tantos contos” (como se os leitores não quisessem ler por muito tempo), que serão um “modo de passar o tempo”.

Assim podemos entender a assinatura “M. de A.” que foi aparecendo em contra-assinatura em algumas advertências de novas edições dos livros de Machado de Assis, como se o autor, ali figurado na assinatura, apontasse e formalizasse por meio da alteração de sua assinatura, a condição refratária da sua própria subjetividade, alterada após o tempo decorrido. Ao assinar, muitos anos depois, com “M. de A.”, em advertências que passam a preceder outras assinadas com “M. A.”, embora esteja reafirmando sua autoria, tanto no sentido da originalidade como da propriedade, o procedimento também marca, ao mesmo tempo, o *pertencimento* de cada obra a seu tempo.

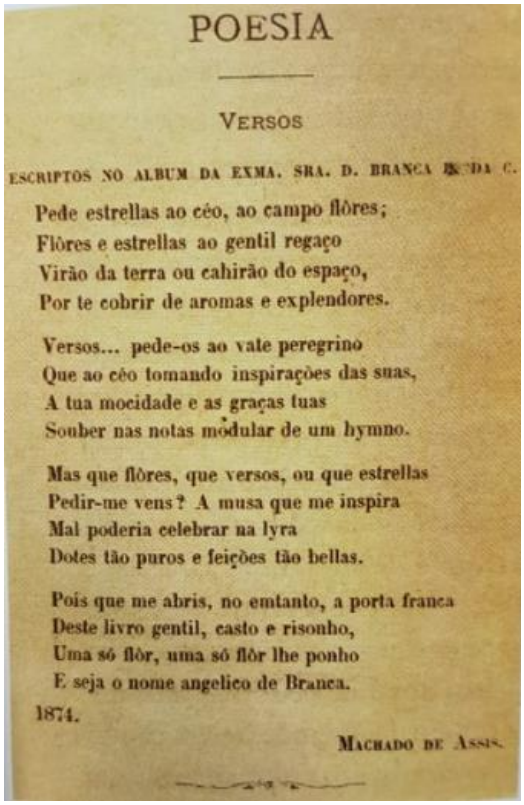
Não queremos, com isso, apontar para uma exclusiva e suposta “ficção” contrária a um suposto “real”, isto é, não se trata de dizer que “M. de A.” marca ou reforça exclusivamente a aparição de um “editor ficcional” (semelhante aos autores-personagens Brás Cubas, Dom Casmurro...), mas de considerar a problemática que as variações de assinatura levantam. A marcação da alteração das noções de subjetividade e unidade são discutidas e marcadas pela alteração dos nomes, como acontece, por exemplo, com as diferentes versões de Bentinho, Bento Santiago e Dom Casmurro, no campo ficcional. Considerando as assinaturas como ficção (isto é, parte de um “interior da obra”) e ao mesmo tempo como “externas”, não se nega o poder das variações das assinaturas que fazem fronteira a obras cujo tema da autoria, da materialidade e contingência são matéria-prima da escrita.

Ivan Teixeira, ao percorrer as páginas de *A Estação* e encontrar novamente, seis anos depois (1885) de sua primeira publicação (1879), a reimpressão do poema “Versos Escritos no Álbum da Exma. Sra. D. Branca B. da C.”, supõe que Machado de Assis tenha repetido a data da assinatura (“1874”) para manter certo distanciamento cronológico entre a data da suposta composição e da publicação e criar uma atmosfera de texto antigo, mas sustenta que ela provavelmente não indicaria a data real da composição.

> A julgar pelo efeito de leitura, seria parte da ficção poética, e não necessariamente elemento biográfico. Observe-se que, na época desta reedição, Machado de Assis já tinha publicado não só *Memórias póstumas*, mas também *Papéis avulsos* e *Várias histórias* – livros cujo repertório artístico se acha em total desacordo com o estilo deste poema. Mesmo assim, o escritor republicou em jornal. Em certo sentido, pode-se dizer que *Machado reedita o anti-Machado*. Qual será o significado da retomada de um texto tão antiquado com relação aos últimos livros do autor? É provável que a republicação se explique por razões editoriais. Devendo preencher espaço, o poeta teria lançado mão de

> texto antigo para satisfazer necessidade premente ligada a seu compromisso com o periódico.[269]

Figura 28: Reproduções de “Versos” de Machado em *A Estação*



POESIA

VERSOS

ESCRIPTOS NO ALBUM DA EXMA. SRA. D. BRANCA P. DA C.

Pede estrellas ao céo, ao campo flôres;
Flôres e estrellas ao gentil regaço
Virão da terra ou cahirão do espaço,
Por te cobrir de aromas e explendores.

Versos... pede-os ao vate peregrino
Que ao céo tomando inspirações das suas,
A tua mocidade e as graças tuas
Souber nas notas modular de um hymno.

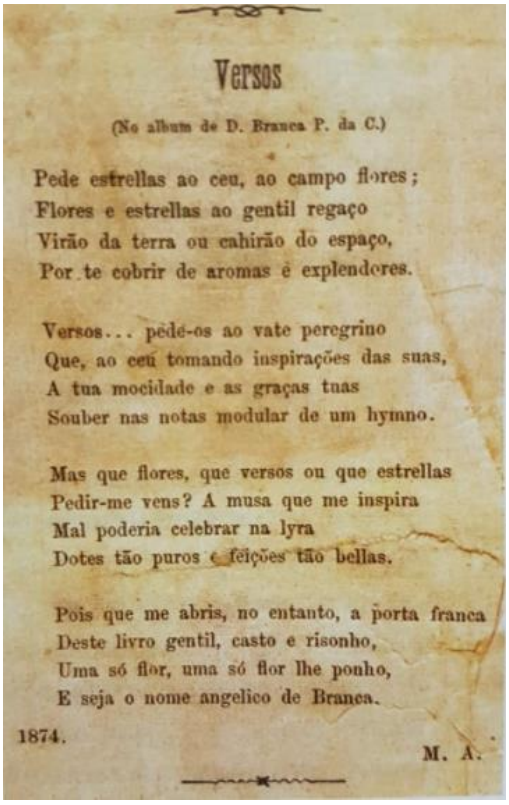
Mas que flôres, que versos, ou que estrellas
Pedir-me vens? A musa que me inspira
Mal poderia celebrar na lyra
Dotes tão puros e feições tão bellas.

Pois que me abris, no emtanto, a porta franca
Deste livro gentil, casto e risonho,
Uma só flôr, uma só flôr lhe ponho
E seja o nome angelico de Branca.

1874.

MACHADO DE ASSIS.

15 de junho de 1879



Versos

(No album de D. Branca P. da C.)

Pede estrellas ao ceu, ao campo flores;
Flores e estrellas ao gentil regaço
Virão da terra ou cahirão do espaço,
Por te cobrir de aromas e explendores.

Versos... pede-os ao vate peregrino
Que, ao ceu tomando inspirações das suas,
A tua mocidade e as graças tuas
Souber nas notas modular de um hymno.

Mas que flores, que versos ou que estrellas
Pedir-me vens? A musa que me inspira
Mal poderia celebrar na lyra
Dotes tão puros e feições tão bellas.

Pois que me abris, no entanto, a porta franca
Deste livro gentil, casto e risonho,
Uma só flor, uma só flor lhe ponho,
E seja o nome angelico de Branca.

1874.

M. A.

15 de janeiro de 1885

Fonte: TEIXEIRA, 2010.

Se, por um lado, o Machado de Assis que editou um “anti-Machado” (nas palavras de Ivan Teixeira) manteve até mesmo a data da assinatura (“1874”), na publicação de 1885, por outro, apontamos para a alteração da assinatura “Machado de Assis” para as iniciais “M. A.”, que não é mencionada pelo crítico. A assinatura “M. A.” era utilizada com frequência pelo escritor até 1876, embora não na primeira publicação daquele poema, inclusive para as advertências de seus romances, como vimos. Depois disso, quase nunca mais é utilizada. Em 1885, quando republicou o poema, Machado de Assis já não costumava mais utilizar as iniciais “M. A.”; a mudança, diante do que expomos, é significativa, pois demonstra a ideia reiterada de que “cada obra pertence a seu tempo”, contribuindo para a refração da imagem do autor em diferentes “fases” (temporais/estilísticas) de sua vida formalizadas na *presença* da assinatura.

[269] TEIXEIRA, 2010, p. 111-12.

Daí a dificuldade expressada por Teixeira ("Qual será o significado da retomada de um texto tão antiquado com relação aos últimos livros do autor?"), que revela ela mesma a concepção de *um* "Machado de Assis" (o romancista, e ainda mais *um certo* romancista das *Memórias*) e que só pode existir se se não se levam em consideração as diferentes facetas e estilos praticados pelo escritor não apenas ao longo do tempo, mas simultaneamente.

Poderíamos também entender assim a assinatura "M. de A." que encerra a advertência do *Memorial de Aires* e retoma a "Advertência" de *Esaú e Jacó*? Teria sido tal "M. de A." a mesma figuração responsável pela reedição de um certo e passado "M. A." ou, ainda, "Machado de Assis", o responsável pelo recorte dos cadernos do conselheiro ("ficcionais"), mas também pela alteração ("real") do título do livro, que fora vendido ao editor Garnier como *Último*? Outra possibilidade que se apresenta seria novamente a consideração com o contrato enunciativo com o leitor a partir dos gêneros: um certo M. de A. que assina a advertência de um livro de contos ou miscelânea não seria *o mesmo* M. de A. que assina uma advertência ambígua de romance, ainda que utilize *a mesma* assinatura. Todas essas possibilidades, acreditamos, são postas pelo próprio conjunto de livros sob a assinatura "Machado de Assis", e cujo efeito se irradia para outros textos incluídos sob uma "Obra" atribuída a esse nome.

A reedição de Machado de Assis por Machado de Assis, ou de Machado de Assis por variações de si mesmo, é marcada expressamente por suas assinaturas. Seja naquilo que se interpretou como "editor ficcional", "Machadinho", "Jovem Machado", "anti-Machado", ou mesmo como o próprio personagem "Aires", as assinaturas e contra-assinaturas revelam diferentes segmentações na obra do escritor que se chamou Joaquim Maria Machado de Assis. Quais efeitos de sentido as assinaturas, designações de autoria e anonimato, praticados por Machado de Assis, provocam nos seus escritos e qual seu papel na estabilidade ou instabilidade desses sentidos?

Chartier fala que nas "grandes obras, talvez mesmo nas maiores," criou-se uma tensão entre, por um lado, a afirmação do nome próprio como identidade de autor e como função do discurso e, por outro, a proliferação das figuras da enunciação, que, "na ficção, são supostamente os autores disso que lemos". Desse modo, a obra que mais incentiva essa tensão, para o historiador, é *Dom Quixote*, que desde a página de título apresenta o duplo funcionamento das obras à época do modo de "patronagem": de um lado, a página de título é ocupada pelos títulos daquele a quem a obra é dedicada e, do outro, o mercado se promove, na marca do editor e nas indicações de local de impressão e de venda do livro, estando o nome

próprio, a figura de autor, entre esses dois sistemas.[270] Assim, em *Dom Quixote* desde o prólogo está presente a instabilidade do "Eu", que nunca é identificado ao nome do autor, já que no prólogo ao romance Cervantes anuncia que é "padrasto", pai putativo, e não autor do texto, seguido desta proliferação de figuras de autor:

> O "Eu" não identificável que conta o momento onde o texto termina, o autor mourisco e o tradutor de seu texto etc. Ora, acredito que a proliferação desse "Eu" como posição de enunciação é como a contrapartida, nas obras literárias, desse movimento que eu tentei descrever hoje e que concerne um certo número de critérios de estabilização da "função autor" remetida a um "Eu", que é ao mesmo tempo sempre presente e sempre traído pelo nome próprio como nome de autor.[271]

As relações da literatura machadiana com a cervantina foram tratadas por Carlos Fuentes;[272] e também naquilo que foi chamado de "quixotismo", reconhecendo que em *Dom Quixote* se propõe a interrogação e confronto com o Livro e suas diversas concepções (não apenas com o gênero romanesco), como interpreta Baptista.[273]

Poderíamos dizer, então, que a obra machadiana faz parte daquele grupo de obras, talvez até mesmo de uma tradição, que opera por essa tensão na figura do autor. Embora, conforme vimos, os conceitos em torno do autor, de sua responsabilidade, e mesmo da delimitação dessas categorias sejam instáveis e tenham variado ao longo do tempo, é possível perceber que a obra de Machado de Assis pode ser e tem sido relacionada às obras de muitos outros autores a partir da proliferação e instabilidade do "Eu" que nela figura. Seja pela "técnica de narrar", à Fielding e Sterne, com seus narradores editoriais, neutros ou autoconscientes, como localiza Marta de Senna;[274] seja à Alain René Lesage, autor de *Histoire de Gil Blas de Santillane*, pelo empréstimo do nome do também narrador-autor-personagem Brás Cubas, que também o aproxima de Xavier de Maistre e Luciano de Samósata pela mistura da figura histórica com a personagem meramente ficcional, "promovendo encontros extravagantes entre vivos e mortos",[275] nas palavras de Valentin Facioli; seja à Rousseau pelo uso da contra-assinatura,[276] da natureza da assinatura de ficção,[277] ou na desestabilização, dentro do livro, dos meios pelos quais os leitores procuravam autenticar suas histórias, levando ao limite a indecidibilidade entre

---

[270] Idem., p. 71-2. Chartier utilizou esse mesmo exemplo também em CHARTIER, 1998, p. 46-8.
[271] CHARTIER, 2012, p. 72-3.
[272] FUENTES, 2001. Há também a palestra homônima de Carlos Fuentes disponibilizada pelo canal da ABL no Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=g3X3g2U7Pe4. Acesso em 29 de dezembro de 2019.
[273] "O Romance é um livro?" in BAPTISTA, 2003a, p.24-7.
[274] SENNA, 2008, p.22-9.
[275] FACIOLI, 2008, p.91-2.
[276] BAPTISTA, 2003a, p. 262.
[277] BAPTISTA, 2003a, p.271-2.

ficção e realidade, também presentes em Montesquieu, Richardson e Laclos;[278] ou à Edgar Allan Poe pelo jogo com a autoria ficcional nas advertências;[279] ou "ao abade Prévost, Marivaux e a outros que, como eles, fundaram no anonimato das personagens a verossimilhança de suas narrativas", conforme afirma Campos.[280] Uma vez identificada as relações com Cervantes, podemos pensar também numa tradição do fantástico, que remonta a Luciano de Samósata, Ludovico Ariosto e Sterne. Também pelo que disse Vasconcelos, demonstrando a "problematização da noção de real" realizada por Machado de Assis em "O Espelho" por meio da operação de um diálogo entre os modos fantástico e realista.

Se não poderíamos aqui verificar a validade desta ou daquela aproximação com este ou aquele autor, mencionamos as posições críticas acima por nos parecem, ao menos, sintomas da presença, na ficção de Machado de Assis, dessa tensão na figura do autor, assemelhada por muitos especialistas às tensões presentes em autores os mais diversos.

Poderíamos, ainda, relacioná-lo, a Stendhal, pelo efeito gerado pelo uso que o escritor fez de centenas de diferentes assinaturas e naquilo que Peggy Kamuff chamou de *signature pieces*. Embora haja diferenças entre as condições dos nomes de autor adotados por ambos os autores (Stendhal era um nome de autor que também era um pseudônimo e nada tinha a ver com o nome de Henry Beyle, enquanto que o nome de autor Machado de Assis é o sobrenome de Joaquim Maria, público e facilmente identificável), é possível reconhecer uma aproximação entre os autores nos efeitos causadas por esses fragmentos de assinatura que vão sendo diluídos dentro de suas obras.

Ao analisar *Le Rouge et le non*, Kamuf percebe que, no início do livro, quando Julien Sorel entra na igreja que exibe o brasão das armas de M. de Rênal, ele encontra um pedaço de papel impresso onde se anunciam detalhes da decapitação de Louis Jenrel e diz para si mesmo que seu nome termina da mesma forma que o dele; cria-se assim um *loop* na narrativa, que pode ser chamado de *signature piece*, "um dispositivo repetidamente associado a um indivíduo".[281]

A sintonia (fonética/rítmica) criada entre os nomes de Louis Jenrel e Henri Beyle e Renal e Stendhal, faz com que os nomes do autor – Stendhal/Henri Beyle – não apenas apontem para alguém por trás cena "puxando as cordas", mas funcione como um dispositivo da própria obra de Henri Beyle, que nunca assinou com seu nome próprio e inventou centenas de pseudônimos e criptônimos para si e suas relações:

---

[278] CAMPOS, 2014, p.97-9.
[279] GENETTE, 2009, p.169.
[280] CAMPOS, 2014, p. 380.
[281] "This loop in the narrative is what may be called a signature piece (as one says a signature tune), that is, a device repeatedly associated with a subject." (KAMUF, Op. Cit.)

> This effect, one suspects, can no longer be read simply within the calculation of Beyle's signature, its deliberate veiling, or its disrespect for orthography that makes possible the ironic distance installed in the narration. The name Beyle/Stendhal has itself gotten caught up in the textual network through a fragmentation that can always divide any name from itself and associate it with fragments of other names which spell the end of proper reference to an integral subject. The name functions already as the subject of a death sentence. No less than Julien Sorel, the name Henri Beyle/Stendhal ends by prefiguring its own end in the text it cannot sign from any safe distance. The signature piece, then, when inserted in the field of fragmenting forces which is a text, leaves the signature in pieces.[282]

O efeito, salvo as ressalvas que fizemos, é parecido com a relação ambígua do nome Machado de Assis com a assinatura "M. de A." presente ao final da advertência de *Memorial de Aires*, que faz referência quer seja a uma refração de "Machado de Assis", do escritor que se chamou Joaquim Maria, quer seja a um "editor ficcional" (que retoma a advertência de *Esaú e Jacó* na "Advertência" de *Memorial de Aires*), mas que também mimetizam tanto o próprio título *Memorial de Aires* como os patronímicos de José da Costa Marcondes Aires, autor suposto (alguns o tem também por narrador do romance no qual é referido em terceira pessoa, no capítulo XII "Esse Aires", de *Esaú e Jacó*[283] e até como narrador da série anônima "A Semana")[284] e que, por sua vez, também está em sintonia com as iniciais utilizadas por Machado de Assis ("M. A.") em muitos outros locais, inclusive em outras advertências e em cartas, como já apontamos.

Tal relação de ambiguidade colabora na refração da imagem autoral machadiana que ao passar pelo prisma das obras incluídas sob esse nome, difusas já desde seus peritextos, passa a fazer parte da dinâmica de toda a sua "Obra".

Fragmentando e confundindo suas assinaturas e diluindo seu *nome de autor* também entre *centenas* de outros nomes de autores (Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Pascal, Heródoto, Camões, Moisés, Ésquilo, Erasmo...)[285] por meio de epígrafes, menções, alusões e citações, Machado de Assis (e aqui este nome ganha o estatuto de princípio regulador) nos coloca diante do problema da responsabilidade e origem da subjetividade, e das ideias como expressão dessa

---

[282] KAMUF, Op. Cit.

[283] ASSIS, *Esaú e Jacó*, 1977, p.88-90. As divergências entre as interpretações das advertências de *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires*, serão analisadas adiante.

[284] Lúcia Miguel Pereira diz ser impossível separar o Machado de Assis que escreve em "A Semana" do personagem e autor suposto Aires: "Em 1892, quem escreve os folhetins da "Semana", sob o pseudônimo de Machado de Assis, é o velho Aires" PEREIRA, 1988, p. 244-5.

[285] O banco de dados criado por Marta de Senna (machadodeassis.net) registra centenas de autores aludidos ou citados por Machado de Assis apenas em seus contos e romances. O banco de dados pode ser acessado aqui: http://www.machadodeassis.net/dtb_index.asp?Selcampo=11&radiobutton=contoromances. Acesso em outubro de 2020.

subjetividade – da origem, enfim, das histórias, dos textos, do pensamento, da identificação de um outro com sua imagem, e de um "eu" consigo mesmo.

Seja nos paratextos – nas capas, títulos, assinaturas, folhas de rosto, advertências e erratas –, seja no "interior" da narrativa, por meio de personagens, narradores, autores e editores ficcionais e supostos, ou ainda na própria materialidade do livro,[286] as figurações autorais de Machado de Assis, quando não dissolvida e confundida com essa mesma materialidade (participando da ficção ora como o próprio cadáver do defunto autor[287] ora como edifício metafórico[288] ou mesmo como produto,[289] (que se compra e se passar a *possuir*) apresenta-se fragmentária e concorrente de si mesma. O efeito é a instabilidade do *sentido*, da *intenção* e da *autoridade* sobre o escrito, sem que, paradoxalmente, se perca de vista que, em última instância, há um *nome de autor* – Machado de Assis – operando como centro organizador da obra.

Assim, o jogo consciente com a autoria, e a flutuação nas assinaturas até aqui estudadas, indicam um processo de crítica ou de crise na figura (ou figuras) do autor, e talvez até mesmo na figura do livro, na qual aquele está dissolvido junto com a noção de produto, bem como das noções de unidade e subjetividade implicadas ou pressupostas, sobretudo na figura de autor como gênio – herança romântica muito difundida até os dias de hoje. Tal crítica ou crise perpassa a "Obra" de Machado de Assis, não apenas nos diferentes gêneros, mas também muito antes da "viravolta" da segunda fase – note-se, por exemplo, a sugestiva assinatura "?".

Sendo tantas e tão variadas suas assinaturas, ou mesmo quando iguais, operando diferentes papéis, jogando com supostos contratos enunciativos, expectativas e suposições que, muitas vezes, elas mesmas incitam no leitor, passamos a perguntar, como o faria o canário do conto: acaso existe Machado de Assis?

---

[286] Mesmo os espaços em branco que separam os capítulos de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro* e *Esaú e Jacó* têm papel importante na produção de sentido de "capítulo curto" – e no entendimento de Abel Barros Baptista o "capítulo curto" pode ser mesmo o personagem principal dos romances citados –, e que fica prejudicado em edições como a da editora Aguilar que não respeitam a quebra de página (BAPTISTA, 2003a, p. 127-8).

[287] É como vem entendendo Ingrid Brioso Rieumont, conforme exposto na comunicação "Nem biografia nem epitáfio: o tempo póstumo de Brás Cubas" realizada na Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin em 2019, no Simpósio Machado de Assis 180 anos: trabalhos em andamento, autor em construção.

[288] BAPTISTA, 2003a, p. 14; WOOD, 2016.

[289] BAPTISTA, 2003a, p. 38.

# Considerações finais

*Depois de doze minutos*
*Do seu drama O Marinheiro,*
*Em que os mais ágeis e astutos*
*Se sentem com sono e brutos,*
*E de sentido nem cheiro,*
*Diz uma das veladoras*
*Com langorosa magia:*
De eterno e belo há apenas o sonho.
Por que estamos nós, falando ainda?
*Ora, isso mesmo é que eu ia*
*Perguntar a essas senhoras...*

"A Fernando Pessoa - (depois de ler o seu drama estático 'O Marinheiro' em 'Orfeu 1')", Álvaro de Campos (heterônimo de Fernando Pessoa).

Foi possível verificar, ao longo desta dissertação, que, ao compor sua obra em torno da assinatura "Machado de Assis", estampada na capa de todos os seus livros, o escritor trabalha incessantemente na unificação, afirmação, e institucionalização de *seu nome de autor* e de sua imagem autoral. Por outro lado, trabalha incessantemente também na desestabilização e refração desse nome e dessa imagem por meio da proliferação de instâncias narrativas e autorais, manifestação de que a variedade de formas com as quais assinou é testemunha. As fronteiras entre "dentro" e "fora", "vida" e "obra", "autor" e "narrador" são borradas pela concorrência de assinaturas e pelo uso de paratextos, ferramentas que possibilitam o paradoxo da junção dessa dupla condição de dispersão e unidade. Esse talvez seja um dos principais temas machadianos, que vêm à tona na problematização da dispersão e unidade das coletâneas de contos, como se dá nas advertências de *Papéis avulsos* e *Várias histórias*, ou na afirmação de um "pensamento interior e único" a organizar um romance tão fragmentário como *Esaú e Jacó*.

O duplo sucesso da realização desses movimentos contrários se verifica: por um lado, nas diversas interpretações e apropriações de sua obra, de seus paratextos, autores e narradores, às vezes contraditórias entre si; e, por outro, no poder simbólico e institucional de seu *nome de autor*, capaz de engajar gerações de leitores e críticos interessados nas obras associadas ao nome "Machado de Assis" e na associação de seus próprios nomes ao do escritor. Verifica-se, ainda, que as assinaturas e paratextos constituem, por estarem em zonas de fronteira, uma via de mão dupla, o que permite justificar a inclusão de diferentes textos sob esse nome, nem todos necessariamente bem atribuídos, que serve como princípio regulador, ou, ainda, a exclusão de certos textos em função de uma unidade pressuposta pela assinatura "Machado de Assis".

# Referências Bibliográficas

***Obras de Machado de Assis***

Assis, Machado de. *Contos Recolhidos*. Org. Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956, 279 p.

_____. *Contos sem Data*. Org. Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956, 276 p.

_____. *Contos Esquecidos*. Org. Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956, 273 p.

_____. *Contos Avulsos*. Org. Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956, 265 p.

_____. *Contos Esparsos*. Org. Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956, 283 p.

_____. *Contos e Crônicas*. Org. Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958, 297 p.

_____. *Dispersos de Machado de Assis*. Coligidos e anotados por Jean-Michel Massa. Rio de Janeiro: Instituto da Educação e Cultura : Instituto Nacional do livro, 1965.

_____. Edições críticas das obras de Machado de Assis. Col. 15 vol. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

_____. *Bons Dias!*. Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Editora Hucitec, 1990.

_____. *A Semana: crônicas (1892-1893).* Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

_____. *Balas de estalo* - Edição completa e comentada. Heloisa Helena Paiva de Luca (Org.). São Paulo: Annablume, 1998.

_____. *Comentários da semana*. Organização, introdução e notas de Lúcia Granja e Jefferson Cano. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2008a.

_____. *Notas semanais*. Organização, introdução e notas de John Gledson e Lúcia Granja. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2008b.

_____. *Correspondência de Machado de Assis*. 5 tomos. Coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet. Coleção Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009a.

_____. *A Poesia Completa*. - Ed. Anotada. Org. e fixação dos textos Rutzkaya Queiroz dos Reis – São Paulo: Nankin : Edusp, 2009b.

_____. *História de quinze dias*. Organização, introdução e notas Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009c.

_____. *História de quinze dias*. Organização, introdução e notas de Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009d.

_____. *O Futuro*. Introdução, organização e notas de Rodrigo Camargo de Godoi. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014.

_____. Obra Completa. 4 vol. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2015.

_____. *Badaladas Dr. Semana*. Organização, apresentação, notas, índice onomástico Silvia Maria Azevedo. São Paulo: Nankin Editorial. 2019.

**Dicionários de Pseudônimos**

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brazileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883. Disponível em https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/126126.

FONSECA, Martinho Augusto da, *Dicionário de Pseudonymos, iniciaes e obras anonymas de escriptores portuguezes – com poucas palavras servindo de prologo pelo acadêmico Dr. Theophilo Braga*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1896;

MENEZES, Raimundo de. "Dicionário de Pseudônimos" in *Dicionário literário Brasileiro*, 2ºed. revista, aumentada e atualizada. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978

REIS, Antônio Simões do. *Pseudônimos Brasileiros: pequenos verbetes para um dicionário*. Zélio Valverde, editor. Rio de Janeiro. 1941.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Dicicionário Bibliográphico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1908

***Textos citados***

ALVES-COSTA. Lucas Piter; LACHOVSKI, Marilda Aparecida. Materialidades da autoria na sessão de autógrafos. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v. 18, n. 1, p. 147-163, jan./abr. 2018.

ANDRADE, Carlos Drummond (Sob o pseudônimo de Antônio Crispim). "Teoria e Prática do Pseudônimo", *Correio da Manhã*, 18 de agosto de 1953. Arquivo Museu de Literatura Brasileira Fundação Casa de Rui Barbosa.

_____. *Amor nenhum dispensa uma gota de ácido*: escritos de Carlos Drummond de Andrade sobre Machado de Assis. Organização Hélio de Seixas Guimarães. São Paulo: Três Estrelas. 2019.

AZEVEDO, Sílvia Maria. "Introdução" in ASSIS, Machado de. *Badaladas Dr. Semana*. Organização, apresentação, notas, índice onomástico Silvia Maria Azevedo. São Paulo: Nankin Editorial. 2019.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro (org.). *Machado de Assis – crítica literária e textos diversos*. São Paulo : Editora UNESP. 2013

BAPTISTA, Abel Barros. *Autobibliografias: Solicitação do livro na ficção de Machado de Assis*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003a.

_____. *A Formação do Nome: Duas Interrogações Sobre Machado de Assis*. Campinas-SP. Editora da Unicamp, 2003b.

_____. "O Legado Caldwell ou o paradigma do pé atrás" in *Santa Barbara Portuguese Studies*, Volume I, 1994, p. 145-77.

_____. "O propósito cosmopolita" in *Três emendas*: ensaios machadianos de propósito cosmopolita. São Paulo: Editora Unicamp, 2014.

BARTHES, Roland. "A morte do autor" in *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira, 3ª ed., São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012

BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010

BENVENISTE, Émile. O Censor e a Auctoritas. In: _____. *O vocabulário das instituições indoeuropeias*: vol II: Poder, Direito, Religião. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995

BETELLA, Gabriela Kvacek Betella, *Os Narradores de Machado de Assis*. São Paulo: Edusp/Nankin, 2007.

BIGNOTTO, Cilza Carla. "Formação de autores e de editores no Brasil" in *Figuras de autor, figuras de editor:* as práticas editoriais de Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

BORSATO, Fernando. "Ponto de interrogação: pseudônimo desconhecido e texto inédito de Machado de Assis" in *Machado de Assis em linha*, São Paulo, v. 12, n. 28, p. 55-72, dezembro de 2019. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/mael/v12n28/1983-6821-mael-12-28-55.pdf?fbclid=IwAR0tlOp5LC2TAJN4JxWWOD5VF2hS_85Mb45SbdH2ZERKwbahdDW3CsUhlSY. Acesso em 5 de janeiro de 2020.

CALABRESE, Omar. "L'artiste-signature" in *L'art de l'autoportrait*. Paris: Éditions Citadelles & Mazenod, 2006.

CALABRESE, Omar; GIGANTE, B. La Signature du peintre. La *part de l'oeil***,** v.5, p.27-43,1989, p.32 apud JUNQUEIRA 1995.

CALDWELL, Helen. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*. Tradução de Fábio Fonseca de Melo, Cotia, SP: Ateliê editorial, 2008.

CAMPOS, Raquel Machado Gonçalves. *Uma poética da homonímia*: o problema do nome próprio em Machado de Assis. Rio de Janeiro, 2014. Tese (Programa de Pós-Graduação em História Social) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CAMPOS, Alex Sander Luiz. *Machado de Assis contra a concepção de sujeito solar*, implicações na crônica. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

CATITA, Flávia Barreto Corrêa. *Antes e depois de "O Almada":* percurso editorial e transcrição diplomática do poema herói-cômico de Machado de Assis. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2019.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade* – uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. "Figuras do autor" in *A ordem dos livros*: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary Del Priore, 2ª ed., Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

_____. *O que é um autor?* Revisão de uma genealogia. São Carlos: Edufscar, 2012.

CHAVES, Antônio. *Direito do autor*: I princípios fundamentais. Rio de Janeiro: Forense, 1987. p.28.

COELHO, António Pina, *Os fundamentos filosóficos na obra de Fernando Pessoa*. Lisboa: Verbo, 1971,

COELHO, Jacinto do Prado, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. 6º ed., 1980 [1949].

COELHO, Jacinto do Prado; LIND, Georg Rudolf, *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*. Lisboa: Ática, 1966

CRESTANI, Jaison Luís. *Machado de Assis e o processo de criação literária*. São Paulo: Edusp: Nankin, 2014

_____. *Machado de Assis no Jornal das Famílias*. São Paulo: Nankin: Edusp, 2009.

DERRIDA, Jacques. "Assinatura, acontecimento, contexto" in *Margens da filosofia,* Trad. Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. Campinas – SP: Papirus Editora, 1991.

DIAZ, José-Luis. *L'écrivain imaginaire*: scénographies auctoriales à l'époque romantique. Paris: Honoré Champion, 2007.

_____. "Cuerpo del autor, cuerpo de la obra", *Tropelias.* Revista de Teoria de la Literatura y Literatura Comparada, 24 (2015), p. 32. Disponível em https://papiro.unizar.es/ojs/index.php/tropelias/article/view/1140. Acesso em 2 de janeiro de 2020.

DIMAS, Antônio. *Bilac, o Jornalista*: ensaios. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo; Editora da Unicamp, 2006.

EULALIO, Alexandre. *Tempo reencontrado: Ensaios sobre arte e literatura.* Organização e apresentação Carlos Augusto Calil. São Paulo: Instituto Moreira Salles; Editora 34, 2012.

*Exposição Machado de Assis: centenário do nascimento de Machado de Assis 1839-1939*, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1939.

*Exposição Machado de Assis:* centenário do nascimento de Machado de Assis 1839-1939, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1939

FACIOLI, Valentim. "Esse Brás e Cubas: O Nome" in *Um defunto estrambótico*: Análise e interpretação das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, 2ª ed. São Paulo: Nankin: Edusp, 2008.

FARIA, João Roberto. "Introdução" in ASSIS, Machado de. *O Futuro*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro:* da escrita ao livro eletrônico, São Paulo: EDUSP, 2008.

FINKELSTEIN, Davis; McCLEERY, Alistair. "Authors, authorship and authority" in *An introduction to book history*. Nova York: Routledge, 2012

FRAGOSO, Augusto, "Milliès – Um pseudônimo de Machado ainda não Conhecido?", Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis, Rio de Janeiro, n.7, p. 4-6, 29 set. 1961.

FRAENKEL, Béatrice. *La signature*. genèse d'un signe. Collection Bibliothèque des Histoires. Paris: Gallimard, 1992, p.7. apud. ALVES-COSTA, Lucas Piter; LACHOVSKI, Marilda Aparecida. Materialidades da autoria na sessão de autógrafos. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v. 18, n. 1, p. 147-163, jan./abr. 2018.

FRATTINI, Paula Caldas, "Como se dizer autor na cena literária: a cenografia autoral de José de Alencar na polêmica em torno das Cartas sobre A Confederação dos Tamoios", *ALEA*, Rio de Janeiro, vol. 21/3, p. 33-48, set-dez 2019.

FREITAS, Deise Joelen Tarouco. "A paternidade de *Madalena*: um estudo de caso de atribuição de autoria" in *Texto Digital*. Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 47-73, jan/jun. 2017.

FOUCAULT, Michel. "Qu'est-ce qu'un auteur?" in *Dits et écrits*. Tome I 1954-1969, Dir. de Daniel Defert et François Ewald - Bibliothèque des Sciences humaines. Paris: Éditions Gallimard, 1994.

_____. "O que é um autor?" in *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Col. Ditos e Escritos. Vol.3. Org. Manoel Barros da Motta; tradução, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 5º ed., 1999.

FUENTES, Carlos, *Machado de la Mancha*, 2001. Há também a palestra homônima de Carlos Fuentes disponibilizada pelo canal da ABL no Youtube: https://www.youtube.com/watch?v=g3X3g2U7Pe4. Acesso em 29 de dezembro de 2019.

GENETTE, Gérard. *Seuils*. Collection Poétique. Paris: Editions du Seuil, 1987.

_____. *Paratextos Editoriais*, Trad. de Álvaro Faleiros, São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GLEDSON, John. “Introdução” in ASSIS, Machado de. *A Semana:* crônicas *(1892-1893).* Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

_____. “Os contos de Machado de Assis : O Machete e o violoncelo” in ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos*: uma antologia. / Machado de Assis. Seleção, Introdução e Notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.1

_____. *Machado de Assis: ficção e história*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. *Por um novo Machado de Assis:* ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GLEDSON, John; GRANJA, Lúcia. “Introdução” in ASSIS, Machado de *Notas semanais*. Organização, introdução e notas de John Gledson e Lúcia Granja. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2008.

GODOI, Rodrigo Camargo de. José de Alencar e os embates em torno da Propriedade Literária no Rio de Janeiro (1856-1875). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 30, no 62, p. 573-596, setembro-dezembro 2017. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/eh/v30n62/0103-2186-eh-30-62-0573.pdf. Acesso em 1 de dezembro de 2019.

_____. “Introdução” in ASSIS, Machado de. *O Futuro*. Introdução, organização e notas de Rodrigo Camargo de Godoi. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis – antes do livro, o jornal*: suporte, mídia e ficção. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2018. Versão digital. Disponível em http://editoraunesp.com.br/catalogo/9788595462816,machado-de-assis-antes-do-livro-o-jornal. Acesso em 29 de dezembro de 2019.

GRANJA, Lúcia; CANO, Jefferson. “Introdução” in ASSIS, Machado de. *Comentários da semana*. Organização, introdução e notas de Lúcia Granja e Jefferson Cano. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2008.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Machado de Assis, o escritor que nos lê*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

_____. *Os leitores de Machado de Assis:* o romance machadiano e o público de literatura no século *19*. 2º ed. São Paulo: Nankin: Edusp, 2012.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LEBENSZTEYN, Ieda. *Escritor por escritor*: Machado de Assis segundo seus pares (1908-1939). São Paulo: Imprensa Oficial, 2019.

_____. *Escritor por escritor*: Machado de Assis segundo seus pares (1939-2008). São Paulo: Imprensa Oficial, 2019.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

HANSEN, João Adolfo. “Autor” in Palavras da Crítica: Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura, José Luis Jobim (org.). Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.

JUNQUEIRA, Valderez Helena. “Assinatura: um lugar de enunciação” in *Alfa*, São Paulo, 39: 161-172, 1995.

KAMUF, Peggy. *Signature Pieces*: On the Instituition of Authorship, Ithaca and London: Cornell University Press, 2018. Kindle Edition. Disponível em https://www.amazon.com/Signature-Pieces-Institution-Peggy-Kamuf-ebook/dp/B079XVMZ61/ref=tmm_kin_swatch_0?_encoding=UTF8&qid=&sr=. Também disponível em https://www.jstor.org/stable/10.7591/j.ctt207g60p .Acesso em 29 de dezembro de 2019.

LILTI. Antoine. “Reconhecimento e celebridade: Jean-Jacques Rousseau e a política do nome próprio” in *Topoi (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 29, p. 635-649, jul./dez. 2014.

LOPES, Teresa Rita, *Pessoa por Conhecer* – I – Roteiro para uma expedição. Lisboa: Estampa, 1990.

LOURENÇO, Eduardo, *Poesia e Metafísica* – Camões, Antero, Pessoa. Lisboa: Sá da Costa, 1983

LOVE, Harold. *Attributing Authorship:* an introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2008.

MAGALHÃES JÚNIOR. “As repetições de Machado de Assis” in *Machado de Assis desconhecido*. São Paulo: LISA – Livros irradiantes S. A., 1971

_____. *Machado de Assis*: vida e obra. 4 vol. Rio de Janeiro: São Paulo: Editora Record, 2008.

MASSA, Jean-Michel. *A Juventude de Machado de Assis – 1839-1870*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MARQUES, Wilton. *Machado de Assis e “Maria Duplessis”:* a talvez primeira tradução. Machado de Assis em Linha, São Paulo, V.11, n. 25, p.33-63, dezembro 2018. DOI 10.1590/1983-6821201811253.

_____. “O enigma dos folhetins” in ALENCAR, José de. *Ao correr da pena*, estabelecimento de texto e introdução de Wilton José Marques, São Paulo: EdUFSCar, 2017. Edição Kindle.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do Imaginário no Brasil*, São Paulo: Edusp, 2001.

MIASSO, Audrey Ludmilla do Nascimento. *Epígrafes e Diálogos na poesia de Machado de Assis*. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

*Michaellis*: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Editora Melhoramentos, 2018, versão digital.

MONTEIRO, Adolfo Casais. *Estudos Sobre a Poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

MIRANDA, José Américo; CAMPOS, Alex Sander Luiz. “Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a Crisálidas (1864) e não incluídos nesse livro” in *Machadiana Eletrônica*, Vitória, V. 1, n.1, p.65-73, jan-jun. 2018. Disponível em http://www.periodicos.ufes.br/machadiana/article/view/17698/13334, acesso em julho de 2019.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da língua portuguesa*, Segunda tiragem do I Tomo. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica; Livraria São José; Livraria Francisco Alves; Livros de Portugal, 1955, p.49.

NETO, Dário Ferreira Sousa. *A Pena do Cronista:* a presença das crônicas nos romances machadianos. 2015. 581 p. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

NÓBREGA, Mello. *Ocultação e disfarce de autoria:* do anonimato ao nome literário. Fortaleza: Edições UFC, 1981

PAKU, Gillian. *Anonymity in the Eighteenth Century*, Oxford Handbooks Online – Oxford University, 2015. (http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935338.001.0001/oxfordhb-9780199935338-e-37?rskey=l3JrAk&result=2 ). Acesso em 03 de julho de 2018.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis*: estudo crítico e biográfico. 6 ed. Rev. Belo Horizonte: Itatiaia : São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1988.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Introdução” in ASSIS, Machado de. *História de quinze dias*. Organização, introdução e notas de Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009.

PINHEIRO, Maciel. “Machado de Assis em três temas – I – Novos pseudônimos” in *Diário Carioca*, Ano XXVIII, n. 8.322, 28 de agosto de 1955. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/093092_04/29610. Acesso em 25 de janeiro de 2020.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As máscaras de Lélio*: política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883-1886). São Paulo: Editora Unicamp, 2010

RASTIBONNE, M. Louis; LERMINA, M. Jule; Pouillet, M. Eugène. *Exposition Universelle de Paris -1889.* Association littéraire et artistique internationale – son histoire – ses travaux – 1879-1889. Paris: Bibliothèque Chaconarc, 1889.

REIS, Rutzkaya Queiroz dos. “Apresentação” In Assis, Machado de. *A Poesia Completa*. - Ed. Anotada. Org. e fixação dos textos Rutzkaya Queiroz dos Reis – São Paulo: Nankin : Edusp, 2009.

*Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*, n. 3, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1959

RISSATO, Felipe Pereira. “Machado de Assis inédito, desconhecido, anônimo, surpreendente...” na *Revista Brasileira*, Fase VIII, abril-maio-junho 2016 ,Ano V, n. 87, p. 119-32
https://www.academia.org.br/sites/default/files/publicacoes/arquivos/revista_brasileira_87.pdf

ROSE, Mark. *Authors and Owners:* The Invention of Copyright. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

ROSSO, Mauro. *Contos de Machado de Assis*: relicários e raisonnés. Rio de Janeiro : São Paulo: Editora PUC Rio : Edições Loyola, 2008.

SACRAMENTO, Mário. *Fernando Pessoa* – Poeta da hora absurda. Porto: Inova Porto, 1970

SANTIAGO, Silviano. "Retórica da verossimilhança" in *Uma leitura nos trópicos.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, P. 27-46; também publicado na *Obra Completa*, 2015, Volume I, p. 129-142.

SCHERER, Marta E. G. "O surgimento do repórter e a prática da censura no jornalismo brasileiro através das crônicas de Olavo Bilac" in *Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)* - v.1, n.2, jul.2012 / dez.2012.

SCHOEPS, Luciana Antonini. *As vozes sem boca no manuscrito do cenógrafo Machado de Assis: Esaú e Jacob.* 2016. 606 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SENNA, Marta de. "Fielding, Sterne, Machado: uma linhagem" in *O olhar oblíquo do bruxo*: ensaios machadianos. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. *Linha reta e linha curva*: Edição crítica e genética de um conto de Machado de Assis. São Paulo, Editora da UNICAMP, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

SOUZA, Ana Paula Cardozo de. *Machado de Assis e a República de "A Semana":* Literatura, Imprensa e Práticas Populares (1892-7). Dissertação de Mestrado em História, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2015.

TELES, Adriana da Costa. *Machado & Shakespeare:* intertextualidades. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2017.

TEIXEIRA, Ivan. *O Altar & o Trono*: Dinâmica do Poder em *O Alienista*. São Paulo: Ateliê Editorial: Editora Unicamp, 2010.

VASCONCELOS, Sandra G. T. "Do outro lado do Espelho (Um estudo de E. A. Poe e Machado de Assis) in *Língua e Literatura*, v. 15, b. 18, p.23-39, 1990.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 3 Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954.

VILAR, Bluma Waddington. "Deus, o diabo e os direitos autorais: uma leitura comparativa do conto 'Adão e Eva'" in *Machado de Assis em linha*. Ano 1 , n. 1, junho de 2008.

***Outras fontes de pesquisa***

Acervo arquivístico da Academia Brasileira de Letras: http://servbib.academia.org.br/arquivo/index.html

Acervo Digital e Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional: http://bndigital.bn.gov.br/

Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin: https://www.bbm.usp.br/

Obras de Machado de Assis em Hipertexto*:* http://www.machadodeassis.net/

ANEXO 1 – Tabela de poemas (autorais ou traduções) de Machado de Assis ou a ele atribuídos publicados em periódicos por ordem cronológica e com suas respectivas assinaturas

| Poema | Assinatura | Data | Periódico |
|---|---|---|---|
| À ILMA. SRA. D. P. J. A. | J. M. M. Assis | 03/10/1854 | *Periódico dos Pobres* |
| ELA | Assis | 12/01/1855 | *Marmota Fluminense* |
| A PALMEIRA - O. D. C. A FRANCISCO GONÇALVES BRAGA | Assis | 16/01/1855 | *Marmota Fluminense* |
| DORMIR NO CAMPO | J. M. M. d'Assis | 21/02/1855 | *Marmota Fluminense* |
| A SAUDADE | J. M. M. de Assis | 20/03/1855 | *Marmota Fluminense* |
| SAUDADES - AO IL.MO SR. F. G. BRAGA | J. M. M. de Assis | 01/05/1855 | *Marmota Fluminense* |
| JÚLIA | J. M. M. de Assis | 18/05/1855 | *Marmota Fluminense* |
| LEMBRANÇA DE AMOR | J. M. M. de Assis | 01/06/1855 | *Marmota Fluminense* |
| TEU CANTO | J. M. M. d'Assis | 15/07/1855 | *Marmota Fluminense* |
| A LUA - POESIA OFERECIDA AO MEU AMIGO O ILMO. SR. F. A. VAZ DA MOTA | J. M. M. de Assis | 17/07/1855 | *Marmota Fluminense* |
| MEU ANJO | J. M. M. d'Assis | 24/07/1855 | *Marmota Fluminense* |
| UM SORRISO | J. M. M. d'Assis | 10/08/1855 | *Marmota Fluminense* |
| COMO TE AMO | J. M. M. d'Assis | 12/08/1855 | *Marmota Fluminense* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| PARÓDIA | J. M. M. d'Assis | 14/08/1855 | *Marmota Fluminense* |
| A SAUDADE | J. M. M. d'Assis | 05/10/1855 | *Marmota Fluminense* |
| NO ÁLBUM DO SR. F. G. BRAGA | J. M. M. d'Assis | 09/10/1855 | *Marmota Fluminense* |
| A UMA MENINA | J. M. M. d'Assis | 21/10/1855 | *Marmota Fluminense* |
| O GÊNIO ADORMECIDO - O. D. E C. AO ILMO. SR. ANTÔNIO GONÇALVES TEIXEIRA E SOUSA | J. M. M. d'Assis | 28/10/1855 | *Marmota Fluminense* |
| O PROFETA - (FRAGMENTO) | J. M. M. d'Assis | 02/11/1855 | *Marmota Fluminense* |
| O PÃO D'AÇUCAR [OU O PÃO DE AÇUCAR] | J. M. M. d'Assis | 23/11/1855 | *Marmota Fluminense* |
| SONÊTO - A S. M. O IMPERADOR, O SENHOR D. PEDRO II | J. M. M. d'Assiz | 02/12/1855 | *Marmota Fluminense* |
| A MADAME ARSÈNE CHARTON DEMEUR | Joaquim Maria Machado de Assis | 07/02/1856 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| O MEU VIVER | [Não conhecido] | 16/02/1856 | *Marmota Fluminense* |
| MINHA MUSA | J. M. M. d'Assis | 04/03/1856 | *Marmota Fluminense* |
| CONSUMMATUM EST! | J. M. M. d'Assis | 22/03/1856 | *Marmota Fluminense* |
| UM ANJO - (À MEMÓRIA DE MINHA IRMÃ) | J. M. M. d'Assis | 01/04/1856 | *Marmota Fluminense* |
| COGNAC! | J. M. M. d'Assis | 12/04/1856 | *Marmota Fluminense* |
| LÁGRIMAS - A MEMÓRIA DE MINHA MÃE | A. | 29/07/1856 | *Marmota Fluminense* |
| MINHA MÃE - IMITAÇÃO DE COWPER | J. M. M. d'Assis | 02/09/1856 | *Marmota Fluminense* |
| O GRITO DO IPIRANGA | Joaquim Maria Machado de Assis! | 07/09/1856 | *Correio Mercantil* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| NÃO? | J. M. M. A. | 15/09/1857 | *A Marmota* |
| RESIGNAÇÃO | J. M. M. d'Assis | 02/10/1857 | *A Marmota* |
| AMANHÃ | Machado d'Assis | 23/10/1857 | *A Marmota* |
| A *** | Machado d'Assis | 22/12/1857 | *A Marmota* |
| DEUS EM TI | Machado d'Assis | 25/12/1857 | *A Marmota* |
| O SOFÁ | Machado d'Assis | 08/01/1858 | *A Marmota* |
| ÁLVARES DE AZEVEDO - AO SR. DR. M. A. D'ALMEIDA [“AVARES D'AZEVEDO”] | Joaquim Maria Machado d'Assis | 12/01/1858 | *A Marmota* |
| VAI-TE | Machado d'Assis | 26/01/1858 | *A Marmota* |
| ESTA NOITE | Machado d'Assis | 16/02/1858 | *A Marmota* |
| REFLEXO | Machado d'Assis | 23/03/1858 | *A Marmota* |
| A MORTE NO CALVÁRIO | Machado de Assis | 02/04/1858 | *A Marmota* |
| VEM! | Machado de Assis | 11/04/1858 | *O Paraíba* |
| A ELVIRA | J. M. Machado de Assis | 06/08/1858 | *Correio da Tarde* |
| A MISSÃO DO POETA | J. M. Machado de Assis | 20/10/1858 | *O Universo Ilustrado, Pitoresco e Monumental* |
| ESPERANÇA - (NO ÁLBUM DO SR. F. G. BRAGA) | J. M. Machado de Assis | 25/10/1858 | *Correio Mercantil* |
| O PROGRESSO - (HINO DA MOCIDADE) - AO SR. E. PELLETAN | Machado d'Assis | 30/11/1858 | *Correio Mercantil* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| MONTE ALVERNE - AO PADRE MESTRE A. J. DA SILVEIRA SARMENTO | J. M. Machado de Assis | 06/12/1858 | *Jornal do Commercio* |
| A UMA DONZELA ÁRABE - (LAMARTINE) | Machado d'Assis | 20/01/1859 | *O Paraíba* |
| ÍCARO | Machado de Assis | 08/01/1860 | *O Espelho* |
| À ITÁLIA | Machado de Assis | 10/02/1859 | *Correio Mercantil* |
| A PARTIDA | Machado de Assis | 14/02/1859 | *Correio Mercantil* |
| A UM POETA - (O SR. F. DE SALES GUIMARÃES E CUNHA) | Machado d'Assis | 17/02/1859 | *O Paraíba* |
| AO EXÍMIO RABEQUISTA FRANCELINO DOMINGUES DE MOURA PASSOS, AO OUVIRMOS TOCAR NA NOITE DO SEU BENEFÍCIO | M. A. | 01/03/1859 | *Correio Mercantil* |
| CONDÃO | Machado de Assis | 28/03/1859 | *Correio Mercantil* |
| MARIA DUPLESSIS - (A DAMA DAS CAMÉLIAS) - (IMITAÇÃO DE ALEXANDRE DUMAS FILHO) | Machado de Assis | 15/04/1860 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| A REDENÇÃO - AO SR. DR. FRANCISCO OTAVIANO | Machado de Assis | 04/05/1859 | *Correio Mercantil* |
| S. HELENA - AO SR. REMÍGIO DE SENA PEREIRA [OU SANTA HELENA] | Machado d'Assis | 22/05/1859 | *O Paraíba* |
| NUNCA MAIS | Machado de Assis | 12/06/1859 | *O Paraíba* |
| A CH. F., FILHO DE UM PROSCRITO | Machado d'Assis | 21/07/1859 | *Correio Mercantil* |
| A ESTRELA DA TARDE | Machado d'Assis | 04/09/1859 | *O Espelho* |
| A UM PROSCRITO | Machado de Assis | 18/09/1859 | *O Espelho* |
| A AUGUSTA | Machado de Assis | 23/09/1859 | *O Binóculo* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| MEUS VERSOS - PRIMEIRA PÁGINA DE UM LIVRO INÉDITO | M. | 02/10/1859 | *O Espelho* |
| OFÉLIA - A J... | Machado de Assis | 21/10/1859 | *Correio Mercantil* |
| SONHOS | Machado de Assis | 23/10/1859 | *O Espelho* |
| A MME. DE LA GRANGE - NA NOITE DE 14 DE NOVEMBRO | M. D'A. | 16/11/1859 | *Correio Mercantil* |
| UM NOME | [Não conhecido] | 27/11/1859 | *O Espelho* |
| TRAVESSA | Machado de Assis | 18/12/1859 | *O Espelho* |
| GABRIELA DA CUNHA | M. D'A. | 24/12/1859 | *Correio Mercantil* |
| REVISTADE TEATROS | [Não assinado] | 25/12/1859 | *O Espelho* |
| A D. GABRIELA DA CUNHA | Machado de Assis | 25/12/1859 | *O Espelho* |
| ESCRAVO E RAINHA | M. | 08/01/1860 | *O Espelho* |
| SOUVENIR D'ÉXIL | d'Assis | 02/02/1860 | *Courrier du Brésil* |
| MARIA DUPLESSIS | [Anônimo] | 15/04/1860 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| PERDIÇÃO | Machado de Assis | 16/12/1860 | *Semana Illustrada* |
| AO CARNAVAL DE 1860 | [Anônimo] | 21/02/1860 | *A Marmota* |
| NO ÁLBUM DA ARTISTA LUDOVINA MOUTINHO | M. A. | 17/03/1861 | *A Primavera* |
| SOBRE A MORTE DE LUDOVINA MOUTINHO | Machado de Assis | 17/06/1861 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| ROSAS E SAUDADES | M. A. | 02/12/1860 | *A Grinalda* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| A JOVEM CATIVA - (A. CHÉNIER) | M. de A. | 21/09/1862 | *A Saudade* |
| ASPIRAÇÃO - (A F. X. DE NOVAIS) | Machado de Assis | 01/10/1862 | *O Futuro* |
| A ESTRELA DO POETA | Machado de Assis | 01/12/1862 | *O Futuro* |
| HINO PATRIÓTICO | [Não assinado] | 18/01/1862 | *Semana Illustrada* |
| FASCINAÇÃO | Machado de Assis | 01/01/1863 | *O Futuro* |
| O ACORDAR DA POLÔNIA | Machado de Assis | 15/03/1863 | *O Futuro* |
| O CASAMENTO DO DIABO | Machado de Assis | 29/03/1863 | *Semana Illustrada* |
| AS VENTOINHAS | Machado de Assis | 01/04/1863 | *O Futuro* |
| SINHÁ | Machado de Assis | 15/04/1863 | *O Futuro* |
| ALPUJARRA | Machado de Assis | jul. 1863 | *Jornal das Famílias* |
| AS ONDINAS - (NOTURNO DE H. HEINE) | Machado de Assis | 02/08/1863 | *Biblioteca Brasileira* |
| O PODER DO OURO | M. A. | 21/11/1863 | *Correio Mercantil* |
| VERSOS A CORINA | ** | 21/03/1864 | *Correio Mercantil* |
| VERSOS A CORINA | ** | 26/03/1864 | *Correio Mercantil* |
| VERSOS A CORINA | ** | 02/04/1864 | *Correio Mercantil* |
| VERSOS A CORINA | [Anônimo] | 16/04/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| VERSOS A CORINA | Machado de Assis | 21/04/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| HORAS VIVAS | M. A. | 01/08/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| ESTÂNCIAS NUPCIAIS | Y. | 15/10/1864 | *Semana Illustrada* |
| NÚPCIAS | Machado de Assis | 30/10/1864 | *Semana Illustrada* |
| NO ESPAÇO | Machado de Assis | 03/03/1866 | *Semana Illustrada* |
| VERSOS A EMA - ( A DAMA DAS PÉROLAS) | Machado de Assis | 06/04/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| A CÓLERA DO IMPÉRIO | Machado de Assis | 17/05/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| CALA-TE, AMOR DE MÃE | [Anônimo] | 20/08/1865 | *Semana Illustrada* |
| TRISTEZA | Machado de Assis | ago. 1866 | *Jornal das Famílias* |
| POESIA - A ... | J. X. | 1867 | *Jornal das Famílias* |
| CEGONHAS E RODOVALHOS - (A ASINIUS SEMPRONÍUS RUFUS) - (TRADUZIDO DE BOUUILLET) | M. A. | 24/01/1869 | *Semana Illustrada* |
| MENINA E MOÇA - A ERNESTO CIBRÃO | M. A. | 24/01/1869 | *Semana Illustrada* |
| A F. X. DE NOVAIS | M. A. | 29/08/1869 | *Semana Illustrada* |
| O PRIMEIRO BEIJO (G. BLEST GANA) | M. A. | 19/09/1869 | *Semana Illustrada* |
| FRAGMENTO | [Anônimo] | 12/12/1869 | *Semana Illustrada* |
| “DAQUI, DÊSTE ÂMBITO ESTREITO” [SEM TÍTULO] | Machado de Assis | 26/02/1870 | *Jornal do Commercio* |
| POTIRA - (FRAGMENTO DE UMA ELEGIA AMERICANA) | Y. | 29/06/1870 | *Jornal do Commercio* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| A FRANCISCO PINHEIRO GUIMARÃES | Machado de Assis | 20/05/1870 | *A Reforma* |
| POTIRA - (FRAGMENTO DE UMA ELEGIA AMERICANA) | Y. | 28/08/1870 | *Jornal da tarde* |
| FRAGMENTO | [Anônimo] | 04/12/1870 | *Semana Illustrada* |
| OS ORIZES - (FRAGMENTO) | Machado de Assis | 29/06/1873 | *A Instrução Pública* |
| À MEMÓRIA DO ATOR TASSO - RECITADA NO TEATRO DE S. LUÍS PELA EXÍMIA ATRIZ EMÍLIA ADELAIDE | Machado de Assis | set. 1871 | *Leitura Popular* |
| ADEUS! | [Não conhecido] | 03/09/1871 | *[Não conhecido]* |
| ONTEM, HOJE, AMANHÃ | M. A. | 1872 | *A Luz* |
| A INAUGURAÇÃO DA ESTÁTUA DE JOSÉ BONIFÁCIO | Machado de Assis | 07/09/1872 | *Jornal do Commercio* |
| MONÓLOGO DE HAMLET | M. de Assis | 22/02/1873 | *Arquivo Contemporâneo* |
| DANTE- O CANTO XXV DO “INFERNO” | M. A. | 25/12/1874 | *O Globo* |
| “NAQUELE ETERNO AZUL, ONDE COEMA” | Machado de Assis | 21/12/1877 | *Gazeta de Notícias* |
| CÍRCULO VICIOSO | Machado de Assis | jun. 1879 | *Revista Brasileira* |
| VERSOS - ESCRITOS NO ÁLBUM DA EXMA. SRª. D. BRANCA P. DA C. | Machado de Assis | 15/07/1879 | *A Estação* |
| [O ALMADA] TRECHO DE UM POEMA INÉDITO | Machado de Assis | 15/08/1885 | *A Estação* |
| [O ALMADA] A ASSUADA | Machado de Assis | 15/10/1879 | *Revista Brasileira* |
| SUAVE MARI MAGNO... | Machado de Assis | 15/01/1880 | *Revista Brasileira* |
| O DESFECHO | Machado de Assis | 15/01/1880 | *Revista Brasileira* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| SPINOZA | Machado de Assis | 15/01/1880 | *Revista Brasileira* |
| A MOSCA AZUL | Machado de Assis | 15/01/1880 | *Revista Brasileira* |
| UMA CRIATURA | Machado de Assis | 15/01/1880 | *Revista Brasileira* |
| NO ALTO | Machado de Assis | 15/01/1880 | *Revista Brasileira* |
| NUM ALBUM | Machado de Assis | 29/02/1880 | *Revista Brasileira* |
| “QUANDO TRANSPORTA A LÚGUBRE MORADA” | Machado de Assis | 10/06/1880 | *Gazeta de Notícias* |
| “QUANDO TORCENDO A CHAVE MISTERIOSA” | Machado de Assis | 10/06/1880 | *Jornal do Commercio* |
| “TU QUEM ÉS? SOU O SÉCULO QUE PASSA” | Machado de Assis | 10/06/1880 | *Jornal do Commercio* |
| “UM DIA, JUNTO À FOZ DO BRANDO E AMIGO” | Machado de Assis | 10/06/1880 | *Revista Brasileira* |
| “HÃO DE OS ANOS VOLVER, - NÃO COMO AS NEVES” | Machado de Assis | 12/12/1880 | *Gazeta de Notícias* |
| SONETO | Machado de Assis | 12/11/1881 | *Civilização* |
| O CORVO - EDGARD POE [EDGAR ALLAN POE] | Machado de Assis | 28/02/1883 | *A Estação* |
| A VOLTA DO POETA | Machado de Assis | 08/07/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| X*** | Machado de Assis | 23/02/1884 | *Gazeta da Tarde* |
| RELÍQUIA ÍNTIMA | O. de S. | 15/01/1885 | *A Estação* |
| 1802-1885 | Machado de Assis | 23/05/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| MUNDO INTERIOR | Machado de Assis | 20/02/1886 | *A Quinzena* |
| PERGUNTAS SEM RESPOSTA | Machado de Assis | 19/06/1886 | *A Semana* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| 26 DE OUTUBRO | Machado de Assis | 27/10/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| AS NÁUFRAGAS (DUAS MENINAS CEARENSES QUE VINHAM NO VAPOR “BAHIA”) | Machado de Assis | 17/04/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| “PENSA EM TI MESMA, ACHARÁS” | Machado de Assis | 25/11/1887 | *Novidades* |
| RÉFUS - (A JAYME DE SÉGUIER) | Machado de Assis | 01/09/1890 | *Gazeta de Notícias* |
| A FRANCISCA | [Anônimo] | 02-out-08 | *O País* |
| “POR ORA SOU PEQUENINA” | Machado de Assis | 28/09/1894 | |
| PRÓLOGO DO INTERMEZZO | Machado de Assis | 05/04/1894 | *A Semana* |
| VELHO TEMA | Machado de Assis | 1895 | *O Teatro* |
| SONETO CIRCULAR | Machado de Assis | 18/04/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A FESTA DE LINDOIA [NAS POESIAS COMPLETAS APENAS “LINDOIA”] | Machado de Assis | 31/07/1895 | *A República Portuguesa* |
| SONETO - NO ÁLBUM DE D. MARIA DE AZAMBUJA | Machado de Assis | 02/01/1896 | *A Cigarra* |
| A SEMANA | Machado de Assis | dez. 1896 | *A Bruxa* |
| JOSÉ DE ANCHIETA | Machado de Assis | 27/12/1896 | *O Comércio de São Paulo* |
| A GUIOMAR | [Anônimo] | 29/11/1908 | *Gazeta de Anápolis* |

ANEXO 2 – Tabela de contos (autorais e traduzidos) de Machado de Assis ou a ele atribuídos publicados em periódicos por ordem cronológica e com suas respectivas assinaturas

| Conto | Assinatura | Data | Periódico |
|---|---|---|---|
| TRÊS TESOUROS PERDIDOS | Machado d'Assis | 05/01/1858 | *A Marmota* |
| BAGATELA | M. A. | 10/05/1859 | *A Marmota* |
| BAGATELA | [Não assinado] | 13/05/1859 | *A Marmota* |
| BAGATELA | M. A. | 17/05/1859 | *A Marmota* |
| BAGATELA | M. A. | 03/06/1859 | *A Marmota* |
| BAGATELA | M. A. | 14/06/1859 | *A Marmota* |
| BAGATELA | [Não assinado] | 26/08/1859 | *A Marmota* |
| BAGATELA | [Não assinado] | 30/08/1859 | *A Marmota* |
| O PAÍS DAS QUIMERAS - (CONTO FANTÁSTICO) | Machado de Assis | 01/11/1862 | *O Futuro* |
| FREI SIMÃO | M. A. | jun. 1864 | *Jornal das Famílias* |
| VIRGINIUS - NARRATIVA DE UM ADVOGADO | Machado de Assis | jul. 1864 | *Jornal das Famílias* |
| VIRGINIUS - NARRATIVA DE UM ADVOGADO | Machado de Assis | ago. 1864 | *Jornal das Famílias* |
| O ANJO DAS DONZELAS | Max | set. 1864 | *Jornal das Famílias* |
| O ANJO DAS DONZELAS | Max | out. 1864 | *Jornal das Famílias* |
| CASADA E VIÚVA | Machado de Assis | nov. 1864 | *Jornal das Famílias* |
| QUESTÃO DE VAIDADE | Machado de Assis | dez. 1864 | *Jornal das Famílias* |
| QUESTÃO DE VAIDADE | Machado de Assis | jan. 1865 | *Jornal das Famílias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| QUESTÃO DE VAIDADE | Machado de Assis | fev. 1865 | *Jornal das Famílias* |
| QUESTÃO DE VAIDADE | Machado de Assis | mar. 1865 | *Jornal das Famílias* |
| CONFISSÕES DE UMA VIÚVA MOÇA | J. | abr. 1865 | *Jornal das Famílias* |
| CONFISSÕES DE UMA VIÚVA MOÇA | J. | maio 1865 | *Jornal das Famílias* |
| CONFISSÕES DE UMA VIÚVA MOÇA | J. | jun. 1865 | *Jornal das Famílias* |
| CINCO MULHERES | Job | ago. 1865 | *Jornal das Famílias* |
| O TELES E O TOBIAS - QUADRO DE COSTUMES POLÍTICOS | [Anônimo] | 06/08/1865 | *Semana Illustrada* |
| O TELES E O TOBIAS - QUADRO DE COSTUMES POLÍTICOS | M. | 13/08/1865 | *Semana Illustrada* |
| O TELES E O TOBIAS - QUADRO DE COSTUMES POLÍTICOS | [Anônimo] | 20/08/1865 | *Semana Illustrada* |
| O TELES E O TOBIAS - QUADRO DE COSTUMES POLÍTICOS | [Anônimo] | 27/08/1865 | *Semana Illustrada* |
| CINCO MULHERES | Job | set. 1865 | *Jornal das Famílias* |
| O TELES E O TOBIAS - QUADRO DE COSTUMES POLÍTICOS | [Anônimo] | 03/09/1865 | *Semana Illustrada* |
| LINHA RETA E LINHA CURVA | Job | out. 1865 | *Jornal das Famílias* |
| O TELES E O TOBIAS - QUADRO DE COSTUMES POLÍTICOS | [Anônimo] | 08/10/1865 | *Semana Illustrada* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| O TELES E O TOBIAS - QUADRO DE COSTUMES POLÍTICOS | [Anônimo] | 10/10/1865 | *Semana Illustrada* |
| O TELES E O TOBIAS - QUADRO DE COSTUMES POLÍTICOS | [Anônimo] | 15/10/1865 | *Semana Illustrada* |
| O TELES E O TOBIAS - QUADRO DE COSTUMES POLÍTICOS | [Anônimo] | 17/10/1865 | *Semana Illustrada* |
| O TELES E O TOBIAS - QUADRO DE COSTUMES POLÍTICOS | [Anônimo] | 29/10/1865 | *Semana Illustrada* |
| LINHA RETA E LINHA CURVA | Job | | *Jornal das Famílias* |
| O TELES E O TOBIAS - QUADRO DE COSTUMES POLÍTICOS | *** | 05/11/1865 | *Semana Illustrada* |
| LINHA RETA E LINHA CURVA | Job | dez. 1865 | *Jornal das Famílias* |
| LINHA RETA E LINHA CURVA | Job | jan. 1866 | *Jornal das Famílias* |
| O ORÁCULO | Max | jan. 1866 | *Jornal das Famílias* |
| DIANA | [Anônimo] | fev. 1866 | *Jornal das Famílias* |
| AS BOTAS | Milliès | 25/02/1866 | *Semana Illustrada* |
| UMA EXCURSÃO MILAGROSA | A. | abr. 1866 | *Jornal das Famílias* |
| O QUE SÃO AS MOÇAS | Max | maio 1866 | *Jornal das Famílias* |
| UMA EXCURSÃO MILAGROSA | A. | maio 1866 | *Jornal das Famílias* |
| O QUE SÃO AS MOÇAS | Max | jun. 1866 | *Jornal das Famílias* |
| FELICIDADE PELO CASAMENTO | F. | jun. 1866 | *Jornal das Famílias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| FELICIDADE PELO CASAMENTO | S. | jul. 1866 | *Jornal das Famílias* |
| A PIANISTA | J. J. | set. 1866 | *Jornal das Famílias* |
| ASTÚCIAS DE MARIDO | Job | out. 1866 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| A PIANISTA | J. J. | out. 1866 | *Jornal das Famílias* |
| ASTÚCIAS DE MARIDO | Job | nov. 1866 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| FERNANDA E FERNANDO | Maximo | nov.1866 | *Jornal das Famílias* |
| FERNANDA E FERNANDO | Maximo | dez. 1866 | *Jornal das Famílias* |
| POSSÍVEL E IMPOSSÍVEL | Marco-Aurélio | jan. 1867 | *Jornal das Famílias* |
| POSSÍVEL E IMPOSSÍVEL | Marco-Aurélio | fev. 1867 | *Jornal das Famílias* |
| ONDA | Maximo | abr. 1867 | *Jornal das Famílias* |
| O ÚLTIMO DIA DE UM POETA | Max | maio 1867 | *Jornal das Famílias* |
| O ÚLTIMO DIA DE UM POETA | Max | jun. 1867 | *Jornal das Famílias* |
| HISTÓRIA DE UMA LÁGRIMA | J. B. | nov. 1867 | *Jornal das Famílias* |
| NÃO É O MEL PARA A BOCA DO ASNO | Victor de Paula | jan. 1868 | *Jornal das Famílias* |
| O CARRO N. 13 | Victor de Paula | mar. 1868 | *Jornal das Famílias* |
| A MULHER DE PRETO | J. J. | abr. 1868 | *Jornal das Famílias* |
| A MULHER DE PRETO | J. J. | maio 1868 | *Jornal das Famílias* |
| QUINHENTOS CONTOS | Otto | jun. 1868 | *Jornal das Famílias* |
| O SEGREDO DE AUGUSTA | Machado de Assis | jul. 1868 | *Jornal das Famílias* |
| QUINHENTOS CONTOS | Otto | jul. 1868 | *Jornal das Famílias* |
| O SEGREDO DE AUGUSTA | Machado de Assis | ago. 1868 | *Jornal das Famílias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| LUÍS SOARES | J. J. | jan. 1869 | *Jornal das Famílias* |
| O ANJO RAFAEL | Victor de Paula | out. 1869 | *Jornal das Famílias* |
| O ANJO RAFAEL | Victor de Paula | nov. 1869 | *Jornal das Famílias* |
| O ANJO RAFAEL | Victor de Paula | dez. 1869 | *Jornal das Famílias* |
| A VIDA ETERNA | Camilo da Anunciação | jan. 1870 | *Jornal das Famílias* |
| O REI DOS CAIPORAS | Job | set. 1870 | *Jornal das Famílias* |
| O REI DOS CAIPORAS | Job | out. 1870 | *Jornal das Famílias* |
| MARIANA | J. J. | jan. 1871 | *Jornal das Famílias* |
| AIRES E VERGUEIRO | J. J. | jan. 1871 | *Jornal das Famílias* |
| ALMAS AGRADECIDAS | Machado de Assis | mar. 1871 | *Jornal das Famílias* |
| A FELICIDADE | X. | mar. 1871 | *Jornal das Famílias* |
| A FELICIDADE | X. | abr. 1871 | *Jornal das Famílias* |
| ALMAS AGRADECIDAS | Machado de Assis | out. 1871 | *Jornal da tarde* |
| O CAMINHO DE DAMASCO | Job | nov. 1871 | *Jornal das Famílias* |
| O CAMINHO DE DAMASCO | Job | dez. 1871 | *Jornal das Famílias* |
| RUI DE LEÃO | Max | jan. 1872 | *Jornal das Famílias* |
| RUI DE LEÃO | Max | fev. 1872 | *Jornal das Famílias* |
| RUI DE LEÃO | Max | mar. 1872 | *Jornal das Famílias* |
| QUEM NÃO QUER SER LOBO | J. J. | abr. 1872 | *Jornal das Famílias* |
| QUEM NÃO QUER SER LOBO | J. J. | maio 1872 | *Jornal das Famílias* |
| UMA LOUREIRA | Lara | maio 1872 | *Jornal das Famílias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| A PARASITA AZUL | Job | jun. 1872 | *Jornal das Famílias* |
| UMA LOUREIRA | Lara | jun. 1872 | *Jornal das Famílias* |
| CANSEIRAS EM VÃO | O. O. | jul. 1872 | *Jornal das Famílias* |
| A PARASITA AZUL | Job | jul. 1872 | *Jornal das Famílias* |
| CANSEIRAS EM VÃO | O. O. | ago. 1872 | *Jornal das Famílias* |
| A PARASITA AZUL | Job | ago. 1872 | *Jornal das Famílias* |
| A PARASITA AZUL | Job | set. 1872 | *Jornal das Famílias* |
| UMA ÁGUIA SEM ASAS | J. J. | set. 1872 | *Jornal das Famílias* |
| QUAL DOS DOIS? | J. J. | set. 1872 | *Jornal das Famílias* |
| UMA ÁGUIA SEM ASAS | J. J. | out. 1872 | *Jornal das Famílias* |
| QUAL DOS DOIS? | J. J. | out. 1872 | *Jornal das Famílias* |
| QUAL DOS DOIS? | J. J. | nov. 1872 | *Jornal das Famílias* |
| QUAL DOS DOIS? | J. J. | dez. 1872 | *Jornal das Famílias* |
| QUAL DOS DOIS? | J. J. | jan. 1873 | *Jornal das Famílias* |
| QUEM CONTA UM CONTO | J. J. | jan. 1873 | *Jornal das Famílias* |
| QUEM CONTA UM CONTO | J. J. | mar. 1873 | *Jornal das Famílias* |
| ERNESTO DE TAL | J. J. | mar. 1873 | *Jornal da tarde* |
| O RELÓGIO DE OURO | Job | abr. 1873 | *Jornal das Famílias* |
| TEMPO DE CRISE | Lara | abr. 1873 | *Jornal das Famílias* |
| ERNESTO DE TAL | Job | abr. 1873 | *Jornal da tarde* |
| DECADÊNCIA DE DOIS GRANDES HOMENS | Max | maio 1873 | *Jornal das Famílias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| O RELÓGIO DE OURO | Job | maio 1873 | *Jornal das Famílias* |
| AS BODAS DO DR. DUARTE | Lara | jun. 1873 | *Jornal das Famílias* |
| AS BODAS DO DR. DUARTE | Lara | jul. 1873 | *Jornal das Famílias* |
| UM HOMEM SUPERIOR | Job | ago. 1873 | *Jornal das Famílias* |
| NEM UMA NEM OUTRA | J. J. | ago. 1873 | *Jornal das Famílias* |
| NEM UMA NEM OUTRA | J. J. | set. 1873 | *Jornal das Famílias* |
| UM HOMEM SUPERIOR | Job | set. 1873 | *Jornal das Famílias* |
| NEM UMA NEM OUTRA | J. J. | out. 1873 | *Jornal das Famílias* |
| QUEM DESDENHA | Machado de Assis | out. 1873 | *Jornal das Famílias* |
| QUEM DESDENHA | Machado de Assis | nov. 1873 | *Jornal das Famílias* |
| AURORA SEM DIA | Victor de Paula | nov. 1873 | *Jornal das Famílias* |
| AURORA SEM DIA | Victor de Paula | dez. 1873 | *Jornal das Famílias* |
| A MENINA DOS OLHOS PARDOS | Otto | dez. 1873 | *Jornal das Famílias* |
| A MENINA DOS OLHOS PARDOS | Otto | jan. 1874 | *Jornal das Famílias* |
| MILOCA | J. J. | fev. 1874 | *Jornal das Famílias* |
| A MENINA DOS OLHOS PARDOS | Otto | fev. 1874 | *Jornal das Famílias* |
| OS ÓCULOS DE PEDRO ANTÃO | J. J. | mar. 1874 | *Jornal das Famílias* |
| OS ÓCULOS DE PEDRO ANTÃO | J. J. | abr. 1874 | *Jornal das Famílias* |
| OS ÓCULOS DE PEDRO ANTÃO | J. J. | maio 1874 | *Jornal das Famílias* |
| UM DIA DE ENTRUDO | Lara | jun. 1874 | *Jornal das Famílias* |
| UM DIA DE ENTRUDO | Lara | jul. 1874 | *Jornal das Famílias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| UM DIA DE ENTRUDO | Lara | ago. 1874 | *Jornal das Famílias* |
| MUITOS ANOS DEPOIS | Lara | out. 1874 | *Jornal das Famílias* |
| MUITOS ANOS DEPOIS | Lara | nov. 1874 | *Jornal das Famílias* |
| MILOCA | J. J. | nov. 1874 | *Jornal das Famílias* |
| MILOCA | J. J. | dez. 1874 | *Jornal das Famílias* |
| VALÉRIO | Job | dez. 1874 | *Jornal das Famílias* |
| MILOCA | J. J. | jan. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| VALÉRIO | Job | jan. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| O SAINETE | Manassés | 01/12/1875 | *A Época* |
| VALÉRIO | Job | fev. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| CASA, NÃO CASA | Machado de Assis | fev. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| VALÉRIO | Job | mar. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| QUEM BOA CAMA FAZ | O. O. | abr. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| QUEM BOA CAMA FAZ | O. O. | maio 1875 | *Jornal das Famílias* |
| QUEM BOA CAMA FAZ | O. O. | jun. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| BRINCAR COM FOGO | Lara | jul. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| ANTES QUE CASES... | B. B. | jul. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| A MÁGOA DO INFELIZ COSME | Job | ago. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| BRINCAR COM FOGO | Lara | ago. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| ANTES QUE CASES... | B. B. | ago. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| A MÁGOA DO INFELIZ COSME | Job | set. 1875 | *Jornal das Famílias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| ANTES QUE CASES... | B. B. | set. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| A ÚLTIMA RECEITA | J. J. | set. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| ONZE ANOS DEPOIS | Machado de Assis | out. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| UM ESQUELETO | Victor de Paula | out. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| ONZE ANOS DEPOIS | Machado de Assis | nov. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| UM ESQUELETO | Victor de Paula | nov. 1875 | *Jornal das Famílias* |
| A CHINELA TURCA | Manassés | 14/11/1875 | *A Época* |
| HISTÓRIA DE UMA FITA AZUL | Machado de Assis | dez 1875 | *Jornal das Famílias* |
| CASA, NÃO CASA | Machado de Assis | jan. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| HISTÓRIA DE UMA FITA AZUL | Machado de Assis | jan. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| TO BE OR NOT TO BE | Machado de Assis | fev. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| LONGE DOS OLHOS | Machado de Assis | mar. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| TO BE OR NOT TO BE | Machado de Assis | mar. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| LONGE DOS OLHOS | Machado de Assis | abr. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| ENCHER TEMPO | Machado de Assis | abr. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| LONGE DOS OLHOS | Machado de Assis | maio 1876 | *Jornal das Famílias* |
| ENCHER TEMPO | Machado de Assis | maio 1876 | *Jornal das Famílias* |
| ENCHER TEMPO | Machado de Assis | jun. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| O PASSADO, PASSADO | Lara | jun. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| ENCHER TEMPO | Machado de Assis | jul. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| O PASSADO, PASSADO | Lara | jul. 1876 | *Jornal das Famílias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| O PASSADO, PASSADO | Lara | ago. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| D. MÔNICA | Lara | ago. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| D. MÔNICA | Lara | set. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| UMA VISITA DE ALCIBÍADES | Victor de Paula | out. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| D. MÔNICA | Lara | out. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| O ASTRÓLOGO | Machado de Assis | nov. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| O ASTRÓLOGO | Machado de Assis | dez. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| SEM OLHOS | Machado de Assis | dez. 1876 | *Jornal das Famílias* |
| O ASTRÓLOGO | Machado de Assis | jan. 1877 | *Jornal das Famílias* |
| SEM OLHOS | Machado de Assis | jan. 1877 | *Jornal das Famílias* |
| SEM OLHOS | Machado de Assis | fev. 1877 | *Jornal das Famílias* |
| UM ALMOÇO | Machado de Assis | mar. 1877 | *Jornal das Famílias* |
| UM ALMOÇO | Machado de Assis | abr. 1877 | *Jornal das Famílias* |
| UM ALMOÇO | Machado de Assis | maio 1877 | *Jornal das Famílias* |
| SILVESTRE | Victor de Paula | jun. 1877 | *Jornal das Famílias* |
| SILVESTRE | Victor de Paula | jul. 1877 | *Jornal das Famílias* |
| SILVESTRE | Victor de Paula | ago. 1877 | *Jornal das Famílias* |
| A MELHOR DAS NOIVAS | Victor de Paula | set. 1877 | *Jornal das Famílias* |
| A MELHOR DAS NOIVAS | Victor de Paula | out. 1877 | *Jornal das Famílias* |
| UM AMBICIOSO | Machado de Assis | nov. 1877 | *Jornal das Famílias* |
| UM AMBICIOSO | Machado de Assis | dez. 1877 | *Jornal das Famílias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| UM AMBICIOSO | Machado de Assis | jan. 1878 | *Jornal das Famílias* |
| O MACHETE | Lara | fev. 1878 | *Jornal das Famílias* |
| O MACHETE | Lara | mar. 1878 | *Jornal das Famílias* |
| O BOTE DE RAPÉ | Eleazar | 26/03/1878 | *O Cruzeiro* |
| A SONÂMBULA - ÓPERA-CÔMICA EM SETE COLUNAS | Eleazar | 26/03/1878 | *O Cruzeiro* |
| A HERANÇA | Machado de Assis | abr. 1878 | *Jornal das Famílias* |
| UM CÃO DE LATA AO RABO | Eleazar | 02/04/1878 | *Ilustração Brasileira* |
| O CALIFA DE PLATINA - (CONTO ÁRABE) | Eleazar | 09/04/1878 | *O Cruzeiro* |
| FILOSOFIA DE UM PAR DE BOTAS | Eleazar | 23/04/1878 | *O Cruzeiro* |
| A HERANÇA | Machado de Assis | maio 1878 | *Jornal das Famílias* |
| ANTES DA MISSA - CONVERSA COM DUAS DAMAS | Eleazar | 07/05/1878 | *O Cruzeiro* |
| NA ARCA - TRÊS CAPÍTULOS (INÉDITOS) DO GÊNESIS | Eleazar | 14/05/1878 | *O Cruzeiro* |
| O CASO FERRARI | Eleazar | 21/05/1878 | *O Cruzeiro* |
| ELOGIO DA VAIDADE | Eleazar | 28/05/1878 | *O Cruzeiro* |
| CONVERSA DE UM AVARO | Machado de Assis | jun. 1878 | *Jornal das Famílias* |
| CONVERSA DE UM AVARO | Machado de Assis | jul. 1878 | *Jornal das Famílias* |
| CONVERSA DE UM AVARO | Machado de Assis | ago. 1878 | *Jornal das Famílias* |
| FOLHA ROTA | Machado de Assis | out. 1878 | *Jornal das Famílias* |
| DÍVIDA EXTINTA | Machado de Assis | nov. 1878 | *Jornal das Famílias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| DÍVIDA EXTINTA | Machado de Assis | dez. 1878 | *Jornal das Famílias* |
| CURIOSIDADE | M. | 28/02/1879 | *A Estação* |
| CURIOSIDADE | M. | 31/03/1879 | *A Estação* |
| CURIOSIDADE | M. | 30/04/1879 | *A Estação* |
| CURIOSIDADE | M. | 31/05/1879 | *A Estação* |
| CURIOSIDADE | M. | 15/06/1879 | *A Estação* |
| CURIOSIDADE | M. | 30/06/1879 | *A Estação* |
| UM PARA O OUTRO | M. de Assis | 30/07/1879 | *A Estação* |
| UM PARA O OUTRO | M. de Assis | 15/08/1879 | *A Estação* |
| UM PARA O OUTRO | M. de Assis | 30/08/1879 | *A Estação* |
| UM PARA O OUTRO | M. de Assis | 15/09/1879 | *A Estação* |
| UM PARA O OUTRO | M. de Assis | 30/09/1879 | *A Estação* |
| UM PARA O OUTRO | M. de Assis | 15/10/1879 | *A Estação* |
| A CHAVE | Machado de Assis | 15/12/1879 | *A Estação* |
| A CHAVE | Machado de Assis | 30/12/1879 | *A Estação* |
| A CHAVE | M. de Assis | 15/01/1880 | *A Estação* |
| A CHAVE | M. de Assis | 30/01/1880 | *A Estação* |
| A CHAVE | M. de Assis | 15/02/1880 | *A Estação* |
| O CASO DA VIÚVA | M. de Assis | 15/01/1881 | *A Estação* |
| O CASO DA VIÚVA | Machado de Assis | 31/01/1881 | *A Estação* |
| O CASO DA VIÚVA | Machado de Assis | 15/02/1881 | *A Estação* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| O CASO DA VIÚVA | Machado de Assis | 28/02/1881 | *A Estação* |
| O CASO DA VIÚVA | Machado de Assis | 15/03/1881 | *A Estação* |
| A MULHER PALIDA | M. de A. | 15/08/1881 | *A Estação* |
| A MULHER PALIDA | M. de A. | 31/08/1881 | *A Estação* |
| A MULHER PALIDA | M. de A. | 15/09/1881 | *A Estação* |
| A MULHER PALIDA | M. de A. | 30/09/1881 | *A Estação* |
| O ALIENISTA | Machado de Assis | 15/10/1881 | *A Estação* |
| O ALIENISTA | Machado de Assis | 31/10/1881 | *A Estação* |
| O ALIENISTA | Machado de Assis | 15/11/1881 | *A Estação* |
| O ALIENISTA | Machado de Assis | 30/11/1881 | *A Estação* |
| O ALIENISTA | Machado de Assis | 15/12/1881 | *A Estação* |
| TEORIA DO MEDALHÃO | Machado de Assis | 18/12/1881 | *Gazeta de Notícias* |
| O ALIENISTA | Machado de Assis | 31/12/1881 | *A Estação* |
| O ALIENISTA | Machado de Assis | 15/01/1882 | *A Estação* |
| O ALIENISTA | Machado de Assis | 31/01/1882 | *A Estação* |
| O ALIENISTA | Machado de Assis | 15/02/1882 | *A Estação* |
| O ALIENISTA | Machado de Assis | 28/02/1882 | *A Estação* |
| O ALIENISTA | Machado de Assis | 15/03/1882 | *A Estação* |
| D. BENEDITA | Machado de Assis | 15/04/1882 | *A Estação* |
| D. BENEDITA | Machado de Assis | 30/04/1882 | *A Estação* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| UM CAPÍTULO INÉDITO DE FERNÃO MENTES PINTO - DE UMA CURIOSA DOUTRINA QUE ACHEI EM FUCHEU, E DO QUE AÍ SUCEDEU A TAL RESPEITO [O SEGREGO DO BONZO] | Machado de Assis | 30/04/1882 | *Gazeta de Notícias* |
| D. BENEDITA | Machado de Assis | 15/05/1882 | *A Estação* |
| D. BENEDITA | Machado de Assis | 31/05/1882 | *A Estação* |
| D. BENEDITA | Machado de Assis | 15/06/1882 | *A Estação* |
| O ANEL DE POLÍCRATES | Machado de Assis | 02/07/1882 | *Gazeta de Notícias* |
| O IMORTAL | Machado de Assis | 15/07/1882 | *A Estação* |
| O EMPRÉSTIMO- ANEDOTA FILOSÓFICA | Machado de Assis | 30/07/1882 | *Gazeta de Notícias* |
| O IMORTAL | Machado de Assis | 31/07/1882 | *A Estação* |
| O IMORTAL | Machado de Assis | 15/08/1882 | *A Estação* |
| A SERENÍSSIMA REPÚBLICA - (CONFERÊNCIA DO CÔNEGO VARGAS) | Machado de Assis | 20/08/1882 | *Gazeta de Notícias* |
| O IMORTAL | Machado de Assis | 31/08/1882 | *A Estação* |
| A ARTUR DE OLIVEIRA, ENFERMO | Machado de Assis | 31/08/1882 | *A Estação* |
| O ESPELHO - ESBOÇO DE UMA NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA | Machado de Assis | 08/09/1882 | *Gazeta de Notícias* |
| O IMORTAL | Machado de Assis | 15/09/1882 | *A Estação* |
| VERBA TESTAMENTÁRIA - CASO PATOLÓGICO DEDICADO À ESCOLA DE MEDICINA | Machado de Assis | 08/10/1882 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| LETRA VENCIDA | Machado de Assis | 31/10/1882 | *A Estação* |
| LETRA VENCIDA | Machado de Assis | 15/11/1882 | *A Estação* |
| LETRA VENCIDA | Machado de Assis | 30/11/1882 | *A Estação* |
| O PROGRAMA | Machado de Assis | 31/12/1882 | *A Estação* |
| O PROGRAMA | Machado de Assis | 15/01/1883 | *A Estação* |
| O PROGRAMA | Machado de Assis | 31/01/1883 | *A Estação* |
| O PROGRAMA | Machado de Assis | 15/02/1883 | *A Estação* |
| A IGREJA DO DIABO | Machado de Assis | 17/02/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| O PROGRAMA | Machado de Assis | 28/02/1883 | *A Estação* |
| PAPÉIS VELHOS | Machado de Assis | 14/03/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| O PROGRAMA | Machado de Assis | 15/03/1883 | *A Estação* |
| A IDEIA DO EZEQUIEL MAIA | Machado de Assis | 30/03/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| HISTÓRIA COMUM | Machado de Assis | 15/04/1883 | *A Estação* |
| O LAPSO | Machado de Assis | 17/04/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| O DESTINADO | Machado de Assis | 30/04/1883 | *A Estação* |
| CONTO ALEXANDRINO | Machado de Assis | 13/05/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| CANTIGA DE ESPONSAIS | Machado de Assis | 15/05/1883 | *A Estação* |
| SINGULAR OCORRÊNCIA | Machado de Assis | 30/05/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| TROCA DE DATAS | Machado de Assis | 31/05/1883 | *A Estação* |
| TROCA DE DATAS | Machado de Assis | 15/06/1883 | *A Estação* |
| ÚLTIMO CAPÍTULO | Machado de Assis | 20/06/1883 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| TROCA DE DATAS | Machado de Assis | 30/06/1883 | *A Estação* |
| QUESTÕES DE MARIDOS | Machado de Assis | 15/07/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| TRÊS CONSEQUÊNCIAS | M. A. | 31/07/1883 | *A Estação* |
| GALERIA PÓSTUMA | Machado de Assis | 02/08/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| CAPÍTULO DOS CHAPÉUS | Machado de Assis | 15/08/1883 | *A Estação* |
| CAPÍTULO DOS CHAPÉUS | Machado de Assis | 31/08/1883 | *A Estação* |
| CAPÍTULO DOS CHAPÉUS | Machado de Assis | 15/09/1883 | *A Estação* |
| DUAS JUÍZAS | Próspero | 30/09/1883 | *A Estação* |
| ANEDOTA PECUNIÁRIA | Machado de Assis | 06/10/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| VIDROS QUEBRADOS | Machado de Assis | 15/10/1883 | *Gazeta Literária* |
| DUAS JUÍZAS | Próspero | 15/10/1883 | *A Estação* |
| PRIMAS DE SAPUCAIA | Machado de Assis | 24/10/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| MÉDICO É REMÉDIO | M. A. | 31/10/1883 | *A Estação* |
| MÉDICO É REMÉDIO | M. A. | 15/11/1883 | *A Estação* |
| UMA SENHORA | Machado de Assis | 27/11/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| CANTIGA VELHA | Machado de Assis | 30/11/1883 | *A Estação* |
| METAFÍSICA DAS ROSAS | Machado de Assis | 01/12/1883 | *Gazeta Literária* |
| CANTIGA VELHA | Machado de Assis | 15/12/1883 | *A Estação* |
| CANTIGA VELHA | Machado de Assis | 31/12/1883 | *A Estação* |
| FULANO | Machado de Assis | 04/01/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEGUNDA VIDA | Machado de Assis | 15/01/1884 | *Gazeta Literária* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| TRINA E UNA | Machado de Assis | 15/01/1884 | *A Estação* |
| TRINA E UNA | Machado de Assis | 31/01/1884 | *A Estação* |
| NOITE DE ALMIRANTE | Machado de Assis | 10/02/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| TRINA E UNA | Machado de Assis | 15/02/1884 | *A Estação* |
| MANUSCRITO DE UM SACRISTÃO | Machado de Assis | 17/02/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| O CONTRATO | M. de A. | 29/02/1884 | *A Estação* |
| A CARTEIRA | M. de A. | 15/03/1884 | *A Estação* |
| O MELHOR REMÉDIO | M. A. | 31/03/1884 | *A Estação* |
| EX CATHEDRA | Machado de Assis | 08/04/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| A VIÚVA SOBRAL | M. de A. | 15/04/1884 | *A Estação* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 26/04/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| A VIÚVA SOBRAL | M. de A. | 30/04/1884 | *A Estação* |
| A SENHORA DO GALVÃO | Machado de Assis | 14/05/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| A VIÚVA SOBRAL | M. de A. | 15/05/1884 | *A Estação* |
| ENTRE DUAS DATAS | M. de A. | 31/05/1884 | *A Estação* |
| AS ACADEMIAS DE SIÃO | Machado de Assis | 06/06/1884 | *A Estação* |
| ENTRE DUAS DATAS | M. de A. | 15/06/1884 | *A Estação* |
| EVOLUÇÃO | Machado de Assis | 24/06/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| ENTRE DUAS DATAS | M. de A. | 30/06/1884 | *A Estação* |
| COUSAS ÍNTIMAS | Machado de Assis | 13/07/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| VINTE ANOS! VINTE ANOS! | Machado de Assis | 15/07/1884 | *A Estação* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| CONTO DE ESCOLA | Machado de Assis | 08/09/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| O CASO DO ROMUALDO | Machado de Assis | 15/09/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| O CASO DO ROMUALDO | Machado de Assis | 30/09/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| D. PAULA | Machado de Assis | 12/10/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| O CASO DO ROMUALDO | Machado de Assis | 15/10/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| O DIPLOMÁTICO | Machado de Assis | 29/10/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| O CASO DO ROMUALDO | Machado de Assis | 31/10/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| O CASO DO ROMUALDO | Machado de Assis | 15/11/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| A CARTOMANTE | Machado de Assis | 28/11/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| O CASO DO ROMUALDO | Machado de Assis | 30/11/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| INCORRIGÍVEL | *** | 31/12/1883 | *A Estação* |
| UMA CARTA | M. de A. | 15/12/1884 | *A Estação* |
| SÓ! | Machado de Assis | 06/01/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| UM BILHETE | Z.Z.Z. | 28/02/1885 | *A Estação* |
| OS DICIONÁRIOS | Machado de Assis | 01/03/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| A AGULHA E A LINHA | Machado de Assis | 01/03/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| ADÃO E EVA | Machado de Assis | 01/03/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| A CAUSA SECRETA | Machado de Assis | 01/08/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| HABILIDOSO | Machado de Assis | 06/09/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| [HOMENAGEM À DATA DE SETE DE SETEMBRO] | Machado de Assis | 07/09/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| VIAGEM À RODA DE MIM MESMO | Machado de Assis | 04/10/1885 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| UNS BRAÇOS | Machado de Assis | 05/11/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| O CONEGO OU METAFÍSICA DO ESTILO | Machado de Assis | 22/11/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| ENTRE SANTOS | Machado de Assis | 01/01/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| TRIO EM LÁ MENOR | [Não conhecido] | 20/01/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| VIVER! | [Não conhecido] | 28/02/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| TERPISÍCORE | [Não conhecido] | 25/03/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| CURTA HISTÓRIA | Machado de Assis | 31/05/1886 | *A Estação* |
| UM DÍSTICO | Machado de Assis | 01/06/1886 | *A Quinzena* |
| POBRE CARDEAL | Machado de Assis | 06/07/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| A DESEJADA DAS GENTES | Machado de Assis | 15/07/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| IDENTIDADE | Machado de Assis | 14/03/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| SALES | Machado de Assis | 30/05/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| ETERNO! | Machado de Assis | 09/09/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| UM HOMEM CÉLEBRE | Machado de Assis | 29/06/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| D. JUCUNDA | Machado de Assis | 01/01/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| COMO SE INVENTARAM OS ALMANAQUES | M. de A. | [1890] | *Almanaque das Fluminenses* |
| POBRE FINOCA | M. de A. | 15/01/1892 | *A Estação* |
| POBRE FINOCA | M. de A. | 31/01/1892 | *A Estação* |
| O CASO DA VARA | Machado de Assis | 01/02/1891 | *Gazeta de Notícias* |
| MARIANA | Machado de Assis | 18/10/1891 | *Gazeta de Notícias* |
| POBRE FINOCA | M. de A. | 31/12/1891 | *A Estação* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| O CASO BARRETO | Machado de Assis | 15/03/1892 | *A Estação* |
| O CASO BARRETO | Machado de Assis | 31/03/1892 | *A Estação* |
| O CASO BARRETO | Machado de Assis | 15/04/1892 | *A Estação* |
| UM SONHO E OUTRO SONHO | Machado de Assis | 31/05/1892 | *A Estação* |
| UM SONHO E OUTRO SONHO | Machado de Assis | 15/06/1892 | *A Estação* |
| UM SONHO E OUTRO SONHO | Machado de Assis | 31/07/1892 | *A Estação* |
| UM SONHO E OUTRO SONHO | Machado de Assis | 31/08/1892 | *A Estação* |
| UMA PARTIDA | Machado de Assis | 31/10/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| UMA PARTIDA | Machado de Assis | 15/11/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| UMA PARTIDA | Machado de Assis | 30/11/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| UMA PARTIDA | Machado de Assis | 15/12/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| UMA PARTIDA | Machado de Assis | 31/12/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| VÊNUS! DIVINA VÊNUS! | Machado de Assis | [1893] | *Almanaque da Gazeta de Notícias* |
| UM QUARTO DE SÉCULO | Machado de Assis | 15/08/1893 | *A Estação* |
| UM QUARTO DE SÉCULO | Machado de Assis | 31/08/1893 | *A Estação* |
| UM QUARTO DE SÉCULO | Machado de Assis | 15/09/1893 | *A Estação* |
| UM QUARTO DE SÉCULO | Machado de Assis | 30/09/1893 | *A Estação* |
| JOÃO FERNANDES | Machado de Assis | 15/01/1894 | *A Estação* |
| MISSA DO GALO | Machado de Assis | 12/05/1894 | *A Semana* |
| A INGLESINHA BARCELOS | Machado de Assis | 31/05/1894 | *A Estação* |
| A INGLESINHA BARCELOS | Machado de Assis | 15/06/1894 | *A Estação* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| A INGLESINHA BARCELOS | Machado de Assis | 30/06/1894 | *A Estação* |
| UM ERRADIO | Machado de Assis | 15/09/1894 | *A Estação* |
| UM ERRADIO | Machado de Assis | 30/09/1894 | *A Estação* |
| UM ERRADIO | Machado de Assis | 15/10/1894 | *A Estação* |
| UM ERRADIO | Machado de Assis | 31/10/1894 | *A Estação* |
| UM ERRADIO | Machado de Assis | 15/11/1894 | *A Estação* |
| UM ERRADIO | Machado de Assis | 30/11/1894 | *A Estação* |
| ORAI POR ELE | Machado de Assis | 1895 | *Almanaque da Gazeta de Notícias* |
| QUE É O MUNDO ? | Machado de Assis | 15/11/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| UMA NOITE | Machado de Assis | 1895 | *Revista Brasileira* |
| FLOR ANONIMA | Machado de Assis | jan. 1897 | *Almanaque da Gazeta de Notícias* |
| UMA POR OUTRA | Machado de Assis | 15/09/1897 | *A Estação* |
| UMA POR OUTRA | Machado de Assis | 30/09/1897 | *A Estação* |
| UMA POR OUTRA | Machado de Assis | 15/10/1897 | *A Estação* |
| UMA POR OUTRA | Machado de Assis | 31/10/1897 | *A Estação* |
| UMA POR OUTRA | Machado de Assis | 15/11/1897 | *A Estação* |
| UMA POR OUTRA | Machado de Assis | 30/11/1897 | *A Estação* |
| UMA POR OUTRA | Machado de Assis | 15/12/1897 | *A Estação* |
| RELÓGIO PARADO | Machado de Assis | 15/01/1898 | *A Estação* |
| PÍLADES E ORESTES | Machado de Assis | 1903 | *Almanaque Brasileiro Garnier* |
| JOGO DO BICHO | Machado de Assis | 1904 | *Almanaque Brasileiro Garnier* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| ANEDOTA DO CABRIOLÉ | Machado de Assis | 1905 | *Almanaque Brasileiro Garnier* |
| UM INCÊNDIO | Machado de Assis | 1906 | *Almanaque Brasileiro Garnier* |
| O ESCRIVÃO COIMBRA | Machado de Assis | 1907 | *Almanaque Brasileiro Garnier* |

ANEXO 3 – Tabela de crônicas de Machado de Assis ou a ele atribuídas publicadas em periódicos por ordem cronológica e com suas respectivas assinaturas

| Título | Assinatura | Data | Periódico |
|---|---|---|---|
| O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DA LITERATURA | Machado d'Assis | 09/04/1858 | *A Marmota* |
| O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DA LITERATURA | Machado d'Assis | 23/04/1858 | *A Marmota* |
| A LANTERNA DE DIÓGENES - (FOLHETINS NOTURNOS: UM LIVRO POR PUBLICAR) | ? | 22/10/1858 | *Correio da Tarde* |
| REVISTA POPULAR | Bras de Cubas | 26/07/1859 | *Correio Mercantil* |
| AQUARELAS - I - OS FANQUEIROS LITERÁRIOS | M-as. | 11/09/1859 | *O Espelho* |
| REVISTA DE TEATROS | M-as. | 11/09/1859 | *O Espelho* |
| AQUARELAS - I – O PARASITA | M-as. | 18/09/1859 | *O Espelho* |
| REVISTA DE TEATROS | M-as. | 18/09/1859 | *O Espelho* |
| REVISTA DE TEATROS | M-as. | 25/09/1859 | *O Espelho* |
| REVISTA DE TEATROS | M-as. | 02/10/1859 | *O Espelho* |
| REVISTA DE TEATROS | M-as. | 09/10/1859 | *O Espelho* |
| AQUARELAS - II - O PARASITA [Continuação] | M-as. | 09/10/1859 | *O Espelho* |
| REVISTA DE TEATROS | M-as. | 16/10/1859 | *O Espelho* |
| AQUARELAS - III- O EMPREGADO PÚBLICO APOSENTADO | M-as. | 16/10/1859 | *O Espelho* |
| REVISTA DE TEATROS | M-as. | 23/10/1859 | *O Espelho* |
| REVISTA DE TEATROS | M-as. | 30/10/1859 | *O Espelho* |
| AQUARELAS - IV- O FOLHETINISTA | M-as. | 30/10/1859 | *O Espelho* |
| REVISTA DE TEATROS | M-as. | 06/11/1859 | *O Espelho* |
| REVISTA DE TEATROS | M-as. | 13/11/1859 | *O Espelho* |
| REVISTA DE TEATROS | M-as. | 20/11/1859 | *O Espelho* |
| REVISTA DE TEATROS | [Não assinado] | 27/11/1859 | *O Espelho* |
| REVISTA DE TEATROS | [Não assinado] | 11/12/1859 | *O Espelho* |
| CAUSAS E EFEITOS | Victor de Parma | 11/12/1859 | *O Espelho* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| REVISTA DE TEATROS | [Não assinado] | 14/12/1859 | *O Espelho* |
| REVISTA DE TEATROS | M-as. | 18/12/1859 | *O Espelho* |
| COLABORAÇÃO HUMORISTICA | Humoristas | | *Diário do Rio de Janeiro* |
| OS COMUNICADOS | Humoristas | | *Diário do Rio de Janeiro* |
| REVISTA DE TEATROS | M-as. | 01/01/1860 | *O Espelho* |
| ESBOCETOS NACIONAIS - OS PEDINTES DA OPA | Cham | | *A Marmota* |
| A IMPRENSA NA ATUALIDADE | [Não assinado] | 27/03/1860 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| REVISTA DRAMÁTICA | M. de A. | 29/03/1860 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| REVISTA DRAMÁTICA | M. de A. | 13/04/1860 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| LEMBRANÇAS DE MINHA MÃE | [Não assinado] | 31/07/1860 | *Revista Luso-Brasileira* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | Gil | 12/10/1861 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | Gil | 18/10/1861 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | Gil | 26/10/1861 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | Gil | 01/11/1861 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | Gil | 10/11/1861 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | Gil | 21/11/1861 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | Gil | 25/11/1861 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | Gil | 01/12/1861 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | Gil | 11/12/1861 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | M. A. | 16/12/1861 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | M. A. | 24/12/1861 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | M. A. | 29/12/1861 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | M. A. | 07/01/1862 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | M. A. | 14/01/1862 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | M. A. | 26/01/1862 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | M. A. | 22/02/1862 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | M. A. | 02/03/1862 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | M. A. | 24/03/1862 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | M. A. | 01/04/1862 | *Diário do Rio de Janeiro* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| COMENTÁRIOS DA SEMANA | M. A. | 05/05/1862 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| CRÔNICA | Machado de Assis | 15/09/1862 | *O Futuro* |
| CRÔNICA | Machado de Assis | 01/12/1862 | *O Futuro* |
| O DIA DOUS DE DEZEMBRO DE 1862 | M. | 07/12/1862 | *Semana Illustrada* |
| CRONICA | Machado de Assis | 15/12/1862 | *O Futuro* |
| DESENHOS A CARVÃO (UM AUTÔMATO) | Cham | 24/12/1862 | *Semana Illustrada* |
| CRÔNICA | Machado de Assis | 01/01/1863 | *O Futuro* |
| CRÔNICA | Machado de Assis | 15/01/1863 | *O Futuro* |
| CRÔNICA | Machado de Assis | 01/02/1863 | *O Futuro* |
| CRÔNICA | Machado de Assis | 15/02/1863 | *O Futuro* |
| CRÔNICA | Machado de Assis | 01/03/1863 | *O Futuro* |
| CRÔNICA | Machado de Assis | 15/03/1863 | *O Futuro* |
| CRÔNICA | Machado de Assis | 01/04/1863 | *O Futuro* |
| CRÔNICA | Machado de Assis | 15/04/1863 | *O Futuro* |
| CRÔNICA | Machado de Assis | 01/05/1863 | *O Futuro* |
| CRÔNICA | Machado de Assis | 15/05/1863 | *O Futuro* |
| CRÔNICA | Machado de Assis | 01/06/1863 | *O Futuro* |
| CRÔNICA | Machado de Assis | 15/06/1863 | *O Futuro* |
| CRÔNICA | Machado de Assis | 01/07/1863 | *O Futuro* |
| CORRESPONDÊNCIA | Sileno | 17/04/1864 | *Imprensa Acadêmica* |
| CORRESPONDÊNCIA DA CÔRTE | Sileno | 01/05/1864 | *Imprensa Acadêmica* |
| CORRESPONDÊNCIA DA CORTE | Sileno | 12/05/1864 | *Imprensa Acadêmica* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 05/06/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 12/06/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 20/06/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 25/06/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 03/07/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 10/07/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 17/07/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. de A. | 25/07/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 01/08/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 07/08/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 14/08/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 22/08/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| CORRESPONDÊNCIA DA IMPRENSA ACADÊMICA | Sileno | 25/08/1864 | *Imprensa Acadêmica* |
| CORRESPONDENCIA DA IMPRENSA ACADEMICA | Sileno | 28/08/1864 | *Imprensa Acadêmica* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 28/08/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 05/09/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| CORRESPONDÊNCIA DA IMPRENSA ACADÊMICA | Sileno | 07/09/1864 | *Imprensa Acadêmica* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 11/09/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| CORRESPONDÊNCIA DA IMPRENSA ACADÊMICA | Sileno | 11/09/1864 | *Imprensa Acadêmica* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 19/09/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| CORRESPONDÊNCIA DA IMPRENSA ACADÊMICA | Sileno | 25/09/1864 | *Imprensa Acadêmica* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 27/09/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 03/10/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 10/10/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 17/10/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 24/10/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 01/11/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 08/11/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 14/11/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 22/11/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 29/11/1864 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | Machado de Assis | 03/01/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 10/01/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 24/01/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 31/01/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 07/02/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 21/02/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 27/02/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 07/03/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 15/03/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 21/03/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 28/03/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 04/04/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 11/04/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 25/04/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 02/05/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| CONVERSA COM AS MULHERES | D. Juan | 14/05/1865 | *Semana Illustrada* |
| AO ACASO - (CRÔNICA DA SEMANA) | M. A. | 16/05/1865 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| CONVERSA COM AS MULHERES | [Anônimo] | 28/05/1865 | *Semana Illustrada* |
| CONVERSA COM AS MULHERES | [Anônimo] | 04/06/1865 | *Semana Illustrada* |
| CONVERSA COM AS MULHERES | [Anônimo] | 18/06/1865 | *Semana Illustrada* |
| O CHAPÉU | Sousa Barradas | 17/12/1865 | *Semana Illustrada* |
| O PAI | M. | | *Semana Illustrada* |
| CARTAS FLUMINENSES - I - À OPINIÃO PÚBLICA | Job | 04/03/1867 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| CARTAS FLUMINENSES - II -À HETAIRA | Job | 12/03/1867 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| CORRESPONDÊNCIA DA CÔRTE (CONTINUAÇÃO) | Glaucus | 20/08/1868 | *Imprensa Acadêmica* |
| CORRESPONDÊNCIA DA CÔRTE | Glaucus | 14/08/1868 | *Imprensa Acadêmica* |
| O POLÍTICO DILETANTE | Cham | 18/08/1868 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 20/06/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 27/06/1869 | *Semana Illustrada* |
| ADELAIDE RISTORI - MEDÉIA | Platão | 02/07/1869 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 04/07/1869 | *Semana Illustrada* |
| ADELAIDE RISTORI - PIA DE TOLOMEI - JUDITE | Platão | 10/07/1869 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 11/07/1869 | *Semana Illustrada* |
| ADELAIDE RISTORI | Platão | 15/07/1869 | *Diário do Rio de Janeiro* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| ADELAIDE RISTORI - MARIA STUART - ISABEL DE INGLATERRA - PHOEDRA | Platão | 18/07/1869 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 18/07/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 25/07/1869 | *Semana Illustrada* |
| ADELAIDE RISTORI - SOROR TERESA - MIRRA - A ESTALAJADEIRA | Platão | 30/07/1869 | *Diário do Rio de Janeiro* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 01/08/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 08/08/1869 | *Semana Illustrada* |
| CHUVA E BOM TEMPO | Lara | 15/08/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 15/08/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 22/08/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 05/09/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 12/09/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 19/09/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 26/09/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 03/10/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 10/10/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 17/10/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 24/10/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 31/10/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 07/11/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 14/11/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 21/11/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 28/11/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 05/12/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 12/12/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 19/12/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 26/12/1869 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 02/01/1870 | *Semana Illustrada* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| BADALADAS | Dr. Semana | 09/01/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 16/01/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 23/01/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 30/01/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 06/02/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 13/02/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 20/02/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 27/02/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 06/03/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 13/03/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 20/03/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 27/03/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 03/04/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 10/04/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 17/04/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 24/04/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 01/05/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 08/05/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 15/05/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 22/05/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 29/05/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 05/06/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 12/06/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 19/06/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 26/06/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 03/07/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 10/07/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 17/07/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 24/07/1870 | *Semana Illustrada* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| BADALADAS | Dr. Semana | 31/07/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 07/08/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 14/08/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 21/08/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 28/08/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 04/09/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 11/09/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 18/09/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 25/09/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 02/10/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 09/10/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 16/10/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 23/10/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 30/10/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 06/11/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 13/11/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 20/11/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 27/11/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 04/12/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 11/12/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 18/12/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 08/01/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 08/01/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 15/01/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 22/01/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 29/01/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 05/02/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 12/02/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 19/02/1871 | *Semana Illustrada* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| BADALADAS | Dr. Semana | 26/02/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 05/03/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 12/03/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 19/03/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 26/03/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 02/04/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 09/04/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 16/04/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 23/04/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 30/04/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 07/05/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 14/05/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 21/05/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 28/05/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 04/06/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 11/06/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 18/06/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 25/06/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 02/07/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 09/07/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 16/07/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 23/07/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 30/07/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 06/08/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 12/08/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 27/08/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 03/09/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 10/09/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 17/09/1871 | *Semana Illustrada* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| BADALADAS | Dr. Semana | 24/09/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 01/10/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 08/10/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 15/10/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 22/10/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 29/10/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 05/11/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 12/11/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 19/11/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 25/12/1870 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 31/12/1871 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 07/01/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 28/01/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 11/02/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 18/02/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 25/02/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 03/03/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 10/03/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 17/03/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 24/03/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 31/03/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 07/04/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 14/04/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 21/04/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 28/04/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 05/05/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 12/05/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 19/05/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 26/05/1872 | *Semana Illustrada* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| BADALADAS | Dr. Semana | 02/06/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 09/06/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 16/06/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 23/06/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 30/06/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 07/07/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 14/07/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 21/07/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 28/07/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 04/08/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 11/08/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 18/08/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 25/08/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 01/09/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 08/09/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 15/09/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 22/09/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 29/09/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 06/10/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 13/10/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 20/10/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 27/10/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 03/11/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 10/11/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 17/11/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 24/11/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 01/12/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 08/12/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 15/12/1872 | *Semana Illustrada* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| BADALADAS | Dr. Semana | 22/12/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 29/12/1872 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 05/01/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 12/01/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 19/01/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 26/01/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 02/02/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 09/02/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 16/02/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 23/02/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 02/03/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 09/03/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 16/03/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 23/03/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 30/03/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 06/04/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 13/04/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 20/04/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 27/04/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 04/05/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 11/05/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 18/05/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 25/05/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 01/06/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 08/06/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 15/06/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 22/06/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 29/06/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 06/07/1873 | *Semana Illustrada* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| BADALADAS | Dr. Semana | 13/07/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 20/07/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 27/07/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 03/08/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 10/08/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 17/08/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 24/08/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 31/08/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 07/09/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 14/09/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 21/09/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 28/09/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 08/10/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 12/10/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 19/10/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 26/10/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 02/11/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 09/11/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 16/11/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 23/11/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 30/11/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 07/12/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 14/12/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 21/12/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 28/12/1873 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 04/01/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 11/01/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 18/01/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 25/01/1874 | *Semana Illustrada* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| BADALADAS | Dr. Semana | 01/02/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 08/02/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 15/02/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 22/02/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 01/03/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 07/03/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 15/03/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 22/03/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 29/03/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 05/04/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 12/04/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 19/04/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 26/04/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 03/05/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 10/05/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 17/05/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 24/05/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 31/05/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 07/06/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 14/06/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 21/06/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 28/06/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 05/07/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 12/07/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 19/07/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 26/07/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 02/08/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 08/08/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 16/08/1874 | *Semana Illustrada* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| BADALADAS | Dr. Semana | 22/08/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 30/08/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 06/09/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 13/09/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 20/09/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 27/09/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 04/10/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 11/10/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 18/10/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 25/10/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 31/10/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 08/11/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 15/11/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 22/11/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 29/11/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 06/12/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 13/12/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 20/12/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 27/12/1874 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 03/01/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 10/01/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 17/01/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 24/01/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 31/01/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 07/02/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 14/02/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 20/02/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 28/02/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 07/03/1875 | *Semana Illustrada* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| BADALADAS | Dr. Semana | 14/03/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 21/03/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 28/03/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 04/04/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 18/04/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 25/04/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 02/05/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 09/05/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 16/05/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 23/05/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 30/05/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 07/06/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 13/06/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 20/06/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 27/06/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 04/07/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 11/07/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 18/07/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 25/07/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 31/07/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 08/08/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 15/08/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 22/08/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 29/08/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 05/09/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 12/09/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 19/09/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 03/10/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 10/10/1875 | *Semana Illustrada* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| BADALADAS | Dr. Semana | 17/10/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 24/10/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 31/10/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 07/11/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 14/11/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 21/11/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 30/11/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 05/12/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 12/12/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 19/12/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 26/12/1875 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 01/01/1876 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 09/01/1876 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 16/01/1876 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 30/01/1876 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 23/03/1876 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 06/02/1876 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 12/02/1876 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 20/02/1876 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 27/02/1876 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 05/03/1876 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 12/03/1876 | *Semana Illustrada* |
| BADALADAS | Dr. Semana | 19/03/1876 | *Semana Illustrada* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/07/1876 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 15/07/1876 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/08/1876 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 18/08/1876 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/09/1876 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 15/09/1876 | *Ilustração Brasileira* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/10/1876 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 15/10/1876 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/11/1876 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 15/11/1876 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/12/1876 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 15/12/1876 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/01/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 15/01/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/02/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 15/02/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/03/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 15/03/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/04/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 15/04/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/05/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 15/05/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/06/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 15/06/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/07/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 15/07/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/08/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 15/08/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/09/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 15/09/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/10/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 15/10/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/11/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 15/11/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/12/1877 | *Ilustração Brasileira* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 15/12/1877 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE QUINZE DIAS | Manassés | 01/01/1878 | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE TRINTA DIAS | Manassés | | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE TRINTA DIAS | Manassés | | *Ilustração Brasileira* |
| HISTÓRIA DE TRINTA DIAS | Manassés | | *Ilustração Brasileira* |
| NOTAS SEMANAIS | Eleazar | 02/06/1878 | *O Cruzeiro* |
| NOTAS SEMANAIS | Eleazar | 09/06/1878 | *O Cruzeiro* |
| NOTAS SEMANAIS | Eleazar | 16/06/1878 | *O Cruzeiro* |
| NOTAS SEMANAIS | Eleazar | 23/06/1878 | *O Cruzeiro* |
| NOTAS SEMANAIS | Eleazar | 30/06/1878 | *O Cruzeiro* |
| NOTAS SEMANAIS | Eleazar | 07/07/1878 | *O Cruzeiro* |
| NOTAS SEMANAIS | Eleazar | 14/07/1878 | *O Cruzeiro* |
| NOTAS SEMANAIS | Eleazar | 21/07/1878 | *O Cruzeiro* |
| NOTAS SEMANAIS | Eleazar | 28/07/1878 | *O Cruzeiro* |
| NOTAS SEMANAIS | Eleazar | 04/08/1878 | *O Cruzeiro* |
| NOTAS SEMANAIS | Eleazar | 11/08/1878 | *O Cruzeiro* |
| NOTAS SEMANAIS | Eleazar | 18/08/1878 | *O Cruzeiro* |
| NOTAS SEMANAIS | Eleazar | 25/08/1878 | *O Cruzeiro* |
| NOTAS SEMANAIS | Eleazar | 01/09/1878 | *O Cruzeiro* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 02/07/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 04/07/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 10/07/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 15/07/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 22/07/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 01/08/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 05/08/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 11/08/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 15/08/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 30/08/1883 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 02/09/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 12/09/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 15/09/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 10/10/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 16/10/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 23/10/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 07/11/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 24/11/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lel∴ | 09/12/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 16/12/1883 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 08/01/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 10/01/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 13/03/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 15/05/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 15/07/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 20/07/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 25/07/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 30/07/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 10/08/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 15/08/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| CONSELHOS NOVOS SOBRE UMA ARTE VELHA | Um desconhecido | 15/08/1884 | *A Estação* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 19/08/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 23/08/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 27/08/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 01/09/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 05/09/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 09/09/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 14/09/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 18/09/1884 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 22/09/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 26/09/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 01/10/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 05/10/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 10/10/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 14/10/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 19/10/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 29/10/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 03/11/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 10/11/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 14/11/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 18/11/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 21/11/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 25/11/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 01/12/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 06/12/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 12/12/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 17/12/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 21/12/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 24/12/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 27/12/1884 | *Gazeta de Notícias* |
| CHOVENDO | M. de A. | | *Almanaque da Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 05/01/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 09/01/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 13/01/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 17/01/1885 | *A Estação* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 21/01/1885 | *A Estação* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 26/01/1885 | *A Estação* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 30/01/1885 | *A Estação* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 01/02/1885 | *A Estação* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 03/02/1885 | *A Estação* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 07/02/1885 | *A Estação* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 11/02/1885 | *A Estação* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 17/02/1885 | *A Estação* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 21/02/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 26/02/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 03/03/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 08/03/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 14/03/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 19/03/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 23/03/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 24/03/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 29/03/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 03/04/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 09/04/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 14/04/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 20/04/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 25/04/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 30/04/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 05/05/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 10/05/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 16/05/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 21/05/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 28/05/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 03/06/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 08/06/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 14/06/1885 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 20/06/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 26/06/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 01/07/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 08/07/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 12/07/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 26/07/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 01/08/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 10/08/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 17/08/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 31/08/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 08/09/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 14/09/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 24/09/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 05/10/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 11/10/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 19/10/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 26/10/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 06/11/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 15/11/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 23/11/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 30/11/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 17/12/1885 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 04/01/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 11/01/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 09/02/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 03/03/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| BALAS DE ESTALO | Lelio | 22/03/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| A + B | João das Regras | 12/09/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| A + B | João das Regras | 16/09/1886 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| A + B | João das Regras | 22/09/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| A + B | João das Regras | 28/09/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| A + B | João das Regras | 04/10/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| A + B | João das Regras | 14/10/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| A + B | João das Regras | 24/10/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA | Malvolio | 01/11/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 2 | Malvolio | 05/11/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 3 | Malvolio | 12/11/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 4 | Malvolio | 17/11/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 5 | Malvolio | 21/11/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 6 | Malvolio | 28/11/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 7 | Malvolio | 06/12/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 8 | Malvolio | 21/12/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 9 | Malvolio | 24/12/1886 | *Gazeta de Notícias* |
| ANTES A ROCHA TARPEIA | Lelio | | *Almanaque da Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 10 | Malvolio | 10/01/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 11 | Malvolio | 20/01/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 12 | Malvolio | 05/02/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 13 | Malvolio | 24/02/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 14 | Malvolio | 07/03/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 15 | Malvolio | 20/03/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 16 | Malvolio | 27/03/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 17 | Malvolio | 06/04/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA [- Nº 18] | Malvolio | 13/05/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 19 | Malvolio | 12/06/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 20 | Malvolio | 18/06/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 21 | Malvolio | 04/07/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 22 | Malvolio | 01/08/1887 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 23 | Malvolio | 20/08/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 24 | Malvolio | 23/08/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 25 | Malvolio | 30/08/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 26 | Malvolio | 06/09/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 27 | Malvolio | 13/09/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 28 | Malvolio | 20/09/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 29 | Malvolio | 27/09/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - SUPLEMENTAR | Malvolio | 28/09/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 30 | Malvolio | 04/10/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 31 | Malvolio | 11/10/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 32 | Malvolio | 18/10/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 33 | Malvolio | 29/10/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 34 | Malvolio | 02/11/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 35 | Malvolio | 08/11/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 36 | Malvolio | 15/11/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 37 | Malvolio | 22/11/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 38 | Malvolio | 29/11/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 39 | Malvolio | 06/12/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 40 | Malvolio | 14/12/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 41 | Malvolio | 20/12/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 42 | Malvolio | 28/12/1887 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 43 | Malvolio | 03/01/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 44 | Malvolio | 18/01/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 45 | Malvolio | 04/02/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA - Nº 46 | Malvolio | 10/02/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA | Malvolio | 16/02/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| GAZETA DE HOLANDA | Malvolio | 24/02/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 05/04/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 12/04/1888 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 19/04/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 27/04/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 04/05/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 11/05/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 19/05/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 27/05/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 01/06/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 11/06/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 16/06/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 26/06/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 06/07/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 15/07/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 19/07/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 29/07/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| "SEIS DIAS EM CUIABÁ" | [Não assinado] | 01/08/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 07/08/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 26/08/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 06/09/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 16/09/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 06/10/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 21/10/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 28/10/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 10/11/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 18/11/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 25/11/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 17/12/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 27/12/1888 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 13/01/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 21/01/1889 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 26/01/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 31/01/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 06/02/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 13/02/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 23/02/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 27/02/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 07/03/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 19/03/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 22/03/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 30/03/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 20/04/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| [ARTIGO A PROPÓSITO DA MORTE DE FRANCISCO OTAVIANO] | Machado de Assis | 29/05/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 07/06/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 14/06/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 29/06/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 03/08/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 13/08/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 22/08/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| BONS-DIAS! | Boas Noites | 29/08/1889 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 24/04/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 01/05/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 08/05/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 15/05/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 22/05/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 29/05/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 05/06/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 12/06/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 19/06/1892 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| A SEMANA | [Não assinado] | 26/06/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 03/07/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 10/07/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 17/07/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 24/07/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 31/07/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 07/08/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 14/08/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 21/08/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 28/08/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 04/09/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 11/09/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 18/09/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 25/09/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 02/10/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 09/10/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 16/10/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 23/10/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 30/10/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 06/11/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 13/11/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 20/11/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 27/11/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 04/12/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 11/12/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 18/12/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 25/12/1892 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 01/01/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 08/01/1893 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| A SEMANA | [Não assinado] | 15/01/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 22/01/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 29/01/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 05/02/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 12/02/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 19/02/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 26/02/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 05/03/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 12/03/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 19/03/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 26/03/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 09/04/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 16/04/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 23/04/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 30/04/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 07/05/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 14/05/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 21/05/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 28/05/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 04/06/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 11/06/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 18/06/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 25/06/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 02/07/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 02/07/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 09/07/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 16/07/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 23/07/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 30/07/1893 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| A SEMANA | [Não assinado] | 06/08/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 13/08/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 20/08/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 27/08/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 03/09/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 10/09/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 17/09/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 24/09/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 01/10/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 08/10/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 15/10/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 29/10/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 05/11/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 12/11/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 19/11/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 26/11/1893 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 01/01/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 07/01/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 14/01/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 21/01/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 28/01/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 04/02/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 11/02/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 18/02/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 25/02/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 04/03/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 11/03/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 18/03/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 25/03/1894 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| A SEMANA | [Não assinado] | 01/04/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 08/04/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 15/04/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 22/04/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 06/05/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 13/05/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 20/05/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 27/05/1894 | *Gazeta de Anápolis* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 03/06/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 10/06/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 17/06/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 24/06/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 01/07/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 08/07/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 15/07/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 22/07/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 29/07/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 05/08/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 12/08/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 19/08/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 26/08/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 02/09/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 09/09/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 16/09/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 23/09/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 30/09/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 07/10/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 14/10/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 21/10/1894 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| A SEMANA | [Não assinado] | 28/10/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 04/11/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 11/11/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 18/11/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 25/11/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 02/12/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 09/12/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 16/12/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 23/12/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 30/12/1894 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 06/01/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 13/01/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 20/01/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 27/01/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 03/02/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 10/02/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 17/02/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 24/02/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 03/03/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 10/03/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 17/03/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 24/03/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 31/03/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 07/04/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 14/04/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 21/04/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 28/04/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 05/05/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 12/05/1895 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| A SEMANA | [Não assinado] | 19/05/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 26/05/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 02/06/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 09/06/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 16/06/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 23/06/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 30/06/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 07/07/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 14/07/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 21/07/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 28/07/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 04/08/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 11/08/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 18/08/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 25/08/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 01/09/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 08/09/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 15/09/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 22/09/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 29/09/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 06/10/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 13/10/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 20/10/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 27/10/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 03/11/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 10/11/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 17/11/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 24/11/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 01/12/1895 | *Gazeta de Anápolis* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| A SEMANA | [Não assinado] | 08/12/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 15/12/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 22/12/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 29/12/1895 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 05/01/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 12/01/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 19/01/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 26/01/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 02/02/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 09/02/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 16/02/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 23/02/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 01/03/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 08/03/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 15/03/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 22/03/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 29/03/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 05/04/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 12/04/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 19/04/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 26/04/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 03/05/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 10/05/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 17/05/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 24/05/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 31/05/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 07/06/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 14/06/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 21/06/1896 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| A SEMANA | [Não assinado] | 28/06/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 05/07/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 12/07/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 19/07/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 26/07/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 02/08/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 09/08/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 16/08/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 23/08/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 30/08/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 06/09/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 13/09/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 20/09/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 27/09/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 04/10/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 11/10/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 18/10/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 25/10/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 01/11/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 08/11/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 15/11/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 22/11/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA - GUITARRA FIM DE SÉCULO | [Não assinado] | 29/11/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 06/12/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 13/12/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 20/12/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 27/12/1896 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 03/01/1897 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 10/01/1897 | *Gazeta de Notícias* |

| | | | |
|---|---|---|---|
| A SEMANA | [Não assinado] | 17/01/1897 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 24/01/1897 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 31/01/1897 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 07/02/1897 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 14/02/1897 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 21/02/1897 | *Gazeta de Notícias* |
| A SEMANA | [Não assinado] | 28/02/1897 | *Gazeta de Notícias* |
| CRÔNICA | [Não assinado] | 04/11/1900 | *Gazeta de Notícias* |
| CRÔNICA | [Não assinado] | 11/11/1900 | *Gazeta de Notícias* |
| A PAIXÃO DE JESUS | [Não assinado] | 01/04/1904 | *Jornal do Commercio* |